MARGARITA Nilda BARRETTO Angeli

A EMIGRAÇÃO COMO RESULTADO DE UM PROCESSO SOCIALMENTE APRENDIDO: Um estudo de caso com uruguaios residentes em Campinas

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por MARGARITA Nilda BARRETTO Angeli e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 12/02/1998

Assinatura: Olga R. de Moraes von Simson

Orientadora

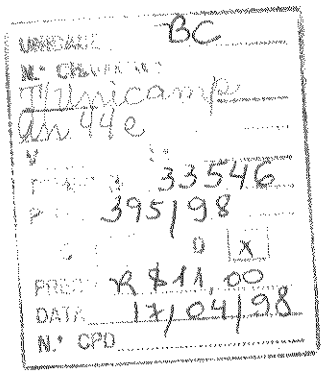
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
1998

MARGARITA Nilda BARRETTO Angeli

A EMIGRAÇÃO COMO RESULTADO DE UM PROCESSO SOCIALMENTE APRENDIDO: Um estudo de caso com uruguaios residentes em Campinas

91/00045

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
1998



CM-00109533-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

An44e

Angeli, Margarita Nilda Barretto.
A emigração como resultado de um processo socialmente aprendido: um estudo de caso com uruguaios residentes em Campinas / Margarita Nilda Barretto Angeli. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson.
ese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Cidadania. 2. Cultura. 3. Migração. 4. Identidade social. I.Simson, Olga Rodrigues de Moraes von. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de DOUTOR EM EDUCAÇÃO na área de Concentração: Ciências Sociais Aplicadas, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson.

Comissão Julgadora:

Olga R. de Moraes von Simson

Juracy Saraiva

Zaila de B. V. Damasceno

Sandra Regina Zanisolle

Jaime Reinke

A Mario Benedetti
que supo transformar el exilio en poesía

AGRADECIMENTOS

Esta tese foi possível graças à colaboração de muitas pessoas.

Em primeiro lugar, e logicamente, o agradecimento é para as professoras Dra. Olga R.M.von Simson e Dra. Vani M. Kenski, que acreditaram no projeto e o acompanharam desde seus primórdios.

Às professoras Dra. Neide Patarra e Zeila de B.F. Demartini que, na banca de qualificação, contribuíram com sugestões fundamentais para o seguimento ulterior da tese. Ã primeira devo o estímulo para observar os emigrados uruguaios na Argentina, o que permitiu realizar importantes constatações. A segunda deu-me uma pista muito importante quando contou-me sua experiência de menina do interior educada para sair da cidade.

Devo agradecer também a Mike Featherstone, que dedicou várias horas, pessoalmente e por correio eletrônico, a trocar idéias sobre minhas hipóteses, ajudando-me a enxergar a semelhança entre os atos de emigrar e de sair de casa.

Meu grande agradecimento aos quinze entrevistados que possibilitaram estas reflexões e a todos os outros que se prontificaram a colaborar e que, por uma ou outra razão não entrevistei.

No Uruguai, muitas pessoas ajudaram, visto que, tendo saído daquele país há mais de vinte anos, quase nada sabia sobre ele. Os historiadores Mónica Maronna, Vania Markarian, Isabella Cosse e Gerardo Caetano dedicaram horas do seu tempo a discutir comigo assuntos relativos à história do país que precisei reaprender. O sociólogo Dr. Carlos Filgueira orientou desde um princípio meu olhar sobre a problemática político-partidária, e mostrou-me um perfil dos uruguaios que eu desconhecia.

Um agradecimento especial para a estudante de ciências sociais Eleonora Frenkel, que enfrentou a difícil tarefa de verificar tanto o português quanto o espanhol da tese e ao jovem David Frenkel que realizou os desenhos gráficos que ilustram a mesma.

Finalmente, é preciso agradecer à Secretaria da Pós Graduação da Faculdade de Educação, pelo empenho demonstrado pelas funcionárias, todos estes anos, para tornar mais fácil o nosso contato com esse terrível mundo da burocracia.

SUMÁRIO

Lista de Quadros i
RESUMO ii
INTRODUÇÃO iv

METODOLOGIA 1
Pressupostos e Paradigmas 1
O pesquisador propõe e a pesquisa dispõe 3
O Universo 4
Escolha da Amostra 5
O instrumental 7
O estranhamento 8
Objetividade, subjetividade e realidade 14
As histórias de vida, sua utilidade e suas limitações 17
As entrevistas 20
Do registro das Entrevistas 25
A análise 27
Anexo I- Roteiro de Entrevista 29
Anexo II- Cadeia de Entrevistas 30
Anexo III- Modelo de Ficha 31

Capítulo I.- Perfil do Grupo Pesquisado 32
Indicadores da situação sócio-econômica (no país de origem) 32
Acesso a serviços não essenciais 34
Acesso aos serviços essenciais e qualidade de vida 34
Local de procedência 35
Nível de Instrução 36
A migração e os motivos alegados 37
A condição de residentes definitivos 39
Inserção sócio-econômica no país de residência 40
Possibilidades de alocação em classe social 42
Acesso aos serviços essenciais e qualidade de vida no país de res. 43
Visão de mundo 45
Visão do "Uruguai" e do "Brasil" 46
A integração total via naturalização 48
O conceito de política e de Estado 49
Permanência dos valores uruguaios 51
O conservadorismo e a ideologia da direita 51
A ética uruguaia 53
Visão de educação e cultura 53
A austeridade 54
O tratamento a clientes e empregados 54
Amizade e confiança 54
Características da personalidade 55
As contradições 55
Espírito de aventura 56
Individualismo 57

Capítulo II.- Consumo, logo sou cidadão 59
Uma aproximação histórica da relação entre consumo e cidadania 59
A crise do modelo de cidadania participativa 64
O desencantamento com a "Política 64
Interpretações do conceito "Participação Política" 66
O voto e suas limitações 70
O problema das mudanças a longo prazo 73
A profissionalização da política e os problemas decorrentes 75
A crise da identidade de classe e o auge do status 78
A crise do sentimento de nacionalidade 79
O que significa hoje ser um cidadão 82
O prazer do consumo 86
Relação entre os aspectos políticos e sociais da cidadania 87
"Denizens" por opção 88

Capítulo III.- Sobre a identidade nacional 95
Os mitos fundantes do Uruguai 96
As ficções orientadoras do Uruguai 98
Como, quando e de quem o Uruguai obteve sua independência 98
A democracia 100
A cultura uruguaia 102
Varela, o educador 105
O país laico 106
O país politizado 108
Artigas, "pai da Pátria" 111
Um país de imigrantes 113
O país pequeno e pobre 114
Identidade fragmentada e emigração 117

Capítulo IV.- Um país de cultura emigratória 126
Um país contraditório 129
Uma sociedade "pesada" 131
Uma sociedade desapontada 133
O papel do imaginário 139
Fatores desencadeantes 142
Filiação partidária 143
A religião 145
A "incompletude" familiar 147
Os benefícios da emigração 151

Capítulo IV.- O fascínio pelo "Brasil" 153
Os (aparentes) paradoxos da escolha 154
Proximidade Cultural 156
Portunhol sem feijão, por favor 159
Sociedade dinâmica, povo gentil 160
A diferença cultural que conta 162
Particularidades de Campinas 167

Estrangeiros privilegiados 168
A deterioração do Uruguai 173
A qualidade de vida percebida 174

CONCLUSÃO 181
Uma cultura emigratória 182
Ruptura 184
A questão político-partidária 184
O pensamento religioso 185
A família 185
Moradores virtuais 186
Emigrados de sucesso 187
Necessidades diferenciadas 189
A dialética da emigração 190
A procura da felicidade perdida 192

BIBLIOGRAFÍA GERAL 193
BIBLIOGRAFÍA ESPECÍFICA DE METODOLOGÍA 199

LISTA DE QUADROS

		Pág.
Quadro nº 1	Atividade do Emigrante	32
Quadro nº 2	Profissão dos Pais	33
Quadro nº 3	Status Residencial	33
Quadro nº 4	Bairros de Residência	34
Quadro nº 5	Veículos	34
Quadro nº 6	Procedência	36
Quadro nº 7	Migrações anteriores	36
Quadro nº 8	Escolaridade	36
Quadro nº 9	Tipo de Escola	37
Quadro nº 10	Década de chegada	37
Quadro nº 11	Faixa etária da emigração	37
Quadro nº 12	Como vieram ao Brasil	38
Quadro nº 13	Motivos alegados para a emigração	39
Quadro nº 14	Forma de Obtenção dos documentos	39
Quadro nº 15	Profissão atual	40
Quadro nº 16	Ingressos	41
Quadro nº 17	Status Residencial	42
Quadro nº 18	Zona de Residência	42
Quadro nº 19	Carros na família	42
Quadro nº 20	Tipo de escola	43
Quadro nº 21	Experiências violentas	45
Quadro nº 22	Nível Educacional	45
Quadro nº 23	Partido Político	46
Quadro nº 24	O que incomoda no o Uruguai	47
Quadro nº 25	O que incomoda no Brasil	48

RESUMO

A presente tese se propõe analisar uma amostra pequena (mas estatisticamente representativa) de residentes uruguaios não naturalizados, tentando verificar os motivos que os levaram a migrar para o Brasil, qual a visão de mundo que acompanha o processo e quais os fatores condicionantes que poderiam ter desencadeado o processo migratório. Pretende, com o estudo deste caso, provocar algumas reflexões sobre o fenômeno migratório em geral e suas implicações sócio-políticas.

Em primeiro lugar apresenta-se a metodologia utilizada, que consistiu em observação, entrevistas e pesquisa bibliográfica. Nesta parte do trabalho a maior ênfase reside na justificativa de estar estudando um grupo com o qual o pesquisador de alguma forma se identifica, tomando como base teórica os antecedentes da antropologia interpretativa e da historia oral, que admitem que os pesquisadores estudem suas próprias etnias e suas próprias experiências, num processo que redunda, também, no autoconhecimento.

A seguir, começa a tese propriamente dita, com cinco capítulos e uma conclusão.

No primeiro, traça-se um perfil do grupo pesquisado, tomando em conta variáveis como: idade, sexo, situação sócio-econômica antes e depois de emigrar, escolaridade, migrações anteriores, situação familiar antes de emigrar, filiação religiosa e política.

No segundo, são realizadas considerações sobre cidadania e política, à luz da literatura atual sobre o tema, que indica uma preferência bastante generalizada a nível mundial, pelo exercício do aspecto civil da cidadania em detrimento do político. Esta tendência constituiu o pressuposto que permitiu analisar os sujeitos de estudo como representativos desta corrente que pode ser chamada de pós-moderna que busca sua inserção no mercado de consumo, apesar da perda dos direitos políticos decorrente do fato de serem estrangeiros.

No terceiro capítulo analisam-se algumas particularidades da identidade uruguaia, que estaria fragmentada devido, entre outras coisas, a uma história com demasiadas ficções orientadoras, e um doutrinamento para cultuar o Estado-nação e seus símbolos, que levaria a uma falta de identificação com a comunidade.

No quarto, analisa-se o Uruguai como país expulsor de população, que educa, em dois sentidos, às pessoas para emigrar. No sentido amplo, através das várias instâncias de formação de opinião, transmitir-se-iam o desencantamento com a política e os políticos locais, e a difusão de uma imagem de o Uruguai como país pobre e sem perspectivas do qual é preciso sair. No sentido estrito, dar-se-ia uma muito boa escolaridade para as pessoas de forma que conseguissem fácil inserção no mercado internacional de trabalho. Neste capítulo analisam-se algumas peculiaridades do perfil do grupo pesquisado que podem ter influenciado na decisão de emigrar, tais como

situações familiares fora do padrão médio uruguaio, a educação religiosa e a filiação partidária própria ou da família, que poderiam ajudar a explicar por que algumas pessoas emigram e outras não, sendo que todas recebem o mesmo tipo de educação, e têm os mesmos problemas de identidade.

No quinto capítulo analisa-se o caso particular das pessoas que vieram para o Brasil, que demonstram, nos seus depoimentos orais, um fascínio não observado em outros uruguaios que emigraram para outros países. Há vários fatores que podem explicar o anterior, entre eles o fato de serem vistos como portadores de mais educação e cultura, de estarem ocupando lugares, na pirâmide social, superiores aos das pessoas com sua mesma escolaridade, assim como a cordialidade dos brasileiros, sua descontração e alegria e a possibilidade do exercício do livre arbítrio. Finalmente, a tese propõe um olhar sobre o fenômeno da migração do ponto de vista sócio-político, chamando à reflexão sobre o fato de que, apesar de tratar-se de uma fenômeno que obedece a uma aparente livre escolha do indivíduo, está pré- determinado pelas necessidades conjunturais do capital internacional e acaba sendo uma solução individualista para problemas que afetam a sociedade em geral, fenômeno aparentemente apolítico que acaba sendo de enorme significado político na medida em que desmobiliza os setores desconformes permitindo às forças conservadoras manter o status quo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho marca uma linha divisória entre o antes e o depois. A elaboração desta tese e o estudo necessário para escrevê-la, me fizeram compreender quem eu era e por que estava aqui, longe do lugar em que nasci.

Tenho uma explicação racional de como esta tese começou. Meu projeto era estudar preservação de patrimônio. Durante um debate a propósito de cidadania, fiz uma afirmação quase simplória à luz de novas leituras que me fizeram perceber que meus conceitos precisavam ser revistos e disse, com certo desapontamento:

-"Eu acho que se hoje as pessoas pudessem escolher entre votar ou trocar o aparelho de televisão todos os anos, elas escolheriam o último".

A resposta veio rápida e de quem tinha autoridade

V.K.: -"Você não pode provar isso, as pessoas sempre te responderiam hipoteticamente"

Aquilo foi um desafio que ficou durante dias no inconsciente, e de repente percebi que os residentes estrangeiros não naturalizados seriam um exemplo de pessoas que preferem ter acesso aos bens de consumo em detrimento do seu direito ao voto. Estas pessoas seriam os representantes por excelência de um novo tipo de cidadania, que aparece como paradigma deste período histórico que recebe o nome de pós-modernidade ou alta modernidade, que não está ligada ao desejo de participar politicamente ou de pertencer a uma sociedade com determinado patrimônio cultural, mas à participação no mercado de consumo.

Decidi então que estudaria os estrangeiros que OPTAM por morar num país do qual não são cidadãos para comprovar que existe um grupo humano que privilegia o consumo ao exercício da participação política.

Mas, agora, quatro anos depois, creio que esta tese começou a gestar-se no meu inconsciente há quase quinze anos.

Meus filhos cresceram vendo chegar as "cartas da vovó". Um dia o David, que teria cinco anos, viu um carteiro na rua, e gritou "olha a vovó ali".

Esse comentário foi, naquele momento, o pior choque da minha vida. Então parei para perguntar-me "o que fiz aos meus pais?" "o que fiz aos meus filhos?" "o que é que estou fazendo aqui?"

Eu tinha, como milhares de uruguaios, emigrado do país a procura de melhores horizontes.

O que não sabia naquele momento, e descobri fazendo a tese, é que eu fora, como todos esses milhares, educada para emigrar, que minha saída do país, também como a de muitos outros milhares, estava histórica e culturalmente condicionada, que, na verdade, não havia sido eu a deixar meus pais sem netos e meus filhos sem avós, mas um projeto político, iniciado com o século, que fez do o Uruguai um país expulsor de população.

Esta tese não é uma tese sobre imigração, mas sobre emigração. E espero que essa seja uma contribuição importante, porque, como faz notar Bourdieu no seu prólogo à obra de Abdelmalek Sayad, que será mencionada várias vezes nesta tese, se há imigrantes é porque há emigrados e são poucos os estudos que tentam verificar as condicionantes políticas e sociais que transformam uma pessoa em emigrante.

É preciso começar pela parte conceitual, diferenciando imigrantes, refugiados e exilados.

Do ponto de vista etimológico, migrar é mudar de um lugar para outro, temporária ou definitivamente. Assim sendo, todos seriam migrantes, não importa se, por vontade própria, ou por força das circunstâncias.

Mas as expressões migrante, imigrante, imigração, tem sido utilizadas com a conotação de deslocamento voluntário relacionado com a busca de trabalho. A imagem comum do imigrante é a de uma pessoa pobre, sofrida, triste.

Para maior clareza, então, utilizarei a expressão migração voluntária para diferenciá-la das outras, que seriam as dos exilados.

A migração voluntária pode obedecer a razões tão positivas quanto a de procurar novos horizontes num mundo desconhecido. O exílio é imposto por uma situação de perseguição, geralmente política ou religiosa. O refugiado é um status concedido pelas Nações Unidas.

Os exilados políticos, provém geralmente de países em conflito, ou são vítimas de perseguições raciais ou ideológicas. Os refugiados, provêm de regiões devastadas pela guerra, castigadas pela seca, pela falta de recursos mínimos para iniciar um cultivo, ou pela má distribuição de terras. Para uns e para outros, a opção é clara, sair ou morrer de bala, sair ou morrer de fome.

Depois da Segunda Guerra Mundial, quando os judeus saíram do continente europeu para as Américas, os movimentos têm sido, na sua maior parte, em sentido contrário. Geralmente os exilados provêm de países subdesenvolvidos; geralmente, e não por coincidência, de países ao sul da linha do Equador.

A literatura sobre o exílio e do exílio, ou seja, os estudos sobre exílio e exilados, e a produção literária dos próprios exilados, mostram um universo pleno de saudade, de esperanças, de ódios muitas vezes, com fantasmas de mortos, por tortura ou por falta de comida.

Dentro dos estudos realizados pela psicologia, encontra-se um denominador comum de sentimento de perda, tanto no caso de migrações voluntárias quanto do exílio.

"La migración es un cambio...de tal magnitud que ...pone en riesgo, la identidad. La pérdida de objetos es masiva, incluyendo los más significativos y valorados: personas, cosas, lugares, idioma, cultura, costumbres, clima ...medio social o económico...a todos los cuales están ligados recuerdos e intensos afectos" ***(Grinberg, 1984:39).***

Imigrante ou exilado, a pessoa que reside fora do seu país traz consigo a carga, do desenraizamento e encontra o peso da adaptação à nova cultura. O fardo pode tornar-se tão grande, a ponto da pessoa não poder suportá-lo. Os distúrbios mentais dos estrangeiros residentes são, assim, freqüentes, em parte, também, devido à carga acumulada de desilusões e dificuldades.

De acordo com os estudos sociológicos, o imigrante, nos países receptores, é um cidadão de segunda categoria, em todos os aspectos. Trabalhador em empregos de segunda, com uma opinião de segunda, ou nenhuma opinião na área política, com uma integração de segunda na nova cultura, cujos códigos só entende parcialmente.

Após a leitura de muitos textos a respeito, passei a perguntar-me: Como pode uma pessoa escolher deixar sua história, sua família, seu cotidiano, suas lembranças, seus amigos; como pode, por vontade própria, transformar-se numa árvore com as raízes ao vento[a], como pode alguém emigrar, quando não está premido pela fome ou perseguido pelas armas, apenas para ter um carro na garagem, ou um forno microondas?

Qual não seria minha surpresa quando, começadas as primeiras entrevistas, aquelas pessoas que se autodenominavam exilados econômicos não mostraram sinais de sofrimento, mostravam, ao contrário, ter crescido bem fortes depois do transplante. Tinham feito uma passagem tranqüila de um país a outro, sem traumas e sem dores. Eram, ao contrário do evidenciado por outros estudos, felizes fora do seu país, longe da sua sociedade original. Não tiveram luto porque não sentiram que tivessem tido alguma perda. O seu processo migratório fora somente de ganhos.

Isto merecia uma atenção especial.

A maior parte dos estudos e o imaginário popular atribuem a migração a questões estruturais, falta de emprego, salários baixos, falta de trabalho.

Este enfoque parcial tem persistido ao longo das décadas nos estudos migratórios. Na década de 1970, Alberts afirmava que existiam poucos estudos sobre motivação na questão da migração, ficando quase todos no nível das explicações econômicas, esquecendo que *"una persona puede estar sin trabajo...o posibilidades profesionales. La decisión de migrar, sin embargo, no depende solamente de esto. Intervienen una serie de factores tales como...la satisfacción con la vida en el lugar de residencia"* ***(Alberts:1974:07)*** (grifos meus).

Dez anos depois havia a mesma preocupação com a escassez de explicações motivacionais.

*"Quienes han intentado una explicación...no han ido más allá de una versión estructural del problema: la estructura económica ...del lugar de expulsión"****(Barjau, 1985:60).***

Parece-me que, como afirmam os autores citados, a questão econômica está apenas na superfície do fenômeno. Se assim fosse, todos emigrariam, e para os mesmos pólos de atração. Sem pretender esgotar o assunto, gostaria de

[a] Imagem extraída de Guerrero (1994,353). A autora refere-se a um entrevistado que disse que aquele que emigra carrega uma árvore e ela acrescenta que a árvore precisa ser replantada para fincar raízes e não morrer.

aportar uma análise mais aprofundada que permitisse entender os fatores sócio-culturais que motivam a saída do próprio país para fixar residência no estrangeiro.

Pretendo tentar lançar uma luz sobre o que leva algumas pessoas, frente a uma determinada conjuntura histórica, a emigrar verificando quais os outros componentes da história pessoal e da cultura em que essa pessoa foi criada que podem ter influência nessa decisão.

Uma tentativa de definição dos sujeitos da pesquisa

Um outro esclarecimento precisa ser feito. Estas pessoas tampouco são imigrantes de acordo com a conotação mais comum da palavra, por várias razões.

Imigrante é a pessoa que muda de um país para outro para trabalhar com a intenção de nele fixar-se e, em determinado momento adotar sua nacionalidade.[b]

Em primeiro lugar, os dados estatísticos mostram que praticamente um terço dos uruguaios recenseados no Brasil não trabalha.[c]

Em segundo lugar, dentro dos entrevistados, apenas um manifestou intenção de naturalizar-se no ano seguinte, (coisa que a evidência empírica demostra que não fez).

Alguns deles se autodenominam exilados econômicos e outros dizem estar num "exílio voluntário". É minha opinião que este último é um conceito vazio. O exílio é algo imposto, a pessoa que tem opção, não é um exilado. Não é apenas uma questão semântica, é um estado de espírito. Aquele que precisou sair porque era perseguido e precisou pedir asilo e foi escolhido por um país que lhe deu permissão para ficar, sente-se arrancado do seu solo pela força. Aquele que decide, que mede as conseqüências, que coincidentemente opta por sair, e que sabe que pode voltar quando quiser, não é um exilado, mesmo que ele assim se denomine.

Também não são trabalhadores temporários, porque esta categoria está subordinada a um contrato pelo qual, uma vez finda a tarefa, o imigrante precisa retornar a seu país de origem, o que não é o caso de nenhum deles.

Só por isso, poder-se-ia afirmar que estes sujeitos não são imigrantes, mas há ainda uma razão prática: o fato de que aquele que é imigrante deve estar amparado por leis de imigração, o que, também no caso estudado, não acontece.

O estímulo à imigração, no Brasil, data do Império, quando a abertura dos portos e a concessão de terras à estrangeiros estimulou a fixação destes. Seguiu-se com o fim da escravidão, a tentativa de escolha de determinadas raças para povoar o país, e as novas necessidades de mão-de-obra.

De 1808 até 1820 a entrada de estrangeiros no Brasil era praticamente livre, mas, a partir desse ano, foi exigida a apresentação de passaporte para entrar ou sair, o que foi revogado em 1890, após a proclamação da República.

---

[b] De acordo com Pierre George, imigrante é uma pessoa que manifesta o desejo de mudar de país e, a prazo maior ou menor, mudar de nacionalidade (Guerrero, 1991:226).

[c] 8969 pessoas de acordo com Lehrhaupt (1991:124).

A Constituição de 1891, estabeleceu que todos os estrangeiros que residiam no Brasil quando da proclamação da República, poderiam adquirir a nacionalidade brasileira, a menos que manifestassem desejo em contrário, com o qual passou a haver pessoas que eram, ao mesmo tempo, imigrantes e brasileiros. Também foi concedida aos estados a autonomia para estabelecer suas próprias políticas migratórias e iguais direitos e garantias individuais aos estrangeiros residentes.

A partir de 1926 foi restabelecida a exigência de passaporte e começou a haver restrições quanto aos direitos dos estrangeiros, permitindo-se a expulsão dos indesejáveis. A Constituição de 1934, na esteira da Revolução de 1930, visando proteger a mão-de-obra brasileira, determinou que a União legislasse sobre orientação e até proibição da imigração, dependendo da procedência dos potenciais imigrantes.

"A entrada de imigrantes no território nacional sofrerá as restrições necessárias à garantia da integração étnica e capacidade física e civil do imigrante, não podendo, porém, a corrente imigratória de cada país exceder, anualmente, o limite de dois por cento sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos cinqüenta anos" **(Art. 121,§6,)**.

A partir de 1937 começou a haver legislação para reger a permanência dos estrangeiros no Brasil, cada vez mais restritiva, com o intuito de, inclusive, vetar a entrada de nazi-fascistas. (Decreto-lei 406 e Decreto 3.010 de 1938), colocando a seleção e distribuição dos imigrantes nas mãos do Conselho de Imigração e Colonização (conf. Fraga, 1985:07).

A Constituição de 1946, no Art. 162, delegava a um "órgão federal" orientar *"A seleção, entrada, distribuição e fixação de imigrantes"*, objetivando atender os interesses nacionais.

No Brasil, atualmente, as leis não contemplam a imigração dirigida, como aconteceu em Constituições anteriores, o qual, a rigor, já impediria que o grupo em estudo fosse classificado como de "imigrantes".

Em 1969 surgiu um decreto que passou a reger a situação jurídica do estrangeiro. Em 19 de agosto de 1980, transformou-se na Lei 6.815 (Estatuto do Estrangeiro), que, regulamentada pelo Decreto 86.715 de 10 de Dezembro de 1981, e atualizada pela Lei 6.964 de 09 de Dezembro de 1981 é a que, atualmente cuida tanto da admissão do estrangeiro que pretende fixar-se, ou seja, imigrar, e disciplina as várias maneiras em que um estrangeiro pode entrar ao país.

Do ponto de vista etimológico, emigrante é aquele que sai de um lugar e imigrante aquele que entra num país do qual não tem a nacionalidade, para nele se fixar. Os sujeitos estudados são imigrantes do ponto de vista etimológico, porque vieram ao Brasil com a intenção de permanecer, seja para sempre, ou por muitos anos, mas seu status jurídico é o de "residentes permanentes".

Seu status político pode ser definido pela palavra inglesa ***denizens***, termo usado por Thomas Hammar para designar aqueles que residem permanentemente num país sem ter a nacionalidade do mesmo,: que poderia ser traduzido como "moradores virtuais"[d]

"denizens...are not citizens of the country in which they have their domicile, nevertheless do have a legal and permanent resident status" ***(Stewart, 1995:67)***.

Pela atitude dos uruguaios residentes no Brasil respeito a ambos países e pela inserção sócio-econômica dos protagonistas, o processo de migração deste grupo em estudo têm características diferenciadas em relação a outros processos migratórios, embora, em alguns aspectos, compartam o perfil psicológico dos imigrantes propriamente ditos, marcado pela saudade, pela idealização do país deixado e pela fantasia de um retorno, que, na maior parte dos casos têm certeza que não acontecerá.

O que estes *denizens* procuravam e procuram com sua emigração do o Uruguai e a fixação de residência no Brasil, os motivos da saída do país de origem, subjacentes ao declarado fator econômico, os fatores de atração do país receptor, a existência ou não de condições objetivas favoráveis, os sentimentos encontrados a respeito de ambos os países, o conceito de cidadania que perpassa sua visão de mundo e o papel determinante da cultura e da educação em todo o processo, serão os temas dos próximos capítulos.

[d] Na linguagem da internet, chama-se denizens aos moradores virtuais de um determinado site.

METODOLOGIA

Pressupostos e paradigmas

Há um certo consenso atualmente, tanto nas ciências sociais quanto na história de que o conhecimento da sociedade e seu funcionamento é, por enquanto, difícil, porque os fatos sociais se apresentam fragmentados, os significados são de difícil apreensão, assim como é difícil estabelecer regras ou padrões de medida para o comportamento humano, que sofre a influência da situação, da conjuntura em que é realizada a observação, e da componente interna dos sujeitos, sua dimensão racional e afetiva.

"sociocultural reality presents itself to the anthropologist in fragmented bits and pieces. The outcome of fieldwork is very much dependent on the cooperation of the participants, on many uncontrollable practical factors, and on the personal qualities of the anthropologist, whose own sociocultural framework substantially screens the knowledge that he produces. This all implies that the knowledge produced in the field is necessarily incomplete, distorted, tentative, speculative, and thus essentially contestable". (citado por Aunger, 1995:98).

Esta pesquisa combina o método comparativo com o método histórico, tentando, através do segundo explicar o comportamento do grupo pesquisado e, através do primeiro, estabelecer alguns padrão que possa ser generalizado.

"No começo desta conferência citei Franz Boas como tendo distinguido duas tarefas que o antropólogo pode empreender ...um método é o histórico pelo qual a existência de um aspecto particular em uma sociedade particular é explicado....Outro é o ...comparativo pelo qual procuramos...compreender um aspecto particular...considerando-o primeiro como um exemplo particular de um tipo...de fenômenos sociais e depois relacionando-o a uma determinada tendência geral ***(Radcliffe-Brown, 1978:57).***

Mesmo tendo sido a pesquisa realizada com total colaboração dos sujeitos e todas as perguntas respondidas, sabe-se que o conseguido foram versões parciais de fatos acontecidos no passado, e versões subjetivas dos motivos das ações dos envolvidos. Mesmo tendo sido feita uma cuidadosa análise e um cuidadoso estudo para comprovar as hipóteses levantadas, os resultados são apenas uma tentativa de explicação derivada de um olhar, sem dúvida subjetivo, sobre a complexa questão das razões para emigrar.

Não há na tese nenhuma pretensão de "verdade" absoluta, o que estaria defasado dos atuais paradigmas, de acordo com os quais não se pode aspirar a alcançar um conhecimento inquestionável de um assunto.

"all conclusions are open to question...nothing is known to be absolutely true or false. We may only know things with greater or lesser certainty ***(O'Meara, 1989:358).***

Esta pesquisa tinha uma peculiaridade que obrigou a uma prolixa busca de paradigmas que a amparassem. Estava-se pesquisando um grupo de uruguaios residentes em Campinas e a pesquisadora atendia também a essa descrição, o que poderia ser considerado uma circunstância limitativa.

Achei o amparo teórico que precisava na antropologia interpretativa, que valoriza a intersubjetividade, a individualidade e a historicidade. Esta "escola", pode aceitar que um pesquisador comparta com os sujeitos determinadas

características comuns, até que possa ver-se refletido neles e que utilize referenciais autobiográficos para entender determinados fenômenos colocados pelos sujeitos.

"os horizontes não se excluem de um modo absoluto, mas se interseccionam ...e propiciam...o exercício pleno da intersubjetividade - que não se confunde com subjetividade - nos domínios privilegiados da investigação etnográfica...que revitaliza o pesquisador e o pesquisado enquanto individualidades explicitamente reconhecidas, uma vez que a própria biografia deste último pode ser a autobiografia do primeiro.(grifos meus) *E ao apreender a vida do Outro (indivíduo, grupos ou povos), o faz em termos de historicidade, num tempo histórico do qual ele próprio, pesquisador, não se exclui"* ***(Oliveira, 1990:34)***.

Pode-se dizer que a pesquisa foi orientada pelo paradigma hermenêutico, que obedece ao movimento pós moderno. Este paradigma legitima a combinação dos elementos subjetividade, indivíduo e história, e introduz a categoria pós-moderna da "desordem", que não necessariamente quer dizer "experimento descomprometido" ou ceticismo quanto a possibilidade de elaborar um saber científico, mas quer dizer que o saber vai sendo construído a medida em que se dialoga com o pesquisado, que o pesquisado coloca para o pesquisador novos questionamentos a cada entrevista que transcorre, onde a voz do Outro aparece (grifos meus).

Os entrevistados são vistos como sujeitos sociais cujas motivações obedecem ao processo histórico de duas sociedades em particular, a sociedade emissora e a sociedade receptora, e cujas opiniões a respeito de ambas farão parte constitutiva da teoria que explica suas motivações. Pretendeu-se estudar qual a influência da educação formal e do imaginário social, assim como as expectativas quanto ao exercício da cidadania e participação política na decisão de emigrar do país de origem, na convicção de que há determinadas estruturas sociais que favorecem determinadas atitudes pessoais.

"social structures ... support some kinds of action while constraining others" ***(Laslett, 1991:519)***.

Essas estruturas sociais tanto se referem à sociedade de origem quanto à sociedade a que chegaram, cuja estrutura social determinará o sucesso pessoal ou seu contrário.

Esta orientação permite colocar a pesquisa dentro do paradigma humanista da pesquisa em ciências sociais caracterizado por apresentar a forma indutiva, acreditar que determinados mecanismos geram determinados resultados, analisar temas e motivos, utilizar a entrevista interativa, o método qualitativo, preocupar-se com o contexto e ter como objetivo a compreensão de um fato social, como produto da ação humana. (conf Aunger,:107).

A pesquisa tem um enfoque pós-modernista, também, porque não há pretensão de totalidade, de analisar "os uruguaios" como um todo homogêneo, na convicção de que na atualidade a sociedade nacional está segmentada em infinita quantidade de subgrupos com interesses e características diferentes.

O pesquisador propõe e a pesquisa dispõe

A idéia inicial tinha sido trabalhar com um grupo de controle no Uruguai, para poder comparar o nível de ingressos de pessoas com a mesma formação do grupo de Campinas e as questões de cidadania e participação política, tentando sanar o defeito apontado por Arévalo para todos os estudos de migração entre países latino-americanos.

"Otra limitación importante de las encuestas ...suele ser la ausencia de un adecuado marco de referencia para comparar al grupo migrante. Por ejemplo, suele no incluirse un grupo testigo de nativos con características semejantes a las de los migrantes, que permita contrastar la situación de uno y otro grupo, en relación, por ejemplo, con la igualdad o discriminación en el acceso a los empleos y sus correspondientes remuneraciones, a los servicios asistenciales, a los educacionales, a los de seguriodad social, a los bienes y servicios." ***(Arévalo: 1981:147-148)***.

Dificuldades burocráticas impediram que fosse ao Uruguai para ficar o tempo suficiente para realizar esse trabalho, mas, ao mesmo tempo, enquanto realizava as entrevistas em Campinas e as analisava, foram surgindo novos questionamentos e, sobre tudo, a percepção de que o Uruguai tinha uma "cultura emigratória".

Realizei então uma exaustiva pesquisa bibliográfica sobre história e sociologia uruguaias que perfilaram o Uruguai como país tradicionalmente expulsor de população.

Foi sugerido então, pela banca de qualificação, trabalhar com um grupo de controle na Argentina e tentou-se fazê-lo, em 1997, mas a pesquisa não passou de um estudo exploratório com poucas entrevistas e muita observação de campo. Há muitos uruguaios residindo na Argentina, fundamentalmente na cidade e na província de Buenos Aires, mas são quase invisíveis como comunidade, visto não haver praticamente diferenças étnicas nem culturais com os habitantes locais. A diferença de distâncias e do preço das passagens, em relação a Campinas, permite um trânsito permanente entre os residentes e suas famílias, o que muda completamente o enfoque da questão familiar Esta questão distância/preço permite que, em época de eleições no Uruguai, grandes contingentes viagem para votar. Em segundo lugar, na Argentina é permitido realizar propaganda política do Uruguai, portanto não haveria uma situação comparável também do ponto de vista da participação política.

Por outro lado, se diz[1] que os uruguaios residentes na Argentina constituem praticamente 2/3 dos uruguaios emigrados no mundo, com o qual construir e entrevistar uma amostra válida levaria um tempo (e recursos financeiros) que a pesquisadora não tinha, sobre tudo tendo em conta que, as pesquisas incipientes sobre o perfil dos emigrados dão conta de que os que emigraram para Argentina foram, em sua maioria, pessoas com baixo nível de escolaridade, provenientes das classes baixas, e com maior ativismo político, o que fez com que fosse difícil encontrar rapidamente sujeitos que pudessem ser comparáveis aos estudados em Campinas.

---

[1] Como será visto no Capítulo IV não se sabe ao certo quantos emigrados uruguaios há em total.

Decidiu-se, então, encerrar o trabalho, tomando esta observação de campo como um pano de fundo para tecer alguns comentários que podem reforçar as teorias explicativas do comportamento do grupo de Campinas. [2]

Vale esclarecer que não foi descartada a necessidade de estudos comparativos con contingentes residentes em outros países, e, nesse sentido, a pesquisadora foi convidada a fazer parte do Projeto Diáspora, tendo como plano futuro orientar pesquisas similares à presente tese em todas as partes do mundo onde houver uruguaios. O projeto está sendo conduzido pela Dra. Silvia Dutrenit, historiadora do Instituto Mora, do México.

O universo

O universo da pesquisa foi constituído por pessoas de nacionalidade uruguaia, que residem permanentemente no Brasil, legalmente ou não, trabalhando ou não, que não tinham estudos universitários e que não saíram do país por motivo de perseguição política. Não foram incluídos no universo pessoas nascidas no Uruguai que tivessem adotado a nacionalidade brasileira, ou seja Uruguaios naturalizados.

Foram escolhidas pessoas que não tivessem a naturalização porque a pretensão da pesquisa não era analisar questões gerais da imigração, mas, entre outras coisas, verificar qual a visão de mundo de pessoas que escolhem viver dentro de um país no qual não tem direitos políticos.

A escolha de pessoas que não fossem perseguidos políticos obedece ao fato de que esta seria, também, uma situação limite que justifica amplamente uma emigração.

Foram escolhidas pessoas sem formação universitária porque, a evidência empírica demonstra que atualmente, as condições de trabalho para as pessoas com diploma de terceiro grau são infinitamente mais vantajosas, tanto do ponto de vista econômico quanto do social, no Brasil, portanto a justificativa econômica alegada pelos sujeitos, tem uma base de sustentação, o que não parecia tão evidente em pessoas sem diploma.

Acredito que o universo desta pesquisa foi bem representativo. Estão contemplados representantes de todas as correntes políticas e ideológicas, de vários âmbitos geográficos, procedentes de diversas classes sociais e ambientes educativos.

Há Blancos, Colorados e Frenteamplistas

Classe baixa e Classe média

Conservadores acríticos Conservadores críticos e Não conservadores

Gente da capital, Gente de cidade, Gente do campo, Gente do interior

Gente que continua pobre e Gente que se tornou classe média alta

Gente que veio "provar a sorte" e Gente que veio contratada e Pessoas que vieram em cadeia familiar.

Homens que vieram casados e Homens que vieram sozinhos

Mulheres que vieram sozinhas e Mulheres que vieram casadas

---

[2] Apesar do seu pequeno número, as entrevistas mostraram uma tendência a reiterar o perfil do emigrante no que se refere a situação familiar e religião, e a constatar a presença do imaginário do país pequeno e sem oportunidades.

Níveis de renda de U$ 500 a mais de U$5.000

Pessoas com alguma militância política e Pessoas sem nenhuma militância

Pessoas com educação primária, Pessoas com educação secundária comum, Pessoas com Universidade do Trabalho (colégio técnico) e Pessoas que cursaram um semestre de faculdade

Pessoas tendo cursado escola particular, Pessoas tendo cursado escola particular católica, Pessoas tendo cursado escola particular laica e Pessoas tendo cursado escola pública

Pessoas emigradas entre 1949 e 1992

Residentes legais e Residentes ilegais

Escolha da amostra

Apesar de tratar-se de um estudo qualitativo, houve cuidado em escolher uma amostra que tivesse uma certa representatividade. Para isso utilizou-se um marco de referência dado por estudos demográficos.

A princípio esta não fora uma preocupação. A primeira intenção era trabalhar com uma mostra de dez pessoas no Brasil e um grupo de controle de dez pessoas no Uruguai, pensando que esse número poderia ser suficiente para obter depoimentos em profundidade e, ao mesmo tempo, bastante pequeno para permitir sua análise dentro dos prazos de que se dispõe no doutorado. Tive para isto em conta a experiência de Guerrero (1992) que realizou 32 entrevistas com 72 horas de gravação, o que pareceu-me excessivo, visto o volume que adquiriu sua dissertação e o tempo que demandou.

Após a leitura de trabalhos sobre emigração dos Uruguaios, surgiu uma preocupação com a representatividade da amostra. Senti a necessidade de utilizar as estatísticas existentes como balizas da escolha dos sujeitos, acreditando que, dessa forma, minimizar-se-ia o risco de "vícios" que poderiam surgir se fosse seguida uma cadeia aleatória de informantes, que poderiam ser amigos e compartilharem crenças, valores e visões de mundo.

Mas, mesmo utilizando a estatística como ferramenta, porque *"permite que não nos percamos na trivialidade do individual [e] é a única que nos dá a segurança de que não nos perderemos na trivialidade do oral"* ***(Vilanova, 1994:71)***, a estatística não foi uma camisa de força que impedisse incluir depoimentos e entrevistas que foram vistas como relevantes. Assim, houve um caso de uma pessoa que não obedeceu a nenhuma das premissas, já não morava em Campinas e sim num município vizinho, pertencia ao grupo de imigrantes da década de 1973, que já tinha representantes suficientes no estudo, e era homem, quando faltavam entrevistas com mulheres. Considerei, porém, que ter seu depoimento era importante porque ele fora articulador de uma mal sucedida "casa do Uruguai", e seu relato pareceu-me fundamental para verificar que a nacionalidade *per se* não é fator suficiente de união e de identificação com um grupo.

O censo de 1980 revela que havia em Campinas 129 uruguaios, sendo 63 homens e 66 mulheres. Acredito que 15 é um número bem representativo.

A princípio tinha pensado trabalhar somente com pessoas do sexo masculino, porque a evidência empírica demonstrava que as mulheres

moravam no Brasil porque os maridos tinham escolhido morar aqui. Por conselho da orientação inclui algumas mulheres na amostra, e também porque elas estavam mais disponíveis do que os homens. Posteriormente decidi incluir mais mulheres para que houvesse uma coerência com os números do censo, que demonstravam que os uruguaios residentes no Brasil eram 52% de sexo masculino e 48% de sexo feminino.

Também procurei uma coerência com a década de chegada dos uruguaios. De acordo com Lehrhaupt (1991:111) 43,5% dos uruguaios chegaram ao Brasil antes de 1971, 38% entre 1971 e 1979 e 7,1 em 1980. Há uma margem de 17,6% de pessoas cuja data de entrada no país é ignorada e esta estatística também não especifica o grau de instrução das pessoas.

Trabalhando com uma certa margem de liberdade, então, construi uma amostra ideal assim composta:

Sete pessoas chegadas antes da década de 1970, sendo 4 homens e três mulheres.

Seis pessoas chegadas na década de 1970, sendo três homens e três mulheres.

Duas pessoas chegadas na década de 1980, sendo dois homens.

A escolha de poucos sujeitos que chegaram na década de 1980 justifica-se não apenas pelos dados do censo, que não se referem à década e sim apenas ao ano, mas porque os estudos de Pellegrino (1995:192) indicam que, para 1980 uma diminuição no ritmo das saídas e um retorno significativo de Uruguaios ao país.

"Ainda que não existam dados sobre o verdadeiro saldo migratório desde então, tudo indica que as tendências da década anterior não se mantiveram e que houve um retorno significativo"

Esta amostra ideal apresentou certas dificuldades de ser seguida por dois motivos. A) os uruguaios que foram sendo conhecidos e contatados desde o início da pesquisa são, em sua grande maioria (13) homens; b) a maioria dos sujeitos encontrados (10), de ambos sexos, emigraram na década de 1970.

Isto demonstra que, sem rigor metodológico na escolha da amostra e sem um embasamento estatístico, poder-se-ia chegar a uma conclusão de que os uruguaios de Campinas são homens em sua maioria vindos na década de 1970.

A proporção que se manteve coerente com o esperado, foi a de sujeitos emigrados na década de 1980; só foram encontrados dois, mas de sexo masculino.

Se em lugar de determinar um número mínimo de entrevistas tivesse sido adotado o critério do ponto de saturação[3] este teria sido alcançado com um número bem pequeno de entrevistas, mas, como contrapartida, isto teria empobrecido o trabalho, pois cada sujeito, ao relatar suas experiências e suas impressões, mesmo que em essência fossem repetidas, provocou novos questionamentos e reflexões de parte da pesquisadora. A experiência vivida

[3] La saturation est le phénomène par lequel, passé um certain nombre d'entretiens (biographiques ou non, d'ailleurs), le chercheur...a l'impression de ne plus rien apprendre de nouveau, du moins en ce que concerne l'objet sociologique de l'enquête (Bertaux, 1980,205).

demonstra que concluir que já se sabe tudo sobre um assunto é arriscado e dá razão a Bertaux quando diz que é necessário ultrapassar longamente o ponto de saturação para ter certeza da validade das conclusões, o que obriga a ter um outro parâmetro para saber quão extensa tem de ser a ultrapassagem. Acredito que a melhor forma é ter um parâmetro quantitativo como apoio, no caso específico, dados demográficos.

O instrumental

Foi utilizado, basicamente o instrumental de pesquisa empírica da antropologia com algumas técnicas derivadas da história oral, e foi utilizado referencial bibliográfico das áreas de história, sociologia, e antropologia especificamente assuntos relacionados a identidade, migrações, cidadania e participação política.

Foram utilizadas entrevistas onde os sujeitos contaram a parte da história da sua vida que se relaciona com o processo de emigração do Uruguai, mas também nas entrevistas foram colocadas perguntas nas quais os sujeitos expressaram suas opiniões a respeito dos assuntos em pauta, pois para entender as causas e as motivações das pessoas se faz necessário permitir que expressem suas opiniões e desejos.

"If we are to explain why people act as they do, we need to know how they theorize their world, we need to understand consciousness -how it is constructed and its relation to action...individual action occurs within and is shaped by broader historical currents and forms of social organization" ***(Laslett,:517).***

Partindo da premissa de que os sujeitos dão sua versão dos fatos, contam suas histórias de acordo com sua vivência, apelei às fontes da história escrita para confirmar fatos contados e à observação de campo, tanto no Brasil quanto no Uruguai.

As histórias de vida serviram para conhecer a forma de pensar das pessoas e a forma de sentir que as levou a emigrar. A história política do Uruguai, e os estudos de sociologia uruguaia foram complemento imprescindível para entender a forma como estas pessoas entrevistadas se posicionam a respeito do Uruguai e do Brasil. Sem dúvida a obra mais importante a que esta tese deve tributo é o estudo sobre a consciência histórica uruguaia realizado por Cosse e Markarian, que demonstra o papel da escola e da família na construção do imaginário sobre o Uruguai, e que me permitiu comprovar quase todas minhas hipóteses preliminares de trabalho.

Quanto ao tipo de pesquisa, pode-se dizer que houve um grau de observação participante no caso dos três sujeitos que já conhecia antes de iniciar o trabalho, e nas situações pré e pós entrevista em que, com o gravador desligado, conversei informal e descontraidamente com os sujeitos, ou visitei o interior das suas casas. Não foi, porém, uma pesquisa participante no sentido estrito, pois não houve a pretensão, em nenhum momento, de ser porta-voz de uma determinada minoria, nem seria o caso porque o termo minoria lembra as dimensões étnica, religiosa ou lingüística, com consciência coletiva (conf. Nancy,1993:215-216), enquanto que o grupo pesquisado não tem as

características de uma colônia de imigrantes com reivindicações e problemas como poder-se-ia supor aprioristicamente.

Pretendia, uma vez analisadas as entrevistas, realizar um workshop com três entrevistados que apresentaram um perfil mais crítico,(E05, E06 e E08) para discutir com eles os resultados e as teorias que surgissem. Acreditava que esta poderia ser uma metodologia inovadora que pode ter bons resultados, visto que a existência da subjetividade como "filtro" da pesquisa nas ciências sociais, é um fato reconhecido, que atinge todo e qualquer pesquisador, mesmo sendo de outra nacionalidade, etnia ou classe diversa da do entrevistado, havendo em toda pesquisa o risco de que esta subjetividade interfira na hora de interpretar os relatos.

"passado e presente são vistos de maneira diversa pelo informante e pelo pesquisador, o que acarreta deformações no que registram" ***(Queiroz, 1994:116)***.

Acredito ainda que uma forma de lidar com este fato, seja conferir algumas das conclusões com os próprios informantes, atendendo aos pressupostos da nova etnografia que reforçam a necessidade de que o processo etnográfico seja um diálogo entre as partes, nas quais seja dada ao sujeito pesquisado a possibilidade, até, de mudar os conceitos do antropólogo.[4]

"One alteration of the [pos]modernist ethnography is to remake this exercise into a fully dialogic one....[in which] the purpose is not so much to change indigenous concepts...as to alter the anthropologist's own" ***(Marcus, 1987,18)***.

Mas isto não foi possível porque duas (E06 e E08) das três pessoas em que tinha pensado para este workshop mudaram de cidade durante o ano de 1996.

O estranhamento

Uma das maiores preocupações metodológicas deste trabalho foi com a questão do distanciamento entre sujeitos pesquisados e pesquisador. E uma das grandes questões colocadas foi: ATÉ ONDE O ESTRANHAMENTO É POSSÍVEL E DESEJÁVEL EM QUALQUER PESQUISA SÓCIO ANTROPOLÓGICA?

A categoria de estranhamento ou distanciamento, é muito complexa, e pretendo discuti-la com o apoio da categoria de subjetividade, resgatada pelos desafios colocados para o estudo de grupos urbanos ou contemporâneos, pela chamada "antropologia urbana".

Para Roberto da Matta, *"só se tem Antropologia Social quando se tem de algum modo o exótico, e o exótico depende invariavelmente da distância social ... vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: a) transformar o exótico no familiar e/ou b) transformar o familiar em exótico. Em ambos os casos, é necessária a presença dos dois termos...e, mais basicamente, uma vivência dos*

[4] Um trabalho que teve grande influencia na minha decisão de submeter as minhas teorias à apreciação dos sujeitos foi o realizado por Jelin (1987) que após uma pesquisa na periferia de Buenos Aires retornou com o material escrito e o submeteu à apreciação da comunidade, que acabou interferindo até o ponto de, praticamente, rescreverem o texto conjuntamente.

dois domínios por um mesmo sujeito disposto situá-los e apanhá-los" ***(Da Matta, 1978:28)***.

Não se exige mais do antropólogo um distanciamento no espaço ou no tempo, mas uma "viajem" às profundezas da sua própria cultura que permita o desligamento emocional necessário para olhar, tão objetivamente quanto possível o grupo que se quer analisar.

Quando lê-se a experiência de Malinowski, e o esforço que demanda sua integração com a população que haverá de pesquisar, percebe-se claramente que conhecer *a priori* os códigos culturais e ter algumas das características do grupo pesquisado pode dar segurança ao pesquisador e evitar essa sensação de solidão que o antropólogo reflete no seu livro. Vê-se, na sua obra, o esforço de integrar-se, de ser "um deles" para entendê-los. Ele se sente, e é percebido como um "elemento perturbador", um "mal necessário", um aborrecimento para o grupo que está pesquisando. Porque ele é muito diferente, ele é "demasiadamente outro". (conf. Malinowski, 1976: 25).

Os antropólogos que estudaram ou estudam culturas totalmente diferentes, mesmo que morem na comunidade, não deixam de ser estrangeiros, conseguem manter o estranhamento, mas não sem ônus, e, ao mesmo tempo, não conseguem ser totalmente "objetivos e neutros" como demonstra a análise recente de textos clássicos.

É a mesma tristeza que o antropólogo sente ao defrontar-se com situações e pessoas e não apenas com sistemas teóricos. Sua inquestionável condição de ser humano com uma história e uma afetividade, que reage, que sente saudade, é hoje aceita e tida como um dado.

"tudo indica que tal intrusão da subjetividade e da carga afetiva que vem com ela, dentro de rotina intelectualizada da pesquisa antropológica, é um dado sistemático da situação.....É como se na escola graduada tivessem nos ensinado tudo: espere um sistema matrimonial prescritivo,.....e jamais nos tivessem prevenido que a situação etnográfica não é realizada num vazio e que tanto lá, quanto aqui, se pode ouvir os anthropological blues" ***(Da Matta,:30-31)***.

Várias correntes da antropologia ligadas a minorias defendem, há praticamente vinte anos o engajamento do pesquisador.

Os trabalhos de Oscar Lewis e Sidney Mintz parecem constituir a inovação na questão do distanciamento, enfatizando a importância dos laços criados com seus sujeitos de pesquisa.

Mintz, já na década de 1950, defendia o envolvimento emocional com os sujeitos de pesquisa, quando realizou sua tese em Porto Rico, e ele tem certeza que foi sua amizade com o informante que possibilitou o trabalho. Posteriormente, objeta, com o concurso de Kevin Dwyer, o paradigma positivista do estranhamento, dizendo que ele leva a uma interpretação contemplativa da realidade humana através da lente não envolvida e desaculturada do antropólogo.

Ele chama a atenção para o fato de que o estranhamento seria necessário se *"partirmos da crença de que o etnógrafo está para o informante assim como o psicanalista está para o analisando"* ***(Mintz, 1984:52)***, o que não deve acontecer, como será discutido no item seguinte deste capítulo.

Um dos textos que mais me impactou sobre esta questão é o escrito pela canadense Anne Marie Fortier, descrevendo com detalhes sua experiência no seio de uma comunidade italiana em Londres. Ela se coloca inteiramente no texto, contando em detalhes seus sentimentos a respeito da comunidade, suas dificuldades para comunicar-se com as outras mulheres, por causa do papel social que queriam atribui-lhe (tentando conseguir um futuro esposo para ela, por exemplo).

"Sometimes I would walk out of the service in tears of anger, pain or nostalgia, deeply troubled by the memories of "home", of family and of my Catholic upbringing" ***(Fortier, 1996:304)***.

Este olhar para si mesma e para seus sentimentos, não a impediu de realizar um bom trabalho, ao contrário, permitiu-lhe enxergar com mais precisão os aspectos da tradição italiana que tinham sido conservados pelo grupo.

Na outra ponta do espectro dos defensores do estranhamento, estão os defensores do *verstehen*, ou entendimento empático, que entendem que para compreender os processos pesquisados o pesquisador deve tentar imaginar-se na situação do pesquisado, transferir suas crenças, valores e preconceitos. (conf. O'Meara,1989:365)[5]

A antropóloga Pat Caplan, da Universidade de Londres, contando sua experiência na antropologia feminista reafirma a complexidade das categorias de identificação e diferença. Mostra como ser mulher simplesmente não evitou que houvesse enormes desentendimentos com um grupo de mulheres indianas. A identificação ou o distanciamento, acontecem por um conjunto de fatores e não apenas por um só, o que faz com que o antropólogo sempre esteja numa zona intermédia

"there is no simple dichotomy between distanciation and identification -the ethnographer's positionality shifts according to a number of parameters and contexts" ***(Caplan:1991:113)***.

Entre os extremos propostos, acredito que é possível haver um meio termo. Ser totalmente outro é desgastante, e não garante a "objetividade total", como veremos no próximo item, enquanto que o fato de pertencer a uma mesma cultura representa não ter o ônus da solidão e do choque frontal com costumes ou situações adversas.

Ser possuidor de um referencial cultural comum ao grupo pesquisado aparece atualmente como uma vantagem na performance do pesquisador e, por conseqüência, beneficia a pesquisa porque os dados coletados podem ser mais fidedignos. Contando uma experiência de campo no Zaire, Aunger (:100) reconhece, com surpresa, que seu desempenho foi superado pelos pesquisadores nativos.

"despite language fluency and a year of previous field experience, I performed less reliably than the native interviewers, suggesting that cultural

[5] Eu duvido que um processo desta natureza seja possível, pois implicaria na alienação total do pesquisador de si mesmo, o que parece bastante difícil e pouco desejável.

background is an important determinant of the ability to elicit replicable responses from informants" (grifos meus)

A distância entre pesquisador e pesquisado pode ser estabelecida pelos papéis sociais, independentemente de fatores aparentemente unificadores como etnia ou nacionalidade.

Pertencer a uma mesma cultura, não implica que não haja um distanciamento, uma objetivação do tema. O estranhamento está dado porque o pesquisador é, sem dúvida "outro".

Quando pesquisador e pesquisado se encontram, há *"duas espécies de intencionalidade, a do sujeito que procura conhecer e a do sujeito objeto do conhecimento"* ***(Brioschi, 1989:27)***. E essa intencionalidade já dá o tom da pesquisa cientifica diferenciando-a de uma simples conversa de amigos.

Embora na presente pesquisa eu tenha a mesma nacionalidade e esteja numa mesma situação de estrangeiro no Brasil como os meus entrevistados, tenho outra formação acadêmica e, sobre tudo, outras intenções quando entro em contato com eles.

A identificação com um grupo não acontece apenas por elementos formais comuns a todos, tais como a língua ou a nacionalidade, que são, de uma certa forma impostas, quando o indivíduo nasce em determinado território Dá-se mais por uma comunhão de crenças ou de visões de mundo que surgem do próprio indivíduo.

"não seria dada pela língua, por tradições nacionais de caráter mais geral mas por experiências e vivências de classe, definidas em termos sociológicos, econômicos e históricos, que originam inclusive a noção de cultura de classe que pode ultrapassar as fronteiras dos Estados Nacionais" ***(Velho,1978:39)***.

Mas, ao mesmo tempo, pertencer a um determinado território nacional obriga a ter em comum determinados códigos culturais e referenciais adquiridos na escola, na família e na sociedade em geral, que facilitam a aproximação e, sobretudo, a compreensão do outro, que é a meta principal do pesquisador.

Simson (1991:14) , a propósito da reconstrução do Carnaval negro de São Paulo, diz que sua pesquisa só foi possível porque houve um envolvimento dela com a comunidade.

"Da interação social positiva entre pesquisador e informante, tendo em vista um projeto comum, dependia o sucesso da pesquisa"

A referida antropóloga, em seminários sobre o tema, tem relatado que sua pesquisa viabilizou-se, entre outras coisas, porque as comunidades pesquisadas pensaram que ela tinha uma avó negra. A pesquisa tornou-se viável quando a comunidade passou a considerar o pesquisador como pertencente a sua etnia.

O fato de morar na mesma cidade e de ter lembranças em comum com o grupo, colaborou também de forma decisiva.

"Temos certeza que foi da junção de memórias e pensamentos de pesquisadores e depoentes que se tornou possível resolver muitos problemas retraçando uma história saturada pelos novos tempos" ***(Simson, 1991:16)***.

Dentro do referencial da história oral, são inúmeros os textos que mostram a necessidade de aproximação do pesquisador com o grupo pesquisado. Já observava Vansina (1965:182), há trinta anos atrás, que mesmo utilizando todas as técnicas e instrumentos de pesquisa disponíveis e aplicando metodologias das mais diversas disciplinas do conhecimento humano, não seria possível atingir o conhecimento exato dos fatos históricos.

"even if all these techniques [archaeology, cultural history, linguistics, physical anthropology, written documents] are used, we can never arrive at a complete knowledge of all the events of the past. We can never do more than touch upon a small part of past history -namely, that part which has been preserved in the various surviving historical documents. But this statement must not be taken as an excuse for abandoning the study of history on the grounds that perfection can never be attained"

Referindo-se aos estudos de tradição oral, o autor já dizia que os significados não podiam ser entendidos sem um conhecimento completo da sociedade que produziu o relato, que era absolutamente necessário que o historiador estivesse a par da cultura das pessoas que estudava.

"The purport cannot be understood without a thorough knowledge of the society which has produced the testimony. Thus it is absolutely essential for the historian to be acquainted with the language and with the culture of the people he is studying" ***(Vansina, 1965:75)***.

Vilanova (1994:54) ainda vai mais longe no envolvimento, aceitando como válido o interesse pessoal de auto-conhecimento do pesquisador. Para ela as histórias de vida *"são sempre uma biografia dupla, porque queremos saber quem são e como são, mas, sobretudo, falando com eles, queremos saber quem somos nós"* (grifos meus).

Houve, nesta pesquisa, momentos da vida do entrevistado que foram contados de forma rápida e que poderiam ter uma interpretação diferente se o pesquisador não tivesse vivido a mesma situação, ou estivesse no mesmo local, ou soubesse qual a ideologia do grupo do qual se estava falando. Por exemplo, o entrevistado E13 disse que iria embarcar para Austrália no dia que chegou Perón a Argentina. Isto só pode ter significado para quem sabe que os uruguaios embarcavam para Sidney do aeroporto internacional de Ezeiza, em Buenos Aires, e que no dia da chegada de Perón houve um tumulto que resultou em pessoas mortas inclusive.

Houve outros momentos em que pertencer a uma mesma cultura criou uma comunicação profunda, como no caso em que, o entrevistado E11 começou a recitar um poema espanhol, esqueceu uma parte que a pesquisadora continuou para finalizarem os dois juntos.

Em três casos (E01, E07 e E08) a entrevista produziu-se tomando chimarrão, o que, para a cultura uruguaia, significa a partilha total, a entrega.

Esse tipo de comunhão cria laços afetivos que favorecem o trabalho de pesquisa, e, por outra parte, paradoxalmente, permite uma objetivação do discurso do sujeito.

"o que permite produzir informação de qualidade é exatamente a profundidade da relação dialógica que se trava entre entrevistador e entrevistado" ***(Camargo, 1994:83).***

Se o pesquisador vivenciou uma situação similar à relatada pelo entrevistado, se ele conhece a instituição da qual o sujeito está falando, ele tem mais elementos para avaliar a visão do outro e não aceitar acríticamente seu depoimento.

Por outra parte, existe o lado pragmático do conhecimento. Thompson (1978:166), diz que quanto mais o pesquisador saiba, mais fácil obterá informações significativas.

"It is nevertheless generally true that the more one knows, the more likely one is to elicit significant historical information from an interview"

Também, quanto mas saiba, menos terá que pesquisar depois da entrevista ou saberá quais os pontos desta que deve rever.

Por exemplo, quando E03 conta que seu pai suicidou-se por causa de um fenômeno financeiro que aconteceu no Uruguai chamado "quebra da tablita", ele situa o fato na década de 1970. A pesquisadora, porém, sabia que isso tinha acontecido na década seguinte, portanto este cruzamento de seu conhecimento com a vivência do depoente foi analisado sob outra ótica.

Bertaux (1980:220) ainda vai mais longe, propondo-se a demonstrar que os toques de genialidade dos grandes cientistas sociais provêm de sua própria vivência, seja na forma de viagens, de engajamento político, de uma experiência religiosa.

"à la source des principaux concepts qui on fait la force de la pensée sociologique depuis cent cinquante ans il y a une expérience humaine; d'abord vécue,(grifos meus) *puis réfléchie; soit personnelle, soit toute proche"*

Quando comecei a pesquisa, o fiz com o temor de invalida-la com a interferência da minha experiência de vida no Uruguai. Defrontada com os sujeitos e com os resultados da análise, acredito que estou numa condição privilegiada para entendê-los. Todos os referenciais dos sujeitos me foram compreensíveis e para todos seus discursos tive instrumentos de avaliação.

Acredito que o distanciamento fundamental, na presente pesquisa, está dado pela diferença de interesses históricos e sociais entre pesquisador e grupo pesquisado, e que, o primeiro, por ser portador de uma experiência *similar* (mas nunca idêntica) à dos sujeitos, tem as melhores condições de fazer perguntas, entrevistar, entender e explicar os sentimentos dos pesquisados.

Neste sentido, há um inegável paralelismo com o trabalho desenvolvido por Abdelmalek Sayad, sociólogo, imigrante argelino, quando estuda os outros imigrantes argelinos que ocupam lugares diferentes na escala social e no mercado de trabalho. A possibilidade de diálogo, de interpretação, de ganhar confiança, de ser respeitado e saber respeitar que Sayad tem é atribuída por Bourdieu (1991:08) à sua condição de membro da cultura argelina, ao seu conhecimento da tradição árabe.

"Tous ces vertus, dont ne traitent jamais les manuels de méthodologie, et aussi une incomparable maîtrisse théorique et technique, associée à une connaissance intime de la langue et de la tradition berbères, étaient

indispensables pour affronter un objet Qui, commo les problèmes dits de "l'immigration", ne sont pas de ceux que l'on peut mettre entre toutes les mains"

Experiência semelhante relata Musillo (1995:277), imigrante que realiza trabalhos sobre refugiados na cidade de Genebra e que reconhece que seu trabalho foi redimensionado à luz das reflexões que sua própria experiência como imigrante lhe proporcionava.

"Je précise que cette dernière exigence s'est accrue au cours de l'enquête préliminaire où tout un travail de réflexion autour des représentations que je portais en moi en tant que chercheur et en tant que migrant m'a fait comprendre et intégrer le poids et le sens que l'autoréférence...et la subjectivité... ont auprès du chercheur et du chercheur social en particulier")

Outro trabalho referencial é o realizado por Llambias-Wolf com os exilados chilenos no Canada, no qual pesquisador e pesquisados vivenciaram a mesma experiência de terem que abandonar o país por motivos políticos e tem pouca ou nenhuma diferença quanto a formação intelectual e classe social.

A leitura dos trabalhos de Sayad e de Llambias-Wolf permitiram-me entrar nos sentimentos dos grupos por eles pesquisados como nenhum estudo antropológico antes o tinha feito e, acredito que isto se deve ao sentimento com que foram escritos, que só alguém tão envolvido como eles com o grupo pesquisado poderia ter.

Objetividade, subjetividade e realidade

A observação permite ver o comportamento dos sujeitos sob a ótica do pesquisador, independentemente da relação entre o pesquisador e o grupo pesquisado, exaustivamente tratada no item anterior, pois *"A "realidade", familiar ou exótica, sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador"* ***(Velho,:42)***. Este fato torna o relato do observador parcial, porque estará sempre baseado nas suas próprias premissas que podem ser diferentes das premissas do grupo pesquisado e, portanto, seus atos podem ser interpretados como portadores de determinada intenção, quando seus atores tinham outra diferente. O pesquisador observa com a perspectiva advinda da sua formação, da sua visão de mundo, da sua própria história de vida.

"it is difficult to know whether ethnographic statements are based on anythhing more than personal impressions" ***(Aunger, 1995:97)***.

Quando se trabalha com pessoas, é muito difícil saber exatamente qual é a realidade, o que efetivamente aconteceu ou acontece. Deve-se ter consciência de que essa "realidade" é uma construção do próprio sujeito, e o máximo que podemos aspirar é saber como esse sujeito vivencia, reconstrui a sua própria versão da "realidade", tanto passada quanto presente. Por isso a antropologia urbana trouxe outro aporte muito importante para a presente pesquisa, que é a valorização que passou a ter, nos últimos anos, a subjetividade no contexto das ciências sociais.

"Na alteração recente do uso dessa técnica [de observação] *nota-se uma valorização crescente da subjetividade do observador...Concomitantemente, um esforço consciente de identificação do antropólogo com a população que estuda...Na pesquisa que se faz nas cidades, dentro de um universo cultural*

comum ao investigador e ao objeto da pesquisa, a participação é antes subjetiva do que objetiva" ***(Durham, 1986:26)***.

Nas ciências sociais a impossibilidade de objetividade total já foi postulada no início do século.

"Quem for da opinião de que o conhecimento da realidade histórica deveria ou poderia ser uma cópia "sem pressuposições" de fatos "objetivos", negar-lhes-á qualquer valor" ***(Weber,1993[1904]:139)***.

Muito menos é possível ser totalmente "objetivo" quando se trabalha com o comportamento e as crenças das pessoas, que não são dados empiricamente observáveis e aos quais é preciso chegar através de inferência, de uma construção permitida pelos dados que transparecem através dos atos observáveis.

Isto parece ser compartilhado pela maior parte dos antropólogos contemporâneos, como pode ser visto nas duas citações a seguir:

"Objectivity in the study of human affairs is limited because we cannot directly observe our neighbor's thoughts, motives or emotions" ***(O'Meara, 1989:356)***.

"Absent is the objective observer standing apart from his informants and in his place is the situated, culturally constructed observer, who can no longer be separated from his ethnography" ***(Murphy,1990:333)***.

O próprio conceito de objetividade tem sido submetido a análises. Há um instrumental através do qual a "realidade" pode ser empiricamente apreendida, mas todo conhecimento humano parte de alguma perspetiva. Que um conhecimento seja objetivo não quer dizer que seja impessoal, quer dizer que há suficiente evidência empírica para que se acredite nele.

"Social phenomena are not objective in the first place, but rather defined by the fluid and changing intentions, meanings and beliefs of the participants and observers. All observation in social science requires the interpretation of behavior...all social observation depends upon the perspective of the investigator" ***(Little: 1993:363)***.

A perspectiva do observador, do pesquisador como crivo, ou como lente através do qual é percebido o social, já era uma preocupação em Mannheim, que não só defendia o comprometimento do cientista social na análise dos dados que se lhe apresentavam como evidência, mas também entendia que a filosofia do pesquisador, seu sistema de valores, deveria orientar as pesquisas. As perguntas e os questionamentos que o pesquisador faz, o assunto que decide investigar, devem estar orientados pelo que ele acredita que deve ser o funcionamento da sociedade. Ele defende, não apenas o envolvimento, mas também a parcialidade do pesquisador e o insight.

"Já que as ciências sociais se ocupam de objetos possuidores de valor e significado, o observador que busca entendê-los precisa necessariamente fazê-lo por meio de categorias que, por sua vez, dependem dos seus próprios valores e significados....pode-se considerar a introspecção (insight) como o cerne do conhecimento social. Chega-se a isto estando-se no interior do fenômeno a ser observado" ***(Mannheim, 1972:19)***.

O pesquisador precisa apenas estar consciente, analisar-se e observar-se permanentemente para discriminar o aporte da sua subjetividade na coleta e

interpretação dos dados, a fim de evitar que seus desejos de obter determinados resultados interfiram demasiadamente, invalidando, ai sim, o trabalho científico.

"a máxima objetividade é quando se pode explicar a subjetividade detalhadamente" ***(Vilanova,:68).***

Isto implica incorporar na exposição de dados e na análise, na apresentação da pesquisa, as situações de entrevista respectivas, refletindo permanentemente sobre as interferências da subjetividade detectadas em cada uma.

Objetividade quer dizer não subjetividade. Dizer que algo é objetivo é dizer que acontece fora do sujeito e independentemente da vontade dele, mas não se deve confundir objetividade com imparcialidade. Existe a possibilidade de apreender um objeto que é exterior à consciência do indivíduo, mas essa apreensão sempre será uma interpretação.

Outro conceito que será tratado com um certo cuidado é o de **realidade**. Este conceito está diretamente ligado com o de objetividade, na medida em que o que pode ser chamado de "realidade" são os objetos e acontecimentos que têm existência fora dos atores sociais.

"La realidad de la vida cotidiana se da por establecida como realidad" ***(Berger e Luckman, 1972:41).***

Esta realidade da vida cotidiana, é, em parte uma construção social e em parte pode ser explicada através de teorias mecanicistas ou naturalistas. *(conf. Murphy, 1990:335-336).*

Convencionou-se chamar de realidade o mundo concreto fora do pensamento do sujeito e é impossível não entrar no terreno da filosofia para averiguar a interpenetração da subjetividade na "realidade", sobre tudo neste atual momento em que a tecnologia do simulacro está desenvolvendo-se e aperfeiçoando-se a uma velocidade sem precedentes na história da humanidade.

O sujeitos sociais têm uma relação paradoxal com o mundo em que se desenvolve seu cotidiano. Todos os objetos e ações que constituem o entorno real objetivo dos sujeitos, estão, de uma certa forma, carregados da sua subjetividade ou da subjetividade de outros sujeitos. A realidade é uma construção dos sujeitos, uma objetivação da subjetividade deles.

"La realidad de la vida cotidiana se presenta ya objetivada, o sea, constituida por un orden de objetos que han sido designados como objetos antes que yo apareciese en escena" ***(Berger e Luckmann,:39).***

Mas esta realidade é apenas uma dentre várias; pode até ser a mais importante, (a realidade suprema, como dizem os autores antes mencionados) mas não descarta a existência de outras realidades (zonas limitadas de significado para Berger e Luckmann) como a dos sonhos, a dos jogos, e, atualmente, a do simulacro, produzida pela tecnologia e pela mídia.[6]

Cada vez a fronteira entre o real e o simulacro fica mais difusa e cada vez as lembranças têm maior carga de subjetividade, o que deve levar o

[6] O tema extrapola a abordagem desta pesquisa. Há extensa bibliografia, da qual destacamos Jean Baudrillard, e Paul Virilio.

pesquisador a resignar-se a ter cada vez menos certezas a partir dos dados obtidos e a tentar entender os mecanismos pelos quais as pessoas constróem suas realidades mais do que tentar saber se suas realidades têm correspondência com uma suposta realidade "verdadeira" que seria dada pelos fatos que efetivamente aconteceram.

Baseado nesta convicção, nesta pesquisa não foi dada muita importância à verificação de acontecimentos relatados pelos sujeitos, (o que foi feito em alguns casos, recorrendo a fontes escritas ou a outros depoimentos). Procurou-se entender qual foi o mecanismo social que levou os sujeitos a vivenciarem aquela realidade da forma que eles a contam. Não interessa, por exemplo, verificar se efetivamente o país emissor não oferece oportunidades, através de um profundo estudo econômico, interessa saber qual o mecanismo social que levou às pessoas a acreditarem que essa era sua realidade e que a solução estava apenas na emigração.

As histórias de vida, sua utilidade e suas limitações

As ciências sociais caracterizam-se, atualmente, pelo pluralismo em termos de métodos e teorias, e uma das novas formas de enriquecimento da pesquisa sociológica é recorrer às histórias de vida, à chamada "abordagem biográfica", que já era defendida por Roger Bastide na década de 1950.

Enquanto que, para a história, a biografia representa a possibilidade de recolher depoimentos para o futuro e reconstruir um passado que as vezes não pode ser reconstruído de outra forma, para as ciências sociais representam um estudo de caso.

"Biography should properly be seen as a type of case study" ***(Laslett,:525).***

Por isso, devem ser feitas várias histórias de vida para propiciar uma melhor visão do assunto que se pretende estudar. É necessário ter várias histórias, não para compará-las, mas para retirar delas os elementos comuns que permitam construir algumas teorias.

"to expand the single biography to an examination of many lives to see if the same dynamics are characteristic of them" ***(Laslett,:529).***

A língua inglesa permite identificar claramente dos tipos de história de vida, a "life story" e a "life history". A primeira poderia ser traduzida como "estória" de vida e consiste no relato do sujeito, numa autobiografia; a segunda, a história de vida propriamente dita, implica uma biografia, ou seja, o relato autobiográfico acrescido dos documentos "probatórios", dos depoimentos dados pelos entrevistados. Os franceses as dividem em "récits de vie" e "histoires de vie" (Bertaux,:200).

Nesta pesquisa optei pela utilização da "estória" (ou o "relato", seguindo os franceses) de vida, de uma forma parcial. Poder-se-ia dizer que utilizei a abordagem biográfica como instrumento a serviço da antropologia e não necessariamente a história de vida. Através de um roteiro temático, (Anexo I) permiti que a pessoa abordasse alguns aspectos, porque o que interessava era saber determinados momentos da vida dessa pessoa e não toda ela, momentos chave como aquele em que tomou a decisão de emigrar, os primeiros anos no Brasil, sua situação econômica antes de emigrar.

Optei por realizar um roteiro de perguntas que não atingisse muito o íntimo da pessoa, isto porque, após cuidadosa análise da literatura sobre história oral, tradição oral e história de vida, conclui que há uma linha divisória que deve ser respeitada pelo cientista social, que é a da intimidade.

"Discussion of the past can recall painful memories which still evoke strong feelings, and very occasionally these may distress an informant" ***(Webb in Thompson, 1978:179).***

Por outra parte, acreditei que para o objetivo desta pesquisa, que não é histórico, mas sócio antropológico, não era necessário um registro amplo de informações que podiam resultar vagas ou imprecisas. Achei preferível aprofundar num aspecto da vida da pessoa ao invés de recolher um volume maior de informações que poderiam ser mais superficiais.

"O empreendimento etnográfico deve voltar-se para algum objetivo relacional; não se deve coletar os dados pelos dados indefinidamente...nem transformar o trabalho de campo num registro de impressões vago e sem objetivo" ***(Mintz, 1984:49).***

A abordagem biográfica está sendo utilizada, atualmente, por outras disciplinas, como a psicologia social e a psico-história, mas nenhuma destas disciplinas pode perder de vista o fato de que aprofundar-se na biografia de uma pessoa pode revelar fatos do passado que ela tinha cuidadosamente arquivados no esquecimento.

"faire le récit de sa vie [c'est] s'efforcer de donner une chronique des événements vécus, mais sé efforcer de donner un sens ao passé et...à la situation présente" ***(Bertaux, 1980:213).***

O cientista social não pode, não deve entrar no terreno do psicanalista, pois pode-se ocasionar muito dano a uma pessoa, despertando-lhe para problemas que estão no seu inconsciente[7] e que o pesquisador não poderá ajudar a resolver por falta de formação clínica. Desde que o cientista social não esteja trabalhando em equipe com um psicólogo, não deve tentar trazer à tona recalques que porventura o indivíduo tiver.

Nesta pesquisa, o risco de cair no terreno da psicologia era muito grande porque os entrevistados não eram apenas informantes através dos quais se queria saber o funcionamento da sociedade, mas, fundamentalmente, interessava saber a ideologia e as motivações que permearam um ato tão fundamental para a vida da pessoa como o de emigrar, o que, por definição, abrange a área da psicologia social.

"El análisis de la motivación corresponde...al terreno de la psicologia social, ciencia que investiga por qué actúa una persona " ***(Alberts, 1974:08).***

Outro risco era simplesmente admitir que todos os sujeitos entrevistados eram portadores de verdades absolutas, tanto na descrição de fatos históricos acontecidos quanto nas razões alegadas para suas ações, o que daria como resultado uma reiteração de estudos estatísticos que transcrevem as alegações dos emigrantes.

---

[7] Isto não quer dizer refutar a validade da etnopsicanálise que propõe valer-se das práticas da clínica psicanalítica para a análise de situações sociais (conf. Kenski, 1992:57). O que o pesquisador não pode é confundi-se com o psicanalista na hora da entrevista com o sujeito de pesquisa.

Embora a abordagem biográfica seja a única capaz de reconstituir uma cultura de dentro para fora, donde a importância da sua inclusão num estudo sócio-antropológico, porque é a única capaz de contrabalançar as impressões do observador, ela não é suficiente. Há necessidade de complementar as entrevistas com observação porque a fonte oral, além de parcial, é pouco confiável.[8]

As pessoas não contam sempre os fatos como efetivamente aconteceram (se é que o que efetivamente aconteceu é de alguma forma apreensível).

Há necessidade de descobrir o que não foi dito, e de comparar o que foi dito com outras evidências empíricas. É importante ouvir o que o entrevistado tem a dizer e entender que, por vezes, ele relata fatos que estão na sua fantasia, ele relata a sua história (a sua estória, na verdade) como ele a vê, como ele a vive e "contaminada" pelas outras realidades das quais falei no item anterior.

"A fonte oral, posto que viva, é parcial... na confrontação do entrevistador com o entrevistado, pode-se buscar as diferenças e também a unidade. e esta dinâmica do diálogo é um dos aspectos mais apaixonantes do trabalho com as fontes orais" ***(Vilanova,:47)***.

Nesse ponto, retomando a questão do estranhamento, a amizade ajuda, seja ela anterior à pesquisa ou iniciada com ela, porque dificulta a fantasia do sujeito. Embora a amizade não garanta que o sujeito dirá "a verdade" *"Reciprocidade nunca assegura a verdade"****(Mintz, 1984:52)***, o conhecimento mútuo entre pesquisador e pesquisado pode inibir a tentação de contar histórias extravagantes ou distorcer fatos que são de conhecimento de ambos ou que o pesquisado sabe de antemão por conversas anteriores ou pode facilmente verificar com parentes ou outros amigos do pesquisado.

Para o tipo de pesquisa de motivação em que estava empenhada, já foi dito que o que importa é saber como o sujeito viveu determinada experiência, sem tomar muito em conta qual a porcentagem de fantasia que há no seu relato. Mas é importante para o pesquisador descobrir quando o discurso do pesquisado corresponde aos dados empiricamente observados, para analisar em que medida os motivos que o entrevistado alega para justificar seu comportamento tiveram existência concreta e em que medida foram motivos aparentes por trás dos quais há outros que, até, lhe são desconhecidos. Não é relevante para esta pesquisa, saber a "verdade" sobre um determinado fato relatado por um sujeito, mas é importante constatar se houve distorção, porque toda distorção é, em si mesma, uma evidência.

"Every distortion is in itself a piece of documentary evidence" ***(Vansina, 1965:111)***.

A utilização apenas da fonte oral é insuficiente também porque, dependendo das qualidades do sujeito entrevistado, da força das suas convicções, o pesquisador pode ser levado a duvidar das premissas que alicerçavam suas hipóteses, ou pode sentir-se constrangido a reconhecer uma atitude tida como negativa pela sociedade num sujeito simpático e agradável.

---

[8] Embora acredite-se o que diz Ronald Greele: a maior parte dos entrevistados não mente.

"a fonte oral, porque é viva, ... nos seduz, ... também, por vezes, nos vence e nos convence...é impossível não ser seduzido, porque trabalhamos com pessoas" ***(Vilanova,:63)***.

Uma das soluções propostas, nos trabalhos com história oral, é a equipe, para evitar a sedução ou os desvios para a psicanálise.

Quando se trabalha individualmente, a solução possível é o confronto permanente da história contada pelo sujeito com a observação do seu ambiente, das suas condições objetivas de vida, do seu entorno, do seu trabalho, com as informações que se possam obter dele com outros informantes, com parentes, e do confronto de dados com fontes históricas escritas quando estas existirem. Nunca se deve perder de vista que o passado tende a ser idealizado, e, não raro, também o presente quando o que está em jogo é a justificativa de uma determinada escolha.

Da fonte oral, espera-se uma explicação que, de antemão, sabe-se que pode não ser suficiente para o problema proposto. Enquanto agentes sociais, os sujeitos estão qualificados para explicar seus atos, mas muitas vezes eles não têm consciência dos motivos que estão na raiz dos mesmos. Portanto, seu depoimento não é importante tanto pelo que revela diretamente, mas pelas pistas que o sujeito dá, através do seu discurso, para que o cientista descubra as causas subjacentes.

Em outras palavras, quando os sujeitos contavam suas experiências de vida, sei que relatavam suas leituras destas e, quando eu observava seu entorno estava recolhendo dados que, juntamente com os depoimentos, permitiriam elaborar relações causais das quais os próprios sujeitos não têm conhecimento.

Um psicanalista pode, com suas técnicas, fazer com que o próprio sujeito reconheça e expresse verbalmente assuntos inobserváveis, mas, como já foi exaustivamente colocado, não é esta a função do cientista social. A ele só cabe a inferência.

"it is only on the basis of empirical investigation of matters that can be directly observed that we are able ultimately to arrive at and evaluate hypotheses about unobservable properties and relations" ***(Little, 1993:370)***.

As entrevistas

A entrevista é uma unidade de análise, e, para fazer uma reflexão sócio-antropológica, é necessário um conjunto de entrevistas.

As entrevistas implicam um diálogo entre o pesquisador e o pesquisado. Diferem dos questionários, que podem ser respondidos por escrito pelo sujeito, sem a presença do pesquisador, e diferem também das pesquisas de opinião realizadas pelos mídia ou das pesquisas mercadológicas realizadas pelas empresas de marketing.

Uma entrevista precisa de disponibilidade do sujeito entrevistado, tanto no sentido de ter tempo quanto no sentido de ter vontade de conversar sobre suas vivências, crenças, expectativas, sucessos e frustrações.

Apesar de ter ciência de que não há uma "receita" para o sucesso de uma entrevista, de que trabalha-se com seres humanos e que o contato com eles

provoca reações sempre imprevisíveis, que *"não há entrevistas perfeitas porque jamais, de antemão, sabemos qual é o texto, quais são as possibilidades do nosso diálogo. Só o sabemos quando, em um ponto qualquer, tocamos no invisível, e a entrevista se abre, desabrocha"* ***(Vilanova,:55),*** tentei utilizar uma técnica de trabalho o mais cuidadosa possível e para isso optei pela metodologia indicada por Paul Thompson (cap. 6) para a história oral.

Não foi utilizado o método etnográfico de entrevistar informantes e muito menos remunerá-los, (embora algumas pessoas, no final da entrevista cumpriram o rol de informantes indicando novos sujeitos potenciais), porque os dados da sociedade em estudo estão ao alcance por outras vias e o que interessava precisamente era que os entrevistados contassem diretamente sua própria experiência, explicassem o por quê das suas opções.

"The rationalization of conduct becomes the discursive offering of reasons only if individuals are asked by others why they acted as they did" ***(Giddens:1984:281).***

Foram realizadas, para começar, duas entrevistas exploratórias, uma delas com um amigo e outra com um amigo de este, que era conhecido (não amigo), que tinha-me visitado, uma vez, em casa. Parece necessário neste contexto explicar o sentido que estou dando às palavras "amigo" e "conhecido".

Amigo é uma pessoa com a qual há uma reciprocidade de visitas e telefonemas com freqüência aproximadamente semanal; é uma pessoa que participa de festas e reuniões familiares. No contexto dos estrangeiros residentes, os amigos passam a ser um substituto da família que ficou no exterior. É um relacionamento próximo, de total confiança. Um amigo cuida dos filhos do outro amigo, empresta ou pede dinheiro, ou outro bem, socorre ou é socorrido a qualquer hora do dia ou da noite.

Conhecido é uma pessoa com a qual não há amizade, de quem sabe-se o nome e a profissão, eventualmente sabe-se onde mora, pode até ter havido uma visita domiciliar, mas não há um relacionamento próximo; seus gostos e preferências não são conhecidos, nem sequer sua data de aniversário. São pessoas que não são convidadas às festas do grupo, que não são substituto da família.

Após entrevistar um amigo e dois conhecidos, foram sendo contatadas pessoas que, ou eram amigas ou conhecidas destes, ou tinham sido vistas alguma vez. Foram encontradas pessoas que tinham disponibilidade de tempo, outras que disseram ter muito trabalho mas "fizeram" tempo e outras que alegaram pelo menos quatro vezes estarem demasiadamente ocupadas e foram deixadas de lado momentaneamente, visto haver mais sujeitos potenciais do que os quinze pré-determinados, não havendo portanto necessidade de insistir. Sendo que todas estas pessoas trabalham, e muito, pensei em que medida seus depoimentos poderiam ser tão fundamentais para justificar uma atitude que poderia ter sido vivida pelos sujeitos como assédio, lembrando que não se deve submeter trabalhadores a uma pesquisa sem ter a certeza absoluta de que seus depoimentos são relevantes, pois o tempo deles é muito valioso.

"It is an equal "impertinence" to subject numbers of working people in a community or an industry to questions, without first ensuring, as far as possible, that they are historically relevant" ***(Thompson,:167).***

A confecção do roteiro de entrevistas foi feita seguindo as sugestões do mesmo autor. Questões simples, com linguagem clara e coloquial, o suficientemente abertas para que a pessoa não pudesse responder simplesmente "sim" ou "não", mas o suficientemente fechadas como para não desviar o sujeito do tema proposto.

Acredito que o sistema de deixar o sujeito falar livremente sobre um tema pode ser aplicável em determinadas circunstâncias, quando a intenção é reconstruir uma vida, uma época, uma tradição, mas não neste caso particular.[9]

Tentei sempre interferir minimamente nas falas dos sujeitos, respondendo com monossílabos, expressões tais como "ahá", "olha só", e similares, para demonstrar os sentimentos que o relato estava provocando, sem interromper a fala. Desta forma esperava (e aparentemente consegui) que o sujeito se sentisse estimulado, acompanhado. Uma entrevista desta natureza não pode transformar-se num "bate-papo" mas também não se pode deixar o sujeito "falando sozinho" sem reagir.

"An interview is a social relationship...Essentially, the interviewer is expected to show interest in the informant, allowing him or her to speak fully without constant interruption, and at the same time to provide some guidance of what to discuss if needed" ***(Thompson, 178).***

Tive o cuidado de realizar as perguntas de forma a não sugerir respostas, embora em algumas ocasiões tenha escapado alguma sugestão, as vezes por uma informação que eu tinha, outras porque o tema tinha sido tratado informalmente fora da entrevista. Sempre tentei não repetir perguntas, o que foi sendo cada vez mais fácil a medida em que eram feitas mais entrevistas e adquiria mais prática. Sem dúvida realizar uma entrevista com naturalidade, sabendo o que se quer perguntar, como e quando, requer um treino, um desenvolvimento, não apenas, como diz Thompson (:179) *"quick memory and quite intense concentration"* mas um envolvimento total com o assunto ao ponto de ter todas as perguntas e todas as respostas borbulhando na cabeça.

Comprovei o que diz Paul Thompson de que quanto mais familiarizado o pesquisador está com o assunto, mais fácil é ir de uma pergunta à outra.

"It is much easier to guide if you have a basic shape already in your mind, and questions can lead naturally from one to the other" ***(Thompson,:171).***

Após as primeiras cinco entrevistas, a forma básica da entrevista estava delineada na minha cabeça e isso permitiu-me colocar todas as perguntas necessárias numa ordem diferente da que estava no roteiro, porém mais natural porque seguia a concatenação da fala e da reflexão do entrevistado.

---

[9] Num caso, devido as características do entrevistado, achei por bem deixar que falasse mais livremente sobre os assuntos, incluindo algumas partes de diálogo. Os resultados, para o escopo da pesquisa, não foram muito diferentes do que o obtidos com o roteiro mais fechado. Esta experiência mostrou que realmente não se justifica o tipo de entrevista mais aberta, pois os resultados não se multiplicaram na mesma proporção do que o trabalho de transcrição e análise de uma enorme quantidade de material que fugia às questões estudadas.

Foram poucos os casos em que um entrevistado fugiu um pouco da pergunta e discorreu largamente sobre um episódio. Também seguindo Thompson, deixei que falasse na convicção de que aquilo iria ter alguma relevância em seu devido momento.

"If you stop a story because you think it is irrelevant, you will cut off not just that one, but a whole series of subsequent offers of information which will be relevant" ***(Thompson,:172).***

Em quase todos os casos as informações proporcionadas nessas dispersões mostraram aspectos relevantes do caráter do sujeito, que permitiram analisar melhor seu discurso.

Tentei, sempre que possível, realizar as entrevistas na casa dos sujeitos, ou no seu local de trabalho desde que fosse fora do expediente. Somente numa ocasião isto não foi possível. Por sugestão do entrevistado, o encontro foi no seu local de trabalho, num sábado de manhã e, como previsível, houve interferência de fatores externos. A preferência pela residência do sujeito deu-se porque, fora do primeiro, que era amigo, eu não conhecia a casa de nenhum deles. Visitando a casa poderia ver seu nível de vida e realizar uma observação que permitisse conferir o que o sujeito relatava sobre a sua condição econômica. A escolha não era sem riscos. Poderia haver a interferência de outros membros da família, o que poderia levar à inibição do sujeito ou a respostas não totalmente sinceras.

"The presence of another person at the interview not only inhibits candour, but subtly pressurizes towards a socially acceptable testimony" ***(Thompson,:174).***

Esto último não aconteceu. Nos casos em que havia outras pessoas em casa (conjuges ou filhos) estes foram discretos e se retiraram do recinto, após conversar sobre amenidades durante alguns minutos. Um sujeito sugeriu vir à minha casa, e não coloquei objeções porque percebi que sua oferta era para facilitar o trabalho, era uma gentileza, um ato de boa vontade do entrevistado, que devia ser aceito[10]. Outro veio junto com a esposa, que era minha colega de faculdade, para fazer uma visita há longo tempo prometida. Foi este o único caso em que uma terceira pessoa participou da entrevista, a meu pedido[11], como observadora neutra, cujas opiniões foram gravadas depois, não só a respeito da metodologia da entrevista mas a respeito da sociedade brasileira e das suas hipóteses sobre o fascínio que ela exerceria nos estrangeiros, o que foi de grande valia.

O contato com os entrevistados foi facilitado porque cada sujeito foi recomendado por outro ou por um membro da minha família que o conhecia. (no Anexo II mostra-se graficamente como foi feita a corrente de entrevistas). Sempre, no primeiro contato, invoquei o nome da pessoa que tinha dado seu telefone e fui bem atendida. Isto confirma a observação de Thompson (:175) de que o contato é mais fácil se há alguma recomendação de um conhecido do potencial entrevistado.

"It will always be much easier if you can say that somebody else in the informant's own social network has recommended them".

---

[10] A boa vontade foi confirmada pois o sujeito interessou-se em colaborar ainda mais sugerindo outras pessoas para entrevista.

[11] Ela sugeriu retirar-se antes da entrevista começar, mas solicitei que ficasse.

Ao fazer o primeiro contato telefônico para marcar a entrevista pessoal, não foram dados mais detalhes do que o imprescindível.

"You need to explain very briefly the purpose of the reasearch" ***(Thompson:175).***

A conversação seguiu mais ou menos o seguinte padrão:

"Oi, meu nome é Margarita Barretto. Eu sou uruguaia, moro em Campinas há 17 anos, quem me deu seu telefone foi XXXX, (ou, em alguns casos, eu sou a esposa de XXXX, ou a mãe de XXXX)

Nesse ponto o sujeito respondia sim, pois não, ou como vai ele, ou sim, ele já me falou da sua pesquisa. Continuava então a explicação do assunto.

"Eu estou fazendo doutorado na Unicamp e estou fazendo um trabalho sobre os uruguaios que moram em Campinas. Seria possível marcarmos um encontro? Como está seu tempo?"

A seguir as pessoas davam sua disponibilidade, algumas diziam que queriam participar mas estavam preocupadas com o tempo. Uma chegou a dizer *"mi vida es un libro abierto, te cuento lo que quieras, el problema es cuando. Podría ser el domingo en el club?"* Apesar do que Thompson prevê entrevistas em lugares públicos, pareceu-me que um programa familiar no clube seria inviável, e não aceitei.

Nenhum dos sujeitos perguntou mais detalhes sobre o trabalho, nem na hora de marcar por telefone, nem antes de começar a gravar. Só perguntaram depois de realizada a entrevista, o que não deixa de ser surpreendente e merece ser analisado dentro da questão do estranhamento, como uma das vantagens de ser o outro "pero no mucho".

Não houve maior preocupação em discutir conceitos com os sujeitos, pois entendo que o fato de não dominarem com a mesma clareza algumas categorias de análise política ou social não os desqualifica como emissores de juízos de valor.

"Em inúmeros casos, e, sobretudo no campo da história política descritiva, o caráter impreciso do conteúdo dos conceitos não prejudica de modo nenhum a clareza da exposição" ***(Weber,:139)***

Ao mesmo tempo, parte da técnica da entrevista é não discutir com o informante, sobretudo quando contradizê-lo pode levar, não tanto a uma discussão intelectual mas a despertar traumas recalcados, como já foi discutido.

Quando o sujeito, livre e espontaneamente entrou em assuntos íntimos, deixei que falasse livremente, mas em momento nenhum discuti com ele ou tentei abrir uma janela para sua intimidade.

As entrevistas levaram, em média, uma hora. Houve um caso de um sujeito extremadamente parco, que em meia hora respondeu, com muito poucos detalhes, todas as perguntas, e, no caso já citado, em que deixei que o sujeito discorresse à vontade, foram feitas duas entrevistas gravando-se um total de 2h45.

O encerramento da entrevista aconteceu, ou quando houve interrupção de terceiros e o assunto estava praticamente encerrado, ou quando percebi que o sujeito no iria dizer muito mais, ou quando os assuntos ficaram todos tratados.

Um entrevistado trouxe a carteira de trabalho e o documento que mostra seu ingresso no país, mas espontaneamente. Não houve solicitação desse material da minha parte.

Em muitos casos houve convite para beber alguma coisa depois da entrevista, ou para escutar alguma outra história que não era pertinente ao caso, como aconteceu com o sujeito que, tendo respondido muito brevemente a todas as questões, depois discorreu durante uma hora sobre Gardel[12]. Em quase todas as ocasiões aceitei o que era oferecido, dependendo da intuição que me levava a perceber se a pessoa estava oferecendo "por cortesia" mas na verdade estava cansada. Isto aconteceu com E03, cuja entrevista acabou às 22:30 e que no dia seguinte precisava levantar às 6hs, e com E13 que tinha trabalhado o dia inteiro, e tinha à espera seus filhos e netos. Em outra ocasião, com E10, fatores externos me fizeram recusar; a entrevista acontecera num bairro afastado e o retorno devia ser feito por uma favela. Por estar escurecendo, recusei um café, com a compreensão e concordância da anfitriã.

Do registro das entrevistas

Para o registro das entrevistas foi usado um gravador marca Aiwa modelo TP 500, de pequenas dimensões, 11,5 x 9,5 x 2,5 cm., de pilhas, conhecido como "gravador de jornalista". Cada fita foi previamente numerada, e, depois de realizada a entrevista, escreveu-se na capa qual o número do entrevistado que estava de cada lado. Sendo que cada entrevista demorou, em média uma hora, praticamente há uma correspondência entre o número da fita e o número da entrevista. Foi feita uma ficha de entrevista, conforme modelo que consta como Anexo III, na qual consta o número da entrevista, nome e endereço do entrevistado, data da entrevista, número da fita, lado e as páginas a que cada lado corresponde na transcrição.

As transcrições foram feitas por mim mesma, num computador 286 utilizando o programa word 5,5 para DOS. Segui as orientações de Thompson (198), transcrevendo literalmente o conteúdo da fita, deixando de lado apenas algumas interjeições minhas, (ahá, sim, etc.) que, como foi dito antes, tinham como função manter o canal de comunicação aberto, mostrando ao sujeito que sua fala estava sendo seguida atentamente. Elaborei um código para os silêncios(...), para as interrupções(/) (que aconteceram, apesar das precauções), para as citações (*itálico*) e para as ênfases (<u>sublinhado</u>).

A transcrição das entrevistas foi feita imediatamente, foram poucos os casos em que comecei uma nova entrevista sem ter transcrito totalmente a anterior.

Se fosse preciso dar uma explicação estritamente racional, direi que esta conduta obedeceu ao fato de que, escutando a entrevista anterior, poderia perceber se algumas perguntas foram mal formuladas, ou se algumas respostas

[12] Cantor de tango morto nos anos 40 que ainda é o símbolo da música e da cultura popular do Uruguai e de Argentina.

A análise

A análise dos dados obedeceu ao método qualitativo, indutivo e fenomenológico. Foi indutivo porque os dados para análise surgiram da pesquisa, tanto das entrevistas quanto da observação.

"Inductive analysis means that the patterns, themes, and categories of analysis ..emerge out of the data" ***(Patton, 1990:390)***

As entrevistas foram submetidas a uma profunda análise de conteúdo, para procurar elementos comuns que permitiram inferir padrões de comportamento, de motivações e de atitudes.

"Content analysis is the process of identifying, coding and categorizing the primary patterns in the data. This means analyzing the content of interviews and observations" ***(Patton,:381)***

Numa primeira análise procurei agrupar, na medida do possível, as respostas comuns a cada uma das perguntas realizadas o que me permitiu trabalhar as hipóteses preliminares. Enquanto realizava essa leitura, fui classificando as diferentes partes dos discursos dos sujeitos, com uma indexação própria por assuntos. Só numa segunda leitura, fui identificando dentro dos assuntos, as categorias socio-antropológicas, e variáveis que me dariam subsídios para traçar um melhor perfil do grupo e para entender suas motivações.

Foram seguidos os passos da análise feonomenológica: tomar distância do objeto para evitar viéses, interpretar o significado das falas dos sujeitos, organiza-las em conjuntos com significado, eliminar dados superpostos, observar cada dado de diferentes pontos de vista, abstrair a experiência e descrevê-la, para, finalmente chegar a uma síntese estrutural na qual sejam descritos os significados, a essência da experiência.

"In the structural synthesis, the researcher looks ... to deeper meanings for the individual". This reveals the essence of the phenomenon" ***(Patton:409)***.

Foram abstraídas as categorias de identidade, desencantamento (com a política, com a sociedade), imaginário social (o país pequeno e pobre), alteridade, individualismo, fascínio, saudade, visão de mundo (despolitização, visão pragmática da cidadania, visão do Estado como protetor, conservadorismo, austeridade, confiança nos pares, peso da tradição), tolerância. Muitas destas categorias foram percebidas, não só pelas falas, mas pela entonação delas, pela firmeza do discurso, pela nostalgia dele ou pela paixão.[13]

Foram identificadas uma série de variáveis que podem ser divididas em três grandes conjuntos:

FATORES DE EXPULSÃO SENTIDOS PELOS SUJEITOS DA PESQUISA (mormente referidos à situação econômica ou a um espírito de aventura)

FATORES OBJETIVOS QUE PODEM TER FAVORECIDO A SAIDA (descontentamento e impossibilidade de reagir; o perfil do Uruguai como expulsor de população há muito tempo)

---

[13] É a paixão com que eles falam do "Brasil" e dos brasileiros que me fez pensar na categoria do fascínio.

FATORES DE ATRAÇÃO SENTIDOS PELOS SUJEITOS DE PESQUISA (mormente o imaginário do país grande e rico)

FATORES FAVORÁVEIS QUE PODEM TER FAVORECIDO A PERMANÊNCIA (condicionantes objetivas para o sucesso no Brasil, conjuntura histórica, ascensão social)

Foram identificadas a presença de outras variáveis que permitiram traçar um perfil do grupo, tais como a grande proporção de famílias incompletas[14], de católicos e de membros do partido Colorado.

Também foram verificadas contradições nos discursos, poucas autocríticas, afirmações curiosas e a existência de uma série de paradoxos envolvendo o funcionamento interno dos respectivos países analisados e a opção de emigrar.

Foi realizado um cruzamento entre a década de chegada, a formação do emigrado e seu sucesso econômico.

Foi detectada também uma relação entre o sucesso econômico e a migração em cadeia, mas sem aprofundar no tema. Também deu-se um tratamento superficial à questão o papel da mulher neste grupo de emigrados. Cada uma destas questões mereceria um estudo específico que foge ao escopo desta tese.

Finalmente, reorganizei os dados em forma coerente numa redação final, procurando mostrar, com tanto fundamento quanto possível, que o ato de emigrar está condicionado por fatores históricos, sociais e pessoais, dos quais os próprios atores muitas vezes nem têm consciência. Enquanto eles emigraram acreditando que a decisão de sair do país foi pessoal e condicionada a fatores econômicos conjunturais, este tese pretende aportar dados para demonstrar que eles passaram por um processo educativo, no sistema formal e no informal que acabou criando neles o desejo e a necessidade de sair, ação que pode ter sido favorecida, também por condicionantes familiares.

[14] Ver este conceito no Capítulo IV.

ANEXO I

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA RESIDENTES NO BRASIL

1.- Processo de migração

1.1.-Quando

1.2.-Como

1.3.- Por que

2.- Fonte de informação sobre o Brasil antes de vir. Imaginário do país de destino antes de emigrar.

3.- Dados sócio-econômicos no país de origem (Uruguai)

3.1.- Atividade

3.2.- Local de residência

3.3.- Escolaridade e tipo de escola (pública ou privada)

3.4.- Status residencial (proprietário ou não)

3.5.- Carro ou veículo próprio.

3.6.- Atendimento de necessidades básicas: alimentação, saúde, salubridade, abrigo, transporte coletivo.

3.7.- Experiências de violência, situações de stress, ou similares que digam respeito à qualidade de vida.

4.- Dados sócio-econômicos no país de destino (Brasil)

4.1.- Atividade

4.2.- Local de residência

4.3.- Escolaridade e tipo de escola (pública ou privada)(dos filhos)

4.4.- Status residencial (proprietário ou não)

4.5.- Carro ou veículo próprio.

4.6.-Atendimento de necessidades básicas: alimentação, saúde, salubridade, abrigo, transporte coletivo.

4.7.- Experiências de violência, situações de stress, ou similares que digam respeito à qualidade de vida.

5.- Inserção sociocultural

5.1.- Papel da escolaridade no atual sucesso profissional e no relacionamento com a comunidade em geral.

5.2.- O que mais lhe incomodava (ou incomoda) do Uruguai.

5.3.- Alguma coisa que o incomode do Brasil.

5.4.- Adaptação à sociedade receptora.

6.-Participação política

6.1.- Partido político a que pertencia ele ou a família

6.2.- Voto nas eleições do país de origem após a migração.

6.3.- Sentimento a respeito da impossibilidade de participação, tanto no país de origem quanto no destino.

6.4.- Significado de "ser uruguaio", "pátria", "bandeira", "tradição", "língua".

6.5.- Opinião sobre sua eventual participação política como forma de atingir no país de origem as mesmas condições de vida que no de destino.

7.- O que o país de destino lhe brinda, em termos sócio-econômicos e culturais, que o seu país não lhe brindava?

permitiam um enfoque mais adequado para um assunto com o entrevistado seguinte.

"la transcription immédiate des entretiens, leur examen à chaud, et la totalisation du savoir sociologique au fur et à la mesure qu'il s'accumule, paraissent la voie idéale. Elle améliore beaucopu le questionnement" ***(Bertaux,:211)***

Mas, confesso, que a opção de agir dessa forma, não foi baseada em Bertaux; agi dessa forma porque sentia uma necessidade íntima, que não posso explicar racionalmente, de ter finalizado totalmente o contato anterior. Cada entrevista era como um laço que começava e acabava, e não podia começar um novo relacionamento sem fechar totalmente o anterior.

Na ficha de transcrição foram colocadas duas observações que pareceram fundamentais, uma foi a contextualização da entrevista, como, onde e em que circunstâncias aconteceu e, a outra, as características do sujeito a partir do que já se conhecia dele ou se passou a conhecer no momento de ser apresentado. Esta preocupação situa-se dentro da perspectiva do *situacionismo metodológico*, para o qual o comportamento humano é reflexivo, sempre é influenciado pela situação.

"the data elicitation process itself, as well as circumstantial aspects of the data collection situation, can influence what informants say or do" ***(Aunger,:99)***

Estes dados "situacionais" ou "conjunturais" devem constar dentro da análise do cientista, pois podem explicar resultados diferentes para observações diferentes em outros momentos e por outros pesquisadores.

Foram realizadas anotações, também, sobre o que foi dito antes de ligar o gravador e depois de desliga-lo, anotando tudo num diário de campo. Isto permitiu constatar a coerência dos sujeitos com seu próprio discurso, como foi também comprovado por Guerrero (op. cit.)

Apesar de seguir com certo rigor as técnicas de Thompson (Cap.7) também na questão do registro, não achei necessário realizar um resumo de cada entrevista, nem tomar os cuidados com o direito autoral que o referido pesquisador tanto enfatiza . Acredito que para transformar um depoimento num documento de história, para um museu, por exemplo, onde pode haver uso público do material, seja justificado todo o zelo com a questão, mas penso que para uma tese isto não seja necessário. As fitas do doutorando pertencem à ele, e é dele a responsabilidade ética com o entrevistado. Este material foi obtido na base da confiança, e, embora nenhum entrevistado se mostrou receoso quanto ao uso, devo presumir que estes esperam que o que disseram seja, de certa forma, confidencial.

"The recording has been made with an implicit assumption of confidentiality, that must be respected" ***(Thompson, 1978:195)***

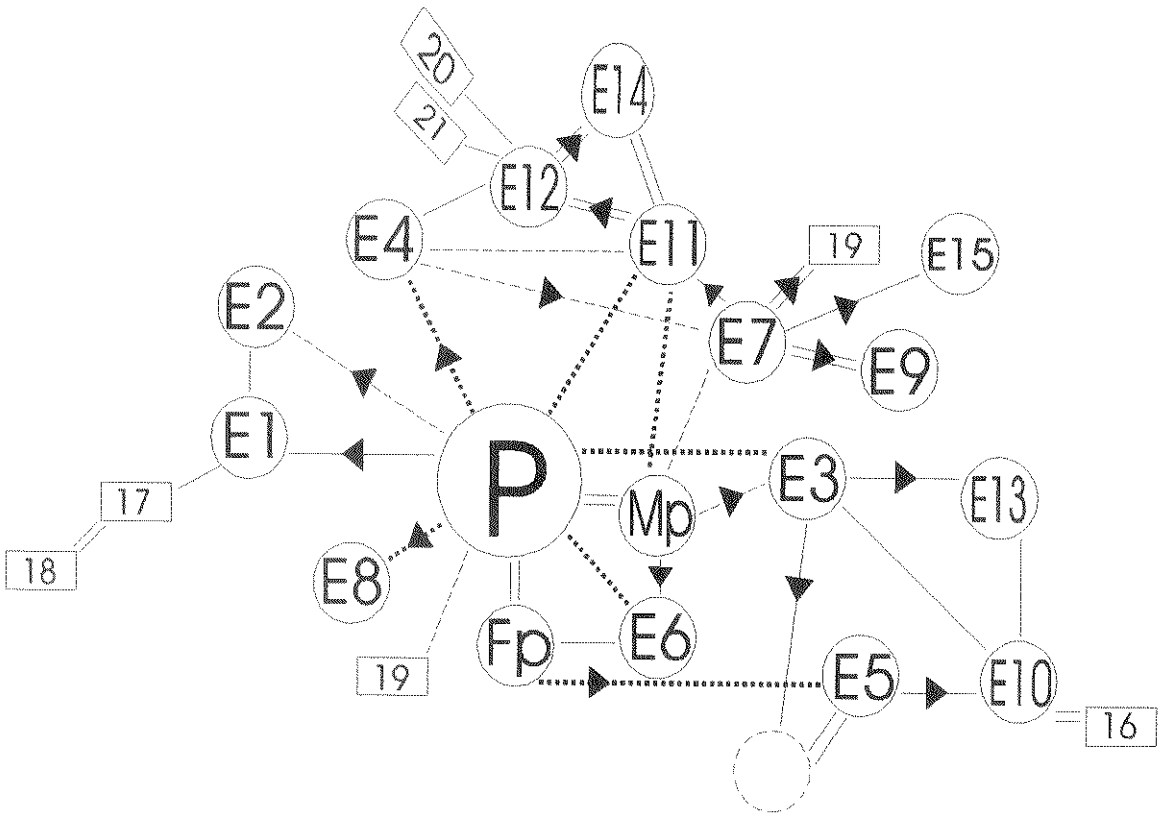
É por isso que os entrevistados são identificados com um número precedido da letra E. (E01, E02, etc.) e que não foram colocados seus nomes na tese.

ANEXO II

Cadeia de Entrevistas

Códigos:
= Parente; ¯Amigo; --- Conhecido ....Viu uma ou duas vezes
▭ Sujeitos potenciais para a pesquisa
◯ Entrevista marcada e cancelada

P= Pesquisadora Mp= Marido da pesquisadora Fp= Filho da Pesquisadora E= Entrevistado



O relacionamento de amizade entre os sujeitos 4 e 12, 10 e 13, 3 e 5 e 3 e 10 foi descoberto após as entrevistas de número mais alto.

Observa-se também que os entrevistados n. 6 e 8 não conhecem ninguém e que há blocos de amigos e conhecidos: 1,2,4/ 7,11,12/ 3,5,10,13. O primeiro e o último bloco não se conhecem.

ANEXO III

FICHA DE ENTREVISTA

No.

Nome:
Endereço:
Local de gravação: ( ) o mesmo ( ) outro
Entrevistador:
Data(s) da(s) entrevista(s)

FITA LADO PAGINAS TRANSCR.

Observações:

Dados gerais do entrevistado:

Contexto da Entrevista:

Observações metodológicas: Na transcrição utilizam-se os seguintes códigos: ... pausa de aproximadamente 3 segundos. Pausas maiores, uma reticência por cada segundo.

/ pergunta ou resposta interrompida pelo interlocutor.

RESUMO DA ENTREVISTA:

Capítulo I
Perfil do grupo pesquisado

Os sujeitos da pesquisa não constituem um grupo com existência real, a denominação de grupo será uma abstração conceitual para o trabalho. Como pode ser visto na página 30, muitas pessoas sequer se conhecem entre elas.

O perfil deste grupo é variado, estando contempladas todas as situações econômicas, assim como ideologias políticas e visões de mundo bem diversas, das quais tentarei tirar os pontos em comum que possam ajudar a compreender o processo de emigração.

Os dados serão apresentados na forma de quadros, para uma melhor visualização por parte do leitor.

Indicadores da situação sócio econômica no Uruguai

Para tentar situar estas pessoas dentro da pirâmide econômico-social, utilizarei indicadores tais como o lugar que eles ou quem os sustentava (os pais) ocupavam nos meios de produção, a posse de bens duráveis e o acesso aos serviços essenciais (educação e saúde)

Os dados revelam pessoas com profissões variadas e posições diferentes. Oito pessoas eram assalariadas, quatro ocupando cargos de chefia (três chefes de produção e um gerente). Quatro pessoas tinham sua loja ou pequena empresa próprias. Uma pessoa trabalhava de forma autônoma e duas estudavam sem necessidade de trabalhar.

Quadro nº 1

ATIVIDADE DO EMIGRANTE	ENTREVISTADO Nº
Assalariado	3, 5, 6, 12
Assalariado com cargo de chefia	4, 7, 10, 13
Lojista/ microempresário	1, 9, 11, 15
Trabalhador autônomo	14
Estudante	2, 8

As atividades dos pais dos entrevistados também variam. Há pessoas cujas mães não trabalhavam fora, exercendo as tarefas domésticas, e pessoas que tinham duas profissões. Aplicam-se para a análise as classificações de microempresário e de funcionário de multinacional, que os entrevistados não declararam. As pessoas definidas como microempresários eram, respectivamente, um, proprietário de uma serraria e de máquinas de tosquiar e, outro, dono de um abatedouro de gado. A multinacional era um frigorífico inglês. Define-se como "proprietários rurais" pessoas que tinham extensões de campo maiores do que um sítio porém menores do que uma fazenda, onde criavam gado ou plantavam cereais. Do total de quinze entrevistados, os pais de

sete eram proprietários de meios de produção e uma pessoa era proprietária de imóveis que lhe garantiam renda por conceito de aluguéis.

O entrevistado que estava em piores condições salariais ganhava U$300 por mês, o que não é um salário desprezível nem sequer no Brasil atual .

Quadro n° 2

ENTREV. N°	PROFISSÃO DO PAI	DA MÃE
1	Lojista	Funcionária pública
2	Fazendeiro	Do lar
3	Sitiante	Do lar
4	Falecido	Do lar
5	Proprietário rural[15]	Funcionária pública
6	Gráfico	Enfermeira
7	Microempresário rural	Do lar
8	Pedreiro	Faxineira
9	Microempresário rural	N/P
10	Barbeiro	Do lar
11	Proprietário rural	Do lar
12	Funcionário multin.	Do lar
13	Falecido	Do lar
14	Funcionário multin.	Do lar
15	Desconhecido	Proprietária de imóveis

Dos quinze entrevistados, doze eram filhos de proprietários do imóvel em que residiam. Há um caso de uma pessoa que era proprietária mas perdeu a casa no jogo e passou a ser arrendatária.

Onze entrevistados moravam com seus pais e quatro não. Destes últimos, três tinham suas próprias famílias constituídas. Um deles era proprietário de vários imóveis, dois alugavam a casa em que moravam e o quarto morava no hotel que gerenciava.

Quadro n° 3

STATUS RESIDENCIAL	ENTREVISTADO N°
Casa própria	1
Casa alugada por ele	13, 14
Morava no trabalho	7
Casa própria dos pais	1, 2, 3, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
Pais arrendatários	4, 6, 8,
Pai proprietário/arrendatário	10

O bairro de residência dos entrevistados só será tomado em conta para os que moraram, permanente ou temporariamente em Montevidéu, já que no

[15] Era também funcionário público.

interior as divisões territoriais não são tão definidas nesse aspecto. Das sete pessoas que moraram sempre em Montevidéu, duas o fizeram em bairros residenciais de alto padrão, duas em bairros classe média e três em bairros pobres. Das pessoas que moraram em Montevidéu e depois retornaram às suas cidades de origem, uma morou em bairro residencial durante sua estada e dois irmãos em bairro classe média[16]

Quadro n° 4

BAIRROS DE RESIDÊNCIA	ENTREVISTADO N°
Bairro residencial	1, 4, 5,
Bairro classe média	10, 12, 13, 14
Bairro pobre	6, 8, 13

Quanto aos veículos, três entrevistados tinham carro próprio, um deles também tinha moto. Quatro tinham moto e um tinha um jipe em sociedade com um primo. Quatro dos pais dos entrevistados tinha carro.

Quadro n° 5

VEÍCULOS	ENTREVISTADO N°
Carro próprio	2, 11
Carro próprio e moto	1
Moto	3, 4, 7, 15
Jipe em sociedade	6
Carro dos pais	5, 10, 9, 15

Acesso a serviços não essenciais

Quatro das pessoas, três homens e uma mulher, solteiros, chegam a declarar que sua vida era muito boa. Uma das entrevistadas, já com família constituída diz que vivia com o dinheiro justo mas não passavam necessidades, não tinham carro nem telefone, mas iam jantar fora e ao estádio de futebol com freqüência.

Três dos entrevistados tinham pessoal ao seu serviço, dois moradores da área urbana, um homem e uma mulher tinham empregada doméstica (o que não é comum no Uruguai) e outro entrevistado, que morava no campo, tinha peões.

Acesso aos serviços essenciais e qualidade de vida

Quanto ao atendimento de necessidades básicas: alimentação, saúde, salubridade, abrigo, transporte coletivo, nenhum dos entrevistados passou necessidades extremas como fome ou frio, ou falta de abrigo. Os dois homens cujas mães eram faxineiras nunca passaram necessidades básicas, mas um deles diz que nunca tinha para comprar as camisetas ou os tênis que queria e o

[16] São bairros similares ao centro de Barão Geraldo.

outro, que tomou banho de bacia até os dezoito anos porque na sua casa não havia água corrente.

Treze dos quinze entrevistados lembra a atenção médica do Uruguai, tanto a pública quanto a privada, como sendo boas. Esta última muito mais barata que no Brasil.

Dois dos entrevistados, porém, têm lembranças outras: um deles diz que lhe foi extraído um dente num hospital público, e lhe deixaram um pedaço dentro que infeccionou. O outro diz que sua mãe teve infeção hospitalar numa clínica privada com a qual tinha convênio médico[17] e que noutra, da qual ele era sócio com sua família, negaram-se a operar seus filhos de estrabismo se não pagasse por fora.

Todos os entrevistados, tanto os residentes em Montevidéu quanto os do interior, lembram o transporte coletivo do Uruguai como sendo bom, e muito bom se comparado com o de Campinas, do qual um dos entrevistados chega a dizer que tratam os passageiros como se estivessem transportando animais.

Quanto a experiências de violência, situações de stress, ou similares que digam respeito à qualidade de vida, nenhum dos entrevistados passou por experiências de violência civil, no sentido de ser assaltado ou algo similar. Um deles, do interior, emigrado na década de 1960, chega a dizer que esse tipo de violência no Uruguai não existia.

Oito dos entrevistados menciona a violência política da década de 1970, dois tiveram conhecidos presos pela ditadura, e uma entrevistada teve amigos desaparecidos. Três entrevistados tiveram experiências de violência política por acaso, um deles teve o seu apartamento revistado a procura de terroristas, outro foi a um show que acabou sendo reprimido pela polícia montada e um terceiro, do interior, estava em Montevidéu a passeio quando se encontrou no meio de uma manifestação na qual houve repressão militar. Outra das pessoas, emigrada na década de 1960 declara que não viu nunca nada de violência, porém conta um episódio em que a cunhada esteve à beira de um colapso nervoso quando viu a polícia enquanto estavam a passeio por Montevidéu, depois de findo o período da ditadura. Outra das pessoas, emigrada na década de 1940 foi visitar o médico da sua família que era preso político, na década de 1970, e foi maltratado. Outro entrevistado era jogador de futebol e conta que foi suspenso da liga por brigar dentro do campo durante um jogo, e que brigou na rua com outro homem por causa de uma namorada.

Os dois entrevistados que eram filhos de faxineira, (que não se conhecem entre eles) declararam que a violência de que foram vítimas foi a de não terem trabalho.

Local de procedência

Dos quinze entrevistados, cinco são pessoas que nasceram e sempre moraram em Montevidéu, capital do Uruguai. Duas moravam em Montevidéu na hora de emigrar porém eram nascidas no interior, perfazendo um total de

[17] Chamadas "mutualistas" ou "sociedades médicas", estas clínicas são hospitais privados aos quais o usuário se associa, pagando uma cota mensal, tendo todos os direitos de atenção médica.

sete pessoas que vieram de Montevidéu para Brasil. Das restantes oito pessoas, três tinham residido em Montevidéu durante um ano, e tinham retornado a suas respectivas cidades de origem, e seis vieram diretamente do interior, sem ter morado em outro lugar.

Quadro n°6

PROCEDÊNCIA	ENTREVISTADO N°
Montevidéu	1, 4, 6, 8, 10, 13, 14
Interior	2, 3, 5, 7, 9, 11, 12, 15

O movimento destas pessoas não foi apenas dentro do Uruguai; houve pessoas que saíram também para o exterior, com o qual pode-se dizer que a migração para o Brasil foi precedida de outras anteriores temporárias.

Quadro n° 7

MIGRAÇÕES ANTERIORES	ENTREVISTADO N°
Moraram em Mdeo e voltaram	5, 11, 12
Moraram no exterior e voltaram	1, 6

Nível de Instrução

Ao chegar ao Brasil os entrevistados tinham diversos graus de escolaridade, variando entre primário incompleto até três anos de faculdades (universitário incompleto). Há um entrevistado que não cursou propriamente colégio técnico mas sim uma academia particular equivalente, que era o que havia na época para adquirir conhecimentos de nível técnico em contabilidade e correspondência comercial, portanto sua escolaridade será classificada como técnico. Das duas pessoas que tiveram sua faculdade incompleta, uma é mulher. Também é mulher a entrevistada que fez apenas um semestre de curso técnico.

Quadro n° 8

NIVEL ESCOLARIDADE	ENTREVISTADO N°
Primário incompleto	7, 15
Primário completo	9, 12
Secundário comum	1, 4,
Secundário técnico	2, 3, 8, 11, 13, 14
Um semestre de técnico	10
Um ano de faculdade	5
Três anos de faculdade	6

Dos entrevistados, apenas um cursou todos os anos de escola numa instituição particular. Os quatorze restantes fizeram, ou o primário ou o secundário em escola pública.

Quadro n° 9

TIPO DE ESCOLA	ENTREVISTADO N°
Particular laica, 1o e 2o graus	1
Primária pública exclusivamente	5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15
Primária parcial escola católica	2, 3, 4, 12, 14
Secundário católico	12, 14
Particular laica equiv. 2o. grau	11

A migração e os motivos alegados

As pessoas entrevistadas chegaram entre as décadas de 1940 e as de 1990. Um terço, ou seja, cinco dos entrevistados chegaram na década de 1970, três o fizeram na década anterior (1960) e três na seguinte (1980), dois na de 1940: um chegou na década de 1950 e um na de 1990.

Quadro n° 10

DÉCADA DE CHEGADA	ENTREVISTADOS No
1940-1950	9, 11
1951-1960	12
1961-1970	2, 10, 14
1971-1980	3, 4, 5, 7, 13
1981-1990	1, 6, 8
1989-1991	15

Quando chegaram ao Brasil, os entrevistados tinham idades que oscilavam entre os 17 e os 32 anos. A maior parte, nove pessoas, tinha entre 21 e 24 anos, três tinham entre 28 e 32, um tinha 17 e outro tinha entre 25 e 27.

Quadro n° 11

FAIXA ETÁRIA	ENTREVISTADO No
17 anos	8
21 a 24 anos	2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12
25 a 27 anos	15
28 a 32 anos	1, 13, 14

Três das entrevistadas foram mulheres, e doze homens. A maior parte dos entrevistados, sete homens, fixou residência após uma primeira visita exploratória, já com intenção de emigrar. Retornaram ao Uruguai e novamente ao Brasil, Um dos entrevistados fixou residência após vir fazer um curso e apaixonar-se por uma paulista e outro porque a esposa, brasileira que morava no Uruguai, precisou retornar por problemas familiares. Ambos também estiveram um tempo no Brasil, retornaram ao Uruguai e novamente emigraram para o Brasil. Quatro dos entrevistados vieram com contrato de trabalho; num

dos casos o contrato não foi renovado mas o entrevistado ficou trabalhando de forma autônoma. Uma das entrevistadas veio porque o marido tinha contrato de trabalho, portanto pode ser incluída entre as pessoas que vieram com contrato, o que perfaz um total de cinco, um terço dos entrevistados. Três das pessoas vieram convidadas por seus respectivos tios, uruguaios já residentes em Campinas. Este quadro mostra um leque bastante amplo de formas de imigração, das românticas, como nos casos dos entrevistados de número 4 e 15, até a cadeia familiar. A maior parte, porém, seis pessoas, veio sem contrato, por própria conta e risco, seguidos de cinco pessoas que vieram com contrato. Quanto às mulheres, todas vieram com garantias, uma, solteira, com contrato próprio, outra, casada porque o marido fora contratado e a terceira, casada, convidada por um tio e um irmão.

Quadro n° 12

COMO VIERAM AO BRASIL	ENTREVISTADOS No
Visita exploratória a procura de trabalho	2, 3, 7, 8, 12, 13
Por causa da namorada	4, 15
Contrato temporário	1, 9
Contrato de trabalho do marido	5
Contrato estável	10, 11
Convite de um tio	7, 12, 14

As motivações declaradas pelos entrevistados variam pouco, a maior parte têm uma justificativa econômica sob diferentes versões. Há pessoas que alegam duas razões. Quatro das pessoas, todos com formação na área técnica de segundo grau, declararam que no Uruguai não tinham perspectivas de trabalho, dentro delas incluída a entrevistada N° 5, que refere-se às possibilidades do seu marido. Um destes declara que todos seus amigos estavam emigrando. Ao mesmo tempo esta entrevistada, assim como a N° 10 declararam, como motivo, que no Uruguai não conseguiam seguir a carreira universitária que queriam. A terceira entrevistada, que veio convidada pelo tio, declara que não vivia mal no Uruguai, porém tinha expectativas de um futuro melhor no Brasil. Três dos entrevistados, dois homens e uma mulher (a mesma que disse não ter podido cursar universidade como gostaria), vieram com ofertas irrecusáveis de trabalho. Dois deles, além do salário, tinham moradia e alimentação garantidas, além de quantas passagens quisessem para ir ao Uruguai visitar a família. Dois entrevistados alegaram ter perdido um negócio no Uruguai, no qual, inclusive, ganhavam melhor do que no Brasil; um destes alega também ter sido contratado por uma empresa para vir ao Brasil. Os dois entrevistados que vieram por causa das namoradas, não estavam desconformes com sua situação econômica, porém um deles via que todos os seus amigos emigravam ou para Austrália ou para os Estados Unidos. Semelhante é o caso dos dois homens que vieram convidados pelos respectivos tios; declaram que sua vida no Uruguai era boa, e vieram apenas tentados pelos tios, com a condição de retornar se não gostassem. Um dos entrevistados veio para assistir o festival de música "Rock in Rio", gostou do Brasil e decidiu ficar.

Quadro n° 13

MOTIVOS ALEGADOS PARA A EMIGRAÇÃO	ENTREVISTADO No
Não via perspectivas de trabalho no Uruguai	2, 3, 5, 13, 14
Perdeu um negócio	1, 6
Foi contratado para vir ao Brasil	1, 9, 10, 11
Veio convidado pelo tio	7, 12, 14
Veio por causa da namorada	4, 15
Todos seus amigos estavam emigrando	4, 13
Quintuplicou seu salário ao chegar ao Brasil	5

A condição de residentes definitivos

As pessoas que vieram nas décadas de 1940, 1950 e 1960 obtiveram seus documentos de radicação definitiva (visto de estrangeiro permanente), ou através do consulado brasileiro no Uruguai, ou porque as empresas contratantes fizeram as gestões. Das pessoas que vieram na década de 1970, o marido da entrevistada E05 os obteve por gestão da empresa, e ela por casamento, outro entrevistado os obteve por casamento com uma brasileira, outro durante uma anistia na década de 1980 e outro após um ano de gestões com despachante. Um dos imigrantes desta década os obteve diretamente na Polícia Federal de São Paulo após um confuso episódio com um despachante desonesto. Das pessoas que vieram na década de 1980 um teve seus documentos providenciados pela empresa, outro o obteve por casamento e outro está em situação clandestina. A pessoa que veio em 1990 está em vias de obter os documentos por casamento.

Quadro n° 14

DÉCADA	FORMA OBTENÇÃ DOS DOCUMENTOS	ENTREVISTADO No
1940	Através do consulado	9
	Providenciados pela empresa	11
1950	Através do consulado	12
1960	Através do consulado	2
	Providenciados pela empresa	10
	(Não foi perguntado)	14
1970	Providenciados pela empresa	5 (marido)
	Por casamento	4, 5,
	Por anistia	3
	Por despachante	7
	Na Polícia Federal	13
1980	Providenciados pela empresa	1
	Por casamento	6
	Não tem documentos	8
1990	Por paternidade	15

Inserção sócio-econômica no país de residência

As atividades exercidas pelos entrevistados, atualmente, e o nível de ingressos no país receptor, Brasil, variam. Quatro dos quinze continuam exercendo a profissão na qual se formaram ou especializaram. O entrevistado E03, o marido da entrevistada E05 e o entrevistado E13 formaram- se como técnicos e continuam na mesma área, com sucesso. A entrevistada E14 continua trabalhando como modista e quando, por duas vezes, tentou realizar outra atividade, não teve sucesso.

Quanto às mudanças de profissão dos entrevistados, há um técnico agrícola que é vendedor, um especialista em controle de qualidade de lâminas de barbear que é corretor de imóveis, um estudante de economia que é professor de tênis, um torneiro mecânico que faz desenho publicitário, uma pessoa que fez escola de comércio e um mecânico, na construção. Quanto às duas mulheres que atualmente são donas de casa, uma delas queria estudar para enfermeira instrumentista, e trabalhou muitos anos em loja; a outra queria estudar medicina e trabalha na cantina da escola dos filhos.

Quadro n° 15

PROFISSÃO ATUAL	ENTREVISTADO N°
Vendedor	1, 2, 4, 7
Técnico	3, M5
Construtor aposentado	11
Dona de casa	5,10
Economia informal	8
Professor de tênis	6
Gerente de loja e vendedor autônomo	7
Mestre de obras	12
Representante comercial	9
Dona de casa	10
Dono de empresa	13
Costureira, comerciante	14
Funcionário da Prefeitura	15

Dentro desta diversidade de profissões, há um comum denominador: dos quinze entrevistados, apenas dois tem salário propriamente. Os outros ingressos provêm de comissões ou retiradas pró-labore ou uma combinação de ambas.

Dos assalariados um deles, técnico, ganha U$ 5000,oo[18] e o outro, que veio com primeiro grau incompleto, ganha U$ 500,oo[19] Há três vendedores e

[18] Não se trata propriamente de um entrevistado mas do marido de uma entrevistada, que é dona de casa. Sendo que vieram por causa do emprego dele e que é ele quem tem o salário, para efeitos de estudo de sucesso econômico serão utilizados os dados dele.

[19] No momento da redação da tese a renovação do seu contrato estava condicionada à obtenção da documentação e às novas leis de contratação da nova administração municipal.

um técnico que trabalham a comissão, com ingressos que oscilam entre os 2500 e os 5000. Há um gerente de loja que também vende embalagens e um mestre de obras que ganham aproximadamente U$ 2000,oo. Há três pessoas que são proprietárias de meios de produção e suas retiradas pró-labore oscilam entre U$ 1500 e 5000. Há três pessoas que são trabalhadores autônomos sem registro, que ganham por trabalho realizado (costura, aulas e desenho publicitário) cujos ingressos são de 1500, 1000 e 700,oo respectivamente.

Há um microempresário que não possui patrimônio imóvel, dedica-se à prestação de serviços e sua renda tem muita oscilação.

No momento da entrevista, um dos técnicos estava na transição de assalariado de uma firma para associado de uma microempresa da área industrial e não tinha um salário propriamente, mas reservas do emprego anterior.

Um ano depois da entrevista, um dos vendedores tinha perdido a representação do produto que vendia e estava vivendo apenas da aposentadoria da esposa.

Quadro n° 16

INGRESSOS	ENTREV. N°
5000	5
5000	3
5000	13
5000	11
2500 a 5000	1
2500 a 5000	2, 4
2000	7 Trab. p/ tio
2000	12 idem
1500	9
1500	14
1000	6
700	8
500	15

Obs.: Os ingressos provêm de salários, comissões, retiradas pró-labore ou remuneração por serviços autônomos. O salário do marido da entrevistada E10 não foi perguntado.

De todos os entrevistados, seis contam também, ou contaram durante um tempo com os ingressos das suas esposas para compor a renda familiar. A entrevistada n°10 também trabalhou durante mais de dez anos. O entrevistado n°4 está atualmente separado mas sua esposa trabalhava e atualmente é proprietária, não onerando o entrevistado com a separação. Três dos entrevistados casados têm esposas com emprego e salário fixos, e dois tem esposas com um negócio ou um consultório instalados.

Dos quinze entrevistados, doze têm casa própria. Os que são proprietários dos meios de produção tem várias propriedades. O entrevistado

E09 tem casa, loja e escritório próprios; o entrevistado E11 é proprietário da casa onde mora e também de uma clínica em construção; também deu uma casa para cada um dos três filhos. O entrevistado E13 tem casa e chácara. A casa em que mora atualmente é humilde num bairro operário mas está construindo uma casa boa num bairro residencial.

Quadro n° 17

STATUS RESIDENCIAL	ENTREVISTADO No
Casa própria	2, 3, 4, 5, 7, 10, 12, 14
Casa alugada	1, 8, 15
Várias propriedades	1, 11, 13
Quarto e banheiro no serviço	6

Das pessoas que moram em Campinas, seis estão na zona norte, nos bairros nobres, (mesmo o entrevistado que mora num quarto dentro da academia em que leciona); três estão no centro, na parte residencial, três na zona sul em bairros residenciais de classe média e um mora na zona oeste, num bairro operário, numa casinha de fundos.

Quadro n° 18

ZONA DE RESIDÊNCIA	ENTREVISTADO No
Norte	1, 2, 4, 5, 6, 11, 14
Sul	3, 7, 10,
Oeste	15
Atibaia	13

Treze dos entrevistados tem carro, nove tem um carro para a família toda e três tem um carro para ele e outro para a esposa. Na casa da entrevistada E10 há dois carros, um para o marido e outro para o filho solteiro, pois ela prefere andar de ônibus a dirigir.

Quadro n° 19

CARRO NA FAM.	ENTREVISTADOS No
Hum	1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 13, 14
Dois carros	2, 10, 11, 12
Sem veículo	8, 15

Possibilidades de alocação em classe social

Baseado nos estudos de Drudy (1991:21) que diz que atualmente os paradigmas utilizados para estratificação social na pesquisa sociológica são o weberiano e o marxista, utilizar-se-á a divisão em classes feita por Poulantzas a partir das categorias básicas de Marx. Poulantzas divide as classe em Burguesia, Pequena Burguesia e Classe Trabalhadora. A pequena burguesia, por sua vez, divide-se em nova e tradicional.

Os sujeitos entrevistados até o dia 31 de Janeiro de 1996 podem ser classificados como segue:

Pequena Burguesia:
Nova: 2 técnicos, 4 vendedores, 1 gerente = 7
Tradicional: 3 proprietários de microempresas familiares = 3
Trabalhadores: 1
Fora do sistema: 2 (Economia informal)

Se for utilizada a Escala de Hutchinson (1960), baseada na Relação de Ocupações, teríamos um resultado similar. Na Categoria III que inclui "Posições mais baixas de supervisão ou inspeção de ocupações não manuais, proprietários de pequenas empresas comerciais, industriais, etc., teríamos os três proprietários de microempresas familiares. Os quatro vendedores e o gerente, estariam incluídos na Categoria IV, "Ocupações não manuais de rotina e Assemelhadas". Os dois técnicos estariam também incluídos neste item porque sua formação é terceiro grau, similar à do Técnico de Laboratório e não à do Técnico de TV que está na Categoria VI desta escala. O trabalhador seria colocado na Categoria V, "Supervisão de Trabalho manual e ocupações assemelhadas". Mesmo os entrevistados que estão fora do sistema na primeira classificação, podem ser incluídos na Categoria IV pois um exerce funções de artista e outro de professor desportivo, incluídas nesta categoria.

A escala de Hutchinson prevê sete categorias , ou seja que os sujeitos estão exatamente no estrato médio. O único que teria uma modificação na posição seria o trabalhador, que, dentro da classificação de Poulantzas estaria no degrau mais baixo e dentro da relação de ocupações está nos estratos médios.[20]

Acesso aos serviços essenciais e qualidade de vida

Quanto à educação dos filhos, três entrevistados ainda não tem filhos em idade escolar e, dos doze restantes, cinco escolheram escolas particulares para seus filhos, uma delas católica tradicional (E14). Três deles tiveram seus filhos um tempo em escola particular, uma delas religiosa, e depois os transferiram para a escola pública.

Quadro n° 20

TIPO DE ESCOLA	ENTREVISTADO No
Particular exclusivamente	1, 2, 7, 9, 14
Pública exclusivamente	5, 13
Particular/pública	4, 10, 11
Não freqüentam	3, 6, 15

[20] Os entrevistados E07 e E012 são os que vieram nas melhores condições, trazidos por seus tios, vieram com o apoio afetivo que faz falta aos os imigrantes em geral, durante o tempo necessário moraram na casa dos tios, tiveram ajuda financeira destes, salários e outras despesas pagas. Curiosamente estão numa das faixas de renda mais baixas do grupo pesquisado, o que não será analisado por escapar ao tema central deste trabalho.

Quanto ao atendimento médico, tanto o particular quanto o público, as experiências que as pessoas contam divergem. Quatro pessoas dizem que o atendimento médico particular é bom, (um deles conta, inclusive, que foi atendido por um médico particular, em São Paulo, na década de 1970, que não quis cobrar a consulta), e quatro contam experiências ruins.

Duas pessoas declaram terem sido bem atendidas em postos de saúde municipais, uma delas inclusive contou que o atendimento foi bem melhor no "Brasil" do que no "Uruguai" (em Atibaia do que em Montevidéu).

Uma das pessoas diz que ela pessoalmente sempre foi bem atendida no INPS e por convênio, mas que viu o mal que são atendidos os pobres no hospital da Pucc, em cujo Pronto Socorro precisou esperar seis horas para que atendessem um empregado seu.

Já quatro pessoas acham o atendimento horrível, uma delas chega a dizer que tem medo de ficar doente no Brasil. Outro machucou o pé e precisou voltar para o Uruguai para sarar pois aqui não conseguiam acertar o tratamento. Outra entrevistada declara que o atendimento é horrível e conta que um ortopedista torceu seu braço fraturado porque estava com raiva de ter sido chamado num feriado. O entrevistado E15 chega a dizer que as pessoas nos hospitais não são tratadas como seres humanos.

Quanto a experiências de violência, situações de stress, ou similares que digam respeito à qualidade de vida, nove dos quinze entrevistados sofreram algum tipo de agressão direta contra sua pessoa ou seu patrimônio. Uma das pessoas teve sua filha de três anos roubada por uma mulher e a recuperou após uma perseguição nas ruas do centro. Apenas quatro pessoas nunca tiveram problemas. Três delas não parecem preocupadas com o assunto[21],outra vive angustiada com a possibilidade e a outra mora num bairro com apenas duas entradas com segurança particular 24 horas que não deixa sequer circular carros estranhos.

Há pessoas que tiveram mais de uma experiência violenta, como no caso da entrevistada E14 que foi assaltada a mão armada, depois teve sua bolsa roubada na rua e agora praticamente não sai para não deixar a casa sozinha.

Há casos estranhos de violência como o abalroamento intencional do carro sofrido pelo entrevistado E3, que, depois de ultrapassar outro carro na estrada, foi perseguido por este, e abalroado.[22]

---

[21] Uma delas mora em Atibaia onde não há a violência que há em Campinas, onde, para a data de fechamento da tese estava havendo uma das mais altas taxas de criminalidade do país.

[22] O episódio não foi contado expressamente na entrevista, pois era de conhecimento prévio da entrevistadora, pois acontecera um dia em que o entrevistado visitava esta em sua casa, aproximadamente dois anos atrás. Na entrevista a referência é a "aquele episódio".

Quadro n° 21

EXPERIÊNCIAS VIOLENTAS	ENTREVISTADO No
Assalto a mão armada	6, 11, 12, 14
Roubo/ Furto	1, 4, 5, 7, 14
Abalroamento intencional	3
Roubo de filho	7
Nenhuma	2, 8, 9, 10, 13
Conviveu c/violência	15

Quanto à inserção sociocultural dos entrevistados, os homens que vieram solteiros casaram-se, na maioria dos casos, com mulheres com maior escolaridade que eles. As pessoas que vieram com segundo grau, ou técnico, casaram com universitárias e pós graduadas. Dos que vieram com primeiro grau, um casou com uma universitária e os outros com moças com segundo grau ou técnico. A exceção à regra é o entrevistado n°6, que foi o que veio com mais escolaridade e o único que casou com alguém com menos escolaridade que ele.

Quadro n° 22

ENTREVISTADO N°	NÍVEL EDUC.	NÍVEL EDUC.CONJUGUE
1	2o G	Pós Grad.
2	Técnico	Universitário
3	Técnico	Universitário
6	Univ. incompleto	2o. G
7	Primário	2o. G
8	Técnico	Pós Grad.
11	2o G	Pós Grad.
12	Primário	Universitário
15	Primário	Técnico

Visão de Mundo

Dentro desta categoria, apresentarei os pontos em comum extraídos dos depoimentos, começando pela filiação partidária e religiosa que, como será visto em capítulos posteriores, de alguma forma, ajudará a justificar sua visão do Estado, do país em que nasceram e do país em que residem assim como a própria decisão de emigrar.

Quanto ao partido político a que o entrevistado ou a sua família pertenciam, há dois entrevistados que são do partido "Blanco" e sua família também; um terceiro era de uma dissidência do próprio partido Blanco, a "Unión Cívica". Cinco pessoas são do partido "Colorado" assim como suas famílias. Seis pessoas são de partidos diferentes do partido dos progenitores. Há três 'Frenteamplistas" de família Colorada, dois Colorados de família Blanca e um Frenteamplista a quem não se perguntou a filiação da família, mas deixa claro, na entrevista, que eram Colorados. Em total há sete pessoas que se identificam com o partido Colorado e nove com famílias dessa extração

partidária. Há um caso de um anarquista em cuja família havia Colorados e Frenteamplistas.

Quadro nº 23

PARTIDO POLÍTICO		
	DO ENTREVISTADO	DA FAMÍLIA
1	Colorado	Colorado
2	Colorado	Colorado/Ruralistas
3	Blanco	Blanco
4	Colorado	Blanco
5	Frente Amplio	Colorado
6	Frente Amplio	Colorado
7	Colorado	Colorado
8	Anarquista	Colorado/Frente A.
9	Colorado	Colorado
10	Frente Amplio	Colorado
11	Colorado	Blanco
12	Unión Cívica	Blanco
13	Frente Amplio	Colorado
14	Blanco	Blanco
15	Colorado	Colorado

Quanto à formação religiosa, todos menos um, são católicos. O entrevistado E02 foi a um colégio católico bem conservador, Sagrada Família, o mesmo em que seu pai tinha sido educado como interno.

E09 diz que desde criança lê a bíblia todos os dias.

E10 deixava os filhos numa creche de irmãs de caridade e depois os colocou em duas escolas católicas bem tradicionais, o São José, salesiano e o externato São João.

E11 foi coroinha.

E14 foi a colégio católico e mandou sua filha a um colégio católico também. O marido dela também estudou marcenaria em colégio católico.

Visão do "Uruguai" e do "Brasil"

Os entrevistados respondem sobre os dois países em geral, mas, na verdade, eles conhecem apenas as cidades onde moraram em ambos. Alguns conhecem um pouco mais do Uruguai, mas, do Brasil, a maior parte só conhece Campinas, outros também São Paulo e apenas um morou um tempo no sul.

Sobre o que mais lhes incomodava ou lhes incomoda do Uruguai, a maior parte das críticas é para a lentidão que há no Uruguai, tanto para o comércio quanto para a ascensão dentro do mercado de trabalho. Criticam também o conservadorismo e a hipertrofia do Estado. Mas sua visão do país é, em geral,

positiva, no que os resultados da minha pesquisa diferem dos de Guerrero (1992: 346). Ela constatou, que os uruguaios (assim como outros latino-americanos) têm um *"intenso sentimento de rejeição a seus países de origem, assim como à idéia de pátria"*. Os uruguaios entrevistados por ela citaram apenas dois atributos positivos do seu país entre uma lista de doze negativos (p.311), o que a autora chama de "valorização cultural negativa" em relação ao país de origem.

Quadro n° 24

INCOMODA NO URUGUAI	ENTREVISTADO N°
Hipertrofia do Estado	2, 3, 11
Os políticos	1, 3, 4
O conservadorismo das pessoas	5, 9,
O ódio que existe entre as pessoas	15
Lentidão	2, 3, 5, 6, 7, 13
Ser insignificante para o mundo	8
A escola piorou e há mais miséria agora	2, 3, 5

Os sujeitos da amostra trabalhada nesta pesquisa, ao contrário, apresentam uma imagem que, de certa forma, parece idealizada, comprovando que a memória traz elementos míticos[23]. Sua atitude para com o país de origem é, de uma certa forma, saudosista, cultivando a roda de chimarrão, a partida de truco, o churrasco, e a festa da independência; torcendo pelo Uruguai nos jogos de futebol, escutando discos de Gardel.[24]

De todos os entrevistados, dois declararam que nada no Brasil lhes incomoda. Os treze restantes porém, declaram mais de uma coisa. Aparecem a violência e a insegurança mas poucas pessoas percebem a ligação destes problemas com a miséria. Apenas o entrevistado E08, que é uma pessoa de origem pobre e que continua pobre, diz que não é tanto o que lhe incomoda mas lhe dói, tem vontade de fazer da luta deles sua luta. O entrevistado que vive mais pobremente, e com status social mais baixo, o E15, diz que lhe incomoda mal atendimento nos bancos, hospitais, lojas, onde *"você não é atendido como um ser humano"*. Muitos deles declaram que o Brasil não têm desculpa para ter pobreza porque é um país rico (o Uruguai tem desculpa porque é um país pobre, de acordo com eles)

[23] Apenas dois sujeitos admitem estar ressentidos com Uruguai. Um porque não conseguiu um emprego ao qual tinha direito e o outro por atribuir o suicídio do seu pai à política econômica. Este último chega a justificar negativamente a melhor preparação técnica que os Uruguaios trazem, dizendo que é melhor porque lá eles precisam de mais criatividade devido a que trabalham com equipamentos muito obsoletos.

[24] Isto não deve ser confundido com a categoria de etnicidade, que, como era previsível, não aparece no grupo pesquisado

Quadro nº 25

INCOMODA NO BRASIL	ENTREVISTADO No
Doença, desnutrição, fome, miséria	2, 4, 8, 10, 11
Violência/ insegurança	3, 5, 7, 10, 11, 14, 6,8
O abuso com o próximo da classe média	6
Os políticos ou a política	1, 3, 10, 11, 13, 14
"O famoso *fazer o que*" (sic)	5

O que os entrevistados mais gostam do "Brasil", além de algumas pessoas que falam de aspectos físicos como as praias e o clima, é o POVO, especificando que trata-se das pessoas menos favorecidas, as classes baixas. Um entrevistado resume numa frase "O brasileiro é maravilhoso"(E13) e outros referem: a humildade das pessoas, a capacidade de serem felizes, o espírito livre do povo, a generosidade do povo, a hospitalidade do povo, a humanidade, a fraternidade do povo, a honestidade do povo.

A integração total via naturalização

Há duas formas em que os Estados vêem a questão da naturalização, uns aplicam o jus solis e outros o jus sanguinis

Os Estados de tradição assimilacionista, entre os quais pode-se citar a França, aplicam o jus soli e permitem que os filhos de imigrantes nascidos no seu solo adquiram a nacionalidade. Já os Estados germânicos, de tradição diferencialista, (quando não drasticamente dissimilacionista) aplicam o critério do jus sanguini, ou seja, dão o direito de aquisição da cidadania apenas aos filhos dos seus cidadãos.

"French patterns of state nation building furnished...a model of effective...assimilation. Instead...Germany, like...central Europe..has ...a tradition with...three faces: ...benignly differentialist;...harshly assimilationist and invidiously dissimilationist" ***(Brubaker,1994:177)***

O Brasil é um país que oferece muitas facilidades para a naturalização, podendo ser colocado dentro da categoria dos países "assimilacionistas", que permitem que os residentes adquiram a cidadania mediante trâmites relativamente simples e baratos.

Neste momento histórico pode-se dizer, até, que Brasil é mais assimilacionista para permitir a naturalização do que para permitir a residência de estrangeiros. Para quem já mora no país, é mais fácil naturalizar-se do que para um recém chegado obter o visto de residente.

Quatorze dos quinze entrevistados, porém, não pretendem naturalizar-se, apenas o entrevistado E01 manifesta intenções de naturalizar-se para poder votar e ter direito a cobrar atitudes dos políticos. O entrevistado E13 esclarece que naturalizar-se-ia como uma mostra de gratidão para com o país, mas não disse que pretendesse fazê-lo, enquanto que os treze restantes nem cogitam adquirir a nacionalidade brasileira, a não ser que fossem forçados por questões econômicas ou para conseguir um emprego público (grifos meus)

"siempre me sentí con los mismos derechos que un brasilero. Fui a la Caixa Econômica con la Modelo 19 y conseguí un crédito...Tengo todos los derechos, no tengo

necesidad ninguna, por que me voy a nacionalizar. Alguna ventajita, puede tener, algún empleo público alguna cosa, más yo siento que estoy renunciando a una nacionalidad, para cambiar por otra que no la necesito porque tengo el mismo cariño, tengo los mismos derechos, me siento muy bien".(E11)

"no me naturalicé brasilero porque la verdad que ... Los derechos de nosotros contra los brasileros, la única cosa que yo no puedo ser es presidente de la república (risos) O no puede ser, ser presidente de alguna institución del gobierno, mas, también nunca he querido ser porque nunca aspiré a una cosa de esas. Eso a mi de ser brasilero o ser uruguayo, o de naturalizarme, solo si fuese por una, por una situación, por una situación que me forzaran "oh, te tenés que naturalizar por causa del trabajo, o por A, por B o por C".(E12)

"no tuve necesidad. .. si es por agradecimiento, tengo que naturalizarme....no me preocupa esa parte ... a veces para simplificar eh, cierto tipo de gestiones... pero hasta ahora no hubo problemas, porque mismo siendo residente nosotros tenemos la firma, tenemos todo, todos los derechos". (E13)

O entrevistado E04 diz conhecer casos de pessoas que se naturalizaram para prestar concurso pûblico e a filha de E14 naturalizou-se com essa finalidade.

Todos estes depoimentos confirmam claramente a maior importância dada à inserção econômica já apontada por outros pesquisadores dos temas migração e cidadania.

"Noncitizens...particularly those who have lived ...even twenty years in the country, can no longer be excluded routinely from the territory, labor market, welfare system. They have ...legally protected claims to membership, if not to full citizenship....Closure based on citizenship remains crucial in the political domain. But in the economic domain...noncitizens can be excluded...only in exceptional circumstances..." ***(Brubaker,:182)***

Uma vez que o estrangeiro goza de todos os direitos da cidadania civil e social (trabalhar, aposentar-se, comprar propriedades) não lhe pareceria necessário ter direitos políticos adquirindo a nacionalidade.

O conceito de política e do Estado

A visão da naturalização como um veículo para conseguir favores do Estado, está intimamente ligada com o conceito de política e a visão de Estado que os entrevistados têm.

Uma das perguntas formuladas referia-se à possibilidade de cada um deles ter contribuído para mudar alguma coisa na sua situação econômica no Uruguai pela via da participação política. A pergunta foi interpretada corretamente apenas por sete entrevistados, menos da metade. As outras pessoas entenderam que a via da participação política era a via da política tradicional, dos favores dos políticos, de tornar-se cabo eleitoral para depois pedir um cargo ou alguma vantagem.

Quanto ao conceito de Estado, parece que só tem como função dar emprego a funcionários ineficientes, pelos quais todos, de alguma forma, manifestam seu desprezo. Dizem que os funcionários públicos não trabalham, roubam, são acomodados que só querem o emprego, que se queixam mas não fazem nada. Chegam a dizer isso das professoras das escolas brasileiras. Muitos deles nem sequer querem trabalhar com empresas do Estado.

Mas, paradoxalmente, enquanto criticam o clientelismo do Estado, levam para a atividade privada a política de favores.

Há depoimentos muito esclarecedores a respeito, como o do entrevistado E02, que não querendo trabalhar para o governo, declara ter conseguido tanto seu primeiro emprego, quanto aquilo que precisa para a associação do bairro, através de tráfico de influências.

O entrevistado E04 chega ao Brasil, tendo deixado um bom emprego no Uruguai e não sabe onde começar a trabalhar. Procura a ajuda do Consulado Uruguaio que lhe fornece uma lista do Uruguaios para que os visite e lhes venda material da Editora Abril.

O caso mais ilustrativo do conceito paternalista de Estado que os uruguaios têm, é o da Casa do Uruguai. Um dos entrevistados, membro fundador da Casa declarou que a principal função que se pretendia dar à instituição era a de ajudar os uruguaios residentes em São Paulo que estivessem numa situação econômica desvantajosa. Para isso, contavam com a colaboração dos sócios, na forma de uma mensalidade e, além do mais, pretendiam obter uma ajuda do consulado. Como esta finalmente não veio, a casa fechou.

"lo que pasa es que llega una hora que si, nosotros no conseguíamos ayuda ninguna. Yo la idea mía, decía, bueno, se puede hablar con el gobierno,(grifos meus) con alguien, que diera, por ejemplo, cinco mil dólares por mes para sustentar eso aquí....." (E13)

A pretensão de que o Estado subsidiasse a residência dos seus cidadãos fora do país, aparece como uma espécie de situação emblemática que confirma a seguinte leitura da sociedade uruguaia, conforme a qual os uruguaios sentem que o Estado tem o dever de satisfazer todas as vontades, sem importar a natureza das mesmas.

"Los integrantes de la sociedad [uruguaia] actuan como si concibieran que tienen derecho a un cierto nivel de consumos...y que hay alguien que, como contrapartida....tiene la obligación de proporcionárselos en función de una cierta situación más que en función de los resultados que sea capaz de producir...Esse alguien ..es en definitiva el Estado que tiene que proveer cargos o solucionar los conflictos o crear los mecanismos necesarios para sostener a las actividades *que desaparecen o a los individuos incapaces"* ***(Solari, 1967:171)***

É como se os uruguaios não concordassem com o esquema mas não soubessem viver fora dele e é curioso como não conseguem pensar numa sociedade civil, uma instituição cultural independente dos representantes oficiais.

Permanência dos valores uruguaios

O conservadorismo e ideologia da direita

A visão de mundo dos entrevistados, na maior parte dos casos está impregnada dos valores conservadores que caracterizam a sociedade uruguaia.

Na história do "rancho uruguayo" contada por E11 percebem-se os valores das classes conservadoras do Uruguai. O rancho parece ser recreativo para os sócios, decorativo para o consulado e inútil do ponto de vista social. O entrevistado conta um caso em que uma pessoa precisou ajuda, e colaboraram arrecadando fundos a título pessoal, mas o consulado não foi capaz sequer de conseguir uma hospitalização para a pessoa. A colaboração deles era espiritual (sic), visitar um doente e perguntar se precisava de alguma coisa. (grifos meus)

O discurso conservador está presente de muitas formas, tanto referido ao Uruguai quanto ao Brasil. O entrevistado E02, por exemplo, afirma que os uruguaios são mais patriotas do que os brasileiros porque estes últimos não sabem reconhecer o país que têm e só reclamam, reproduzindo o discurso conservador que confunde reclamações com falta de patriotismo, com subversão; quem ama seu país não o critica. Ele esquece que os "patriotas" uruguaios emigram, enquanto que os "queixosos" brasileiros ficam e sofrem tentando mudar alguma coisa. Afirma que os brasileiros não querem trabalhar, coloca como exemplo os professores do Estado que não querem fazer nada e só se queixam, esquecendo que estes ganham U$ 200,oo por mês. O sujeito também absorveu o discurso conservador regionalista, afirmando que os nordestinos não fazem nada.

"El brasilero no da valor al país que tiene....solo reclama...el clima que tiene, el pueblo que tiene...si este pueblo decidiese trabajar..."

Também diz que a pessoa que passa necessidades valoriza mais o que tem, juntando assim duas visões conservadoras, a de que só é pobre aquele que não trabalha, difundida pela direita, e de que as pessoas devem sofrer , veiculada pela religião católica .

O discurso conservador aparece até na entrevistada E05, a mais politizada de todas. Sobre a política brasileira incorpora um discurso moderado, dizendo que em 1989 teria votado em Lula, mas no dia da entrevista já não acreditava mais nele. Sobre o Uruguai, ela reproduz um discurso comum na década de 1970 sobre os Tupamaros, que começaram como um movimento de intelectuais que roubava dos ricos para dar aos pobres, mas que depois entraram pessoas que visavam somente seus interesses e o movimento teve desvios, desvirtuou-se por falta de uma boa direção.

"pienso que de un nivel intelectual entró mucha gente en el medio para llevar ventaja, en el comienzo fue hecho por personas que querían, que eran idealistas, después, todo el mundo si no es bien dirigido, se desvirtúa".

Como se sempre fosse necessário uma autoridade, uma cabeça para dirigir e não fosse possível a autogestão dentro de um movimento revolucionário. Como se a questão do caudilhismo estivesse enraizada no inconsciente.

E06 diz que a esquerda não serve porque se fecha para subsistir sozinha (sic)

E07 atribui a restrição a outorgar a permanência a estrangeiros no Brasil a partir dos anos 70 aos movimentos guerrilheiros

"en aquella época era difícil el negocio de permanencia porque había el problema político de Tupamaros y Montoneros en la región y la subversión aquí también".

Tal interpretação é desmentida pela evidência empírica. Na década de 70, para ele foi difícil conseguir a permanência porque não tinha sequer o secundário; aqueles que vieram com nível técnico a conseguiram imediatamente. Toda vez que E07 ser refere à esquerda o faz do ponto de vista da direita, os guerrilheiros eram um "problema" e alguém queria "implantar" um regime comunista.

Ele diz que acha que o Uruguai não deve mudar porque tem os melhores indicadores sociais da América Latina e não deve permitir mudanças radicais

"yo hallo que el Uruguay está bien, no debe de mudar en ese aspecto de, de costumbres, él no debe permitir que entre otras culturas, a comandar, que haya mudanzas así radicales, porque el pueblo vive bien así. El pueblo, es aquello que le gusta hacer, llegar de tarde tomar el mate amargo con seis u ocho hijos y el vecino y la vida bien patriarcal y conservadora. Acho que él no debe de mudar en ese aspecto."

Também como E02, quando fala do povo brasileiro, mostra um desprezo pelo povo típico das elites que atribuem todos os problemas do Uruguai a que os uruguaios são folgazões e só querem ficar tomando chimarrão.[25]

E09 reproduz um discurso de direita muito particular que consegue vincular o terrorismo de esquerda ao golpe militar de direita. Reproduz a crença generalizada de que o movimento Tupamaro era conduzido desde Cuba para "introduzir o regime comunista", como se fosse um vírus e atribui à existência deste movimento (de esquerda), o golpe militar (de direita), com o qual ele também não concordara. Este posicionamento do entrevistado reproduz a ambigüidade dos partidos tradicionais que, por uma parte, não estavam de acordo com a esquerda, mas por outra, também não queriam os militares na medida em que a classe política ficava sem espaço para o exercício do seu trabalho. Não se pode esquecer que durante o governo militar houve dissolução do parlamento e nenhum político cobrou salário. Os partidos políticos queriam a intervenção militar para livrar-se dos terroristas mas não queriam que os militares lhes tirassem suas regalias históricas. Ele diz que o povo no caso não colaborou com o país (como se povo e país fossem algo diferente, um continente abstrato perfeito para um conteúdo imperfeito), provocando um atraso .

A entrevistada E14 acha correto ter tido que trabalhar para pagar sua escola de freiras, dizendo que era bom porque colocava a pessoa em contato com o trabalho desde cedo. Note-se a semelhança com o discurso de E02 sobre passar necessidades e registre-se que ambos não se conhecem.

A questão do sacrifício pessoal aparece, sob outra forma numa das entrevistadas (que também não conhece nenhum dos dois anteriores) que nunca teve coragem de pedir sequer à madrinha dos filhos que ficasse com eles para ir ao teatro.

---

[25] Ambos entrevistados não se conhecem.

"La madrina del mayor mío vive, vivía a una cuadra de nosotros, mas ellos ...tienen otro estilo de vida... tu no podés decirle, ah, quedate con el nene que voy a salir a pasear ... Tenía amigos uruguayos y todo, mas no sé si es yo que pienso así, yo no tengo coraje de decirle ah, quedate con los chiquilines que yo voy a salir"(E10)

Isto já não pode ser atribuído a questões ideológicas, mas, a uma questão cultural. Como será visto em próximos capítulos, inculcar a vergonha por divertir-se fez parte do "processo civilizatório" no Uruguai.

A ética uruguaia

O entrevistado E02 declara que ele tem muita ética nos negócios, que ele não dá tanta importância ao dinheiro; que ele seria incapaz de vender um produto de má qualidade só por causa do dinheiro, que ele não faria dinheiro a qualquer custo. A questão de priorizar a ética aparece em várias pessoas que não se conhecem. E03 também diz que nunca faria uma coisa errada por dinheiro, como por exemplo vender drogas, assim como E08.

Com E09 são quatro os sujeitos que manifestam este tipo de valores. Interessante que não se conhecem entre eles, provêm de lugares diferentes, e tem idades totalmente díspares. Aparentemente o discurso do "pobre mas honesto" é forte no Uruguai, aquilo de que "a honestidade é a única riqueza do pobre"

De uma outra forma, E05 diz algo similar, ao declarar que poderia ter feito mais dinheiro se não tivesse trazido o que ela chama de preconceito de trabalhar só naquilo em que tinha preparação. São os valores uruguaios de exercer uma atividade com responsabilidade e respaldo do saber.

Dois dos entrevistados, que também não se conhecem, (E02 e E09) declaram jamais ter comprado a crédito, o que a evidência empírica demonstra ser uma característica muito peculiar das velhas gerações no Uruguai.

Visão de Educação e Cultura

Outros conservam os valores típicos uruguaios quanto ao ensino público. E04 acha um absurdo pagar tamanhas mensalidades pelas escolas privadas, porque entende que todo o ensino aqui é ruim, seja público ou privado.

E05 relata que quando veio foi aconselhada pelos brasileiros a não colocar seus filhos na escola pública porque era muito ruim, mas só pode colocar um na escola particular por falta de vagas e outro na pública. Depois de um ano verificou que o ensino nesta última era muito melhor.[26]

Os valores culturais também predominam em alguns entrevistados. Quando E05 veio ao Brasil todos lhe diziam que aprendesse português com as novelas, mas ela aprendeu assistindo o noticiário.[27]

E13 acredita que a educação também é responsabilidade da casa; ele sempre comprou livros em lugar de gibis e assiste com o neto TV Cultura.

---

[26] A escola particular era o Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora e a pública o EEPSG Adalberto Nascimento, considerada excepcionalmente boa dentro das públicas.

[27] Assistir novelas no Uruguai era, na década de 1970, coisa de mulheres ignorantes. Atualmente está havendo um pouco mais de penetração em camadas com algum grau de instrução.

A austeridade

E13 é dono de uma empresa. Mora, porém, numa casa de uma vila, numa rua cortada, una casa pequena com abrigo para carro, um dormitório na frente, sala, cozinha, banheiro e uma dependência de fundo que funciona ao mesmo tempo como lavanderia e dormitório da filha. Só agora está construindo uma casa maior, após 10 anos de ter a empresa.

O entrevistado de mais dinheiro, E11, tem o mesmo carro há quinze anos. Diz que o arquiteto que desenhou sua casa pensou numa garagem no subsolo, integrada. Ele transformou a garagem em salão de festas, música e biblioteca e deixa os carros numa área descoberta na frente da casa.

E12 tem dois carros simples, um deles é velho, está literalmente caindo aos pedaços e o mantém porque gosta dele *"mia señora dice que es meu xodô"*. Diz que só comprou carro quinze anos atrás, que não lhe interessava ter carro.

E13 tem, na sua empresa, duas caminhonetes para o trabalho, mas em casa tem apenas um carro popular, o que é típico da cultura uruguaia, na qual o carro nunca ocupou um lugar importante.

O tratamento a clientes e empregados

E06 diz que a partir da classe média as pessoas são abusadas e não respeitam os outros, mas que, no caso dele, quando um aluno quer bancar o experto, ele o faz sair da quadra.

E10 não conseguia deixar seus filhos com o serviço doméstico: *"empleadas siempre me daba dolor de cabeza, siempre"*.

E13 monta sua própria empresa para poder trabalhar de acordo com seus valores e seu conceito de responsabilidade para com o cliente. *"trabajé ... como empleado hasta el 86 y en 86 yo salí y aprovechando los conocimientos que yo tenía de los clientes, ... abrí una firma para dar asistencia técnica para los clientes ... no en perjuicio de la firma, si no que se, se, hizo una política en la firma que para mí era totalmente errónea ... porque en la época se comenzó a exportar mucho, entonces empezaron a despreciar mucho los clientes ... Le dije al dueño, ... "yo voy a salir, ... no es salario, ... quiero trabajar para mi, porque no aguanto más ya, tanta, tanta tontería, de viene un cliente que tiene una bomba sola le dicen que va a demorar quince días". Si tiene una bomba sola no podían hacerle eso. Entonces para no chocar con...gente que hasta hoy tengo amistad, digo "yo voy a salir y voy a hacer mi trabajo"*.

E14 sempre trabalhou como costureira, em casa cuidando, ao mesmo tempo, dos filhos e do serviço da casa, sem empregada. Atualmente cria uma menina, que a ajuda nas tarefas domésticas. No dia da entrevista, porém, na hora de servir um refrigerante à pesquisadora, foi a patroa que trouxe a bandeja para a mesa enquanto a menina ficou sentada.

Amizade e confiança

Cinco das pessoas entrevistadas, as três mulheres e dois homens, dizem que não tem amigos brasileiros. Duas das mulheres, que não se conhecem entre elas, declaram que os maridos não fizeram amigos porque não gostam de beber ou de ir aos clubes. Outro sempre está rodeado de pessoas, sempre há

nos seus aniversários muita gente, porém ele declara que não tem mais do que dois amigos, de acordo com o conceito uruguaio de amizade.[28]

"E: Tengo poquísimos amigos. Yo tengo dos amigos.
P: Bueno, pero la gente que invitás a los cumpleaños.
E: No son amigos, son conocidos (E01)

Os outros dez entrevistados fizeram amigos, embora um deles especifique que fez amigos em São Paulo, porque os campineiros são muito fechados; aqui só tem amigos uruguaios e argentinos.

O entrevistado n°15 diz que fez conhecidos através do futebol, colegas de jogo, mas não amigos no sentido uruguaio do termo.

Como muitos imigrantes, os residentes entrevistados têm mais confiança nos seus pares uruguaios e, se forem da família, tanto melhor. Em alguns casos, criam laços de família através do compadrio.

E10 escolheu a madrinha do seu filho entre uruguaios *"un matrimonio que ellos habían venido unos cuatro años antes"*.

E11 quando precisou um empregado para a farmácia, trouxe um sobrinho e quando precisou viajar trouxe uma irmã para ficar com os filhos.

E12 veio porque seu tio precisava "alguém de confiança" para atender a farmácia; esse alguém de confiança não necessariamente tinha de ser ele, mas precisava ser alguém da família. A possibilidade foi oferecida a ele e a um primo seu.

E13 colocou seus dois filhos para trabalharem com ele na empresa, não somente para que eles trabalhassem, mas porque ele os precisa como pessoas de confiança para atender a parte de venda de peças.

E14 diz que não tem amigos porque não conhece muitos uruguaios, obviamente partindo do pressuposto de que só dentro deles poderia fazer amigos.

Características da personalidade

As contradições

São contraditórios, mudam seus discursos querendo de todas formas demonstrar que o Uruguai é um país sem solução, e que portanto não adianta lutar por ele .

Eles justificam que no Uruguai não há o que fazer porque é um país pequeno com pouco mercado de consumo, porque "somos pocos" e, depois, criticam o Mercosul que pode trazer consumidores, exceção feita da entrevistada E05.

E06 Repete o discurso do imobilismo dos partidos tradicionais: No Uruguai as mudanças são difíceis porque não há condições financeiras, não há interesse em investimentos, como se o Uruguai fosse um país sem conserto

"para ... conseguir cambiar y eso estructural....vas a precisar de muchas cosas. No simplemente vos precisás de un político con ideas nuevas... precisás de apoyo político, precisás de condições financieras para realizar o proyecto, entonces dependés de política exterior, no só política interior, política exterior para conseguir recursos, para poder activar, para poder motivar algún pequeño investimento exterior, entonces, por eso

[28] Ver na Metodologia o conceito de amigo na cultura uruguaia.

tenés que ser muy buen político, hay que ser un excelente político, saber ceder en las horas ciertas, saber cuando no ceder, y, un proyecto a diez, quince años."

E01 diz que sua pâtria é onde está e que briga pelas coisas do Brasil às vezes, e pelas coisas do Uruguai quando está lá. Cinco minutos depois, quando se lhe pergunta se não acha que poderia ter ficado lá e lutar pelos seus interesses, responde que não gosta de brigar. Dois minutos antes, porém, tinha declarado que seria capaz de ir a Brasília dar um murro num político, e finaliza a entrevista dizendo que quando se naturalizar irá pedir relatório dos políticos ou, se não, "pegar eles pelos cabelos". *"le voy a pedir relatorio y lo voy a agarrar del jopo".(E01)*

E02 gosta da política dos favores e consegue o que precisa por "amizade", mas ao mesmo tempo defende o neo-liberalismo, defende que as pessoas sejam demitidas ao primeiro erro, que a iniciativa privada "corte cabeças" para que os outros aprendam a não errar.

E07 critica a "moleza" dos uruguaios que trabalham, param para almoçar, tomam chimarrão, dormem sesta, mas diz que vivem bem porque bebem whisky e comem bem, bebem umas caninhas no clube, jogam truco *"aquel buen mate amargo, después viene un whisky bueno regado por un buen aperitivo... un almuerzo bien suculento y después ... a dormir hasta las cuatro o cinco de la tarde, tranquilo... yo acho que el pueblo vive bien".*

Todo seu discurso é de direita radical mas declara que a música que mais gosta é a de Los Olimareños, conjunto uruguaio que participava até dos comícios do Frente Amplio e que chegou a ser perseguido pela repressão militar, e a de Atahualpa Yupanqui, cantor argentino hoje falecido, também grande militante da esquerda, perseguido por suas posições políticas pelos militares.

E11, após fazer uma análise muito lúcida do Uruguai de todos os pontos de vista, faz uma análise conservadora do Mercosul, refletindo o discurso predominante no Uruguai. É também contraditório que, vendo que o problema, tanto do Uruguai como de Brasil é a fala de distribuição das riquezas, não consiga votar num partido de esquerda.

Espírito de Aventura

E02 vem aos 24 anos, tenta diversos negócios e trabalhos, sempre a comissão. Declara que sempre quis viver sem salário fixo *"no quiero que me paguen nada"*

E03 estudou para piloto de aviação no Brasil, declara ter estado entusiasmado com a carreira, ter conseguido voar sozinho e tudo. Também conta que no Uruguai descobrira quem tinha seqüestrado uma determinada pessoa na sua cidade. Aparentemente esteve "brincando de detetive".

E04 entra no negócio imobiliário onde diz que às vezes ganha muito dinheiro e outras vezes perde, como se fosse um cassino. Isto demonstra que o entrevistado gosta dessa insegurança de viver de comissões.

E06 deixou a escola, foi para Buenos Aires para conhecer e trabalhar, cogitou ir para Austrália. Conta um episódio em que tentaram assaltá-lo, reagiu, brigou, levou pedradas no rosto, mas os ladrões (de 15 ou 16 anos) fugiram.

E07 também gosta de viajar *"solo andar en el tránsito acá en San Pablo ya era una aventura"*. Também como E02, gosta da aventura de viajar pelo interior como vendedor. *"Yo cuando era viajante, viajaba ocho mil kilômetros por mes. Entonces andaba...todo el estado de San Pablo, vos te imaginás que tenía que rodar"*

O processo de migração de E08 começa como uma aventura de garoto que vem como "mochileiro" e artesão para o Brasil para assistir o Rock in Rio. Começou como um simples passeio autofinanciado com a venda de pulseiras, colares e artesanato.

O E09 veio com 22 anos para Porto Alegre, saindo de uma cidade do interior do Uruguai, quase na fronteira, "atrasada como todo o interior na América Latina na época". Seu trabalho foi ser viajante, morou em Porto Alegre, Caxias do Sul, Florianópolis. Também como nos entrevistados 02 e 06 observa-se um prazer em viajar que pode ser classificado como espírito de aventura, o prazer de andar, de percorrer, de conhecer.

Na vinda de E10 também se percebe um certo espírito de aventura, pois ela veio sem saber absolutamente nada do Brasil, nem sequer o valor da moeda, completamente a cegas, de acordo com suas próprias palavras. Veio sem saber o que ia encontrar.

E11 diz ter espírito de aventura para os negócios, igual que seu pai tinha, e gosta muito de viajar, de conhecer, é muito curioso. Adora viajar, foi 25 vezes a Europa e foi de carro ao Uruguai umas quinze vezes.

"debo haber ido a Europa unas 25 veces... el primer viaje... en 1960... más o menos"

E12 diz que veio para conhecer, *"yo no me vine con la intención de ganar dinero, me vine porque quise venir. Quería conocer. Como naquela edad, todo muchacho, eh, de una ciudad del interior, no es que le gusta la aventura, le gusta conocer otros lugares"*. Ele gosta de viajar de qualquer forma e quando vai de carro gosta que outro dirija para ver a paisagem.

E13 gosta de viajar, já percorreu o Brasil, o México, e os Estados Unidos, graças à sua profissão.

Individualismo

Quase todos os entrevistados se colocam como "o diferente". A maior parte deles declara que emigrou porque tinha outras aspirações. Poder-se-ia dizer que têm uma identificação negativa com seus patrícios, aos quais como foi visto, alguns qualificam de preguiçosos e acomodados, que aspiram apenas a um emprego público e não a trabalhar.

Quase todos atribuem seu sucesso a características pessoais. Quando perguntado sobre o ensino do Uruguai, E01 responde que era bom mas o que ELE fez, não o ensino em geral, tanto pela época em que ele estudou mas pelo fato do tipo de colégio, (privado) *"Pero yo estudié en un momento muy estricto, tal vez. Mi generación tal vez es el último paso de educación en Uruguay razonablemente estricto. Por lo menos en los privados; creo que en los públicos también era. Posiblemente no tan estricta y no tenían la suerte del contacto con los institutos de enseño de idiomas o de academias de gimnasia o de escuelas, cultura general"*.

E02 atribui seu sucesso a que é honesto; chega a dizer que as pessoas compram os produtos dele porque gostam dele mais do que pelo produto em si, que os clientes lhe dizem *"compramos de vos por vos, no por la empresa que vos*

representás". Embora reconheça que a educação que trouxe do Uruguai era muito melhor do que a ministrada no Brasil, depois atribui a educação que ele tem a fatores individuais. *"Ahora, a mí me gusta leer mucho"*. Atribui o sucesso das suas gestões para a associação de bairro a que alguns vereadores são seus amigos e gostam dele. Quando perguntado de se não preferiria morar num lugar em que houvesse menos desigualdades e menos violência ele responde que sim, mas que as coisas são como são *"y como yo no voy a resolver el problema...tengo que tratar de vivir..."(grifos meus).*

E06 atribui suas aspirações a ser inquieto, não pensa que viver bem seja um direito de todos. Crê que é uma questão pessoal, *"vos tenés necesidades porque ...sos inquieto. Si vos sos calmo, te adaptás, no estás pasando necesidades"*. Sobre sua família diz que eles por serem conformistas acham que está tudo bem *"es una cuestión de personalidad"*.

E07 reconhece, em parte, que a escolaridade que trouxe do Uruguai lhe ajudou mas acredita que é mais seu interesse particular por estar informado *"me gusta ... estar bien informado, através de la radio, la televisión, jornal...saber de economia... Entonces eu acho que eso, no se si la escolaridad del Uruguay o que yo me interesaba mismo por prepararme"*

E08 reconhece que a escola que fez era muito boa, mas ao mesmo tempo diz que não sabe se o mérito foi da escola ou dele, que procurava estar informado *"eso tal vez seja personal, ...agora eso no se si ...pela causa primária ou uma observação pessoal. De repente gente que nunca pasó pela escola e tem uma leitura do mundo bem mais clara... No sé si eso no daria para contribuir, dar todos os méritos só à escola primária, uruguaya, no sé."*

E09 atribui o fato de ter- se adaptado e ter sido bem recebido no Brasil a seus atributos pessoais, a sua conduta, aos seus valores *"yo siempre viví con mucha independencia, yo nunca usé, yo nunca usé un amigo para pedir un favor, ni un extraño. Yo nunca pedí un préstamo a un banco, nunca pedí un préstamo a un amigo, nunca di un cheque predatado, en mis compromisos comerciales nunca pagué ... una duplicata con un día de atraso, yo nunca pagué un alquiler con un día de atraso, mi firma nunca fue multada, porque nunca compré sin nota y nunca vendí sin nota. Nunca tuve un empleado que no fuera dentro de la ley, registrado con todos sus derechos, entonces, ...no encontré dificultad por la conducta* [enfatizado no depoimento] *que siempre tuve"* Diz que ninguém lhe deu nada, que nenhum país lhe poderia dar aquilo que ele conseguiu: ser gente. Ele não reconhece que uma sociedade possa influenciar a consecução dos seus objetivos de vida, o que coincide com seu pensamento direitista e neo-liberal e também com a doutrina católica, de que as coisas se conseguem por méritos pessoais, de que tudo é uma negociação particular de cada homem com Deus.

E11 diz que sempre foi um pouco autodidata. Reconhece que a escola era muito boa mas que *"el 80% de mis conocimientos..yo los adquirí leyendo y estudiando solo, en casa"*.

E14 se orgulha de não de ver nada ao Estado pela sua educação, pela do seu marido e pela de sua filha.

E15 repete em várias ocasiões que as pessoas gostam dele: os colegas de trabalho, assim como os colegas de futebol e até declara que os bandidos não assaltavam as lojas que ele cuidava porque gostavam dele.

Capítulo II
Consumo; logo sou cidadão

Se o homem moderno
se atrevesse a falar
do seu conceito de céu,
descreveria uma visão parecida
à maior loja de departamentos do mundo
Erich Fromm

Uma aproximação histórica da relação entre consumo e cidadania

Para poder compreender melhor a opção deste grupo de indivíduos em estudo, por melhorar sua situação sócio-econômica fora do seu país de origem, abdicando do direito à participação política plena, morando num país na condição de estrangeiros, é preciso analisar o conceito de cidadania à luz das últimas reflexões que acompanham o fenômeno da mundialização da cultura, tendo em conta o declínio da participação política e o predomínio da sociedade de consumo.

O conceito de cidadania tem mudado ao longo da história, acompanhando as mudanças institucionais na constituição das cidades, Estados e nações, atendendo a interesses econômicos ou políticos.

O primeiro conceito de que se tem conhecimento é o surgido na Grécia. O cidadão era por definição um ser pertencente à polis, à comunidade política de cidadãos. Ser um cidadão pressupunha ocupar-se dos assuntos da coletividade.

A cidadania clássica era absolutamente participativa, era sinônimo da integração do indivíduo na coletividade política.

O direito romano introduz uma modificação no conceito de cidadania. Com a introdução dos direitos individuais, a cidadania deixa de ser exclusivamente definida pela participação na esfera pública (res publica) e passa a ser definida também pelos direitos individuais, econômicos, familiares.

"A cidadania grega representava a comunidade e a participação. Não era externa ao indivíduo, algo que se precisasse reclamar como direito. A cidadania romana, ao contrário, parece externa aos indivíduos, uma questão de direitos de reivindicação, ao invés de participação." ***(Abranches, 1995:09)***

O cidadão grego tinha, como função na sociedade, ocupar-se das questões da coletividade, e seus direitos pessoais pouco importavam. O cidadão romano teve menos obrigações para com o coletivo e reclamou mais direitos para exercer sua liberdade individual.

Durante a Idade Média o conceito de cidadania muda novamente. Não haverá propriamente uma cidadania mas um status, dado pela desigualdade entre as classes. Será definido pela pertença a determinados grupos. A cidadania foi um status privilegiado definido pela participação de um grupo de pessoas nos negócios do governo, seja de uma corporação, de um feudo, ou de uma cidade medieval. No início da idade média, como na Grécia antiga,

participar nos negócios públicos era um dever das pessoas pertencentes a determinado status.

A cidadania moderna começa com a Revolução Francesa; é um ataque aos privilégios dos grupos de status e consiste na posse e no exercício de direitos políticos, de participação nos negócios do Estado, a todas as pessoas. *"A Revolução Francesa institucionalizou os direitos políticos como direitos do cidadão, transportando-os do plano da cidade Estado para o plano da nação Estado, transformando-os, de um privilégio para um direito geral"* ***(Brubaker,:43)***

O conceito moderno de cidadania vem expressar o conteúdo jurídico da nacionalidade. A cidadania está diretamente ligada à nacionalidade, só que esta última se refere à relação do indivíduo com o território e a cidadania refere-se *"às obrigações e direitos, construídos juridicamente e estabelecidos por leis que regem e definem a situação dos habitantes de um Estado- nação...é um instrumento político e jurídico para regular a participação dos indivíduos na sociedade"* ***(Ruben:1984:64-66)***

A cidadania pode estar referida à pertença a um determinado território, ou a uma determinada cultura, (como no caso da Alemanha atual). Seja como for, sempre se refere a direitos que o natural de um país tem quanto à escolha dos representantes no governo, ao exercício de direitos individuais, e a obrigações para com esse Estado, tais como servir o exército ou participar de um júri.

Tanto a cidadania clássica quanto a cidadania moderna, a cidadania baseada no critério territorial e a que exige uma filiação etno-cultural pressupõem o direito a decidir os destinos da comunidade à qual o cidadão pertence.

O conceito de cidadania, além de ser flexível, ou seja, ter mudado ao longo da história, (ver Stewart, 1995:64) é um conceito complexo e, para melhor compreende-lo é útil a proposta realizada por Marshall (1967:63), de olhar a cidadania sob três aspectos: o político, o civil e o social.

O aspecto civil da cidadania refere-se aos direitos individuais, de ir e vir, direito à propriedade; o aspecto político é o direito de escolher governantes ou ser escolhido para governar, e o aspecto social contempla o direito a um mínimo de bem estar e à plena integração dentro do processo civilizatório da sociedade na qual o indivíduo vive. O mínimo de bem estar estaria representado pelo acesso aos serviços de educação e saúde e à assistência social.

Mas, como já foi apontado por outros autores (Dahrendorf citado por Roberts, 1997:06) o conceito de cidadania social pode ser ampliado e redefinido conforme as mudanças dos padrões da sociedade. Haveria um ponto, atualmente, em que as dimensões sociais e civis da cidadania convergem e este ponto é o direito à propriedade, a aquisição de bens no seu sentido amplo.

Assim, pode-se dizer que, atualmente, a questão da plena integração dentro do processo civilizatório passa, necessariamente, pela integração à sociedade de consumo, pela possibilidade de adquirir bens e serviços que não se enquadram dentro dos essenciais antes mencionados, mas que tornaram-se necessários até dentro das camadas menos favorecidas.

"Têm-se acentuado as estratégias de sobrevivência...[que] incluem, até entre os mais pobres, uma tentativa de manter os níveis de consumo" ***(Roberts,:16)***

O direito a participar plenamente do processo civilizatório, não implica apenas na satisfação de necessidades primárias e básicas, seja através do welfare state ou da possibilidade de acesso a esses bens e serviços; implica no acesso a todos os bens e serviços que vão sendo produzidos por esse processo civilizatório. O direito à propriedade privada, inicialmente referido à posse da terra e de uma moradia, estende-se ao consumo e a posse de objetos ligados à dimensão hedonista, ao prazer de ter e usufruir os bens e serviços e do poder que eles conferem.

"O mundo transformou-se num shopping center global" (Ianni in Seminário, 1995).

Fora desta conjuntura, a posse de bens como diferenciador social, parece acompanhar a vida do homem em sociedade desde seus primórdios.

O estudo das sociedades primitivas revela que, desde que houve organização social, houve padrões de consumo diferenciado de acordo com a posição que as pessoas ocupavam dentro das tribos. Mesmo em sociedades de caçadores e coletores, onde o consumo de alimentos precisava ser mais ou menos equilibrado, os chefes e feiticeiros marcavam sua diferenciação social pelo consumo de adornos. O mesmo pode ser constatado nas sociedades contemporâneas que ainda não estão totalmente integradas ao processo capitalista.

Como observa Veblen (1987:45), a utilização do consumo para diferenciar-se socialmente está presente em todas as épocas.

"O início de uma diferenciação no consumo é mesmo anterior a qualquer possível força pecuniária. Pode-se encontrar tal diferenciação no início da cultura predatória e sugere-se até mesmo que uma diferenciação incipiente existiu antes até mesmo do início da vida predatória."

Os estudos sobre comunidades africanas e indígenas americanos relatados por Douglas, assim como os realizados por Leakey entre os boxímanes e os estudos das populações indígenas de América do Sul confirmam que, mesmo em comunidades onde não se utiliza dinheiro, existe um tipo de consumo diferenciado de acordo com a posição das pessoas dentro da escala social. Esse consumo pode estar referido a plumagens, estimulantes ou a rações alimentares diferenciadas.

O "cidadão" grego também era alguém diferenciado pela possibilidade de consumo, era um sujeito que não precisava trabalhar porque tinha garantida sua sobrevivência e por isso podia dedicar-se aos negócios públicos. (Conf. Arendt, 1987: 46).

Posteriormente, durante a Revolução Francesa, surge um conceito de "cidadão" que também remete à questão do consumo. Durante o feudalismo, só podiam ter terras os descendentes dos nobres ou os pertencentes ao clero; a aquisição de bens dava-se por direito de nascença ou de pertença a uma ordem.

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão redigida em 1789, como resultado da Revolução Francesa, passou a defender, juntamente com a liberdade e a igualdade, o direito à propriedade; o acesso à terra não era mais um privilégio de classe e podia dar-se pelo trabalho. Ou seja que, dentro do ideal de democracia e de participação já estava embutida a idéia do direito à igualdade de participação no mercado de consumo.

A burguesia do século XVIII deixa bem claro que só os abastados são considerados cidadãos; pela Constituição de 1791, só os possuidores de uma renda mínima podiam exercer o direito de escolher seus representantes.[29]

O consumo diferenciado aparece sempre como um consumo ostentatório, como uma forma de marcar presença no grupo social. A isto Veblen dará o nome de "consumo conspícuo", atribuindo-lhe uma espécie de auge durante o feudalismo e os primeiros tempos da industrialização, quando a nobreza ostentava seu consumo e o dos seus agregados, que passaram a fazer o que aquele autor denominou de consumo vicário dos bens dos senhores aos quais se associaram.

"Para o homem ocioso, (e para ele a nobreza era a classe ociosa) *o consumo conspícuo de bens valiosos é um instrumento de respeitabilidade"* ***(Veblen, 1987:38).***

Quanto maior era a acumulação de riquezas, mais difícil era para um homem sozinho demonstrar sua capacidade de dispêndio, portanto introduziu-se o costume de ter outras pessoas, geralmente parentes pobres, agregados ao núcleo familiar primário, que executavam trabalhos servis mas que, por serem executados para um nobre revestiam-se de uma aura honorífica e que traziam benefícios a ambos lados. Eles podiam consumir a um nível que jamais conseguiriam por seus próprios meios e, o senhor, mostrando que tinha a possibilidade de sustentar o consumo vicário dessas pessoas, aumentava sua reputação.

"Os gentis-homens das camadas inferiores,...associam-se por um sistema de dependência ou lealdade aos seus superiores...Tornam-se seus cortesãos, dependentes ou servos e, alimentados e prestigiados por seu patrono, constituem-se em índices de sua posição, consumido vicariamente sua riqueza supérflua" ***(Veblen:38-39)***

Atualmente é raro encontrar servos de libré para demonstrar a opulência de uma pessoa, mas o consumo conspícuo continua sendo o elemento diferenciador e, ao mesmo tempo, nivelador das classes sociais, sobre tudo na cultura urbana. Diferenciador porque o consumo de determinados bens permite que uma pessoa comunique publicamente que ele é diferente daquele que não pode consumir esse bem; nivelador pelo inverso: esse bem consumido indica que o possuidor tem a mesma possibilidade de obter coisas que almeja de certos membros da sociedade, geralmente de classe social mais abastada.

As pessoas não saem à rua mostrando pacotes de dinheiro para dizer que elas o tem; elas apelam ao que Bourdieu chama de "consumo simbólico". Partindo da observação weberiana de que o poder econômico puro e simples

[29] Só em 1793 será instituído o sufrágio universal.

não outorga prestígio social, Bourdieu (1974:15) diz que *"os grupos de status se definem menos por um ter do que por um ser, irredutível a seu ter, menos pela posse pura e simples de bens do que por uma certa maneira de usar estes bens".*

Assim, a distinção entre as pessoas estaria dada não apenas pelo fato de possuírem riquezas mas pelo modo em que a demonstram, pela forma em que gastam seu dinheiro e não pela simples posse. Atualmente, dentro deste raciocínio, *"as diferenças propriamente econômicas são duplicadas pelas distinções simbólicas na maneira de usufruir ,...através do consumo simbólico (ou ostentatório) que transmuta os bens em signos, as diferenças de fato em distinções significantes...em valores."* ***(Bourdieu, 1974:16)***

Esta teoria do consumo simbólico é reforçada pelos estudos de Ewen sobre a questão do consumo de artigos suntuários. Seguindo a linha teórica de Veblen, ele lembra que, antes mesmo de obter o direito a comprar terras, já na idade média os burgueses começaram a consumir artigos de vestuário caros e elaborados, tanto que a nobreza decretou leis sobre que tipo de roupas deviam ser exclusivas dos senhores e príncipes e quais os artigos que a alta burguesia mercantil podia adquirir.

"Before the rise of merchant wealth, the sartorial rights of nobility were assured by the fact that only they could afford to acquire sumptuous garments...With the expansion of mercantile wealth...the nobility began to erect legalistic means to protect their privilege...began to establish "sumptuary laws"...governing the wear of apparel" ***(Ewen, 1988:27)***

Estas leis estabeleciam, por exemplo, quantos metros de brocado podiam ser consumidos por um membro da alta burguesia e qual o tipo de roupa que era exclusivo da nobreza e qual da realeza. Era o começo do comércio da aparência.

Poder-se-ia dizer que o consumo de bens simbólicos, daquilo que Ewen chama "estilo" precede ao de bens duráveis, e a forma de mostrar que se estava ascendendo na escala social era ostentando luxo em todos os aspectos, roupas, edições de livros com iluminuras, objetos de arte decorativa, inaugurando uma era em que o estilo e a posse de objetos belos passaria a ser uma forma de afirmar-se socialmente.

Quem sabe a luta por participar foi sempre uma luta pelo ter, a participação política sendo um meio para conseguir a participação no mercado de bens de consumo e simbólicos. Ou também pode ser que a luta pelo ter seja uma etapa para conseguir direitos políticos, na medida em que sempre o poder de decisão foi daqueles que possuíam bens. Não podemos esquecer que ser proprietário foi, tanto na Grécia quanto na França do século XVIII, a condição para ser um cidadão.

O consumo de bens duráveis, de serviços ou de artigos suntuários, pode ser uma forma de assemelhar-se aos proprietários; consumir não dá poder, porém permite sentir-se nivelado com a classe que se pretende emular. A adoção do modo de vida da elite, consumindo alguns itens não duráveis, seria uma forma de participar simbolicamente dessa elite, mesmo que não se tivessem os imóveis.

Mas também pode ser que simplesmente o ser humano de todas as sociedades, da Grega até a atual, tenha encontrado prazer no consumo de bens e serviços, como será ainda visto neste capítulo.

O assunto não se esgota nesta análise e apenas pode-se afirmar que coexistem atualmente grupos sociais a procura de diferentes dimensões da cidadania. Há, sem dúvida, grupos que procuram a cidadania política e grupos que clamam um mínimo de cidadania civil e social. E há grupos que não são nem marginalizados nem perseguidos, que tem seus direitos políticos plenos, e procuram satisfazer as necessidades criadas pelo processo civilizatório, sintetizado na sociedade de consumo.[30]

O direito à cidadania civil e social é hoje o direito ao consumo dos bens e serviços produzidos globalmente, e que estão na vitrine do mundo deslumbrando nossos olhos cada dia.

A crise do modelo de cidadania participativa

O desencantamento com a "Política"

O conceito de política é tão complexo como o de cidadania. Etimologicamente quer dizer apenas "vida na polis", ou seja, vida dentro de uma coletividade, no caso específico a cidade grega, que como já foi visto, exigia de cada habitante a preocupação com a coisa pública. Atualmente entende-se por ação política toda aquela dirigida a lutar pelas reivindicações de um determinado grupo, seja um grupo pequeno e focalizado como pode ser uma associação de trabalhadores, ou o grande grupo que constitui um Estado nacional.

"temos política onde quer que tenhamos relações de tipo estratégico, onde quer que se dê o domínio real ou potencial de uns sobre outros, onde quer que ocorra um problema de poder" ***(Reis, 1988:14)***

Para manter essas relações, os Estados nacionais hoje tem um sistema político baseado na representação. A partir da entrada da burguesia no cenário, quando esta classe emergente conquistou o direito de opinar sobre os rumos da sociedade, passou a haver representantes nas assembléias políticas, nascendo, deste modo, o que seria o atual político profissional. À medida em que mais grupos sociais ganharam seu direito de expressão, houve mais delegados, que eram escolhidos mediante voto para representar os grupos nas reuniões políticas para decidir os rumos da convivência. À medida em que a sociedade foi-se tornando mais complexa, a única participação dos membros da comunidade no governo, passou a ser a eleição do representante, e a instância de aglutinação dos representantes, o partido político.

No cenário mundial observa-se que a esfera política vem perdendo força como eixo orientador da sociedade, e que os partidos políticos já não conseguem elaborar ou cumprir suas estratégias, e nem diferenciar-se muito claramente em suas propostas, deixando os eleitores confusos e cépticos.

---

[30] Seria o caso das classes médias com "altas aspirações quanto a seus padrões de vida"(Roberts:08) que constituem o universo deste caso de estudo.

"Los partidos políticos...viven por doquier, indistintamente de su signo ideológico, una fase crítica de redefinición pues carecen de discurso y de estrategia de cara a las grandes transformaciones en marcha...Carecen de discurso programático en tanto propuesta de futuro...los partidos no ganan las elecciones para llevar a cabo sus programas; formulan programas para ganar las elecciones y una vez en el gobierno verán día a día lo que pueden hacer...los partidos y, mucho más el gobierno, están obligados a ser sumamente flexibles en la selección de sus metas ...ello no elimina las diferencias interpartidistas, pero les hace más difícil a los partidos tener un perfil nítido" ***(Lechner, 1996:112)***

Pode-se dizer que há um desencantamento generalizado com a política, os políticos e até com a democracia, uma vez que os grandes problemas da humanidade ainda não foram resolvidos. Continua havendo miséria e desigualdade independentemente dos avanços na conquista de espaços para a participação que se verificaram na era moderna. As formas tradicionais de representação estão, a todos os níveis, desgastadas.

Estudos da situação internacional informam que há um progressivo desinteresse pela política partidária, e observa-se uma participação maior em grupos com outros interesses e, mesmo dentro dos grupos de interesse, a evidência empírica mostra que assembléias de estudantes, trabalhadores, pais e mestres etc., são cada vez menos concorridas.[31]

Interpretações do conceito "Participação Política"

O conceito de participação política é diferente do conceito de política eleitoral ou de participação via sufrágio; trata-se de um processo mais amplo que transcende o último.

Antes de definir participação, deve-se definir sistema político e para isso é útil recorrer aos conceitos de sistema de interesses e sistema de solidariedade desenvolvidos por Pizzorno. Na sociedade existem sistemas de solidariedade, como a família e os amigos, onde todos tem participação por igual. As classes e o Estado nacional, *"fundamentan los valores específicos que rigen un sistema de intereses históricamente determinado"* ***(Pizzorno,1975:38)***, sem contrapor-se ao sistema de solidariedade. O sistema de interesses tem como normal a concorrência entre os membros do mesmo sistema. O sistema político consiste em negociar permanentemente, em realocar permanentemente os recursos entre diferentes grupos de interesse.

A participação política pode ser definida como uma *"acción que se cumple en solidaridad com otros, en el ámbito de un Estado o de una clase, con vistas a conservar o modificar la estructura (y por lo tanto los valores) del sistema de intereses dominantes* ***(Pizzorno:39)***. Esta ação política pode muito bem estar despida de ideais, mas nunca o estará da solidariedade necessária para agir sobre os critérios de avaliação dos interesses (conf. Pizzorno,:40)

As definições de participação política tradicionais estão, não raro, muito imbuídas da questão eleitoral. Por exemplo a lista de Milbrath (citada por

[31] Certamente isto pode dever-se não apenas à falta de vontade de participar, mas a falta de tempo, cansaço ou medo.

Pizzorno:13) tem quatorze itens que configuram a participação política, do grau de menor envolvimento, ao maior:

- expor-se a requerimentos de caráter político;
- votar;
- iniciar uma discussão política;
- convencer a outro que vote de certa forma;
- portar um distintivo político;
- manter contatos com um funcionário ou dirigente político;
- entregar dinheiro em favor de um partido ou candidato;
- assistir a um comício ou assembléia política;
- contribuir com o próprio tempo em favor de uma campanha política;
- transformar-se em membro ativo de um partido político;
- assistir a reuniões onde sejam tomadas decisões políticas;
- solicitar contribuições em dinheiro para causas políticas;
- transformar-se em candidato a cargo eleitoral;
- ocupar cargos públicos ou de partido.

Pizzorno faz notar que nesta lista não há um limite conceitual muito claro entre participação política e participação eleitoral. Ao mesmo tempo, ele observa que esta lista parte do pressuposto de que há um consenso prestado ao sistema político. Entende-se, a partir disto, que há outras formas de participação que implicam discordância com o sistema; razão pela qual Pizzorno acrescentará as greves e manifestações, assim como as tensões entre governo e grupos industriais, por exemplo.

A participação política, para Pizzorno, surge como alternativa para enfrentar dois problemas, de um lado, o do consenso respeito às instituições do Estado (pois o Estado precisa legitimar-se) e, do outro o de procurar uma forma de organizar-se coletivamente para agir sobre uma estrutura de desigualdades, *"cuestionando, positiva o negativamente, los valores que la sustentan"* ***(Pizzorno:28)*** . De acordo com sua posição e seus interesses, haverá (e há) quem defenda a continuidade das desigualdades, enquanto outros almejam a igualdade.

Para Pizzorno existem quatro tipos de participação política: a atividade política profissional, ou profissionalismo político, e a participação civil na política, que é expressão de posição na sociedade civil, estas duas inseridas no sistema de Estado, e o "fato associativo fechado" constituído pelos movimentos e as subculturas políticas, de ação extra-estatal.

A atividade política profissional é a realizada pela chamada "classe política", e pressupõe um sistema representativo. O político profissional representa os interesses privados, da sua carreira e do seu grupo, e, ao mesmo tempo, os interesses da coletividade nacional.

Quanto à expressão de posição na sociedade civil, é a realizada individualmente pelas pessoas beneficiadas pelo sistema dominante, de acordo com a sua posição dentro da sociedade, para defender seus interesses, e, geralmente, confirmar a estrutura vigente.[32]

---

[32] Raramente há uma atuação para romper com o sistema; uma exceção pode ser a participação da OAB no "impeachment" contra o Presidente Collor no Brasil em 1993.

Os movimentos sociais tem como caracteristica serem organizações não governamentais, constituídas por pessoas, normalmente das classes menos favorecidas, com problemas comuns e que se unem para reivindicar uma solução. Podem ser chamados também de movimentos políticos visto que sua organização é política, em torno de interesses que transcendem os individuais.

Sempre procuram estabelecer uma nova ordem e, uma vez que conseguem seus objetivos, esses movimentos se dissolvem ou acabam transformando-se num partido, entrando na atividade política profissional.

"la misma organización en su desarrollo pide a sus miembros la asunción de compromisos públicos, de conductas previsibles y de roles civiles especializados" ***(Pizzorno:52)***.

Um exemplo são as associações de bairro, que, via de regra, começam para pressionar o governo por melhores condições de infra-estrutura básica urbana e cujos líderes, anos depois, acabam elegendo-se vereadores.

As subculturas surgem da participação associativa em organismos políticos de base, que reproduzem as relações sociais de pertença.

"Una subcultura agrupa a individuos que, según los valores prevalecientes se sienten en condiciones de inferioridad" ***(Pizzorno: 65)***.

Um exemplo seriam os guetos, cujo comportamento pode evoluir para movimento (Ex. subcultura negra evoluindo para movimento negro).

As subculturas, enquanto tais, têm em comum com a participação civil na política o fato de que a solidariedade privada predomina. Quando a subcultura se transforma em movimento social, passa a predominar a solidariedade política. É importante destacar, outrossim, que a demarcação das fronteiras entre participação civil e participação política na esfera política é muito difusa.

Tanto as subculturas quanto os movimentos podem vir a ser formas de participação política, porém também podem ser extremadamente desmobilizantes, como é o caso das religiões orientais e do esoterismo em geral que, não por acaso, vieram tomar conta, atualmente, de grande parte da juventude em países onde a década de 70 e 80 caracterizou-se por uma violenta repressão política.

Posteriormente Hirschman *(1983:118-119)* sistematizou as formas de participação política fora do voto em duas, uma diretamente ligada ao processo eleitoral *"tentativas de influenciação do voto, através do comparecimento a reuniões na qualidade de correligionário, doações, trabalho ativo durante a campanha, etc."* e formas de participação mais direta, consistentes em pressionar o governo a qualquer nível, *"tentativas de influenciar diretamente as decisões sobre programas públicos mediante acompanhamento de atividades comunitárias...geralmente através da participação em grupos e organizações voluntárias"* entre as quais ele cita associações, grupos de pressão, coalizões, lobbies, grupos de defesa do meio ambiente, de defesa do consumidor, ou de defesa de qualquer assunto específico.

A contribuição do autor é que ele dimensiona o grau de envolvimento das pessoas, na política eleitoral e na segunda categoria, observando que a forma de participação direta em grupos de interesse cresce em razão inversa ao

envolvimento no processo eleitoral, onde *"o vigor não apenas dos eleitores mas também dos cabos eleitorais tende a esmorecer"* ***(Hirschman 1983:119).***

O autor diz que o voto é um ato frio, desapaixonado, que não permite que as pessoas expressem sua vontade política com intensidade. Haveria, portanto, um círculo de desestímulo: na medida em que o ato de votar não permite um envolvimento intenso, na medida em que o benefício gerado pela "eficiência marginal" do voto é pequeno em proporção ao tempo gasto em votar (conf. Hirschman,: 84), não haveria razão para incomodar-se em fazê-lo.

"[o processo democrático] *limita tanto o exercício da paixão política que pode gerar decepção e, via de conseqüência, despolitização"* ***(Hirschman,:120)***

Ele parte da premissa de que a participação política é um prazer, enquanto que a literatura pós-moderna dos anos 90, traz outra luz sobre a desmotivação dos cidadãos, que não será abordada neste contexto, mas que explica a despolitização por um crescente ceticismo por parte das pessoas, um "esfriamento" (cooling) generalizado por tudo aquilo que não diga respeito aos seus interesses imediatos.

Por outra parte, a participação em movimentos com um amplo espectro de reivindicações também tem diminuído, observando-se apenas adesão ao que Hirschman (:119) chama de movimentos em torno de uma única questão.

As limitações à participação política -ou ação coletiva na linguagem de Hirschman, (:102)- podem ser colocadas em duas categorias. Uma, de ordem pragmática: o tempo disponível; a outra, de ordem psicossocial: a identidade de classe.

O tempo do indivíduo moderno (e pós-moderno) divide-se em:

-tempo para "manutenção do corpo" (:105), ou seja o atendimento das necessidades fisiológicas de sono, alimento, exercício e higiene;

-tempo de trabalho, mais o transporte para o local de trabalho.

-tempo para obrigações familiares, sociais e religiosas.

-tempo livre para o lazer, aprimoramento educativo voluntário ou participação voluntária em associações de qualquer tipo.

A participação política no seu sentido mais amplo implica uma atuação direta do indivíduo, com investimento do seu próprio tempo e/ou dos seus recursos materiais. A alternativa para o processo eleitoral, isto é, a participação em comissões de fábrica, em associações de bairro, e similares, é algo que o sujeito deve fazer dentro de um tempo que teoricamente deveria ser livre para o lazer. Isto pode-se constituir numa limitação à participação.

"Uma experiência muito comum entre os que se engajam em alguma ação pública pela primeira vez é a de que tal ação toma muito mais tempo do que originalmente se esperava." ***(Hirschman ,:103).***

A partir do advento da moderna sociedade industrial, o tempo das pessoas passou a ter um custo, donde ser inviável querer continuar com o modelo de cidadania ateniense em que todos os interessados participavam de todas as decisões, ou mesmo o da sociedade feudal onde os cidadãos eram obrigados a participar, e ser necessária a existência de profissionais remunerados para tomar essas decisões. As decisões e a ação política passaram a ser um serviço pago pelo cidadão comum a determinados profissionais para não ter que ocupar-se diretamente do assunto.

Por outro lado, vê-se que, a participação em movimentos sociais, sindicatos, comissões, e similares, tem também o inconveniente da exposição do sujeito, que pode, dependendo do período histórico, torná-lo vítima, ou de represálias (do tipo perseguição por parte dos superiores hierárquicos, ou perda de emprego), ou da violência da repressão policial (como na maior parte das manifestações e greves), ou da violência do grupo que se sente lesado (como no caso dos assassinatos de líderes sindicais, pacifistas, etc.).

Ao mesmo tempo, essa exposição coloca o sujeito como membro de uma classe determinada, e são muitas as pessoas que não querem identificar-se com sua própria classe, como será visto no subtítulo seguinte.

Outro obstáculo à participação, apontado por Olson, citado (e contestado) por Hirschman,(:85) é o que ele chama da questão das "caronas". Este fenômeno refere-se à propensão que as pessoas têm a esperar que outros membros da comunidade tomem determinadas iniciativas para beneficiar-se com os resultados. Estes cidadãos partiriam da premissa de que, mesmo que eles não façam nada para solucionar um problema, alguém o fará e os benefícios serão para a coletividade. Este fenômeno, que pode refletir, de um lado comodismo e falta de espírito comunitário, pode reafirmar o dito anteriormente de que, no mundo contemporâneo, as pessoas aspiram a uma divisão de tarefas. Elas não querem ser produtores da "coisa pública" e sim consumidores dela.

Isto não acontece da mesma forma com a classe que ocupa posições centrais na sociedade, a chamada "classe dominante", pois seus membros sabem claramente o lugar que ocupam e quais são os interesses privados que devem defender e tem capacidade, oportunidade, tempo disponível e condições intelectuais para intervir, além do que a participação lhes da o prazer da publicitação da sua imagem.

"cuanto más alta es la posición social de un individuo, tanto mayor es la probabilidad de que participe en decisiones políticas... cuanto más las decisiones privadas alcanzan una parte importante de la colectividad nacional, tanto más se vuelven indisolubles e indiferenciables de las decisiones políticas". ***(Pizzorno,:60-61)***

Este modelo de "centralidade-perifericidade" permite enxergar por que as classes dominantes tem mais peso político. Considera-se que quanto mais alto é o grau de estudos de uma pessoa, quanto maior o prestígio de sua profissão e quanto maior sua riqueza, mais próxima ela está do centro. Por outro lado, a intervenção dos grupos que ocupam posições centrais, sempre a favor da situação, dificilmente pode significar risco para a integridade física.

Mas não se trata apenas de que, por seu poder econômico, ou por seu prestígio social e sua escolaridade estas pessoas teriam melhores condições de exercer, sem riscos, pressão nas esferas do Estado. Trata-se, também, de que elas têm, de fato, uma participação mais ativa, porque tem um maior sentimento de PERTENÇA a uma classe, sentimento este que está mais diluído nas outras classes sociais, que ocupam a periferia do modelo, cujos membros, via de regra, tentam mascarar a si próprios e aos outros, sua origem.

O voto e suas limitações

Para o cidadão comum, a expressão "participação política", significa, geralmente, votar, e, se bem existem várias outras formas de participar, como acaba de ser visto, as eleições democráticas têm sido, por dois séculos, a manifestação política por excelência, reivindicada pelo povo e autorizada pelas elites outrora detentoras do poder absoluto.

Portanto não se pode discorrer sobre participação política sem dedicar um espaço praticamente equivalente à questão do voto, ou do processo eleitoral.

O sufrágio (chamado) universal, foi adotado na França, em 1848, como uma alternativa conciliadora para acabar com as revoluções armadas, numa época em que apenas os "pares do Reino" tinham direitos políticos. Sua adoção inclusive foi interpretada por algumas correntes de pensamento como uma forma de cooptação dos revolucionários, que deixaram a luta armada pela qual pretendiam conquistar direitos imediatamente, para optar por um sistema indireto de expressão que, como será visto depois, não traz resultados imediatos.

Hirschman chega a fazer um retrospecto histórico para demonstrar que o voto foi implantado, na França, como uma concessão dos conservadores para pacificar o povo. O voto aparece na análise do autor como uma solução pacificadora, legalizadora, domesticadora.

"o voto representava um novo direito do povo, mas também restringia sua participação política a essa forma específica e comparativamente inofensiva"(:121)

O voto é a instituição política central na sociedade contemporânea. (conf. Hirschman,:112), ou o estágio zero da participação política (Pizzorno, :41)

O direito a votar, a escolher e ser escolhido, é uma forma de igualdade dentro do sistema democrático (Pizzorno:43), mas uma igualdade que não traz como contrapartida imediata a igualdade procurada pelas pessoas, que é a econômica. O voto aparece, assim, como condição necessária mas não suficiente para o surgimento de uma sociedade realmente igualitária.

"El ritual electoral en los Estados democráticos... representa...una reafirmación periódica de que todos los ciudadanos son iguales frente a un acto fundamental del Estado" ***(Pizzorno,:45)***

Mas este ritual eleitoral é colocado, pelo próprio autor, como equivalente a rituais folclóricos de igualdade como as festas das empresas em que todos os níveis hierárquicos se misturam momentaneamente. O ritual do voto proporciona uma igualdade fictícia, momentânea, que dá ao indivíduo a ilusão de que ele pode escolher.

Nos países onde o voto é voluntário quase metade dos eleitores não votam.[33] De acordo com García Canclini (1994:25), os Estados foram desacreditados como administradores, assim como os partidos de oposição, o que levou ao desencantamento e ao desinteresse na coisa pública. Também nos países em que o voto é obrigatório *"las encuestas revelan que un 30 a 40 por*

[33] No caso dos Estados Unidos, apenas 50% dos cidadãos se manifestam nas eleições. De acordo com Pizzorno(1975:79) o eleitor norte-americano simplesmente renunciou a ter opção política.

ciento no sabe por quién votar una semana antes de los comicios" ***(García Canclini, 1994:05)***. O número de votos brancos e nulos das eleições revela que muitas dessas pessoas depositaram seu voto ainda sem saber em quem ou por quê votar.

Outro problema sério que se coloca à democracia representativa, e ao processo eleitoral é que ainda não há uma explicação satisfatória sobre as razões que levam uma pessoa a votar em um ou outro candidato. Há votos racionais, conscientes, e há outros irracionais. As razões pesquisadas apresentam uma variedade de motivos, alguns dos quais surpreendentes. Por exemplo, mulheres declarando que votam em determinado candidato porque é "bonitão" (conf. ATRATOR ESTRANHO,1995:09). A popularidade de uma pessoa que aparece na mídia (cantor, animador, desportista)[34], o compromisso de votar no "candidato do patrão" (o chamado voto de cabresto), o mecanismo de projeção que leva a que o operário não queira votar em operário, porque entende que só a classe "ilustrada" tem capacidade para governar, a fidelidade partidária como tradição de família; todas são evidências empíricas de que o voto, ou não obedece a uma escolha racional e coerente com as necessidades do próprio indivíduo, (que muitas vezes desconhece qual é o caminho para satisfazer suas necessidades) ou é um voto exclusivamente dirigido a conseguir favores clientelísticos, ou à ilusão de que estes serão outorgados. Muitas vezes não se vota a favor de alguém mas apenas contra um estado de coisas.

"People do not vote exclusively for "public goods"...they vote against the incumbent government when their personal income falls or unemployment increases" ***(Przeworski, 1991:42)***

Observa-se, em todas partes, que cada vez mais o voto obedece a razões individualistas e não à idéia de "bem comum". Coexistem votantes que agem irracionalmente com outros que agem calculisticamente, visando satisfazer seus interesses particulares. Na cultura cívica vigente, vê-se uma *"relativa indiferença ou apatia por parte dos atores políticos, que passariam a estar mais voltados para seus interesses cotidianos* [assumindo] *uma orientação face à vida política que se aproximaria da postura calculante considerada por Etzioni."* ***(Reis, 1988:21)***. O oposto desta postura, seria o sistema de solidariedade, em que as pessoas votariam pensando no bem comum.

O voto calculante não seria totalmente negativo se funcionasse a teoria de Hirschman segundo a qual a geração de riquezas a nível particular pode ser benéfica para a sociedade, pois a criação de riquezas na esfera privada é *"um jogo em que todos os jogadores podem ganhar. Em especial, há períodos de rápido crescimento econômico durante os quais a total concentração em atividades privadas traz consigo a satisfação de participar no que promete ser a tão esperada investida final contra muitos dos flagelos que há muito tempo assolam a humanidade"(:139).*

[34] Na Argentina, em 1994, o governador da província de Tucumán era um ex-cantor popular e o da província de Santa Fé um ex-corredor de Fórmula 1. Na Itália a atriz pornográfica Cicciolina foi escolhida deputada no início da década de 1990

A economia capitalista, porém, não prevê formas de distribuição da riqueza, portanto não se pode esperar que um voto pensado em benefício próprio possa vir a ser benéfico para a sociedade em geral.

"O mundo ... produz alimentos para todos, mas quase metade da população da Terra é desnutrida" ***(Maar, 1994:54)***

Para que houvesse um voto racional, e um votante que pensasse no bem comum, deveria haver, ou uma sociedade sem classes (Reis: 35), ou uma população esclarecida e ao mesmo tempo com consciência de classe, o que, ao longo da história, não se verificou em nenhuma parte, e cada vez é mais difícil que isto aconteça, visto que a reorganização da economia na sociedade pós industrial levou à crise do conceito de classes, como será visto no item subsequente.

Se, na era moderna, no início da industrialização era fácil definir o proletariado, hoje há proletários na área de prestação de serviços e dos profissionais liberais.

"In 1848 one simply knew who were the proletarians. One knew because all the criteria – the relation to the means of production, manual character of labor, productive employment, poverty, and degradation – all coincided to provide a consistent image...But by 1958 this definition includes secretaries and executives, nurses and corporate lawyers, teachers and policemen, computer operators and executive directors. They are all proletarians, they are all separated from the means of production and compelled to sell their labor power for a wage." ***(Przeworski,:56-57).***

O voto também reflete a questão do status. Da mesma forma que uma secretária não sairia em passeata junto com um operário da mesma empresa, porque, embora sejam ambos proletários, tem um status diferente dentro da mesma, ela não vai votar num partido operário. Na América Latina a questão da solidariedade de classe é, também, especialmente complicada, porque predomina uma cultura estamental. *"Na América Latina,* [a revolução burguesa tardia] *não transforma amplamente a sociedade, abrindo espaços políticos, sociais, econômicos e culturais para os grupos e as classes subalternos do campo e cidade. Ao contrário... Combina elementos oriundos da estrutura de castas na sociedade de classes"* ***(Ianni:1993: 29)***

A história da social democracia, a nível mundial, que tinha por excelência propostas para os trabalhadores, mostra que estes partidos nunca obtiveram os votos de quatro quintos do eleitorado em nenhum país

"Yet social democratic parties never obtained the votes of four-fifths of the electorate in any country" ***(Przeworski:, 26).***

Ao contrário, em muitos países um terço dos trabalhadores braçais vota em partidos burgueses.

"In several countries as many as one-third of manual workers vote for bourgeois parties" ***(Przeworski:, 27).***

Este fenômeno também se verifica na América do Sul, onde, com exceção do Chile, as esquerdas nunca chegaram a ter maioria nas eleições nacionais[35].

[35] A nível municipal, no Brasil e no Uruguai tem sido escolhidos, nos últimos anos, prefeitos dos partidos de esquerda (PT e Frente Amplio, respectivamente).

As pesquisas feitas quando um metalúrgico candidatou-se à presidência do Brasil revelaram que as pessoas das classes menos favorecidas entendiam que um operário não teria capacidade para governar.

A evidência empírica demonstra que *"o povo humilde tem um medo enorme do perigo comunista, das esquerdas, não confia no seu igual"(ATRATOR ESTRANHO:25).* Isto leva a uma permanente contradição entre a forma em que se fala de política e a forma em que se vota.

O problema das mudanças a longo prazo

Seja calculista ou irracional, o ritual do voto, como todo ritual, tem, para seus protagonistas também uma expectativa de magia. O votante investe uma grande dose de esperança inconsciente em que seu ato mudará imediatamente as coisas, e, aqueles que não pertencem ao grupo dos conformistas, tem uma capacidade limitada de espera para que seu ato dê os resultados previstos.

A questão do tempo necessário para que a população em geral se beneficie com mudanças profundas na estrutura social, reveste-se de tanta importância que até Clauss Offe tem alcunhado a expressão "economia política da paciência" (citado por Santiso, 1993:989) para definir a capacidade de espera das pessoas, sobre tudo quando as expectativas são grandes.

De acordo com Hirschman as pessoas não cogitam apenas mudar algum aspecto do presente, mas virá-lo do avesso. Quando percebem que as pequenas mudanças são demoradas, e as transformações totais levam séculos, eles se desapontam e deixam de participar politicamente, seja através do processo eleitoral ou de qualquer outra manifestação. O processo de mudanças pela via da democracia representativa é lento, até o ponto de que, muitas vezes, acredita-se que o mundo está sempre igual ou que as relações estão piorando, o que tem também sua parte de verdade.

Quando se olha através de outra perspectiva, que não a econômica pura, por exemplo, da área da saúde, percebe-se que, apesar dos pesares, pelo menos para uma parte da população, tem havido progressos significativos. Mas isto não é suficiente; é difícil para as pessoas que estão no último degrau da escala social, ver as melhoras.

A sociedade capitalista, desde os seus primórdios, levou a desejar uma satisfação imediata das necessidades. A sociedade de consumo está presente para todas as pessoas, via meios de comunicação ou nas vitrines da cidade. E o sistema capitalista, no qual colocou-se uma dose de esperança sem precedentes na história, não deu conta das suas próprias contradições, na medida em que não conseguiu, a curto prazo, abolir as desigualdades e injustiças sociais que minaram todos os sistemas econômicos anteriores.

O ideal da economia de mercado é o da concorrência equilibrada, porém isso não aconteceu. Há uma defasagem entre a realidade e o modelo, que os defensores do capitalismo tentam permanentemente solapar, assim como tentam disfarçar o custo social das "conquistas" do capitalismo.

"os economistas favoráveis ao mercado...irão se esforçar para legitimar o mercado do ponto de vista econômico. Mas, por isso mesmo, terão de sacrificar a legitimidade sociológica que o mercado teria o direito de pretender, em razão do

modo de funcionamento da maioria dos mercados, muito afastado ...do modelo da concorrência perfeita" ***(Hirschman, 1986:31)***

Especialmente nos países do terceiro mundo, e particularmente no que interessa neste contexto, América Latina, o capitalismo não conseguiu solucionar os problemas de educação e saúde básicas. Continua-se tendo salários mínimos aviltantes e uma porcentagem da população que oscila nos 50% à beira da fome. Praticou-se um modelo de crescimento antagônico não equilibrado (Hirschman, 1986:112) que faz com que um setor cresça em detrimento do outro, *"modo de avançar bizarro e mesmo perverso, no curso do qual um grupo social importante é constantemente negligenciado e mesmo rechaçado"* ***(Hirschman,:114)***

Tenta-se explicar de várias formas por que o capitalismo não funcionou como era esperado. Nos seus primórdios acreditava-se que o livre comércio traria uma melhora considerável nas relações entre os homens, tanto assim que o comércio era chamado de "douce", que pode ser traduzido como suave, delicado, ou agradável. Pouco depois viu-se que o andamento dos fatos não estava de acordo com as expectativas, e começou-se a procurar motivos. Em alguns países parecia evidente que a culpada era a herança feudal e originou-se a tese dos entraves feudais; em outros, a tese de que o capitalismo levava em si o germe da sua própria destruição.

A verdade é que não há uma explicação satisfatória e universal sobre por que o capitalismo não atingiu seu ideal, mas está claro que sempre tem conseguido mecanismos para absorver suas contradições, em alguns períodos melhor do que em outros.

"a base moral da sociedade capitalista é constantemente corroída e, ao mesmo tempo, não menos constantemente restaurada" ***(Hirschman,: 48)***

Mas a restauração é lenta, demora para atingir todos os segmentos da sociedade. Há, sem dúvida, um descompasso entre as aspirações das maiorias a uma solução imediata dos seus problemas sócio-econômicos e o tempo que as mudanças levam para acontecer. Não são muitos os que conseguem esperar, os que conseguem aceitar a pauta da gratificação diferida, ou seja, lutar para que os resultados sejam usufruídos gerações mais tarde.

Há pessoas que se conformam, seja porque encontram a forma de ir escalando posições dentro do sistema, tornando-se os "remediados", ou seja porque a classe dirigente consegue, através de seus inúmeros mecanismos propagandísticos ou de força, convencê-los de que essa é a ordem correta da sociedade.

"La nuestra es una sociedad alienada no porque reduce la gente a la miseria, sino porque manipula e impone el conformismo" ***(Gyarmarti, 1992:13).***

Todos os problemas da sociedade capitalista atual, parecem potencializar-se na América Latina, e assim deve ocorrer também com a ansiedade por reformas e o desencantamento com a demora. *"Na vida política e econômica, as desigualdades, as práticas de violência e as formas de corrupção podem revelar-se de forma particularmente acentuada nas sociedades latino-americanas. Algo que ocorre de maneira diferente, tal vez moderada, talvez mais encoberta na Europa e nos Estados Unidos, nos países latino-americanos manifesta-se à luz do dia"* ***(Ianni,:126)***

A reiteração de resultados eleitorais, por exemplo, é uma mostra de que a conformidade está largamente difundida na sociedade, porém há outros grupos sociais que reagem diferentemente.

As pessoas que não conseguem conformar-se com essa pauta nem com a injustiça social, transformam-se, ora em revolucionários, ora em emigrantes, ora em criminais ou em seres totalmente alienados e sem esperança, cujo estado mais se assemelha ao animal, como pode ser visto em algumas ruas das capitais latino-americanas.

A profissionalização da política e os problemas decorrentes.

Numa sociedade onde o trabalho está claramente dividido, o correto parece ser delegar aos políticos profissionais o trabalho de conduzir o país ou qualquer tipo de negociação coletiva. Portanto, a democracia representativa seria o canal ideal para o funcionamento ordenado da sociedade. De acordo com o sistema democrático, os indivíduos escolhem aquela pessoa capaz de levar ao parlamento, seja no âmbito municipal, estadual ou nacional, sua voz.

A generalização deste sistema, de uma certa forma, justifica a quase identificação do processo político com o processo eleitoral e permite que as pessoas, que normalmente, por diversos motivos, não se engajariam nas questões coletivas, o façam. Participar temporariamente da campanha de um político é mais factível do que comprometer permanentemente um tempo fixo para um sindicato; no dia das eleições, em muitos países é feriado, de forma que a pessoa substitui seu tempo de trabalho pelo tempo dedicado às atividades "cívicas". Também é, de todas as atividades consideradas "participação política", vistas no capítulo anterior, a menos perigosa em todos os sentidos. É claro que neste caso o indivíduo também deve expor-se como membro de uma classe, mas pelo menos esse comprometimento não terá os outros riscos da participação mais ampla, desde que as eleições fazem parte do acordo social, do "jogo político" e não sofrem repressão policial, a não ser em casos excepcionais.

Mas este modelo representativo, também tem seus inconvenientes, dado, justamente, o poder conferido aos representantes da sociedade na esfera do governo. O poder é definido como *"la capacidad de asignarse a sí mismo o asignar a los demás ciertos valores o de privar de ellos"* ***(Pizzorno,:40)*** e observa-se muitas vezes que somente é usada a capacidade de outorgar certos valores a si mesmo. Nem sempre os parlamentares cumprem sua tarefa; a distância entre representados e representantes aumenta proporcionalmente ao nível de representação e ao tamanho da população. Já Rousseau, na sua época, objetava que o representante do povo sempre iria manifestar sua própria vontade e não a vontade deste. Atualmente, verifica-se que, na maioria dos casos, os parlamentares não assumem o poder para resolver os problemas da sociedade em geral ou da comunidade que os votou, e nem sequer para expressar a sua vontade, mas apenas para viver do dinheiro público, das mordomias do cargo e para conseguir leis e vantagens para seus próprios interesses particulares.

"Depois de escolhidos os representantes tornam-se autônomos, e conduzem os negócios do país ...a revelia ..dos cidadãos ou dos filiados e militantes. Estes

perdem até mesmo a possibilidade de voltar atrás nas suas escolhas...e precisam esperar até que se esgotem os prazos da tutela...que os governantes têm em relação aos governados...De que adianta votar? Vai tudo continuar na mesma" ***(Maar,:71)***. É neste sentido que pode-se concordar com Hirschman (1983:118) quando diz que o voto, por não permitir um envolvimento maior das pessoas, leva a duas possíveis reações: a apatia ou o terrorismo.

As pessoas votam num representante que por sua vez se autonomiza, sem que elas possam reverter essa situação. Seu voto foi um ato momentâneo que colocou uma pessoa no poder de governar seu destino durante quatro ou cinco anos. Sob determinadas circunstâncias, isto pode desencadear uma revolução armada; na maioria dos casos, a resposta é a apatia que pode tomar a forma de emigração.

Algumas análises políticas, por outra parte, demonstram que a democracia participativa não é tão universal quanto o discurso afirma, ou seja, o poder de decisão da maioria é pouco ou refere-se a assuntos, de certa forma inócuos, ou que não colocam em risco o "status quo" que as elites desejam manter.

Na prática *"os sistemas de governo são organizados de tal modo que ...as principais decisões sempre são tomadas por pequenos grupos de pessoas, praticamente em segredo. Os banqueiros, os grandes empresários, os principais chefes militares e uns poucos dirigentes partidários conseguem influir sobre o que vai ser decidido"* ***(Dallari, 1994:32)***

Estas decisões podem ser tomadas pelos grupos de interesse com a anuência do restante da população, entre outras coisas porque são colocadas como decisões técnicas, que fugiriam ao âmbito político da discussão social.

"uno de los métodos más seguros..de..aislar..los problemas que podrían amagar la posición y los intereses de las élites dominantes consiste en definirlos como "asuntos técnicos"...lo que permite transformar las cuestiones sociales y éticas en asuntos tecnológicos y de administración...reduciendo o eliminando con ello la participación del público en general" ***(Gyamarti,:11)***

Outra das razões do desencantamento com os representantes é a corrupção. Esta questão, que não é um fenômeno apenas contemporâneo, verifica-se nas esferas do governo em todas as partes do mundo desde que o sistema parlamentar foi adotado, e suas conseqüências são desastrosas para a democracia, pois a corrupção não é um ato isolado, mas um processo que uma vez desencadeado parece difícil de controlar.

Parece haver, na questão da corrupção, uma certa cumplicidade entre dominantes e dominados na reprodução da desigualdade e que já foi apontada por La Boétie no século XVI. Os homens suportam tiranos, se deixam subjugar em troca de favores; um grupo sustenta o poder central porque lhe convêm, e cada membro desse grupo tem seus protegidos aos quais beneficia com favores.

Faz-se dessa forma uma pirâmide de privilégios e de corrupção e pode-se dizer que, salvando as distâncias, na atualidade também *"ocorre que a final há quase tanta gente para quem a tirania parece ser proveitosa quanto aqueles para quem a liberdade seria agradável"* ***(La Boétie, 1987:32)***. Não precisa haver tiranos, o raciocínio também se aplica aos governos conservadores que continuam oferecendo políticas de privilégios, clientelismo. Uma leitura dos

acontecimentos políticos da América Latina nestes últimos dez anos sugere que, aparentemente, estar seguro dentro de uma corrente de concessões é mais interessante do que assumir uma cidadania plena, de igualdade e responsabilidade.

Os políticos profissionais acabaram burocratizando a política e os interesses deles passaram a ser diferentes das demandas sociais.

"La crisis de los sistemas contemporáneos está relacionada con el abandono de la finalidad "ética" de la política y de la democracia, con la renuncia de sus fines sociales y humanos ...cuando no corrompida por el mal uso y abuso del poder". ***(Flores Olea,1993:131)***

A política como meio para conservar o poder deixou de lado a política com fins sociais, que deveria cuidar do avanço da democracia, a distribuição da riqueza, a liberdade e o respeito aos direitos humanos. (conf. Flores Olea: 139)

Pelas razões mencionadas e por outras que com certeza escapam à presente análise, a chamada "classe política", o conjunto dos políticos profissionais, inspira desconfiança e até rejeição.

Pizzorno(:47) também afirma que a participação só acontece quando se está entre iguais. Sendo que as pessoas não se sentem iguais economicamente, nem socialmente, pois são tratadas de forma diferente de acordo com seu "status" social, é pertinente inferir que eles não se sentem participantes, mesmo tendo a possibilidade de votar; sentem que seu voto nada mudará. Nada mais é do que a sensação de estar à margem do processo decisório, apesar das condições objetivas. Trata-se de *"un sentimiento psicológico de estar lindando el centro de las cosas, o, muy por el contrario, de estar fuera de él, en la periferia"* ***(Milbrath citado por Pizzorno,: 58)***

Parte do desinteresse das populações, tanto em escolher seus representantes, quanto pelos destinos de uma determinada nação pode ser, na América do Sul, explicada pelas características dos Estados nacionais, Estados que, como já foi visto no capítulo anterior, estão ainda em processo de formação.

A rebeldia para com um Estado que não cumpre com sua parte do pacto social, ou seja, que não dá ao cidadão todos os direitos e toda a proteção que ele espera, e a impotência de ver que não há meios de vencer (as lutas armadas fracassaram e as eleições nada mudam) é, sem dúvida, na América Latina, outra das explicações do desinteresse das pessoas pela escolha dos seus representantes.

"Uma conjuntura institucional insatisfatória ... reflete-se numa desmoralização da atividade política...que pode reverter em apatia ou na procura de alternativas extra-institucionais como a luta armada. Ao mesmo tempo, processa-se uma inversão na valorização da atividade política institucional, em que ela deixa de ser um direito, passando a ser apenas um dever e uma responsabilidade" ***(Maar,:12)***

Também está o problema de que quando um partido que não representa as elites ganha pelo voto, as elites apelam à força. Segundo Przeworski (:09), o líder sueco Sterku dizia que supondo que a classe trabalhadora conseguisse ter maioria no parlamento, nem dessa forma teria poder. Ele tinha certeza de que a classe capitalista apelaria às baionetas. Isso foi exatamente o que aconteceu em

várias ocasiões na Argentina quando a oligarquia dos pecuaristas viu-se ameaçada por um governo democraticamente eleito que ia contra seus interesses e, mais recentemente, e de forma mais sangrenta, no Chile, quando o presidente socialista Salvador Allende, democraticamente eleito, foi deposto por um golpe militar.

Embora a via eleitoral seja aquela que permite a todo cidadão manifestar suas reivindicações por bens e serviços (conf. Przeworski,:11) isso não garante que suas manifestações serão respeitados pelos detentores tradicionais do poder.

A crise da identidade de classe e o auge do status

O velho ideal de que os trabalhadores se organizariam como classe, parece não ter-se cumprido. Ao contrário, o que se observa hoje é uma resistência a identificar-se com as classes menos favorecidas. Popularmente diz-se que "pobre não quer dizer que é pobre", o que, independentemente das explicações psicológicas, implica falta de consciência social.

Pizzorno afirma que a intensidade da participação política é proporcional à consciência de classe e que o grau de consciência de classe que uma pessoa possa ter não é apreensível através do discurso; só pode ser medido através da ação de classe do indivíduo.

"se puede conocer tan sólo en el preciso momento de la acción de clase: si ella existe, hay conciencia de clase, si no existe, no la hay" ***(Pizzorno:49)***.

De acordo com Pizzorno, forma-se um círculo no qual a consciência de classe promove a participação e esta última aumente a primeira.

A distinção feita por Weber entre *status* e classe social é importante neste contexto porque ajuda a entender que neste momento histórico, é mais relevante o *status* a que se pertence do que a classe social. Não há uma identificação entre trabalhadores; o processo produtivo não atua mais como núcleo aglutinador, a não ser em situações raras e extremas.

*"Class loyalty is no longer the strongest base of self-identification. Workers see society as composed of individuals; they view themselves as members of collectivities other than class; they behave politically on the basis of religious, ethnic, regional or some other affinity"****(Przeworski:28)***

Przeworski ainda observa que grande parte dos assalariados não só não se identifica com a classe operária mas está predisposto à ideologia burguesa...*They fancy they belong to the bourgeoisie, just as the lackey identifies himself with the class of his master"(Kautsky citado por Przeworski,:58)*

O problema não é apenas que o indivíduo não se identifica com sua classe social, mas que o próprio conceito de classe social provou-se insuficiente para classificar os indivíduos, sendo necessário também apelar ao conceito weberiano de status, à diferenciação entre trabalho manual e intelectual, e ao prestígio social de certas profissões, ao "estilo de vida" ao nível de escolarização, e ao nível de ingressos mesmo dentro do grupo genérico de "não proprietários dos meios de produção".

Dentro de uma fábrica, um operário e uma secretária são ambos assalariados e pode-se dizer que pertencem à mesma classe social, porém a

secretária, por ter um curso técnico e ocupar um escritório, e exercer uma atividade socialmente mais valorizada, pertence a outro status.

"The problem in the conceitualization of class structure arise principally, although not exclusively, from the appearance of people variously termed salaried employees, white-collar workers, nonmanual workers, ouvriers intellectuels, service workers, technicians, "the new middle classes" ***(Przeworski,:62)***

Assim, na atualidade, a identificação com uma classe torna-se cada vez mais difícil, e portanto é cada vez mais difícil a identificação das pessoas com um determinado partido político ou com um determinado movimento social; a identificação é mais fragmentada, mais de acordo com interesses imediatos e restritos, praticamente corporativistas, e depende, não tanto do tipo de trabalho que a pessoa faz, mas também das razões pelas quais ela faz esse trabalho, que determinarão seu comportamento.

Alocar as pessoas dentro de "classes" tornou-se tão complexo que o conceito está sendo definido em termos de relação e não de agrupamento.

"Class then is a name of a relation, not of a collection of individuals. Individuals occupy places within the system of production; collective actors appear in struggles at concrete moments of history...Class is the relation between them, and in this sense class struggles concern the social organization of such relations" ***(Przeworski:81)***

A única possibilidade de identidade compartilhada dá-se entre aqueles que pertencem a uma mesma comunidade de consumidores . Estes se organizariam de acordo com a arte de bem consumir a que se referia Weber e constituiriam um grupo de status. Estes grupos de status podem estar em diversos lugares, e terem interesses comuns, ou afinidades. Atualmente com as redes de comunicação, mais do que nunca pode-se falar numa comunidade virtual de pessoas entre as quais o consumo é o principal identificador. Será vivido como "democracia" a possibilidade de que, patrão e empregado freqüentem o mesmo restaurante, deixando-se de lado a questão da propriedade dos meios de produção.

"si existe aún algo así como un deseo de comunidad, se deposita cada vez menos en entidades macrosociales como la nación o la clase, y en cambio se dirije a grupos religiosos, conglomerados deportivos, solidaridades generacionales y aficciones massmediáticas...Las sociedades civiles aparecen cada vez menos como comunidades nacionales...Se manifiestan más bien como comunidades hermenéuticas de consumidores" ***(García Canclini:141)***

A possibilidade ou impossibilidade de consumo de um tipo determinado de bens ou serviços será a que dará aos indivíduos a sensação de pertencer a um determinado grupo de status.

A crise do sentimento de nacionalidade

Se bem é verdade que há grupos sociais nacionalistas em vários países do mundo, xenofóbicos até, sua existência parece dever-se mais a questões econômicas do que a um sentimento de pertença. Os movimentos nacionalistas surgem com mais força nos países europeus em que os desempregados buscam

os culpados entre os estrangeiros e não na estrutura do pós-capitalismo. O caso da violência contra os estrangeiros na Alemanha pode ser paradigmático de esta situação, de instrumentalização do nacionalismo para procurar culpados para uma situação de crise.[36]

Também se observa um nacionalismo exacerbado nas novas nações surgidas após a dissolução da União Soviética, com bases mais étnicas e religiosas do que políticas ou territoriais. Judeus e árabes podem ser considerados exemplo disto, quando suas disputas se estendem fora dos territórios em litígio, chegando a outro continente.[37]

Fora estes casos especiais, o que se observa no resto do mundo, e especialmente na América Latina, é uma crise do sentimento de nacionalidade.

Nestes países não há orgulho da herança cultural. García Canclini (:51) refere-se a um fenômeno, no México, que pode ser observado também no Uruguai, país cuja cultura interessa nesta tese. Ele observa uma tendência autodenigratória, onde raras são as manifestações da cultura popular que agrupam todos os membros da sociedade nacional. As festas populares são desprezadas pelas classes privilegiadas e as festas nacionais oficiais são freqüentadas pelo povo apenas por obrigação. O culto às tradições passou a ser um instrumento do Estado autoritário; em lugar de ser uma preservação autêntica, surgida do seio do povo, uma manifestação espontânea da sociedade que quer mostrar suas raízes com orgulho, foi instrumentalizada por uma política reacionária destinada a preservar o conservadorismo arcaico das burguesias nacionais e a pregar um suposto antipatriotismo das propostas políticas renovadoras.

"Se estableció que tener una ***identidad*** *equivalía a ser parte de una nación, una* ***entidad*** *espacialmente delimintada, donde todo lo compartido por quienes la habitan –lengua, objetos, costumbres- los diferenciaría en forma nítida de los demás. Esos referentes identitarios, históricamente cambiantes, fueron embalsamados por el folclore en un estadio "tradicional" de su desarrollo y se los declaró esencias de la cultura nacional. Aún ahora son exhibidos en los museos, se los transmite en las escuelas y los medios masivos de comunicación, se los afirma dogmáticamente en los discursos religiosos y políticosy se los defiende, cuando tambalean, mediante el autoritarismo militar"* ***(García Canclini:57)***

Esta falta de valorização das manifestações da própria cultura, obedece a várias razões. Há, por um lado, o temor de que por trás do discurso nacionalista esteja o conservadorismo político, e, por outro lado, há uma possibilidade ímpar na história da humanidade de conhecer outras culturas.

Os meios de comunicação, as possibilidade de translados, a literatura, os esportes, tudo contribui para que cada vez o indivíduo esteja mais integrado no mundo, sentindo que pertence a uma determinada comunidade desterritorializada, à qual o unem interesses comuns que criam, muitas vezes,

---

[36] Estou-me referindo aos atuais grupos neonazistas que atacam os turcos, sem ignorar, porém, que os alemães já fizeram isso na década de 1930, e que o apelo ao nacionalismo levou os trabalhadores a apoiar a guerra de 1914.

[37] O conflito árabe-israeli teve repercussões na Argentina, pelo menos em duas ocasiões, com um atentado à Embaixada Israelense e outro à Associação Mutualista Israelita Argentina. Em ambos atentados morreram muitas pessoas, inclusive não judeus.

laços mais fortes do que a proximidade física, se bem que esta ainda prevalece em relação aos laços menos visíveis como o da nacionalidade.

A globalização da cultura também dá a possibilidade de optar entre bens de múltiplas origens fazendo com que não haja uma fidelidade ao produto de origem local. As pessoas não estão definindo sua identidade pelo consumo de bens da sua própria cultura mas pela possibilidade de consumir os mesmos bens de sua "tribo", de um grupo cultural com o qual se identificam mesmo que à distância. Isso é mais evidente na cultura jovem, que consome o mesmo tipo de mûsica e a mesma marca de roupa em Londres, Tôquio ou Rio de Janeiro.

"Los estudios de consumo cultural en diversos países muestran que en las nuevas generaciones las identidades se organizan menos en torno de los símbolos de la historia patria que por los de Hollywood...ou Benetton" ***(García Canclini: 09)***

Observa-se cada vez mais um distanciamento da questão nacional e, no máximo, ainda resta algum interesse pela questão local. Haveria uma nova cidadania que responde à identidade pós moderna, localista e não nacionalista. A palavra cidadão recupera sua etimologia. *"El ciudadano es hoy el habitante de la ciudad más que el de la nación. Se siente arraigado en su cultural local (y no tanto en la nacional de la que le hablan el Estado y los partidos)...Pierden fuerza...los referentes jurídico-políticos de la nación"* ***(García Canclini:08)***. O cidadão pós moderno é, ao mesmo tempo, localista e universalista, mas não é mais nacionalista.

As nações de América Latina, em especial, são novas; não houve ainda tempo de consolidar um verdadeiro sentimento nacional, são yanomamis e guaranis que se transformaram por decreto em brasileiros, venezuelanos e paraguaios, são italianos, espanhóis ou japoneses que se transformaram oficialmente em naturais de algum país latino-americano ao qual chegaram premidos pela fome. Nestes países o efeito da globalização cultural deve ser muito mais forte do que em países com uma longa história.

"Os mapuches deixaram de ser mapuches para ser chilenos ou argentinos; o mesmo aconteceu aos guajira, na Venezuela e na Colômbia, aos yanomami no Brasil e na Venezuela e às diferentes populações quíchuas ou aymaras que formam hoje os diversos países do Pacífico" ***(Ruben::33)***

As identidades nacionais, nesta parte do continente, ainda não estariam constituídas, porque as nacionalidades modernas surgiram da necessidade de um momento histórico ligado à expansão do capitalismo e foi necessário unir velhas etnias, remanejar populações já consolidadas, como por exemplo as civilizações pré-colombianas. Estas novas nações ainda não teriam um sentimento acabado de identidade, e nelas, a nacionalidade seria ainda um *"projeto em construção"* ***(Ruben:86).***

Nossos Estados latino-americanos tem ainda uma particularidade, que é a terem, historicamente, excluído às maiorias; os índices de mortalidade infantil, o abismo entre o nível de pobreza das maiorias e a enorme riqueza de algumas minorias evidenciam isto. As ditaduras sangrentas que seguiram-se às lutas pela independência na América hispânica, as perseguições políticas, a continuidade de um regime feudal no interior de vários países, contribuem, sem dúvida, para que haja uma rejeição à própria nacionalidade. Depois da década

de 1970, em que as ditaduras militares assolaram o continente, deixando milhares de desaparecidos, este sentimento se enfraqueceu ainda mais. Quem pode ter orgulho de ser cidadão de um país onde foi torturado ou de uma bandeira levada por um soldado, quando o exército que ele representa só serviu para matar operários e espancar estudantes?

Como diz Otávio Ianni (1993:75 *"na América Latina, a nação parece encontrar-se sempre em formação...Os golpes, os surtos de autoritarismo, as ditaduras perpétuas povoam a história. A democracia floresce e fenece."*

Na América Latina há uma particular combinação de heterogeneidade étnica e sócio cultural, além de uma estrutura que combina elementos estamentais com categorias de classe, que dificultam ainda mais do que em outras partes do mundo a definição de um conceito de cidadania ligado à nacionalidade.

"Os grupos, classes, sindicatos, partidos, movimentos sociais e correntes de opinião pública estão atravessados pelas diversidades culturais, raciais e regionais. São várias as condições históricas...que dificultam ou distorcem a metamorfose da população de trabalhadores em um povo de cidadãos; pessoas que ...sentem-se pertencer à sociedade nacional" **(Ianni,:75)**

O que significa hoje ser um cidadão

Para as pessoas em geral, ser cidadão é ter direito a possuir aquilo que os outros possuem. Hoje ser cidadão não é apenas estar sob o amparo do Estado em que o sujeito nasceu (direitos políticos, civis e sociais básicos); a cidadania refere-se às práticas sociais e culturais que permitem que uma pessoa se sinta pertencente a determinada comunidade.

"ser ciudadano no tiene que ver sólo con los derechos reconocidos por los aparatos estatales...sino también con las prácticas sociales y culturales que dan sentido de pertenencia " **(Garcia Canclini: 02)** .

E o que da sentido de pertença é a possibilidade de possuir aquilo que o grupo de referência possui, tanto em termos de bens como de serviços.

A possessão se dá através do consumo, definido como *"el conjunto de procesos socioculturales en que se realizan la apropiación y los usos de los productos"* **(García Canclini:17)**.) Estes produtos podem estar a disposição em qualquer parte e podem ser consumidos de diversas maneiras. O simples fato dos produtos existirem os transforma em potencialmente consumíveis e dá a todos o direito legítimo de aspirar a tê-los, desde que foram produzidos pela sociedade, fundamentalmente nesta época de globalização da economia, em que os produtos são transnacionais, montados com componentes que vêm de várias partes do mundo, e em cuja produção toda a sociedade mundial de alguma forma está envolvida.

A globalização da cultura leva a uma exigência de direito a consumo por parte das populações. O homem de hoje é um cosmopolita que exige padrões extensivos de mobilidade real ou simulada (viajar ou assistir a viajem em filme), tem curiosidade sobre todos os lugares, pessoas e culturas, e abertura para elas; tem vontade de assumir riscos e tem habilidade semiótica para interpretar os signos das culturas diferentes.

Esse mesmo cosmopolitismo leva a que o conceito de cidadania, que antes se referia aos direitos dados pelo Estado, passe à esfera dos direitos do consumidor. O homem pós moderno interessa-se pouco pela política; quer consumir os diversos bens que estão no mundo inteiro e com boa qualidade(conf. Lash & Urry, 1994:309)[38]

Assim, em última instância, a maior parte das pessoas, mesmo aquelas que poderiam ser classificadas como de "classe baixa", agem tendo como finalidade última a obtenção de meios para o consumo a curto prazo, deixando em segundo lugar as mobilizações pelas questões de justiça social ou o direito a uma cidadania plena para todos. Essas reclamações ficam apenas para as populações marginalizadas (sem terra, sem teto, meninos de rua) que não conseguiram ainda chegar a ter um mínimo de direitos garantidos.

É verdade que há movimentos comunitários para conseguir serviços essenciais como água, esgoto e postos de saúde, mas, como observa García Canclini (:49) para o caso do México, são reivindicações para resolver problemas imediatos e locais, não estão voltados para a mudança de estruturas, ou interessados em questões macro . Ele observa que há uma concepção desintegrada dos movimentos populares urbanos, que atuam *"guiados casi siempre por una visión local y parcelada, referida a la zona de la ciudad en que habitan...Sus reclamos en cada escenario suelen hacerse sin contextualizarlos en el desarrollo histórico ni en la problemática general de la ciudad"* ***(García Canclini:36).***

A observação empírica demonstra claramente isto. Quando há muitos acidentes e muitas mortes em determinada rua, os moradores abrem uma vala com as próprias mãos para resolver o problema isoladamente, mas não há um movimento maior da cidadania para melhorar o trânsito em geral, ou para pedir mais punições aos motoristas infratores. Muito pelo contrário, os mesmos que abriram a vala durante o dia deixam que seus filhos menores dirijam à noite, podendo provocar outro acidente em outro lugar.

A nível geral, observa-se que muitos dos líderes de movimentos populares, especialmente presidentes de associações de bairro, depois de algumas gestões locais aliam-se a partidos tradicionais para candidatar-se a cargos no governo, entrando no esquema do Estado sem fazer mais nada pela comunidade. Apenas utilizaram as comunidades de bairro para iniciar uma carreira muito bem remunerada.

Os estudos feitos sobre a questão escolar revelam que, quando as pessoas reclamam seus direitos à educação, não o fazem pelo valor abstrato da educação em si; na maioria dos casos, tanto os pais de crianças em idade escolar quanto os alunos das faculdades, não estão procurando conhecimento, saber; o que se procura é o diploma escolar, que funciona como salvo-conduto

---

[38] Esta concepção do consumo como um direito de cidadania não é tão nova. No início do século XX, nos Estados Unidos, aparece uma corrente denominada Progressiva que encontra uma forma de superar as diferenças de classe, profissão ou etnia, identificando todas as pessoas como consumidores. O cidadão como consumidor passa a ser uma presença política importante. "By the early twenty century, the citizen as consumer was a growing political presence"(Sandel, 1996:222)

para ingressar num mundo de salários maiores. Também na França os estudos revelam o mesmo fenômeno. (conf. Douglas, 1979:94)

À pergunta de que carreira prefere ou que especialidade, a maior parte dos estudantes universitários responde "bem, o que dá mais dinheiro é..."

E dinheiro permite consumo, e é pelas possibilidades de consumo que a pessoa se sente ou não um cidadão.

Por outro lado, cada vez é menor a quantidade de dinheiro necessária para sentir-se um consumidor. A produção em massa e a produção de imitações tem feito com que atualmente exista a possibilidade de que pessoas não pertencentes às elites possam ter acesso a objetos similares, uma espécie de "democracia do consumo", que dá uma ilusão de democracia na política que desmobiliza, que protela a busca de soluções estruturais.

"The new consumer democracy, which was propelled by the mass production and marketing of stylish goods, was founded on the idea that symbols and prerogatives of elites could now be made available on a mass scale" ***(Ewen: 32).***

Da mesma forma em que, na idade média, o fato de poder usar veludo podia aproximar um burguês de um nobre, hoje as pessoas se contentam com o fato de poder usar uma marca famosa comprada numa liquidação, ou uma imitação barata de uma marca famosa, vendida no supermercado.

A possibilidade de ser cidadão através do consumo inibe, em muitos casos, a revolta contra injustiças ou carências. O fato de poder escolher entre uma e outra mercadoria, cria uma ilusão de que há realmente escolhas significativas, até o ponto de que *"the proliferation of diverse styles in American life is often cited as tangible evidence of democracy"* ***(Ewen:112)*** Poder-se-ia dizer, arriscando a ser radicalmente simplista, que o crediário e as falsas escolhas proporcionadas pelo mercado são fatores de desmobilização social e política.

Este fenômeno não deve ser atribuído nem a manipulação por parte dos meios de comunicação, nem ao consumismo induzido pela sociedade capitalista. O fenômeno do consumo é mais complexo; implica relações de dominação mas também de imitação. O mimetismo cultural é uma importante alavanca para o consumo.

"la hegemonía cultural no se realiza mediante acciones verticales en las que los dominadores apresarían a los receptores...se reconocen mediadores como la familia, el barrio y el grupo de trabajo". ***(Garcia Canclini:16).***

Mas esta não é também uma explicação suficiente, visto que as pessoas também consomem por iniciativa própria. As razões desta necessidade de consumo ainda não foram explicadas satisfatoriamente por nenhuma rama da ciência (Douglas,:15) e devem ser muito mais estudadas já que se encontram em quase todas as sociedades e em todos os tempos, sendo exceções aquelas comunidades que realizam votos de pobreza por convicções religiosas (ex.: franciscanos, hinduístas).

Neste sentido é fundamental o aporte de Douglas & Isherwood, que defendem que, para além da imitação e da busca de compensações, o consumo é uma escolha consciente da pessoa e depende da cultura em que ela está inserida.

Lembram também que atualmente não tem muito sentido continuar com as classificações dicotômicas: bens materiais/ espirituais, bens que seriam necessários à subsistência/ outros "de luxo" que seriam supérfluos. Os bens "materiais" trazem satisfação espiritual e os bens "de luxo" acabam, com o tempo, deixando de ser supérfluos para transformar-se em necessários.

Cada vez mais o universo do "ser" dá lugar ao de "ter e parecer". A aparência atualmente conta mais do que a essência. A pessoa é aquilo que veste, o carro que compra, o bairro em que mora. A sua condição de participação na sociedade, o seu reconhecimento como cidadão passa pela etiqueta de sua roupa e pela filiação a determinado clube. Realiza-se a predição de O. Wendel Holmes de que a imagem se tornaria mais importante que os objetos (Ewen:25). A imagem do homem é mais importante do que o homem mesmo. Saber manter a aparência de riqueza é hoje tão importante quanto a própria riqueza e, em determinadas ocasiões, mais ainda.

Uma pesquisa realizada na Inglaterra revela que o consumo de aparelhos de TV e de carros é maior do que o consumo de telefones, enquanto que outra revela que para determinado grupo operário, é uma obrigação social mais importante pagar uma cervejada para os colegas menos favorecidos do que contribuir com a ambulância local.(Douglas:126)

As observações de Douglas coincidem com a teoria do consumo simbólico de Bourdieu. Não se trata apenas de consumir; o que informa sobre quem o consumidor é, é o tipo de bem que consome. Quanto mais caro, diferente e novedoso, mais próximo do consumo conspícuo[39] ; quanto mais longe do consumo de coisas essenciais à sobrevivência, mais gratificante, mais próximo da dimensão estética.

Pareceria que o consumo de bens necessários à subsistência não satisfaz o consumidor. Isto poderia contribuir à explicar o fenômeno de que, em países onde há determinados problemas básicos solucionados, mas há uma certa austeridade ou escassez de bens de consumo em geral, as massas estejam descontentes. Antes das reformas políticas, na União Soviética estavam minimamente garantidos o direito à saúde, educação, e moradia . Porém a grande revolta na década de 80 era a falta de vodca e a grande frustração dos soviéticos era não poderem comprar calças "jean", tanto que paravam os turistas na rua querendo comprar os "jeans" que estes estavam usando[40] . Este mecanismo pode explicar também por que algumas pessoas migram do interior para as grandes cidades e de países pequenos para países maiores ou de países subdesenvolvidos para os desenvolvidos, embora no seu local de origem certas necessidades básicas estivessem inclusive melhor atendidas. Pesquisas em favelas das cidades revelam que as mesmas pessoas, quando estavam no campo, não passavam fome, porque tinham sua horta e seus frangos, porém a abundância de possibilidades de consumo das cidades parece ser um fator importante.

---

[39] Douglas & Isherwood entendem que Veblen dava ao consumo conspícuo a conotação de consumo irracional. Discorda-se dos autores neste ponto, acreditando-se que Veblen via o consumo conspícuo como totalmente racional.

[40] Evidência empírica do Prof. Jaime Frejlich, do Instituto de Física Gleb Watachim, relatada à pesquisadora.

O prazer do consumo

O consumo não se refere apenas à aquisição dos bens; se refere à ilusão de consumo; o fato de ter o bem em potencial numa vitrine já faz uma diferença. Poderíamos dizer que existe uma reflexividade estética aplicada ao consumo de imagens. Há um prazer estético em olhar vitrines como o há em olhar um quadro.

As visitas aos shoppings não objetivam o consumo puro e simples de bens concretos. Além de que o simples estar em determinado shopping faz parte do consumo simbólico no sentido de que mostra o status da pessoa, nos modernos shoppings, assim como nas tradicionais galerias, o passeio em si já é uma *"operação de consumo simbólico"* (conf. García Canclini:62), e as vitrines oferecem um espetáculo visual que é consumido espiritualmente.

Estudos sobre migração para as cidades refletem o fenômeno. A possibilidade de consumir, nem que seja uma vez na vida, alguma coisa diferente, ou a possibilidade de ver as coisas expostas, faz com que o indivíduo prefira viver mal na cidade em lugar de ficar no interior. As pessoas não cogitam exigir água, luz e esgoto "na roça". Elas aspiram a sair da mesmice do campo para a cidade que os ofusca com sua oferta renovada de bens e serviços.[41]

Mesmo que a pessoa não possa comprar os bens, só a ilusão de poder chegar a fazê-lo, o simples consumo estético das luzes ou de uma televisão na vitrine, das últimas novidades da roupa ou dos discos, dão prazer e fazem com que ele se sinta participante de esse mundo. Nesta sociedade desigual, para muitas pessoas, as novidades aparecem apenas como espetáculo (conf..García Canclini :04), e este espetáculo é, por sua vez, um objeto de consumo que, de alguma forma, satisfaz.

Mesmo que seja inegável que o consumo tem um aspecto simbólico e de ostentação de status, há uma outra dimensão, fundamental para o ser humano, a hedonística, a busca do PRAZER. O consumo dá plenitude e prazer, e a melhora nas condições materiais de vida dá gratifição psicológica (conf. Ewen:239).

Uma forma de aproximar-se ao estudo desta dimensão é a questão da reflexividade estética que acompanha a progressiva estetização do mundo. Outra é a questão do "estilo", intimamente ligada .

Por reflexividade entende-se a resposta que o sujeito dá ao que lhe é oferecido, sem ser esvaziado pelas mediações, é uma resposta direta que cada vez mais dá-se a partir da estética e não do nível cognoscente.

A reflexividade moderna está constituída pelas práticas sociais que são constantemente examinadas e reformuladas à luz da informação que chega sobre essas práticas, alterando sua constituição. ***(Lash & Urry,1994:297)***, e a reflexividade pós moderna é a capacidade que sujeitos cada vez mais

---

[41] Neste sentido é útil a teoria da obsolescência dinâmica (Ewen :239). que diz que as pessoas não só tem desejo de consumir, mas de consumir novidades.

inteligentes têm, de refletir sobre suas condições sociais de existência ***(Lash & Urry:256).***

A reflexividade pode ser cognitiva ou estética. A primeira está mais ligada à modernidade e à mediação da resposta reflexiva pelo raciocínio. A reflexividade estética não tem mediações, é uma resposta afetiva ao estímulo. *"This involves the proliferation of images and symbols operating at the level of feeling and consolidated around judgements of taste".****(Lash & Urry,:256)***

De acordo com Featherstone (citado por Lash & Urry,:260) observa-se uma progressiva estetização da vida cotidiana na medida em que a estrutura social enfraquece sendo deslocada pelas estruturas comunicacionais, na medida em que os sujeitos precisam decodificar o enorme fluxo de imagens e signos que saturam seu cotidiano . Neste contexto, os artefatos culturais não são mais apenas representações transcendentes, mas passam a ser imanentes como objetos, passam a ser parte da vida das pessoas.

Esta linha de pensamento viria superar as considerações de Veblen, Bourdieu e Douglas sobre o consumo ligado à demonstração de status e se situaria mais na interface entre o aspecto social e o aspecto psicanalítico, já que o conceito de reflexividade estética traz embutido o de prazer estético.

"the pleasure principle becomes dominant. Pleasure seeking is a duty since the consumption of goods and services becomes the structural basis of Western societies. And via the global media, ...this principle comes to be extended worldwide" ***(Lash & Urry:296)***

A reflexividade é, por definição, uma resposta consciente aos estímulos, implica numa escolha. O fato de que não passe pelo nível cognitivo e sim pela dimensão estética, não quer dizer que haja irracionalidade. A reflexividade estética é escolha consciente entre os diversos estímulos apresentados, só que decidida pelo prazer estético e não pelo aspecto utilitário.

Intimamente ligada à reflexividade estética, está a questão do *estilo*, tratada por Ewen. Ele mostra uma caminhada histórica pela qual deixou de interessar o valor dos objetos do ponto de vista da sua utilidade, o que seria a reflexividade cognitiva, e passou a primar o ponto de vista estético.

"As style reached out to a more broadly defined "middle class" of consumers, the value of objects was less and less associated with workmanship, material quality and rarity, and more derived from the abstract and increasingly malleable factor of aesthetic appeal. Durable signs of style were being displaced by signs that were ephemeral" ***(Ewen, :38)***

Relação entre os aspectos políticos, civis e sociais da cidadania

Peattie (citada por Hirschman,1983:140) relata que quando esteve na Venezuela, em 1969, viu algo que os intelectuais normalmente não querem reconhecer, que é o fato de que consumir é tão excitante quanto participar politicamente.

"Eu vi que, para os venezuelanos, para quem o desenvolvimento econômico acabava de começar...a democratização do consumo material e a abertura de oportunidades -para aqueles capazes de aproveita-las- era uma idéia verdadeiramente excitante e libertadora" ***(Hirschman, 1983:140)***

Não importa que esse consumo seja ilusório e temporário, não raro outorgado. Uma possibilidade de consumo imediato de bens não duráveis, ou até uma ilusão de possibilidade de consumo -via prestações que depois não poderão ser pagas- representa, para o povo, um exercício de cidadania tão importante quanto foi, no século XIX, votar.

Quem sabe seja oportuno, inclusive, desmistificar o idealismo político que haveria por trás do voto, analisando os benefícios sociais e econômicos resultantes da participação política dos cidadãos a partir da modernidade.

No século XIX, a reivindicação pelo direito ao voto devia-se a que cada cidadão queria ter o direito de participar da escolha das pessoas que iriam conduzir os rumos da sociedade. Mas pode-se ousar dizer que, na verdade, esse direito a tomar parte, mesmo indiretamente, na condução da sociedade pode não ter sido um fim em si mesmo, pelo menos para a maior parte das pessoas. Quando o cidadão diz aspirar a ser representado no governo, ele pode querer tomar parte na decisão sobre a forma em que a riqueza social será distribuída. O que alimentaria a participação política não seria, então, o ideal de fazer parte na condução dos rumos da sociedade, e sim ter acesso ao poder de decidir para quem e de que forma os bens da sociedade vão ser alocados. Assim, por trás do ideal da participação "política", estaria a participação econômica; ter poder político de decidir significa ter poder de gerir o econômico.

Embora para a classe dominante, a participação política seja sinônimo de tentar manter o "status quo", para os outros segmentos, a participação política é a busca de abolir as desigualdades (conf Pizzorno,:27-29).

Assim, quando as pessoas clamam por direito a decidir quem ocupará determinados lugares no governo, também estão reclamando o a ter garantida sua fatia da riqueza socialmente produzida. Quando um cidadão vota num determinado dirigente, o faz não porque ele pense que essa pessoa vai ser um bom representante "em abstrato" mas porque ele aspira a que esse novo prefeito ou parlamentar, melhorará sua condição de vida ou manterá seus atuais privilégios se for o caso.

Como diz Przeworski (:11) *"Electoral politics constitutes the mechanism through which anyone can as a citizen express claims to goods and services"* dando assim a razão a Rosa Luxemburgo quando expressava que a divisão entre luta política e luta econômica era artificial (citado por Przeworski:13).

Adam Smith (citado por Hirschman,1979:102), já no século XIX dizia que os homens são levados a agir inteiramente pelo desejo de melhorar sua condição, procurando aumentar sua fortuna, melhorar seu bem-estar material, tanto para ter riquezas em si quanto para ter um tratamento diferenciado por parte dos outros, e este ideal no plano econômico subordina todas as ações dos homens em outras esferas.

"o impulso no sentido da vantagem econômica...faz com que os impulsos não econômicos,[como, por exemplo, a participação política] *por mais poderosos que sejam, se alimentem dos impulsos econômicos"* ***(Hirschman,1979:103)***

"Denizens" por opção

Nesta tese estão sendo estudados cidadãos uruguaios que residem permanentemente no Brasil.

Neste último país, existem sete tipos de visto concedidos aos estrangeiros, para permanecerem por diferentes períodos de tempo: de trânsito, de turista, temporário, permanente, de cortesia, oficial e diplomático, além de uma condição especial de asilado, reservada às pessoas que sofrem perseguição política e envolve normas de Direito Internacional.[42] Os vistos que dão direito à residência, com o exercício de quase todos os direitos comuns aos brasileiros, são o temporário e o permanente. A aquisição dos direitos políticos e de exercício da cidadania pela via da participação e do voto, adquire-se apenas através da naturalização, processo que, atualmente, se rege pelo Estatuto, tendo cessado as condições automáticas de obtenção estabelecidas na Constituição de 1891.

Referente ao VISTO PERMANENTE, a lei reza que: *"Para obter visto permanente o estrangeiro deverá satisfazer as exigências de caráter especial, previstas nas normas de seleção de imigrantes, estabelecidas pelo Conselho Nacional de Imigração"(Art. 26, Decreto 86.715) (Oliveira:41).*

Este tipo de visto deve ser requerido na representação consular do Brasil no Uruguai.

Caso ao estrangeiro portador de visto permanente lhe seja designada uma determinada região para fixar-se, não poderá mudar-se dela a não ser com autorização expressa do Departamento Federal de Justiça.

A observância das leis de contenção da imigração, no entanto, não parece ter sido muito estrita. A mesma Lei 6.815, no seu artigo 134 reza que:

"Poderá ser regularizada, provisoriamente, a situação dos estrangeiros..."

§2.- O registro de que trata o parágrafo anterior, implicará a expedição de cédula de identidade, que permitirá ao estrangeiro em situação ilegal o exercício de atividade remunerada e a livre locomoção no território nacional"

E a Lei 7.180, de 20/12/1983 dispõe sobre a concessão da permanência no Brasil aos estrangeiros registrados provisoriamente, desde que os mesmos preencham um requerimento e paguem as devidas taxas até o dia 31 de maio de 1984, não tenham antecedentes criminais, e comprovem ter posses ou profissão.

Ao amparo desta legislação, que aparentemente ignora todas as supostas atribuições do Conselho Nacional de Imigração, alguns entrevistados, que entraram como turistas, e que estavam clandestinamente no país, trabalhando em diversos empregos, regularizaram sua situação e passaram a ser residentes legais.[43]

---

[42] Os vistos temporários podem ser transformados em permanentes, no caso de professores, cientistas ou religiosos, desde que preenchidos certos requisitos.

[43] Este Conselho fora criado pelo Decreto 86.715 de 10/12/1981, Título XII, Art. 142, sendo um *"órgão de deliberação coletiva vinculado ao Ministério do Trabalho"*. O Conselho está integrado por um representante dos Ministérios do Trabalho, da Justiça, das Relações Exteriores, da Agricultura, da Saúde, da Indústria e Comércio, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e um observador do Conselho de Segurança Nacional. As suas atribuições são, entre outras:

-orientar e coordenar as atividades de imigração, formular objetivos para a elaboração da política imigratória; estabelecer normas de seleção de imigrantes, visando proporcionar mão-de-obra especializada aos vários setores da economia nacional e à

No Brasil, tanto os estrangeiros com visto temporário quanto os portadores de visto permanente, têm limitações. Têm direito a associarem-se para fins culturais, religiosos, recreativos, beneficentes ou de assistência, assim como participarem de reuniões comemorativas de datas nacionais ou acontecimentos de significação patriótica, porém, se qualquer associação tiver mais do que 50% dos associados estrangeiros, deverá ser solicitado alvará do Ministro da Justiça.

Não têm direito a ser proprietários de navios, aeronaves, empresas jornalísticas, minas e similares, despachantes aduaneiros, práticos de portos, possuir, manter ou operar aparelho de radiodifusão nem prestar assistência religiosa às Forças Armadas ou estabelecimentos e internação coletiva. (Art. 106, Lei 6.815-19/08/80) (Oliveira:21) Também de acordo com o artigo 106, é vedado ao estrangeiro:

"VII- participar da administração ou representação de sindicato ou associação profissional, bem como de entidade fiscalizadora do exercício de profissão regulamentada;"

No artigo 107, a mesma lei reza que:

"O estrangeiro admitido no território nacional não pode exercer atividade de natureza política, nem se imiscuir, direta ou indiretamente, nos negócios públicos do Brasil, sendo-lhe especialmente vedado:

I- organizar, criar ou manter sociedade ou quaisquer entidades de caráter político, ainda que tenham por fim apenas a propaganda ou a difusão, exclusivamente entre compatriotas, de idéias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem;

II- exercer ação individual, junto a compatriotas ou não, no sentido de obter, mediante coação ou constrangimento de qualquer natureza, adesão a idéias, programas ou normas de ação de partidos ou facções políticas de qualquer país;

III- organizar desfiles, passeatas, comícios e reuniões de qualquer natureza, ou delas participar, com os fins a que se referem os itens I e II deste artigo" ***(Oliveira,: 22)***

Os uruguaios aqui estudados podem ser definidos como *denizens*, conforme já foi fundamentado na página ix da Introdução. Esta condição os coloca na posição de continuar a ter direitos políticos naquele país, direitos dos quais vão abdicando a medida que o tempo passa, com um argumento racional inclusive de que, se não moram no país, não devem pronunciar-se sobre sua problemática. Ao mesmo tempo eles não têm direitos políticos no Brasil, país

---

captação de recursos para setores específicos; promover ou fomentar estudo de problemas relativos à imigração;, definir as regiões em que os imigrantes podem fixar-se; efetuar o levantamento periódico das necessidades de mão-de-obra estrangeira qualificada, para admissão em caráter permanente ou temporário.

onde efetivamente moram, e não se pronunciam sobre sua política por estarem impedidos pela lei..[44]

Temos assim, sujeitos numa posição que chamaremos de "limbo cívico"; que não usufruem dos direitos nem cumprem os deveres de cidadania política do país que lhes dá a nacionalidade, por estarem ausentes, numa auto-exclusão de fato, e não usufruem dos direitos nem cumprem os deveres políticos do país que lhes outorga a residência, por estarem excluídos de direito, mesmo que presentes.

Estes *denizens* estavam, antes de emigrar, desencantados com o exercício da cidadania política no seu país e não encontraram motivos para rever sua posição de desencantamento no país que os acolheu, onde a classe política tem um enorme descrédito por parte da população.

"Foi organizado um grande fórum de debates e todos os candidatos dos diversos partidos do local foram sabatinados pelas diversas entidades que representam a grande população do ABC. Percebeu-se que os políticos são pessoas extremamente despreparadas, pessoas que não têm o mínimo conhecimento dos problemas mais agudos que afetam a região e que não têm propostas para problemas graves de saúde, segurança, transporte e habitação. Percebeu-se um esgotamento da paciência da população em suportar as diversas facções partidárias, o desgaste de uma luta entre uma ou outra personalidade, que deixa de fora os benefícios da população." ***(Atrator Estranho, Maio 1995:09)***

Todos os entrevistados concordam que os políticos no Brasil são piores do que no Uruguai, *"podres, más bajos todavía, o sea, menos éticos que allá" (E03).* Alguns simplesmente entendem que no Uruguai eles precisam ser mais cuidadosos porque o país é menor e as coisas não se esquecem tão facilmente *"aqui pueden, se olvidan facilmente lo que pasa, son muchos"(E05)* .

Alguns serão mais enfáticos sobre a sua satisfação em não ter de participar na política do país: *"me da placer... eso, votar, mire. Yo hablo con diez brasileños que votan o veinte, de todas las camadas sociales y yo tal vez encuentre uno o dos o tres que estén satisfechos de haber votado, porque el resto "mejor via rasgar mi título", uno escucha tanto decir "via rasgar mi título" que yo para que voy a hacer un título, usted de repente vota y le sale una porquería desas"....es un desgracia... Son criminales, no son ladrones... son asesinos...Porque ...si un político roba diez millones de dólares... usted imagina cuántas vidas se podrían salvar con ese dinero, haciendo... caños maestros, haciendo...más hospitales, haciendo prevención de enfermedades"(E11)*

A decepção atinge até pessoas que foram, na sua juventude, militantes da esquerda e que, ao emigrarem para o Brasil colocaram uma grande dose de esperança neste país, mas *"también politicamente es frustrante...es decepcionante el nivel político aquí en Brasil... hay cosas que es impresionante acá, principalmente la parte corrupción ... está a un nivel... astronómico. Entonces no me preocupa esa parte de no poder votar" (E13)*.

---

[44] Esta situação não é privativa do caso em estudo; é comum aos imigrantes de várias partes do mundo, com a diferença de que, por exemplo no caso da França ou da Alemanha, os imigrantes lutam para que lhes sejam reconhecidos seus direitos políticos.

O tempo presente, chame-se pós-modernidade, alta modernidade, modernidade radicalizada, ou nenhum dos anteriores, é o da coexistência.

Coexistem grupos humanos a procura de diferentes cidadanias. Há grupos que procuram o exercício da cidadania plena, através de um processo participativo, democrático. A cidadania plena deve ser definida como aquela que permita o exercício completo dos direitos políticos, dos direitos civis e que garanta os direitos sociais, tanto os elementares para cobertura das necessidades básicas, quanto o direito ao consumo de todos os bens produzidos na sociedade.

Ao mesmo tempo, há na sociedade grupos humanos, cada vez em maior número, que procuram apenas dois aspectos da cidadania: ter direitos civis e sociais.

Conceitos como pátria, patrimônio histórico ou cultura nacional, não se revestem, para muitos, do caráter sagrado que pareceram ter na modernidade.

Pátria é aquela que permite a realização plena como consumidor e não aquela que dá o direito a votar, como podem provar os inúmeros *denizens* que se encontram fora dos seus países de origem, sem direito a participação na vida pública, e estão conformes com isso, como no caso em estudo.

Há um certo tipo de homem contemporâneo que procura a satisfação de seus desejos e fantasias de consumo imediato. Ele quer, e a curto prazo, os bens que estão sendo produzidos e dos quais tem notícia permanente graças ao processo de globalização da cultura. É esse o direito que reclama como cidadão do mundo, mesmo quando provém, como no caso em estudo, de uma sociedade em que as necessidades básicas em termos de educação, saúde e moradia são atendidas pelo Estado de uma forma razoável para os padrões do terceiro mundo em geral e da América Latina em particular.

O Uruguai foi considerado um país pioneiro em reformas sociais já desde o início do século, quando houve a preocupação de expandir os setores de saúde e educação públicos, assim como instituir leis trabalhistas. Até a década de 1970 as filhas que perdessem o pai recebiam uma pensão enquanto permanecessem solteiras, e, na administração pública, quando um funcionário morria, o cargo era assumido ou pelo cônjuge ou pelo filho mais velho de forma a não deixar a família desprotegida.

Atualmente, no Uruguai o ensino, em seus três níveis, é atendido fundamentalmente pelo Estado. A escola pré- primaria é a que atinge índices mais elevados de atenção por parte do setor privado, com uma média nacional de 45%, dividida em 42% na capital e 12% no interior. A partir dos 5 anos de idade, em que começa a escola primária obrigatória, essa média nacional cai para 15% para as instituições privadas, aumentando ligeiramente para o ensino de segundo grau, onde a taxa de alunos na escola particular atinge 20%. O ensino técnico é ministrado exclusivamente pelo Estado, através da instituição denominada Universidad del Trabajo (antes Escuela Industrial).[45] A taxa de

[45] No Brasil 45% dos estudantes de segundo grau e 66% dos universitários estudam em escolas particulares. (IBGE, 1992:94)

analfabetismo do Uruguai é de 4,25.[46] O sistema de saúde está atendido por uma rede particular conveniada que custa ao trabalhador 3% do seu salário e da direito a assistência integral, na instituição que ele escolher. A mortalidade infantil foi reduzida, de 50 por mil em 1960 para 21 por mil em 1992 e a expectativa de vida é de 72 anos.[47] A água encanada chega ao 86,5% dos lares e 44% dos efluentes sanitários são tratados.[48] Há muitas mulheres que ainda se beneficiam da chamada "lei mãe" pela qual, até a década de 1970, as mulheres com dez anos de trabalho podiam aposentar-se para cuidar dos filhos. O Estado proporciona o imprescindível, não permite que haja miseráveis; as estatísticas mostram que no Uruguai há 7% de lares em estado de pobreza e 1% em estado de indigência.[49] (Anuario, 1995:46).

O Informe sobre Desenvolvimento Humano, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), de 1996, coloca o Uruguai no 32° lugar, com um índice de desenvolvimento humano de 0,883, no grupo dos países com Alto D. H.[50]

Estes indicadores sócio econômicos, comparados aos do Brasil, eram ainda mais favoráveis ao Uruguai nas décadas anteriores, quando vieram os sujeitos desta pesquisa. Porém, ao que parece, isto não é o suficiente para contentar às classes médias que aspiram a outros padrões de consumo para sentir-se cidadãos.

Em contrapartida, sustentar um carro no Uruguai custa, ainda hoje, mais do dobro do que sustentar um carro no Brasil, e os eletrodomésticos e a roupa sempre foram mais caros (embora nos últimos dois anos os preços tenderam a igualar-se), assim como o serviço doméstico. Um entrevistado, filho de fazendeiro, chega a afirmar que na década de 1960 no Uruguai não havia televisão, outro que não havia geladeiras a não ser de gelo, coisa que a evidência empírica desmente, mas que demonstra que tais bens não eram de acesso tão fácil.

Este grupo pareceria demonstrar que, entre ter um bom sistema de saúde e ter a possibilidade de um carro barato, o cidadão de classe média de hoje prefere o segundo. Para as pessoas os problemas de saúde pareceriam ser importantes apenas quando os incapacitam. Ser doente é um problema, estar doente é uma coisa passageira, que se supera rapidamente. Como estar doente é uma possibilidade, não é demasiadamente importante estar num lugar com boa atenção médica. Como estar de carro ou ter piscina são situações

---

[46] No Brasil, a taxa de analfabetismo urbana é de 13,5% e a rural de 37,8%, e há mais analfabetismo entre as mulheres.(IBGE:95). Outras fontes indicam um índice de alfabetização de 81,1% para Brasil e de 96,2% para o Uruguai (PNUD 1993, citado por Caetano,387)

[47] No Brasil, no mesmo período, a mortalidade infantil reduziu-se de 134,7 para 63,2 por mil e a expectativa de vida, em 1985 era de 63 anos. (CELADE, 1987, citado por Caetano, 1996:385). Dados mais recentes, de 1993 indicam uma expectativa de vida de 72,2 anos no Uruguai e de 65,6 no Brasil. (Caetano:386)

[48] No Brasil 55% dos domicílios tem água encanada e 27,7% dos efluentes são tratados.(IBGE:83)

[49] No Brasil, conforme a mesma fonte, há 43% em estado de pobreza e 20% em estado de indigência.

[50] A mesma fonte coloca o Brasil no 58° lugar, com um índice de desenvolvimento humano de 0,796, entre o grupo de países com Desenvolvimento Humano Médio.

permanentes, é mais importante estar num lugar que permita a aquisição dessas duas coisas.

Douglas & Isherwood (99-169) observaram um fato similar na Inglaterra, mostrando que para as pessoas é mais importante possuir TV ou pagar uma cervejada do que instalar telefone ou colaborar com a ambulância local. Seja por ostentação, por pressão social ou por prazer individual, o fato é que há preferência, quando possível, pelo consumo de bens não ligados às necessidades básicas.

O aspecto social da cidadania (no conceito de Marshall) estaria sendo, também como o político, menos importante.

Quem sabe a melhor forma de ilustrar o anteriormente afirmado seja reproduzir as palavras de um sujeito da pesquisa, chegado ao Brasil em 1990, proveniente de uma família de proprietários de uma microempresa, que morava, quando entrevistado, numa casa de fundos alugada num bairro operário. Quanto a atenção hospitalar, ao transporte coletivo e ao sistema educativo, tem severas críticas *"O transporte aqui de Campinas eu acho pouca consideração com o ser humano,... parece que estão levando animais dentro dos ônibus", ...acho ruim"..."*[nos] *hospitais,...não tem respeito pelas pessoas... você não é atendido como um ser humano"... a pessoa vai estudar aqui na escola não sabe fasser*[51] *uma conta, não sabe fasser uma redação, não sabe fasser nada, ...no Uruguai se vai na escola, se va al liceo, aprende mesmo, ...com os mesmos anos de, de estudo...acho que aqui o ensino está muito fraco demais"*

Porém, esta cidade com transporte coletivo e hospitais que não respeitam o ser humano, e com um sistema de ensino fraco demais, tem outras coisas muito mais cativantes, como shopping centers e a possibilidade de comprar todos os eletrodomésticos possíveis, até aqueles tão sofisticados que excedem o nível cultural do próprio usuário.

"[o] *que mais gosto aqui...são shoppings, a televisão eu acho legal"* [Campinas me possibilitou] *"um método de vida melhor, no sentido de que a gente está bem,...Tem duas televisão a cores, tem microondas, tem bicicleta, tem vídeo, tem som, tem tudo na minha casa... Inclusive tem um microondas que eu dei há pouco para ela mas...não consegue usar.... está lá parado" (E15)*

[51] O discurso foi reproduzido respeitando a pronúncia do sujeito.

Capítulo III
Sobre a Identidade Nacional [52]

La patria te dijeron
y te dijeron mal
la patria, la de Artigas
la tendremos que hallar
Héctor Numa Moraes
Cantor Popular Uruguaio

Os uruguaios residentes em Campinas entrevistados para a presente tese seriam um exemplo da procura desta cidadania pós-moderna, tendo optado, voluntariamente, por deixar de lado o exercício do aspecto político da cidadania privilegiando os aspectos civil e social desta, como foi visto no capítulo anterior.

Trata-se de pessoas, em sua maior parte provenientes das classes médias, cujos pais eram proprietários de suas residências e/ou de bens de produção. Apenas dois entrevistados poderiam ser enquadrados dentro das classes baixas porque suas mães eram faxineiras, porém eles obtiveram diploma no curso técnico ditado pela Universidade do Trabalho.

Nenhum deles passou necessidades extremas como frio, fome ou falta de atenção médica e todos tiveram uma escolaridade que qualificam de muito boa.

A maior parte deles saiu do Uruguai após formar-se na escola técnica, tendo procurado emprego durante um máximo de três meses, ou sem procurar sequer, enquanto que outros deixaram seus empregos ou negócios para vir ao Brasil em busca de um futuro mais promissor, do ponto de vista da possibilidade de realização dos seus sonhos de consumo.

Uma pergunta muito obvia surge a partir desta constatação: *por que estas pessoas não procuraram a realização plena dos aspectos social e civil da cidadania no seu próprio país?*

A resposta pareceria estar na visão que estas pessoas têm do Uruguai, dos uruguaios, do passado, do presente e do futuro daquele país.

Apesar de que muitos dos entrevistados nem se conhecem entre si, têm idades que variam entre os 30 e os 75 anos e provêm dos mais diversos pontos do país, todos compartem a convicção de que eles não teriam tido, no Uruguai, possibilidade de realizar-se do ponto de vista econômico e social. Todos tem uma visão do Uruguai como um país sem saída, no qual nada pode ser mudado para melhor.

---

[52] Atualmente observa-se dentro do ambiente científico do Uruguai uma preocupação com a questão da identidade nacional, fato novo dentro da academia. Nas décadas anteriores a 1990, não havia estudos a respeito.

Aparentemente eles teriam um desapontamento com o Uruguai que parece transcender sua própria experiência pessoal e para uma melhor compreensão deste sentimento, é preciso recorrer a dois conceitos: mitos fundantes e memória coletiva.

Os mitos são "representações ou sistemas de representações que expressam a natureza das coisas sagradas"(Durkheim, 1968:41), são a expressão das sociedades humanas que os criaram e tanto eles quanto seus ritos servem para a afirmação da cultura. São histórias que narram de uma forma imaginativa e simbólica as estruturas básicas sobre as quais repousa a cultura, não podem ser explicados dentro dos moldes convencionais da racionalidade, nem têm parâmetros temporais precisos. Muitas vezes misturam-se com lendas ou contos, ficando historicizados enquanto a história é mistificada.

O segundo, memória coletiva (Halbwachs,1968:36-37), refere-se a uma memória social, exterior ao indivíduo, estendida no tempo, que guarda eventos acontecidos há muito. Esta memória é o invólucro das memórias individuais e conserva, de maneira própria, os fatos acontecidos na sociedade à qual o indivíduo pertence. O indivíduo, por sua vez, precisa recorrer a essa memória coletiva quando quer saber sobre fatos que não testemunhou e que fazem parte do seu passado e da sua comunidade.

Os mitos fundantes do Uruguai

No final do século XIX o Uruguai começou a criar seus mitos fundantes construindo uma auto imagem de país "europeizado", de excepcionalidade dentro do contexto latino-americano, de país democrático e igualitário.

Estes mitos fundantes foram transmitidos pela memória coletiva, tanto na forma dos textos escolares quanto (e principalmente) através da família, como demostra o estudo de Cosse & Markarian (1994). Nos anos 50, em que emigram os primeiros sujeitos desta pesquisa, podem ser identificados ainda os mitos fundantes do imaginário uruguaio (Perelli in Caetano & Alfaro,1985:190) que propiciam a inércia da sociedade, o conformismo com o estado das coisas e até a negação da existência dos problemas. De acordo com a autora, o Estado assistencial criado no início do século favoreceu a criação de classes médias, que aceitavam um rol passivo por tal de situar-se acima das camadas subalternas às quais pertenceriam se não fosse o welfare state, criando o primeiro mito, o de que para que a sociedade funcionasse harmoniosamente, era necessária uma certa "mediania"(sic), da qual ninguém deveria tentar sobressair-se.

Outro dos mitos é o da diferenciação do resto de América Latina, que levava a negar as desigualdades existentes na sociedade. Sempre comparando-se com Argentina e Brasil mas nunca analisando-se internamente, o Uruguai criou sua autoimagem de país "igualitário". Os uruguaios cujas idades oscilam entre os 30 e os 70 anos crescem à sombra de um passado glorioso, introjetado no imaginário social e na memória coletiva. Passado de Suíça da América, de

"xícara de prata" de um país moderno, com leis sociais que foram vanguarda no seu tempo, no início do século XX, que o diferenciavam dos vizinhos.[53]

O terceiro mito identificado por Perelli é o do consenso, através do qual se conseguia que as pessoas mantivessem a ordem preestabelecida e o respeito às regras do jogo, sem questionar a existência do clientelismo e a migração rural à procura do welfare state que não chegou ao campo. O quarto, quiçá, seja o único dos mitos que até hoje não pode ser desmentido, o de um país de pessoas cultas, onde, como parte do projeto político, procurou-se *"que a massa subalterna tivesse acesso a uma total alfabetização, que suas camadas médias fossem o suficientemente educadas para distinguir este país precisamente por este fato"* ***(Perelli citado por Caetano & Rilla, 1996:173).***

Essa "cultura" do povo uruguaio, porém, se apresenta apenas sob certos aspectos.

Ser "culto" implica dominar informações de variadíssimas áreas do conhecimento; um frentista de posto de gasolina pode falar sobre música erudita, qualquer pedreiro lê o jornal, o povo humilde vai ao teatro e uma dona de casa pode saber tudo sobre balé. Mas, enquanto que o ensino de literatura, língua, geografia e outras disciplinas humanísticas, até de história universal, é bom, e o ensino técnico é muito bom, ([54]), o ensino da história do país e sua inserção no contexto mundial, está totalmente negligenciado. Nos livros didáticos utilizados até a década de 1990, de dois tomos de 300 páginas cada um, apenas as 50 últimas eram dedicadas ao século XX e na forma de galeria de heróis, permitindo afirmar que a história é ideologicamente veiculada.

A história que os uruguaios conhecem é a das datas comemorativas, das batalhas e dos personagens, nunca a das relações ou dos questionamentos, é uma história doutrinária, que os uruguaios repetem na forma de reflexo condicionado, e com a convicção de que isso é o correto.

"quiero inculcarle ese mismo amor que nos inculcaron al país a mis hijos con respecto al Brasil...Una cosa que uno nunca lo va a olvidar nunca; nos dicen "cuando fue la independencia" nos sale en seguida "25 de agosto" (E05)

É uma sociedade "culta", que, porém, não conhece sua verdadeira história. Não conhece sua história e é consciente disso, e de como essa ignorância é um empecilho para compreender o presente. Num estudo exaustivo, Cosse & Markarian apuraram que *"Las críticas más consensuales a la enseñanza de la historia en la educación formal pasan por su dificultad para transmitir esquemas globales y explicaciones de alcance universal, la incapacidad de conectar la historia y el presente, para hacer del conocimiento histórico un saber útil en la vida cotidiana"(1994:20).*

---

[53] Após a década de 1930, porém, o Uruguai passou a ter os mesmos problemas que qualquer país de América Latina, golpes de Estado, pauperização da classe média, inflação, estagnação econômica, até chegar, mais recentemente, ao declínio do sistema educativo e de saúde, e ao fim de alguns benefícios sociais.

[54] Tanto que os egressos das escolas técnicas uruguaias vêm ao Brasil e conseguem inserir-se dentro do 4% da população que ganha acima de 10 salários mínimos, como no caso aqui estudado

As ficções orientadoras do Uruguai

Além dos mitos fundantes encontrados por Perelli, podem ser identificadas, na história uruguaia, **ficções orientadoras** , conceito que se refere a peças da literatura ou da historiografia que contribuíram para formar um determinado sentimento de nacionalidade *"creaciones tan artificiales como ficciones literarias...necesarias para darle a los individuos un sentimiento de nación, comunidad, identidad coletiva y un destino común nacional"* ***(Shumway, 1993:13)***.

Como, quando e de quem o Uruguai obteve sua independência

A primeira das ficções orientadoras que precisam ser analisadas versa sobre o próprio processo de gestação e consolidação da nação chamada Uruguai.

De acordo com a história oficial e com a memória coletiva, o Uruguai passou a ser um país independente no dia 25 de Agosto de 1825, data que, na verdade, foi adotada a partir de uma decisão do Parlamento atendendo à necessidade de haver comemorações a respeito. (conf. Caetano & Rilla: 30).[55]

Fala-se da liberação da Banda Oriental por um grupo de 33 orientais que nem eram 33 nem todos orientais.[56]

O que houve no ano de 1825 foi uma declaração de independência dos governos de Portugal e Brasil por parte da Província Oriental e, concomitantemente, uma declaração de união com as Províncias Unidas, em outra palavras, uma declaração que previa não a independização mas a incorporação à Argentina dentro de um esquema federativo, no qual cada província tinha seu governo autônomo.

"la Provincia Oriental...se declara de hecho y de derecho, libre e independiente del Rey de Portugal, del Emperador de Brasil y de cualquier outro del Universo...."[e declara seu interesse em unir-se às] demás Provincias Argentinas a quienes siempre perteneció por los vínculos más sagrados que el mundo conoce" ***(Shcurmann & Cooligan, s/d:226)***

Na verdade a República Oriental del Uruguay passou a ser um país independente apenas em 1828, e não "declarou" sua independência como reza a tradição. Surgiu a partir da "Convenção Preliminar de Paz", acordo assinado entre o Governo da República das Províncias Unidas e o Imperador do Brasil, com intervenção da Inglaterra.

Art. 1) Su majestad el Emperador de Brasil declara la Provincia de Montevideo, llamada hoy Cisplatina, separada del territorio del Imperio del Brasil para que pueda constituirse en Estado libre e independiente de toda y cualquier

---

[55] O 25 de agosto uruguaio é uma tradição inventada, faz parte de "um conjunto de práticas...que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição....tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (grifos nossos) ...[que] não precisa ser remoto". (Hobsbawm, 1984:09).

[56] Havia 21 orientais (nascidos na província chamada Banda Oriental), 3 argentinos e outras províncias, 4 paraguaios, dois africanos e 10 cujo local de nascimento é desconhecido. (conf. Caetano & Rilla: 29).

Nación, bajo la forma de gobierno que juzgare conveniente a sus intereses, necesidades y recursos

Art 2) El Gobierno de la República de las Provincias Unidas, concuerda en declarar, por su parte, la Independencia de la Provincia de Montevideo.....(Schurmann & Cooligan, s/d, 235).

A intervenção britânica advinha de sua preocupação com os equilíbrios mundiais, e com a livre-navegação do Rio da Prata, situado entre as dois potências da região, e contou com o apoio das classe dirigentes locais que apenas queriam a manutenção do "status quo".

"...la creación del Estado Oriental apareció como la alternativa más viable entre las múltiples pulsiones e intereses disponibles en la comarca...Contaba...com el interés pacificador británico, com la expectativa de orden y sosiego de unas débiles clases altas" ***(Caetano & Rilla: 31).***

A história do Uruguai é muitíssimo complexa, e passa por inúmeros acordos e desacordos entre caudilhos provinciais, unitários e federais, espanhóis e portugueses, Governo das Províncias Unidas e o Império do Brasil, e até pelos interesses da França e da Inglaterra. Território estratégico, ora foi apoiado e ora traído pelos mesmos personagens, que mudavam periodicamente de bando e de filiação. É uma história totalmente determinada pela dos países vizinhos e pelas atitudes dos atores envolvidos, onde o aliado de hoje podia ser o inimigo de amanhã.

Por outro lado, as alianças de Buenos Aires com espanhóis e portugueses contra as demais províncias levaram, em alguns momentos, a que os colonizadores se entrincheirassem em Montevidéu, ou na Colônia do Sacramento, portanto houve, no atual território uruguaio, também lutas entre os independentistas e os colonizadores ibéricos, o que contribui para dificultar o entendimento do processo.

A primeira constituição do Uruguai data de 1830, portanto é só nesse momento que se pode falar de uma certa autonomia do Uruguai como nação.

Ainda em 1859, quando foi firmado o tratado de paz entre Buenos Aires e as Províncias Unidas, trinta e um anos após a existência do país como nação independente, havia grupos que não consideravam o país viável e Juan Carlos Gomez[57] propôs a reintegração da Província Oriental à Confederação Argentina (conf. Maiztegui,1994/I:93).

Toda esta complexidade foi reduzida a datas de batalhas, e através de textos redigidos de uma forma dúbia, tanto nos manuais de história uruguaia quanto no discurso histórico de professores, partidos políticos e imprensa, deu-se sempre a entender que as lutas da independência tinham acontecido entre o Uruguai e Argentina.

Como resultado, o Uruguai tentou construir sua identidade em oposição à Argentina.

"Argentina a mí nunca, nunca me impresionó, nunca me agradó, ... yo no... me adaptaría muy facilmente a vivir me parece en Buenos Aires, no sería fácil para mi." (E03)

---

[57] Político Colorado, integrante do gabinete do governo do General Venancio Flores em 1853. Escrevia artigos com suas idéias que eram difundidos pela imprensa.

A evidência empírica também demonstra que, sempre que há algum evento em que Argentina é concorrente, os uruguaios apoiam o adversário, do futebol à guerra das Malvinas[58], e que, toda vez que um Uruguaio quer mostrar as virtudes do seu país, faz isso criticando o mencionado vizinho.

A democracia

A democracia é, sem dúvida, uma prática que caracteriza o Uruguai contemporâneo, tanto no sentido de dividir o poder eqüitativamente entre os diferentes partidos políticos, quanto no sentido de submeter as decisões à consulta popular. É considerado pelos cientistas políticos um dos países com mais longa tradição democrática da América Latina. *"For most of this century, Uruguay has been held up by academic observers and its own politicians as a democratic role model for Latin America"* ***(Rankin, 1995:132).*** Teve o maior número e eleições livres e o menor número de golpes de Estado do continente.

Mas trata-se de um fenômeno novo, deste século. Até aproximadamente 1890, o método mais utilizado para ascender ao poder era a eliminação de inimigos (simples assassinato). Apesar da constituição de 1830, até o final do século, o território foi palco de sangrentas lutas entre dois bandos que procuravam ajuda, ora na Argentina, ora no Brasil, utilizando estes países como refúgio e quartel geral para contra-atacar, sendo apoiados, ora pelos federais, ora pelos unitários, ora pelos farrapos, dependendo das próprias lutas internas dos vizinhos.

Logo após a assinatura da independência do país em 1828 começou uma guerra entre as divisas Blanca y Colorada, (que dariam origem aos partidos do mesmo nome) representadas respectivamente por Oribe e Rivera, que terminou em 1838. De 1843 a 1851 os exércitos se enfrentaram na Guerra Grande. Durante este período houve dois governos paralelos, o do Cerrito e o da Defensa. Ao primeiro se aliaram, respectivamente, os confederados argentinos, na pessoa de Juan Manuel de Rosas, e os franceses; ao segundo os unitários argentinos, na pessoa de Justo José Urquiza, e o Brasil, (primeiramente na pessoa de Bento Gonçalves e depois através do governo central). Finda a guerra vive-se um período em que *"la actividad política sería salpicada por crueldades como no se había visto antes"* ***(Maiztegui, 1994/I:54)*** devido à luta entre "caudilhos" e "doutores", que se estende até 1876, quando começa a pacificação nada menos que pelas mãos de um ditador (Latorre). Até então, a guerra tinha sido o estado normal da nova república, que foi por alguns definida como "um anfiteatro de sangue" (citado por Barrán, 1994/I:41) .

Em 1878 Latorre conclamou eleições legislativas, nas quais houve fraude nos inscritos para votar. Em 1881 houve outra tentativa de eleições às quais concorreriam três partidos, o Blanco, o Colorado e o Constitucional (constituído por setores da elite que antes estavam nos outros partidos) mas *"ante la magnitud del fraude electoral que estaba preparándose, los tres partidos decretaron la abstención electoral"* ***(Maiztegui,:114).*** As manobras fraudulentas para chegar ou manter-se no poder chegam ao ponto de ser criado um

[58] Guerra declarada em 1982 contra o governo britânico pela posse das Ilhas Malvinas ou Falkland.

departamento (Flores) para recolocar constitucionalmente no poder o antes ditador Santos, nomeando-o senador pelo departamento e depois presidente do Senado. (conf. Maiztegui,I:116). Somente em 1887 há eleições para o parlamento e em 1890 para presidente, porém nestas últimas o diretório do partido Blanco estimula a abstenção eleitoral alegando falta de garantias constitucionais (Maiztegui,:124).

As lutas entre os bandos Blanco y Colorado tinham cessado mediante um acordo pelo qual se outorgou aos primeiros a administração de três departamentos[59], mas dez anos depois recomeçaram, para terminar somente em 1886, com um episódio que consta como marco: o vencedor respeita a vida dos vencidos.[60]

A democracia uruguaia foi precedida de lutas sangrentas e fraudes para manter o poder, fatos dos quais parece não haver ciência no imaginário coletivo. Pode ser esta a razão para que o primeiro presidente depois desse período se tenha transformado numa espécie de herói mítico da nação. De acordo com Solari (1967:107) a democracia de Batlle, instaurada no início deste século, sofreu um raro processo de sacralização, transformando-se numa fórmula quase mágica à qual apela-se para ter certeza de que as injustiças da ordem social presente resolver-se-ão apenas pela existência do conceito.

A impressão que se tem é que no Uruguai, inclusive até hoje, para os partidos tradicionais o importante é dar a todos o direito de opinar e não a opinião das pessoas. Até hoje, podem-se encontrar depoimentos como este, de um líder do tradicional partido Blanco, Alberto Volonté, referindo-se a um plebiscito pela mudança da constituição, que repete a fórmula aplicada no fim das lutas fratricidas do século passado: nem vencedores nem vencidos. *"El lunes -dice- no habrá ni vencedores ni vencidos. Solo habrá habido, como tantas veces antes, una expresión democrática del pueblo".* ***(Clarin Digital, T-02803D.HTM, 08/12/1996)***

O Uruguai é um país democrático do ponto de vista da divisão de poder. Os partidos políticos chegaram a um consenso ainda no século passado, de forma a equilibrar o atendimento aos vários interesses de ambos partidos. O sistema partidário no Uruguai não apenas caracterizou-se pela continuidade e fortalecimento do tradicionalismo político, pela distribuição clientelística do poder estatal com finalidade eleitoral, mas, também, e fundamentalmente pelo bipartidarismo eleitoral acompanhado, porém, de um multipartidarismo permanente e de um policlassismo dentro dos partidos (conf. Caetano & Rilla,:131). Isto quer dizer que havia no Uruguai dois partidos fortes que, até 1984 dividiam eqüitativamente o poder[61], mas dentro desses partidos havia inúmeras facções que respondiam aos mais variados interesses de classe[62].

---

[59] Divisão territorial do Uruguai, equivalente às províncias ou estados.

[60] Até então o normal era matá-los, e até vexar os cadáveres.

[61] Há bipartidarismo quando dois partidos somam 80% ou mais dos votos dos eleitores. Este equilíbrio rompeu-se em Montevidéu no ano 1971, porém a nível nacional isso aconteceu somente em 1984. (conf. Mieres, 1994: 49 y 79).

[62] A adesão a um ou outro partido, no Uruguai, sempre foi independente de classe social ou de nível de vida e sim dependente de "currais eleitorais" historicamente determinados, como demostra Mieres (1994,107 e 152).

Essas facções uniam-se (e unem-se ainda) para fortalecer cada partido no momento das eleições, ao amparo da "lei de lemas", da qual falarei mais tarde.

"la democracia política de sufragio universal...nació junto al imperativo político de la conciliación, de la parsimonia para el cambio social". ***(Caetano & Rilla,:127).***

A cultura uruguaia

Outra das ficções orientadoras já foi vista dentro dos mitos fundantes relacionados anteriormente, é a da "cultura" uruguaia, esta entendida no sentido iluminista de refinamento. A hoje culta Montevidéu foi, até 1870, uma cidade promíscua e suja. Por sua própria localização entre dois países que pertenceram a dois colonizadores rivais, o Uruguai foi um território onde o contrabando circulou durante vários séculos, tanto de mercadorias e gado, quanto de homens (escravos).

A barbárie que reinava no Uruguai do século XIX foi totalmente ignorada pela história e pela memória coletiva. Só em 1996 foi publicado o primeiro livro desvendando um quotidiano do qual pouco há para se orgulhar, que se reveste de situações que vão do trágico ao hilariante. Os estudos estão centrados na capital do país, Montevidéu, e mostram uma cidade onde o lixo, os cadáveres de animais e os dejetos humanos se espalhavam pelas ruas; de uma sociedade debochada onde circulavam poesias pornográficas, (um de cujos autores seria nada menos que o autor da letra do hino nacional uruguaio!), onde as mulheres eram atiradas e sensuais. Era uma "sociedade dos excessos", onde até o clero era libertino, onde vivia-se num constante clima de festa; todas as noites as pessoas se reuniam em tertúlias dançantes, brincavam ou cantavam, e aos domingos, havia grandes comilanças.

O carnaval era a expressão máxima do espírito lúdico, da permissividade e do descontrole. *"Un paraíso de la materia, una tierrra de jauja en que se comía, se bebía y se jugaba sin límites, se practicaba gozosamente el arte erótico"* ***(Barrán,1994/1:129).***

Brincava-se desmedidamente com água, em guerras nas quais participava até o caminhão pipa dos bombeiros; atiravam-se ovos, caixas com sardinhas, legumes, água suja, areia, cal, tinta e até gatos (a fonte pesquisada não especifica se vivos ou mortos). E, detalhe interessante, as mulheres eram as que mais se excediam nas brincadeiras.

O carnaval, porém, não era um momento de contraste com o restante do ano. Havia uma espécie de continuidade da qual o carnaval era o ponto culminante. Durante a época normal do ano, vivia-se num clima bastante descontraído; trabalhava-se pouco, brincava-se muito. O jogo e o sexo livre, o concubinato e a infidelidade eram práticas usuais em todos os estratos sociais. A barbárie chegava ao ponto de, no teatro, as mulheres atirarem, dos camarotes, laranjas chupadas ou até "um líquido de odor desagradável" (conf. Barrán:104).

"Lo lúdico era para esta sensibilidad un aspecto irrenunciable de la vida" ***(Barrán,:109).*** A diversão, a comida, a bebida e a sensualidade estavam presentes até nos enterros e nos cemitérios. Nestes últimos, o dia dos mortos

transformava-se numa feira, com barraquinhas de bebidas, banda de música, e ocasião para namorar (conf. Barrán:197-198)

As pessoas eram debochadas em todo lugar e ocasião, da bolsa de comércio até a igreja. Os cultos religiosos de alguma forma estavam acompanhados de jogo, sexualidade, riso, divertimento, cerveja, baile ou teatro, com a anuência e participação do clero; colocavam-se letras irreverentes em cânticos religiosos e havia manifestações zombeteiras durante os sermões. Na saída da missa, os jovens faziam um corredor para dizer obscenidades às senhoras e tocá-las também.[63]

As brincadeiras eram, não raro, pesadas e de mau gosto, como, por exemplo, colocar nos jornais um falso anúncio comunicando a morte de alguém com os conseqüentes transtornos e consternações.

Este espírito lúdico, incluía diversões sangrentas, como touradas ou brigas de galos que parecem cruéis de acordo com a nossa cultura atual.

A barbárie do século XIX uruguaio também tinha um lado obscuro, do qual as vítimas eram os mais fracos: crianças e serviçais. Os castigos corporais que os pais impingiam aos filhos no século XIX eram também bárbaros, ao ponto de provocar o suicídio de crianças,[64] mas estavam inclusive legitimados pelo Código Civil de 1868, que facultava aos pais "disciplinar os filhos com castigos (apenas tendo o cuidado de não colocar em risco sua vida)", e também solicitar sua internação numa instituição que os corrigisse.

Os professores castigavam igualmente os alunos e em nome da educação tomavam-se atitudes que provocavam sofrimento nas crianças, como por exemplo, enviá-los para estudar em escolas que mais se assemelhavam a prisões.

"A los jóvenes que ingresaban a partir de 1880 al Seminario diocesano de Montevideo, no se les permitía la salida a su casa durante los once años del curso" ***(Barrán,:73)***.

A barbárie contra as crianças no Uruguai do século XIX abrangia também o abandono (5,46% dos nascidos vivos eram abandonados em 1830 e 3% em 1870) e o infanticídio (estimado em 0,60% dos nascidos vivos em 1876) sem contar com depoimentos como o citado por Barrán, em que um fazendeiro lamenta mais a morte de um carneiro importado, do que a morte de um filho, acontecidas simultaneamente, dizendo que *"los hijos se hacen , más carneros finos no"(tomo 1,:75)*.[65]

---

[63] O costume de bolinar as mulheres em lugares públicos, tais como elevadores, danceterias, transporte coletivo, etc., persiste até hoje no "culto" Uruguai.

[64] Um informante que não pertence ao universo desta pesquisa contou-me o suicídio do seu irmão de seis anos, acontecido por volta do ano de 1940, devido às surras que recebia do seu pai no interior do Uruguai, o que evidencia que alguns setores da população continuaram a ter um comportamento bárbaro com suas crianças.

[65] Paradoxalmente, dentro do Uruguai bárbaro, mesmo em meio a algazarra, assistia-se em massa à ópera e ao teatro. O Teatro Solís, de Montevidéu, foi fundado em 1856. E é por isso que a questão da cultura, sobre tudo da erudita, é, sem dúvida, um mito fundante. Dentro das entrevistas isto também fica evidenciado.

Dentro do exército a barbárie era mais acentuada, havendo penas tais como perfurar a língua de um soldado com ferro quente, corta-lhe a mão ou castiga-lo com 1500 açoites (o que equivalia à morte).

A sociedade civil também convivia com a violência, tomando uma atitude indiferente perante os crimes de sangue, quando não mostrava simpatia para com os assassinos. Matar uma pessoa num *"duelo criollo"* era uma questão de honra, como tinha sido na Europa em séculos anteriores entre os cavalheiros, algo inevitável e respeitado pela sociedade.

A vida valia muito pouco e as mortes por facada em brigas eram lugar comum; o sangue corria, tanto a nível macro-social, nas lutas políticas permanentes, quanto a nível micro, nas ruas das cidades.

"En medio de un baile..había ocurrido una pelea quedando muertos tres de los concurrentes...sin que se interrumpiera el baile, que continuó por encima de los muertos..." ***(Barrán: 50)***

A história guardada na memória coletiva, porém, começa depois do projeto civilizatório que também elevou à categoria mítica José Pedro Varela, o responsável pela reforma educativa.

Este projeto cultural começou em 1847 com a criação do Instituto de Instrução Pública (I.I.P.), impulsionado pelas elites burguesas que entendiam que a cultura bárbara, e a indisciplina que ela trazia embutida, somadas às constantes desavenças políticas que faziam parte da mesma barbárie, impediriam o progresso do capitalismo incipiente. Em 1849 criou-se a Universidade e nessa década proliferaram os cafés e clubes literários, as publicações socialistas, as discussões positivistas e as polêmicas anti-religiosas, com ativa colaboração direta de muitos argentinos que apoiavam Rivadavia[66] e que moravam em Montevidéu.

Em 1877, José Pedro Varela, na direção do I.I.P. apresentou seu projeto de "educação comum", pelo qual a escola passou a ser gratuita e obrigatória[67]. Sob influência do positivismo e do iluminismo, abriram-se escolas primárias em todos os cantos do país, e através dela foram veiculados todos os valores morais que a burguesia queria impor à sociedade em geral: valorização do trabalho, da poupança, da austeridade, do estudo; abominação do jogo, do sexo, da diversão. Ao mesmo tempo, ensinava-se boas maneiras à mesa, normas de higiene doméstica e pessoal, regras de urbanidade para comportar-se na rua[68] e, é claro, a versão da história que as elites queriam que o povo soubesse. Não deve ter sido coincidência que na comissão de nove membros nomeada por Varela para estudar os textos escolares houvesse cinco pessoas da Associação Rural (representantes da oligarquia local).

Com um território pequeno e uma grande vontade por parte do povo de assimilar os valores da burguesia, foi fácil disseminar a educação e, no final do século, o Uruguai teria índices mais altos ainda de alfabetização do que o

---

[66] Mentor de um grande projeto cultural na Argentina, como será visto no próximo item.

[67] Até hoje há fiscalização para que as crianças vão à escola e o pagamento do salário família está vinculado a essa freqüência escolar.

[68] A partir de 1903 houve cursos noturnos para imigrantes e operários que ensinavam boas maneiras na rua, nas reuniões, nas conversações (Barrán:209)

anterior modelo, Argentina, assim como expoentes importantes nas artes, principalmente nas letras.

Ao mesmo tempo, para incorporar os valores da "civilização", a sociedae assume uma conduta autorreprimida e culposa. *"La ética civilizada sacralizó la seriedad de la vida"(Barrán,1994/2:46)*. O rigor do controle social tornou-se sufocante, fato que, como será visto mais adiante, pode ser uma das causas que estimulam a emigração.

Varela, o educador

De acordo com a memória coletiva Varela aparece como uma espécie de visionário e em momento nenhum se vincula sua ação dentro do estágio de produção de conhecimento em que o mundo se encontrava naquele momento.

O projeto de Varela, porém, não foi um passo isolado e descontextualizado. Vinha na esteira do projeto começado por Bernardino Rivadavia e continuado por Domingo Faustino Sarmiento, entre outros, na Argentina, inspirado nos ideais humanistas e positivistas legados pelo iluminismo francês, do qual ambos personagens eram herdeiros.

"Varela había sido influído muy fuertemente por Sarmiento, a quien había conocido durante su estadía en los EEUU luego de su viaje por Europa, entre 1867 y 1868, donde estudia la obra de Spencer, nutriéndose su pensamiento con el positivismo"(Maiztegüi,:88).

Na década de 1820 Rivadavia, que tinha viajado muito pela Europa representando o governo argentino, reuniu em seu entorno um grupo de intelectuais que também conheciam de perto a cultura européia e tentou organizar a sociedade argentina nos moldes do que ele considerava a verdadeira civilização ocidental (Europa). Assim fez uma reforma na área militar (fonte de barbárie), fundou universidades, para as quais trouxe professores da Inglaterra, colégios até nas províncias mais longínquas e atrasadas, e tirou as escolas da esfera monástica. Estas escolas educaram uma geração que continuaria o trabalho "civilizatório" tendo como principal expoente a D.F. Sarmiento, pessoa muito contraditória que dedicará sua vida a disseminar o ideal do progresso nos moldes do capitalismo, a defender a extinção dos bárbaros dos pampas (índios e "gauchos" [69]) assim como dos caudilhos, a culpar à "atrasada" e " ignorante" Espanha pelo legado de "incultura" recebido nestas latitudes e a exaltar a cultura européia sem conhecê-la pessoalmente.[70]

Apesar desta visão colonialista e elitista da cultura que Sarmiento e seus pares possuíam e de terem apoiado o genocídio da população indígena, deixaram, de fato, um legado de "civilização".

"Para combatir la barbarie de la distancia, atrajeron a inversores e ingenieros extranjeros...para que cruzaran el país com líneas de telégrafo y construyeran el mejor sistema ferroviario de América Latina.. ...Para combatir la barbarie de la ignorancia construyeron literalmente cientos de escuelas públicas

---

[69] Pessoa nascida na região dos pampas, no território que depois seria subdividido em Argentina e Uruguai, mestiço de espanhol e índio, de vida muito peculiar, às vezes nômade.

[70] Depois de viajar à Europa retornou muito desapontado.

...que le darían a la Argentina el porcentaje de alfabetismo más alto del continente" ***(Shumway, 1993:184)***.

A situação do Uruguai em termos de barbárie era similar, tanto na questão da brutalidade dos caudilhos, das tropas do exército, e até dos imigrantes, que não eram, como os dirigentes esperavam, "cultos e civilizados", mas provinham das regiões mais pobres e atrasadas de Itália e Espanha. Só não havia no Uruguai população indígena, já exterminada durante a colônia, mas havia uma reduzida população negra na cidade de Montevidéu.[71]

O trânsito permanente de pessoas que havia naquela época entre as duas margens do Rio da Prata propiciou, entre outras coisas, que muitos seguidores de Rivadavia e Sarmiento se instalassem em Montevidéu, tendo, como já foi visto, influência no projeto "vareliano".

O país laico

Embora a maior parte da população (56,2%) seja de origem católica e ainda mantenham rituais básicos, como o batismo, mormente, e o casamento pela Igreja, essas mesmas pessoas não costumam assistir à missa e raramente praticam a confissão. A freqüência à Igreja é hábito fundamentalmente feminino e, preferentemente, de senhoras de idade, que fazem dessa atividade um evento social. O baixo índice de religiosidade não seria exatamente uma ficção.

Houve um projeto de laicização da sociedade no final do século passado, que teve como principal mentor o referido Varela. Sendo autodidata, ele ficou fora do alcance da doutrina religiosa que com certeza teria mudado seu pensamento, e implantou, como parte da sua reforma educativa, a escola absolutamente laica. Poucos anos depois, o presidente Batlle y Ordóñez, definido como fervoroso anti-clerical, continuou implantando o ateísmo no Uruguai, através da escola e da ideologia do seu partido político.

O Uruguai começou seu processo de laicização em 1861 com a lei de Secularização dos Cemitérios, continuando depois com a já vista Lei de Educação Comum em 1877, a criação do Registro Civil em 1879, a obrigatoriedade do matrimônio civil em 1885 e a lei de ensino secundário e superior de 1885. No século XX complementou-se com a laicização da assistência pública, a lei de divórcio absoluto, a supressão em todo ato legislativo de qualquer referência a Deus ou aos Evangelhos, a laicização do código militar e, finalmente, em 1919, a secularização dos feriados religiosos, dando-se, por exemplo, à Semana Santa o nome oficial de "Semana de Turismo" (conf. Caetano & Rilla,:83) .

Esta reforma realmente funcionou, pois em 1932, uma observadora estrangeira disse que ficou surpresa de ver que, nas escolas do Uruguai, as crianças sabiam quem eram Lenin e Bernard Shaw mas não sabiam o nome dos apóstolos (conf.. Caetano & Rilla,:140) .

A própria lei encarrega-se de que determinados preceitos morais que em outros países são inculcados pela Igreja, sejam respeitados no Uruguai, sobre

[71] Que sofria discriminação, com o qual a democracia racial uruguaia transforma-se numa outra ficção orientadora.

tudo no que diz respeito à família. A lei é rígida para relações extraconjugais. Até a década de 1990 não era possível reconhecer filhos fora do casamento, havendo casos em que a lei chega a extremos inusitados.[72] Estas travas da lei obrigam aos uruguaios a terem um comportamento cuidadoso com as relações fora do casamento, dentro das normas impostas pela religião católica, à qual provavelmente muitos não dariam ouvidos.[73]

Quando a sociedade uruguaia precisou ser "moralizada", não foi necessário apelar ao poder de convicção da religião católica, pois a escola, apoiada pela Associação Rural, realizou a tarefa (Barrán/2:89). Na escola "moralizou-se", e controla-se ainda a "decência" no vestuário, assim como as informações que "podem"" ser dadas aos estudantes. E aquilo que não se consegue por convicção, consegue-se através da lei.

Mas, aparentemente, a abolição da religião não aboliu o espírito religioso do povo. Este continuou a existir, e precisou ser canalizado para algum destinatário, donde a sacralização de figuras como Artigas, Varela ou Batlle y Ordóñez, e outros em menor escala. Um caso mais do que ilustrativo foi. um churrasco acontecido na casa de um uruguaio residente em Campinas, num dia 25 de agosto, em que foi colocado um busto de Artigas na churrasqueira, hasteada a bandeira do lado e, na frente, todos os presentes cantaram o hino nacional.

"cantamos el himno nacional, con la bandera uruguaya na frente...tenía varios uruguayos y antes de comenzar el churrasco,... tiene la bandera uruguaya,... un busto de Artigas"(E04)

Secularização da religião ou sacralização da festa cívica, o episódio coloca em xeque a afirmação de que os uruguaios não são religiosos, dando lugar a que se pense que isto é mais uma das ficções orientadoras do imaginário social uruguaio.

Pareceria haver uma transferência da religiosidade para outros objetos de adoração que explicaria a necessidade de líderes carismáticos aos quais venerar, que faz parte da cultura política uruguaia.

"Extirpar la religión oficial....no elimina la religiosidad...el Estado y sus dones inagotables ocupan el lugar del misterio divino" ***(Da Costa, Kerber & Mieres, 1997:23)***

Mais do que o Estado, inclusive, parecem ser pessoas ou grupos de pessoas o alvo dessa religiosidade extirpada por decreto. Uma evidência poderia ser o fato de que, no segundo semestre de 1997, o vice-campeonato mundial de

---

[72] Fora do universo desta pesquisa, encontramos um caso ilustrativo. A senhora EFS solicitou o divórcio porque seu marido desapareceu, e, como não foi encontrado, a tramitação levou sete anos, período no qual ela passou a conviver com um companheiro com o qual teve uma filha. Na certidão de nascimento da criança reza "filha de mãe desconhecida" dada a impossibilidade legal da mãe, por ser casada, de reconhecer uma filha tida fora de um casamento que já estava dissolvido na prática havia cinco anos.

[73] Ao mesmo tempo diz-se, que é o país que mais abortos per capita tem no contexto do cone-sul, embora não haja informações oficiais a respeito. As informações obtidas com médicos uruguaios confirmam mecanismos institucionalizados desta prática.

futebol juvenil ganho na Malásia pela seleção uruguaia, levou às ruas de Montevidéu um milhão de pessoas, isto é, um terço da população do país.[74]

O país "politizado"

Outra ficção orientadora é que os uruguaios são muito "politizados". Esta palavra[75] é utilizada na linguagem corrente com o sentido de "entender de política". Uma pessoa "politizada" seria aquela que sabe quais são as propostas dos partidos; consequentemente seria uma pessoa apta a realizar uma escolha consciente para o bem da sociedade e a adotar uma posição progressista em relação à política tradicional.

Porém, esta conotação da palavra não é a única. Os uruguaios são "politizados" em dois sentidos, de um lado, porque os partidos políticos desempenham um papel atípico na sociedade uruguaia, e, de outro, porque sempre houve um alto índice de participação eleitoral. No plebiscito acontecido em dezembro de 1996, um cidadão imobilizado por problemas de coluna chegou ao ponto de se fazer transportar de maca para votar ***(El País Digital, ed. extraordinária, 08/12/1996: www.elpais/961208/5.html)***

A maior parte dos uruguaios, inclusive alguns dos entrevistados, falam sobre política com a autoridade de quem entende do assunto, mas não são politizados no sentido de promover mudanças, confirmando que a política partidocêntrica uruguaia é conservadora e que os partidos têm sido responsáveis pela disseminação de certos vícios na sociedade, tais como o clientelismo, a desmobilização da sociedade civil e a falta de impulsos transformadores.

"Por cierto que la centralidad de los partidos no solo há operado en sentido favorable respecto ...de la trama de la política uruguaya. ... muchos de los vicios y desequilibrios presentes en la vida política cotidiana ..[fueron] *transferidos....desde los partidos (para alcanzar luego...una relevancia primerísima): ...la extensión del clientelismo como una base de sustentación de la expansión del Estado...;la desarticulación ideológica y organizativa que provocó a menudo la emergencia de políticas públicas...desprovistas de un proyecto nacional verdadero; la captura de lo social organizado por lo partidario, que redundó ...en el bloqueo de ...desarrollos autónomos de la sociedad civil,....restas de impulsos autenticamente transformadores....fuerte proclividad a la permanencia y a la continuidad"* ***(Cateano, Rilla & Pérez Antón:24).***

No caso dos entrevistados, praticamente todos estavam descontentes com a política tradicional, mas nem cogitavam apoiar às propostas da esquerda; ao mesmo tempo, seus comentários sobre política revelam não apenas conservadorismo e reiteração dos discursos comuns ao imaginário popular mas, em alguns casos uma despolitização total no sentido de falta de informações sobre os problemas da sociedade.

---

[74] Depoimento de Gerardo Caetano, no dia 25/09/97 às 14:30 hs, em Montevidéu, no CLAEH (Centro Latino Americano de Economía Humana).

[75] "Politizar: Dar orientación o contenido político a acciones, pensamientos, etc. que corrientemente no lo tienen" Kapeluz, 1993:1159.

Vários sujeitos mudam o nome dos partidos e dos candidatos de eleições nas quais participaram (Tabaré Vázques passa a ser Tavarez, Seregni passa a ser Zerbini, o partido Frente Amplio passa a ser Partido Liberal ou simplesmente "esses da esquerda"), quando não demonstram uma total inconsciência quanto ao ato de votar. Um deles declarou que, em 1984, quando votou num candidato da esquerda moderada, o fez "no embalo" de uma caravana de pessoas de esquerda que foi votar na primeira eleição depois da ditadura.

"no tem mucha certeza de si voté bien o voté mal...porque foi mas no embalo do ônibus ...que eu votei em Batalla...foi interessante aquela viagem, gostei" (E04)[76]

Outros revelam que, quando votaram, o fizeram de forma automática, por obrigação, mas nem se lembram em quem e para que, e uma, inclusive, acredita ter votado numa jurisdição que não lhe correspondia a única vez que o fez. Outros demonstram sua impossibilidade de desvencilhar-se do conservadorismo apesar de terem uma visão muito lúcida dos problemas sociais, compatível com as críticas de partidos de esquerda, nos quais, porém, nem cogitam em votar. É o caso do entrevistado E11, que, nas últimas eleições votou no Partido Verde para afastar-se das pressões da sua família e dos seus amigos. Outros, pelo contrário, declaram que em sua juventude eram "comunistas" porém sua visão da sociedade corresponde ao pensamento de direita.

"en ese entonces yo no estaba mucho para la política más, yo era más para el comunismo que para otra cosa. En ese entonces" (E10)

Porém a leitura que faz, no momento da entrevista, da greve que estava acontecendo na França é bem conservadora:

"Vistes en Francia como están ahora ... Y no es un país ignorante ni nada. Y como están ahora? Por una bobada creo que son el paro ese que están haciendo.."[77]

Outros entrevistados realizam, com muita convicção, afirmações sobre a sociedade que demonstram desconhecimento da problemática: *"la mayoría de la gente es una clase media, baja hoy, media baja, baja, no sé, pero la mayoría de la gente tiene nivel de vida"(E02).* Outro diz que os tios lhe contavam sobre exilados e "guerra de direitos humanos" na década de 1970 (E08). Outra pessoa glamouriza a pobreza:

"en aquella época era un poema hablar de favelas...antigamente, el samba,... en las favelas era una cosa romántica. Hoy las favelas están inundadas por el tráfico y por una serie de cosas, y la violencia pero en el 70, 65, 68, era un poema hablar de los sambistas brasileros, individuos modestos que criaban cosas divinas"(E07)

A respeito dos políticos, o mesmo sujeito vai dizer:

"Para mi está bien lo que hicieron,....Han hecho mucha cosa errada pero el mundo ha desenvolvido una cosa impresionante, las ciudades han crecido, mismo aquí en el

---

[76] Essa viagem "interessante" foi uma caravana de militantes que levou pessoas de Rio, São Paulo e Porto Alegre para votar. Sua importância como ato político foi tanta que o grupo ficou retido na fronteira uruguaia durante seis horas, e foi hostilizado de diversas formas pelas autoridades militares no poder e pelos grupos civis de ultra-direita (evidência empírica).

[77] A "bobagem" é nada menos do que o fim dos direitos sociais dos trabalhadores imposto pelo neo-liberalismo.

Uruguay, y acá, donde tú vas ha habido un desenvolvimiento enorme, el mundo ha desenvolvido bárbaro. Entonces ha habido mucho desvío de dinero pero lo que han hecho ha sido impresionante también. Lo que han creado de energía eléctrica, de agua, de luz, en fin, estrada, han hecho una cosa impresionante.. Hay que reconocer, si, ha habido muchos escándalos en el mundo entero, en todos los países ha habido problemas con políticos, pero han hecho mucha cosa también."

Esta visão dos políticos como os legítimos regentes da sociedade, está também presente em outros depoimentos:

"político, sabe como es. Son necesarios, porque sin ellos, el país no funciona, no? Y si no fueran ellos... Si no existieran los políticos existiría otro sistema de gobierno. Ahora eu prefiero los políticos a otros sistemas de gobierno" (E12)

Curiosamente, pessoas que realizam um trabalho que de certa forma é politizado, por ser voltado para a comunidade, não se enxergam a si mesmas como dentro de uma atividade política. Um dos entrevistados quer demonstrar um grau de não compromisso grande enfatizando *"no tengo ni quadro de fútbol"*, porém ele é presidente da Associação do seu bairro, e tem orgulho de ser um presidente atuante de uma associação participante.

Outros fazem afirmações que refletem um discurso cuja origem não pode ser definida até o fim do presente estudo, mas que era muito comum na década de 1970, associando os militantes de esquerda com vagabundos.

"Todas las personas que participaban de alguna manera, activamente de esos grupos,[de esquerda] con rarísimas excepciones, era gente que nunca habían trabajado, vagabundos, ... oportunistas "(E03)

Este entrevistado em especial não poupa insultos aos militantes da esquerda.

"Hubo un ciudadano ... que agarró en una huelga,... un pedazo de cadena y la tiró en un transformador de alta tensión. Aquello explotó en pedazos; paró la planta de OSE[78] por dos días;... Un millón de personas en Montevideo no llegaron a entrar en colapso... por muy poco tiempo... Todo por la viveza de un estúpido de veintipocos años, un idiota que se acreditaba intelectual, porque leía Marx, porque leía Fidel Castro, las publicaciones que venían de afuera".

Outro consegue construir seu discurso "politizado"' de uma forma tal que os "esquerdistas", Cuba e Rússia incluídas, aparecem como responsáveis pelo golpe militar de 1973.

"Cuba vivía implicando...en Brasil, Argentina, Uruguay, en fin, en todos los países latino-americanos... procurando introducir el régimen comunista, en consequencia de eso surgieron los Tupamaros en Uruguay.... Y ahí entonces eso perjudicó al Uruguay mucho porque esa gente que hacía parte de ese terrorismo tupamaro ellos llegaron a convencer muchas partes, una buena porcentaje de la población. .... Y eso, el pueblo acabó perjudicando el andamiento, el desenvolvimiento del país, atrasando el país. Creando serísimos problemas que a consequencia de eso sufrió diez años de dictadura militar también, habiendo atrocidades como hubo allá. Crímenes cometidos por la dictadura y todo eso se debe a eso que vino de Cuba y eso perjudicó el pais... el propio pueblo perjudicó al país"(E09)

Já outros, apesar de uma visão conservadora, conseguem entender que há uma forte tradição dando base ao comportamento político.

---

[78] Companhia de Águas e Esgoto.

"era un pueblo muy rebelde contra el sistema comunista que querían, en la época... hubieron algunas manifestaciones en la época contra reuniones del partido comunista, allá, inclusive fueron de divulgación nacional; aparecieron en los diarios y todo, gente que .. era ..., muy conservadora, y los jóvenes también seguían aquel sistema patriarcal, de obedecer al padre, a la madre, a los. Los que viven allá, mis amigos, son iguales al padre y la madre de la época. Poca cosa mudaron, no?"(E07)

Artigas, "pai da Pátria"

Mas a mais patética das ficções, a mais surpreendente e ilustrativa sobre esta tentativa de forjar a nacionalidade e a história quiçá seja o caso do controvertido herói nacional José Gervasio Artigas.

"En tanto héroe nacional de los uruguayos, Artigas simboliza las ideas y valores que más nobles y dignos parecen hoy a los entrevistados" ***(Cosse & Markarian, 1994:77).***

A existência de este herói fundador e a força que ele tem na manutenção do sentimento nacional uruguaio parece ir no sentido contrário à afirmação que Benedict Anderson faz ao estudar o surgimento das nações, de que estas não tem um "originador" e que sua história não pode ser escrita como um evangelho.

"Nations,...have no identifiable births...Because there is no originator, the nation's biography can not be written evangelically"(Anderson: 1991:205)

No caso do Uruguai, há um mito de origem centrado numa pessoa e há uma história doutrinariamente escrita.

São centenas de ruas, monumentos, lojas e empresas que ostentam o nome do "pai da Pátria"; sua estampa ilustra cadernos escolares e papel moeda. Tudo, no Uruguai, está de alguma forma associado com Artigas. Sacralizado durante 150 anos, este personagem substituiu as figuras religiosas no cotidiano dos uruguaios de todas as idades e de todas as tendências políticas.

"A lo largo de la historia se ha creado y recreado un héroe que, desde la diversidad, genera apoyos unánimes" ***(Cosse & Markarian:80).***

Dentro dos entrevistados, o Uruguai foi simbolizado por Artigas tanto pelo entrevistado E12, que votara uma vez no partido União Cívica, desmembramento do tradicional partido Blanco, quanto por outro que sempre tinha votado no Frente Amplio. Quando perguntado sobre o que tinha do Uruguai em casa, o primeiro respondeu *"Tengo una estatua de Artigas, tengo una banderita uruguaya"*. O segundo, quando perguntado sobre o que significava para ele ser uruguaio, respondeu sem duvidar: *"Artigas"*.

Esta figura controvertida da história, considerada, por alguns, um contrabandista, por outros um soldado revolucionário, mas por todos, sem exceção o "Pai da Pátria", nem sequer cogitou que houvesse um Uruguai independente.

Quando em 1810 a "Junta" de Buenos Aires declarou sua independência da Espanha, aproveitando que esta estava invadida por Napoleão, Artigas era capitão de um corpo do exército do Virreinato do Rio da Prata, encarregado de cuidar as fronteiras que este tinha com o império de Portugal, na província situada ao leste do rio Uruguai, conhecida como Banda Oriental. Aliou-se aos independentistas e passou a ter notoriedade quando, em 1811, ganhou uma batalha contra os espanhóis obrigando-os a entrincheirar-se em Montevidéu.

Sua visão do que deveria ser a independência das Províncias Unidas, porém, foi aos poucos distanciando-se daquela do Triunvirato (governo tripartite de Buenos Aires), pois este propunha um governo unitário, formado por pessoas ilustradas e chegou a sugerir uma monarquia constitucional. Artigas, ao contrário, foi o principal defensor da causa federalista inspirada nos moldes da constituição dos Estados Unidos, tendo como aliados a dois outros caudilhos regionais, que também lideravam milícias populares formadas fundamentalmente por "gauchos" .

O documento mais completo do seu ideário está constituído pelas "Instruções do ano XIII", redigidas para o Congresso da Constituinte das Províncias Unidas em Buenos Aires. Nestas, Artigas propõe que a Argentina seja um país independente do império espanhol, que adote o sistema republicano de governo, que tenha liberdade civil e religiosa, e governos provinciais autônomos.

Como estas propostas não interessavam ao governo de Buenos Aires, este fez sucessivos acordos com espanhóis, portugueses e caudilhos regionais a fim de acabar com a influência de Artigas, impedindo, inclusive, a presença dos delegados artiguistas na constituinte.

As províncias de Entre Ríos, Santa Fé, Corrientes e o território das Missões (que abrangia parte do que hoje é Río Grande do Sul), junto com a Banda Oriental, criaram, então, a Liga Federal que designou Artigas "protetor dos povos livres" e se opôs ferrenhamente ao Diretório de Buenos Aires até 1816 em que os portenhos entraram num acordo com os portugueses para que estes invadissem a Banda Oriental.

Por outro lado, Artigas tinha proposto um plano de reforma agrária que não agradou às elites de Montevidéu e menos aos latifundiários. *"Artigas comprendió que la democracia no podría funcionar en una sociedad de muchos peones y pocos patrones. Intentó...dividir las grandes propiedades de modo de dar tierras a sus humildes seguidores"* ***(Shumway:75)*** .

Sua luta deu-se, finalmente, em quatro frentes, às vezes de forma simultânea: contra os espanhóis, os portugueses, os portenhos e as elites da sua própria província, (que queriam, por um lado, a autonomia do porto de Montevidéu, mas não estavam interessados na distribuição de riquezas).

Aparentemente intransigente, conforme algumas fontes históricas, Artigas não aceitou os acordos propostos por Buenos Aires quando da segunda constituinte, prejudicando, com isso, a Liga das províncias que controlava. A dinâmica das alianças e rompimentos da época, que já vimos antes, levaram a que seu próprio aliado de Entre Rios acabasse sendo seu inimigo e, derrotado por ele, Artigas busca exílio no Paraguai, onde vive durante trinta anos (conf.. Maiztegui,:CapI).

Artigas tem todas as características do herói mítico: pouco se sabe concretamente da sua vida, da sua personalidade, do seu cotidiano; *"de los 86 años que vivió solo se conocen a fondo diez"* ***(Caetano & Rilla,:24)***. As versões da história se contradizem para explicar a sua retirada do cenário político. Há diferentes versões sobre seu grau de educação, e foi colocado em dúvida muitas vezes que ele tivesse escrito as famosas "instruções". Há diferentes versões quanto ao seu caráter, para alguns era um caudilho sanguinário, para outros

um militar. A iconografia sobre ele também é ambígua; há gravuras que o mostram como um "gaucho" de pouca estatura, vestindo as roupas típicas, enquanto que os monumentos o mostram mais alto e elegantemente fardado como militar.

Seja como for, o que os documentos deixam claro é que Artigas nunca lutou pela "independência" do Uruguai. Lutou, sim, por implementar o federalismo nas Províncias Unidas, que abrangiam a atual Argentina e o Uruguai. Deixou sua luta em 1820, por questões que não cabe descobrir neste contexto. O herói mítico da independência uruguaia saiu do território oito anos antes de que o Uruguai existisse como país.

"De todos los caudillos provinciales, Artigas es el más recordado. Su supervivencia en la historia nace de la curiosa ironía de que los uruguayos lo consideran su padre fundador, proclamándolo de esse modo héroe de la independencia de una nación a cuya independencia de las Provincias Unidas él se opuso" ***(Schumway,:82-83).***

Paradoxalmente, o pretenso pai da pátria do Uruguai seria o primeiro exemplo de uma pessoa que, não gostando da situação, decide emigrar após apenas 9 anos de luta, só que sua emigração foi recoberta pela história de uma aura de heroísmo, o chamado "êxodo".

Um país de imigrantes

Outra das ficções orientadoras do Uruguai, é que o país foi constituído por imigrantes, o que, de certa forma, viria justificar uma certa falta de enraizamento dos uruguaios, que, por sua vez, justificaria a emigração de grandes contingentes atualmente.

Mas os estudos realizados, entre outros, por Aguiar, demonstram que a quantidade de imigrantes que entrou no Uruguai a partir do final do século XIX é insignificante e que a propensão a emigrar não é apenas um fenômeno recente.

"el país absorbió poca inmigración y generó tempranas corrientes emigratorias; ...el saldo migratorio careció de significación en la evolución demográfica uruguaya por lo menos desde 1885" ***(Aguiar, 1982:42)*** .

A justificativa de que as pessoas estariam saindo porque não tem raízes, devido ao fato de serem filhos de imigrantes seria outra invenção para escamotear os verdadeiros motivos da saída: a falta de espaço (em todos os sentidos) deixada pela pecuária na economia e no território nacionais.

De acordo com os estudos citados por Aguiar, o Uruguai optou por ser um país dedicado à pecuária, onde não havia lugar para seres humanos, apenas para o gado. Por isso, a partir do século passado, começa-se com a migração das áreas rurais para as urbanas e destas para o exterior.

Há um imigração, que ele denomina "tradicional", que abrange os imigrantes europeus e camponeses que começaram a sair do território uruguaio após o cercado dos campos, no final do século XIX. Os colonos já afincados saiam das terras e iam para a Argentina, sul do Brasil ou Paraguai, enquanto que os imigrantes que chegavam, após um curto período de tempo, continuavam viagem para outros destinos, onde houvesse terra disponível.

O país pequeno e pobre

Os uruguaios entrevistados para esta pesquisa acreditam que o Uruguai é um país pequeno e pobre, no qual não há possibilidades de crescimento, como já foi dito. A evidência empírica demonstra que essa também é a opinião de grande parte dos uruguaios.

Mas isso não é bem assim. O país possui terras produtivas, minerais no subsolo, clima temperado; suas características geofísicas e climáticas são semelhantes às de um dos estados mais ricos do Brasil, Rio Grande do Sul. Os dados estatísticos dão conta de um PIB por habitante, em 1993 de 5.769[79] o que não o coloca, no contexto internacional dentro dos países "pobres".

A rigor, dentro do grupo pesquisado, não só não há pessoas em estado de pobreza, mas há algumas com situações de bem estar econômico até acima da média para sua época.

Uma das pessoas emigradas na década de 1940-50 tinha carro e era comerciante estabelecido. *"Tenía ... un Ford a bigote de aquella época. No, perdón, era un Buick, yo le llamaba de forchela, porque, un carro viejo...abrí con, en sociedad con un hermano, un almacén, bar y ferretería en el pueblo, como interior de los pueblos del Uruguay, tiene de todo. Vende alpargatas, vende caña, vende un arado, vende una herramienta eléctrica... El local era de mi padre...Mi padre era comerciante, tenía máquinas trilladoras en esa época"(E11)*

Apesar desta situação econômica boa para uma pessoa de menos de 25 anos, emigrou quando uma pessoa insistiu em traze-lo para São Paulo.

"...me llamó ... y me dijo "que estás haciendo ... en este pueblo?....Por qué, si yo te ofreciera un cargo en nuestro laboratorio, no te gustaría venir a Brasil, posteriormente, de repente, un cargo más alto, estamos montando ahora en Venezuela, en Caracas", era Caracas...Qué sé yo; yo tenía 23 años, 24 años....[era] 46, nací en 21."(E11)

Outra das pessoas emigradas antes de 1950 também era, com pouco mais de vinte anos, comerciante estabelecido numa cidade do interior.

"Vine contratado temporariamente, por un año...Por una firma comercial de aquí...en 47...Allá yo antes de venir... tenía bar y almacén."(E09)

Das pessoas emigradas na décadada de 60, uma era filho de fazendeiros e de família com status social.

"mis abuelos tienen estancia, mis tíos abuelos, primos, todos son ligados a ese ramo. Mi familia es conocidísima ... una tías mías .. se dedicaron a ser modistas y eran super conocidas en la ciudad, costuraban para gente fina ... que la gente allá se preocupa, la sociedad, hasta hoy con la ropa; o sea que por ese lado, convivi, estudié en colegio paritcular que no era tan caro, creo yo en aquela época. Pero también no era una cosa tan regalada así"(E02)

Durante os primeiros tempos que esteve no Brasil, quase passou fome e retornou ao "país pobre" para fazer dinheiro e voltar para o Brasil.

"No pasé el hambre de la favela, mas hubo días que...tomaba el café de la mañana y volvía a tomar el café de la mañana al otro día...me quedé en Alegrete porque iba a administrar otra estancia, pero después pasó, no surgió, ahí me fui a Salto, ahí conseguí dinero".

---

[79] A mesma fonte informa que o PIB no Brasil nesse ano era de 5.500 (INFORME, 1996)

Não é este o único caso em que o residente retorna ao Uruguai para fazer dinheiro e voltar ao Brasil. Outro entrevistado precisou voltar ao Uruguai pequeno e pobre três vezes para trabalhar e retornar com dinheiro para ficar no Brasil, numa situação inversa à que vivem os imigrantes em outras partes do mundo.[80]

"sentí el gusto del Brasil y ahí ya pensaba volver de vuelta. Trabajar un año en el Uruguay y después volvía de vuelta. Así umas tres veces. La cuarta, dije, si no consigo sobrevivir para siempre en Brasil vuelvo para Uruguay, y estoy en la cuarta ainda." (E08)

Entre os emigrados na década de 70 também encontramos pessoas de classe média, pessoas com casa própria, mas o que é mais significativo para o contexto uruguaio, com carro e com empregada doméstica, comodidades que poucas pessoas tinham em proporção ao total da população.

"nunca tuve problemas ... en la parte económica y cuando empecé a trabajar dando clases, que yo me acuerde ..., era solo para las salidas, para fiestas, para ropas, ..., jamás contribui con un centavo ... no tenía la menor idea de lo que era controlar un orçamento doméstico, no sabía lavar un plato, no sabía fritar un huevo...., no fui preparada para ser dueña de casa. ... teníamos una empleada... fui mal acostumbrada mesmo"(E05)

Entre os emigrados na década de 1980 encontramos até uma pessoa que vem com dinheiro suficiente para ficar durante seis meses sem trabalhar, apenas "adaptando-se" e que traz, inclusive, a babá dos seus filhos.

"yo me mudé con toda la familia, tres hijas chicas... mujer y empleada doméstica. No me mudé en condiciones tan negativas... Por siete ocho meses mantuve esa empleada, tuve cinco meses de adaptación viviendo en San Vicente, haciendo nada, estudiando un poco de portugués"(E01)

Não só trouxe uma retaguarda de dinheiro, mas deixou patrimônio no país, que passou para a esposa quando, pouco depois, ela retornou ao Uruguai e divorciaram-se.

"yo dejé todo mi patrimonio acumulado durante mi matrimonio para mi esposa con las chicas y me quedé con lo que había aquí, la casa alquilada, los muebles que había en la casa....[No Uruguai]Yo tenía dos propiedades: un apartamento y una casa en la playa"

Mesmo o entrevistado que emigrou na década de 1990, não era pobre, mas co-proprietário de uma empresa familiar ligada à área rural.

"era uma empresa pequena, da gente mesmo...nós tinha motosierras, camionzinhos, então nós pegava.... montes de eucaliptos y cortaba y levava a madeira para a fábrica... é disso que nós vivia... era era um método de viver eu e mi ermão...porque ela [a mãe] *não dependia disso, ela tem casa alugada"(E15)*

Veio a Campinas para trabalhar como guarda noturno e conviver com a violência mais sórdida da cidade.

"já faz cinco anos que estamos aqui em Campinas... mas eu sofri bastante...fiquei sem documentação... estava com permisso de turista... não conseguia trabalhar... só trabalhava assim fassendo vicos... segurança, essas coisas, sin registrar, nada, e sofri bastante... trabalhei na segurança de noite, na rua... en la zona da Treze de Maio, Campos Sales... um ano e meio fiquei de noite, ... já vi muita coisa de noite, ali na

[80] Este fato é um dos grandes paradoxos encontrados neste estudo.

rua....os bandidos parecia que passava e falava "oi, gringo, tudo bem?, e ai, gringo, tudo bem?", parece que conhecia eu, parece que gostavam de eu...[mas foi] muito sofrimento demais, muito apavoramento. Eu chegava em casa também e falava para minha esposa "oh, #, eu não estou afim de trabalhar mais na rua, estou com medo de acontecer uma coisa comigo ai, vir de URUGUAY aqui para aqui para o BRASIL, para ficar sofrendo na rua de noite, para ser morto de um tiro, uma coisa, não 'tou gostando"

Mas, apesar das vivências, o que predomina no imaginário de todos eles é que saíram de um país pobre e vieram para um país rico. A sua situação pessoal parece não ter muita relevância. Se eles são mais pobres agora, porque passaram de proprietários a inquilinos, ou se têm um trabalho precário na economia informal, a questão é que o Brasil é rico e pensam que aqui terão mais oportunidades de compartilhar dessa riqueza.

"no se puede comparar un país como Uruguay con, con Brasil. ... si es cuarenta y cuatro veces mayor, si Porto Alegre es mayor que Uruguay.... Es lo mismo que comparar una criança que nació en un ambiente pobre a otra que nació en un ambiente rico... Tiene que comparar a los dos que son pobres o a los dos que son ricos"(E12)

Nos depoimentos dos entrevistados vê-se claramente o caráter ficcional dessa visão do Uruguai como país pobre; muitos deles entram até em contradições para justificar essa suposta condição do país. Um dos entrevistados alega ter saído por não ter trabalho; poucos anos depois seu pai morreu e ele herdou uma loja em Montevidéu, voltando para lá. Dois anos depois retornou ao Brasil, sob alegação de que tinha muito trabalho.

"cuando fui a vivir esos años por la muerte de mi padre... estuve totalmente concentrado en el trabajo. Lamentablemente fueron dos años de muchísimo trabajo"(E01)

Mas significativo ainda é o fato de que, chegando ao Brasil por segunda vez encontrou uma situação pouco favorável, porém isso não o fez retornar ou ir embora.

"Cuando volví, la situación también había cambiado.,... Me costó muchísimo. Y de haberme ido como dueño de mi representación, después de seis meses fui a trabajar como gerente de una empresa, como asalariado"(E01)

Nisto, sua atitude é semelhante à de outro sujeito que diz ter saído do Uruguai porque procurou trabalho durante três meses [grifos meus), quando se formou, e não achou. Está no Brasil com sua situação documental não regularizada e trabalha na economia informal há praticamente sete anos.

Este caso, como outros, mostra que os uruguaios estão tão convencidos de que seu país é pequeno, pobre e sem oportunidades, que não podem ou não querem enxergar sua própria condição econômica antes da emigração.

Outro dos entrevistados saiu do seu país onde tinha um emprego bom, um cargo de chefia, veículo próprio e uma vida de classe média, para vir ao Brasil e não saber onde começar a trabalhar, *"no sabía qué hacer"*. Também nunca mais aplicou os conhecimentos adquiridos no próprio Brasil que tinham significado uma melhora na sua situação econômica no Uruguai. *"os cursos que tengo son...tipo control de calidad y después ya cuando vine para Brasil no usé nunca más aquello" (E04)*

Outro entrevistado era calculador de custos de uma empresa, chegou a ganhar U$1500 por mês e quando veio para o Brasil conseguiu emprego de pedreiro [grifos meus]. Depois de várias tentativas e fracassos conseguiu ser

contratado como professor de tênis numa academia, e mora num quarto dentro dela, pois não pode pagar um aluguel.

"yo tuve dos oportunidades de realmente, de crecer de vez, y me fue mal, ...pero hice cosas como montar el bar en una academia de tenis, ... sin dinero de ningún lugar yo monté un pensionato ....,en Uruguay yo nunca podía haber tenido esas oportunidades".

Ele entende que o Brasil lhe da oportunidades que o Uruguai nunca lhe daria, mesmo que neste último país tenha começado faculdade e veja que seus irmãos estão todos com casa própria.

Esta ficção orientadora também faz com que a maior parte dos entrevistados declare que a miséria justifica-se no Uruguai porque é um país pobre (grifos meus) mas não se justifica no Brasil porque é um país rico, o que será analisado nas conclusões deste trabalho

Identidade fragmentada e emigração

Os emigrados aqui estudados cresceram num país que tentou, durante o último século, encontrar-se a si mesmo. Projetos do governo tentaram impor, desde final do século XIX, um sentimento de nacionalidade, apelando para isso às ficções orientadoras. Tentou-se passar, através da história oficial e do imaginário social, uma história criada, forjada, desvinculada das relações internacionais, e centrada em protagonistas carismáticos. Seguindo o raciocínio de Ortiz (1993:26) pode-se pensar que a entrada na modernidade do Uruguai deu-se modelando uma identidade nacional, utilizando-se para isso de métodos doutrinários semelhantes aos utilizados pelas religiões, com ênfase no culto aos símbolos e heróis nacionais.

Muitos uruguaios, tanto os entrevistados quanto os que lá residem, têm um discurso conflitante a respeito do seu país; é um discurso dual. Por um lado, eles dizem amar seu país mas reconhecendo que ele é pequeno e sem futuro. É como se houvesse uma obrigação moral de amar o país e ao mesmo tempo, uma resignação a que o objeto desse amor é desprezível. Essa atitude ambígua a respeito do país parece ser a marca da identidade nacional uruguaia, que mais parece um nacionalismo forçado, ideológico, do que um verdadeiro sentimento de pertença.

Este duplo jogo ideológico de, por um lado, tentar forjar uma identidade nacional, e, por outro, estimular a visão do Uruguai como um país sem futuro, somado a esta contradição evidente entre o país mitológico/ficcional e o país real, parece ter dado como produto seres que vivem, não apenas num limbo cívico, como foi visto no capítulo anterior, mas também num limbo identitário.

É claro que, tanto o conceito de identidade em geral quanto o de identidade nacional, tem mudado ao longo dos séculos, assim como a forma em que as ciências vêem o sujeito portador de identidade.

Na visão pós moderna, o sujeito possui múltiplas identidades que coexistem e se manifestam em função de fatores diversos, externos a ele ou internos; é parte integrante de uma sociedade, em grande medida determinado, moldado, pela sua história e pelo seu inconsciente, não tem um comportamento nem uma postura sempre iguais ao longo da sua vida e em todas as

circunstâncias. A matriz contemporânea é a de um sujeito que reage e se comporta de formas diferentes em circunstâncias e grupos diferentes.

"isento de identidade fixa, permanente ou essencial" [para o qual] *"a identidade tornou-se uma festa móvel formada e transformada continuamente em relação à maneiras pelas quais somos representados e tratados nos sistemas culturais que nos circundam"* ***(Hall, 1995:12)***.

Uma das identidades que o sujeito possui é a identidade nacional, que é culturalmente construída mas que se apresenta como algo visceralmente necessário à maioria das pessoas.

Apesar das considerações feitas no capítulo anterior sobre cidadania e participação política, ainda uma das necessidades mais internalizadas das pessoas parece ser a de pertencer a uma nação. Não é apenas a necessidade burocrática de ter um passaporte que acredite uma identidade oficial, mas passa pelo sentimento de pertencer a algo maior; mobiliza sentimentos atávicos, numa espécie de continuidade da cultura do clã, ou do sentimento religioso.

"as culturas nacionais no interior das quais nascemos são uma das principais fontes de identidade cultural...pensamos nelas como parte das nossas naturezas essenciais...a identificação que...em sociedades mais tradicionais...eram dadas à tribo...à religião...vieram ser gradualmente transferidas, nas sociedades ocidentais, para a cultura nacional" ***(Hall,:37-38)***.

O conceito de identidade nacional passa, neste momento, por uma transição face à globalização da cultura e aos processos de movimentação de populações e, a primeira vista, o que poderia parecer uma falta de identidade nacional no sentido "moderno" pode ser considerada a tendência normal do mundo "pós-moderno", no qual as identidades nacionais não seriam mais centradas, coerentes e totalizadoras, mas sim, flexíveis, por causa da globalização.

Se o grupo estudado tivesse adquirido a naturalidade brasileira, seria fácil analisá-lo como constituído por sujeitos pós-modernos, que têm uma identidade nacional difusa, que hoje adquirem uma nacionalidade e amanhã outra, de acordo com a conjuntura sócio-econômica ou política.

Mas como não é o caso, parece-me que outro referencial teórico poderia ajudar a explicar melhor a postura dos uruguaios residentes em Campinas tanto em relação a seu país de origem quanto ao Brasil. Este referencial está constituído pelos conceitos de Comunidade Imaginada e de Nação.

Para Benedict Anderson (1991:140) o Estado/nação é uma comunidade imaginada que compartilha memórias do passado, desejo de vida em comum e de perpetuação da herança cultural. Mas, de acordo com Hall (p. 45) a etimologia da palavra nação remete a dois conceitos diferentes: ao Estado nacional moderno e a "natio" no sentido de comunidade local, domicílio, família, condição de pertença, conjunto de elementos constitutivos de uma cultura nacional .

O conceito de nacionalidade referido à "natio" implicaria o sentimento de pertença a uma comunidade imaginada, cujos membros não se conhecem mas que partilham de referências importantes comuns: uma mesma história, uma mesma tradição. Ter a mesma nacionalidade seria, neste sentido, para o

homem moderno ocidental, o que foi e ainda é, para outras culturas, pertencer a um clã. Passaria pelo afetivo, pelo irracional, e não necessariamente acompanha a filiação formal a um determinado Estado/nação cujo passaporte se utiliza.

Tomando isto como base, poderíamos dizer que os uruguaios estudados neste caso, parecem ter internalizado uma divisão de duas identidades:

a) identidade nacional enquanto pertença ao Estado nacional (formal) e
b) identidade nacional enquanto pertença à natio, a uma cultura nacional no sentido de comunidade imaginada, constituída de memórias do passado, desejo de vida em comum e perpetuação da herança cultural.

Os residentes em Campinas pesquisados querem continuar a ter uma identidade nacional uruguaia enquanto pertença formal ao Estado, mas, do ponto de vista da identidade nacional enquanto pertença à natio, eles consideram-se diferentes de outros uruguaios, tanto dos que lá ficaram como de outros que aqui moram. Não se evidencia desejo de vida em comum e de perpetuação da identidade cultural com aquela comunidade imaginada, da qual tentam diferenciar-se evidenciando serem mais ambiciosos ou mais inquietos.

"el pueblo vive bien así. El pueblo, es aquello que le gusta hacer, llegar de tarde tomar el mate amargo con seis u ocho hijos y el vecino y la vida bien patriarcal y conservadora. Acho que él no debe de mudar en ese aspecto....Yo siempre lo que soñaba para mi, siempre lo que soñaba es vivir ocupado el día entero, tenía que vivir ocupado el día entero, y yo vivo ocupado, desde que me vine para acá siempre estoy ocupado"(E07)

"de mi familia quien más salió fui yo, entendés? Por que? Porque es una cuestión de personalidad. Ellos son, son conformistas para ellos está bárbaro, nunca entendieron por que yo salía"(E06)

"yo era inquieto... por conocer, por ver, por andar, por ver eso aquí que allá no hay. Yo creo que fue mi inquietud de conocer algo mayor, un país grande, con posibilidades. Cuando llegué aquí, me quise ir al nordeste" (E02)

Também consideram-se diferentes dos brasileiros, com os quais não querem compartilhar a pertença ao Estado. Percebe-se neles, ao mesmo tempo, um sentimento ambíguo a respeito do Brasil, que se assemelha a uma relação de filho adotivo: amor, agradecimento, mas ao mesmo tempo rebeldia, raiva porque ele não é o verdadeiro pai.

"después que yo ya estaba aquí un tiempo, no? si yo iba a Uruguay venía de ónibus cuando entraba al Brasil me daba una rabia cuando comenzaba a ver "Lojas Pernambucanas", "Lojas Pernambucanas", (risos) porque ahí sabía que estaba en Brasil"(E10)

"no tengo muchos amigos brasileros. Eh,..no sé si es otra mentalidad o si tal vez mi marido no toma, no fuma, le gusta el futbol, pero así de mirar en la televisión; entonces parece que el círculo de hombres, digamos, van para, o para tomar una cerveza un viernes, una cosa así, entonces nos restringimos mucho a la familia y a contactos con los otros uruguayos"(E05)

Mas apesar do anterior, claramente compartilham com eles uma identidade nacional no sentido de natio. Eles compartem a memória de um passado recente, a vontade de continuar morando aqui e, na maior parte dos casos, tem bastante clareza quanto a que deixarão sua herança cultural neste país, onde já criaram ou estão criando filhos e até netos.

"al final decidí quedarme.... no me arrepiento, tengo una familia que, gracias a Dios, maravillosa, tengo un hijo, un guris precioso y viene otro ahí, y entonces creo que es por aquí nomás que terminamos "(E03)

"seria dificil me adaptar otra vez a la, al Uruguay, al ritmo, aquela coisa tranquila, aquela coisa mais, mais mais limitada "(E04)

"Creo que es una cosa difícil que todavía me pase..., pero si tuviera oportunidad si, sin duda, volvería al Uruguay"(E06)

"uno no vuelve ... por la inseguridad, sobre todo porque uno ha criado una familia, porque los hijos están formandose, porque la suegra está acá" (E07)

"Es mi patria. Pero los hijos están aqui, los nietos estân aquí. Si me voy en dos meses me voy a querer volver....Yo pensé ir a vivir a Uruguay, pero. Lo que voy a hacer si Dios quiere es ir más y pasar más tiempo"(E11)

O conceito de nacionalidade que se observa nestes emigrados e também em outros uruguaios, está baseado nos mitos fundantes e nas ficções orientadoras em que todos foram educados. Ser uruguaio passa por categorias ideológicas: é a garra charrúa,[81] é gostar de futebol.

"ser uruguayo es ter garra charrúa que es impuesta desde pequeño para jugar al fútbol, para correr, esa sangre india, né, esa cosa así que embora tal vez não tenha mas por eso a subconsciência vou ai pelo escuro achando que como sou uruguaio não vai acontecer nada, acho que eso, em situações, né, de, de crise, la sangre charrúa vem "ahora vou resolver todo porque sou indio mesmo, então não tem problema"(E08)

"Yo tengo una bandera ahí de Uruguay. Cuando juega Uruguay yo pongo la bandera aquí. Aquí hay una chimenea."(E10)

"Tuerzo por Uruguay como una loca, cuando juega al fútbol"(E12)

"tengo. Ah!, YYYY una banderita de Peñarol. Solo eso ya es ser uruguayo" (E12)

Também o ser brasileiro dos filhos passa pelo futebol,

"cuando juega Uruguay es una guerra aquí, mis hijos son bien brasileros, ... fútbol, por ejemplo, que él adora fútbol, eh, e "esse timinho, olha se esse timinho vai ganar ... de Brasil" (E10)

Os sujeitos entrevistados para esta tese não pretendem naturalizar-se, apesar de que não pretendem voltar ao Uruguai[82]

"no me nacionalizo ni nada porque yo soy uruguayo mismo, y soy uruguayo mismo y por tercera vez soy uruguayo mismo" (E07)

---

[81] A "garra charrua" é outra das ficções orientadoras do Uruguai, e muito contraditória por sinal. Os charruas eram os indígenas que habitavam a Banda Oriental e os uruguaios sempre orgulharam-se de ter acabado com todos eles. Porém na linguagem literária e jornalística, a valentia e a coragem foram sempre descritas com essa metáfora.

[82] Nisto os dados diferem do que mostram os estudos de Lehrhaupt(1991:95) de que o menor índice de naturalização acompanha uma propensão ao retorno.

"eu não gostaria de deixar de ser uruguaio" (E04)

más yo siento que estoy renunciando a una nacionalidad, para cambiar por otra que no la necesito " (E11)

"yo me naturalizaría si un caso de fuerza mayor, ...Tengo orgullo de ser uruguaya...."(E14)

"Eu nascí allá, soy uruguayo, agora no me nacionalizaría de país nenhum"(E08)

Eles falam sobre conservar sua nacionalidade uruguaia com se fosse algo sagrado. Inclusive o temor a perder a nacionalidade alegado por alguns entrevistados é infundado pois, de acordo com a lei, as pessoas nascidas no Uruguai não perdem sua cidadania natural mesmo que passem a ser cidadãos legais de qualquer outro país.

Além do episódio relatado na página 108 cujas semelhanças com uma missa são notórias, encontramos outro entrevistado cujo escritório está decorado com bandeiras, escudo, quadros, enfeites e lembranças do Uruguai, pelas quais não manifesta carinho, mas um sentimento de dever.

"Es un gesto de respeto. Es un gesto de respeto por el país donde yo nací. Es como yo respetaría mi padre y mi madre que me pusieron en el mundo" (E09)

Pareceria ser uma transferência do mandamento "honrarás pai e mãe" para os símbolos oficiais, confirmando o que já foi dito sobre o doutrinamento para "amar à Pátria".

Apesar de que atualmente muitos autores reconhecem que as culturas nacionais sempre foram moldadas em base a mitos fundantes, criadas em base a tradições inventadas e a narrativas, acredito que o caso do Uruguai tem a particularidade de ter demasiada ficção dentro da narrativa, como tentei demonstrar ao longo do capítulo. A carga ficcional e de invenção seria tanta, que não conseguiu atingir o nível de internalização requerido para a criação do sentimento de pertença a um passado comum, que é fundamental na constituição da identidade nacional até para criar o desejo de continuar um futuro comum.

Isto porque a identidade psicossocial pressupõe uma complementariedade entre a história de vida e a história social

"Historical processes ...seem vitally related to the demand for identity in each new generation...as positive identities are confirmed, societies are regenerated ***(International Encyclopedia of the Social Sciences, 1968:61).***

No Uruguai, aparentemente, a escola "vareliana" teve sucesso na sua tarefa de inculcar o "patriotismo" ligado aos símbolos nacionais, dentro do quadro das tradições inventadas, embora o objetivo de induzir uma identidade nacional tendo como base as ficções orientadoras, não foi, a meu ver, tão bem sucedido, provavelmente porque as pessoas não conseguiram identificar-se com essa história social forjada. A identidade vai sendo construída ao longo do tempo, através da vivência transmitida de uma geração para outra. Transmitir um discurso aprendido não é a mesma coisa que transmitir uma experiência vivida. Não havendo identificação com a história, não se transmite um sentimento de pertença a uma comunidade capaz de estimular às pessoas a

tentarem construir um melhor futuro em comum. Todos os entrevistados dizem querer muito bem seu país até o ponto de não querer optar pela nacionalidade brasileira, porém nenhum deles está disposto a morar no país e ajudar a encontrar soluções para os problemas que este tem.

É significativo neste ponto o seguinte depoimento, em que, em determinado momento, a pessoa declara ter até renunciado a uma oportunidade de emprego para não naturalizar-se brasileira, por amor ao seu país, e, poucos minutos depois, declara que não retornaria para morar nele pois ainda, lá, há muitos problemas.

"Fui llamada hace dos, el año pasado para dar clases en el Aníbal de Freitas, cuando se iba a implantar el español a nivel de las escuelas; hice todo, todo porque querían personas, este, naturales del lugar. Solo que en la hora final, para dar clases, me tendría que nacionalizar. No acepté.... E em outro momento da entrevista *"Si me dijeras "te querés ir mañana al Uruguay?" yo te diría que no".... yo voy todos los años para allá. Entonces, digo, no, no me vendría a vivir todavía"(E05)*

Serão dois os sujeitos que abdicam de um emprego por causa da naturalização, inclusive uma pessoa que está muito mal economicamente até agora.

"yo siento mucho mi patria, soy muy patriota... Ya me ofrecieron aquí y mismo para trabajar, no, nunca perdería eso. Ya perdí él, ya está allá lejos, voy a perder a nacionalidade, nunca. No la pierdo no. Eso, por ejemplo, es una cosa que tengo bien clara"(E06)

Não seria só isso. Os sujeitos internalizariam uma clara separação conceitual das duas identidades, o que os levaria a entender que os símbolos da identidade nacional são, até, mais relevantes do que a cultura nacional com seus componentes.

Um dos entrevistados chega a afirmar que se sente orgulhoso porque o hino uruguaio ocupa o terceiro ou quarto lugar no mundo em matéria de beleza e que o lugar que o hino ocupa em termos de beleza é mais importante do que um determinado país.

"Yo me acuerdo cuando nos enseñaron el himno nacional nos explicaron que era el tercero-quarto himno do mundo, y nos enseñaron el más bonito himno que es el himno francés.... hasta hoy me acuerdo... del himno francés no porque sea importante Francia sino porque hablando de himnos" (E01)

Outro entrevistado (E15) diz que fica arrepiado e "geladinho" quando ouve o hino, mas quando perguntado sobre o que mais gosta do Uruguai diz que é a música tropical, que não é uruguaia, mas centro-americana.

Outra declara que brigou na escola porque não ensinavam o hino brasileiro a seus filhos nascidos no Brasil, aos quais, por sinal, ela educou com uma cultura totalmente uruguaia, ensinando-lhes o idioma e mantendo os hábitos alimentares.

"quiero inculcarle ese mismo amor que nos inculcaron al país a mis hijos con respecto al Brasil, que no es inculcado. Me acuerdo que en segundo año de escuela fui al director de la escuela y le dije "o les enseña el himno nacional o yo voy a entrar com # porque ellos saben el mío y no saben el de ellos"(E05)

Pouco depois declara *"mantuvimos el tipo de comida. No se come feijão aquí en casa, arroz eventualmente, las carnes... Durante 20 años continuamos manteniendo la comida... mis hijos estân acostumbrados a eso"*

Ambos casos comprovam que o país simbólico reveste-se para eles de mais importância do que o país real, o amor à Pátria deve ser inculcado através da aprendizagem do hino brasileiro, porém não através da aquisição do hábito de comer feijão *(el caldo del feijão famoso que ellos comen todos los días)* (sic) que caracterizaria a adoção de um padrão cultural brasileiro.

Mas quem sabe os relatos mais eloqüente sobre esta separação das identidades e a fragilidade da comunidade imaginada sejam os referidos às associações conhecidas como Rancho Uruguaio e Casa do Uruguai.

Diferentemente de outras comunidades estrangeiras, que reúnem grandes contingentes[83], há, entre os uruguaios, apenas um grupo que freqüenta uma associação oficial com 30 sócios e outro grupo que se reúne num restaurante, ambos em São Paulo.

Chama a atenção não apenas o fato de que sejam poucos os interessados em reunir-se, mas também a informação de que, desde o início, houve pontos de divergência entre os residentes que tiveram mais relevância do que o fato de compartirem uma nacionalidade.

A primeira associação foi fundada por volta de 1950, a partir de um churrasco *"un asado para festejar el 25 de agosto"* realizado por iniciativa de um uruguaio que convidou as pessoas que constavam no cadastro do consulado. Nessa reunião foi sugerida a criação de uma sociedade e esta empreitada teve intervenção direta da representação diplomática.

"nosotros uruguayos deberíamos hacer un rancho, un Rancho Uruguayo y reunirnos todos... y hacer un pequeño club" ... Éramos diez o doce, yo que se, no habíamos más ...y ahí el primer grupito que se formó era el cónsul...y en fin éramos ocho, nueve o diez..... publicamos en el Estado de São Paulo, "grupo de uruguayos deseando formar un pequeño club un pequeño conjunto (creo que no se podía llamar club) solicita a los uruguayos que se interesan, o no uruguayos... que se presenten en el consulado... No aparecieron más de cuatro o cinco... fuimos buscando, buscando, buscando, y llegamos a un número que oscilaba entre... 33 o 34. Una coincidencia ser Los Treinta y Tres"(E11)

A participação direta do consulado na criação desta sociedade vem confirmar as afirmações realizadas sobre a predominância das tradições inventadas e cerimoniais na formação de uma identidade uruguaia que poderíamos chamar "formal", despojada de espontaneidade e de sentimento comunitário.

Logo de início, houve uma subdivisão entre as pessoas. *"hicimos una reunión... en el consulado, y ahí como buenos uruguayos salió la polémica si se compraba o se alquilaba un local, naturalmente que tuviera un fondo para hacer un asado, una mesa para jugar al truco, en fin, para conversar, o se compraba en las afueras una chacra. Y ahí hubo, infelizmente, una media docena que querían hacerlo en la ciudad, pero la mayoría fue abrumadora. Todos hallamos que era mejor hacerlo en los alrededores de São Paulo... Esta gente quería formar un club pequeño... comprar una casa grande. Bueno, y esos se fueron. No aceptaron "porque no sé que" (E11)*

Interessante ainda o fato de que o depoente, sócio fundador desta entidade, diz ter uma vaga idéia da existência de outro grupo. Este, de fato existiu desde aproximadamente 1976, congregando-se num clube municipal,

---

[83] Só em Campinas a associação de chilenos tem mais de duzentos sócios que até edita um jornalzinho de circulação entre eles.

até que, aproximadamente em 1992, consolidou-se numa instituição que permaneceu durante quatro anos, e chamava-se Casa do Uruguai. Aparentemente não houve aproximação entre a casa e o rancho dos uruguaios, o que é muito significativo para perceber a idiossincrasia deste grupo de residentes.

"se alquiló una casa en la Lapa, la Pio XI, en la esquina con la rua Quito, y fue eso unos cuatro años, más o menos... Pero empiezan las dificultades porque hay mucha gente... muy voluble, así... En el momento, tá, todo bien pero después combinamos de poner todos los meses una cuota una cosa así para poder darle secuencia a la cosa, pero llega la hora que no, no, uno por un motivo, otro por otro no pagan y comienzan los problemas y está difícil aquí, economicamente está difícil. Tuvo un muchacho ... que era presidente que... sustentó ... practicamente el club durante dos anos, a costo alto mismo ... pero él estaba muy bien, debe ser el uruguayo que está mejor aquí en San Pablo. Llegó una hora que "bueno, no dá más... se cerró la Casa de Uruguay y por otro lado se siguen juntando un grupo de nuevo allá en la Consolación porque hay un muchacho que... tiene un Quadro de fútbol, se juntan los viernes para jugar al fútbol... y el restaurante ese en la Barão de Limeira, que se juntan los uruguayos. Incluso el lunes ahora, todos los veintinueve hay ñoquis, es la tradición...se tentó unirse las dos cosas. Incluso hubiera sido bueno para el Rancho Uruguayo, porque el Rancho Uruguayo está muriendo, ... se hizo... con un grupo de personas muy cerrado que fueron muriendo las personas más viejas y creo que tienen treinta y nueve socios, ahora, cuarenta no más. ... ahora un grupo nuevo está queriendo juntar, y movimentar, porque es muy lindo, lugar maravilloso...(E13)

A divisão das duas associações do Uruguaios era tão grande, que nem sequer nas festas havia acordo.

"el 25 de Agosto, principalmente... Iba el cónsul, se hacían unas pequeñas fiestas porque generalmente se hacía un día en la Casa de Uruguay y al otro día en el Rancho Uruguayo" (E13)

As razões passaram tanto pela discriminação econômica quanto pela ideológica. Os sócios da Casa do Uruguai desprezavam os do Rancho Uruguaio porque estes últimos tinham muito dinheiro e atitudes políticas mais conservadoras.

"el uruguayo es medio dispersivo en esa parte. Ya por ejemplo hubo la época que yo fui al Rancho Uruguayo ... fui a poner por ejemplo un casete de Los Olimareños[84] *no querían dejarlo colocar"(E13)*

Sem dúvida que estes emigrados têm uma mais acentuada divisão identitária favorecida pelo tempo de permanência fora do país, mas a evidência empírica mostra que, dentro do próprio país, eles também se identificam mais com os símbolos do que com suas tradições, com sua própria produção cultural. É raro no Uruguai encontrar, na atualidade, grupos de música ou danças folclóricas, no rádio ouve-se fundamentalmente música brasileira e estadunidense; a literatura ensinada nas escolas é fundamentalmente espanhola[85].

Coexistem, neste momento, no Uruguai, pessoas portadoras de um imaginário autodenigratório com respeito às possibilidades de futuro, com

[84] Grupo de música popular contestatária, de esquerda.

[85] Só recentemente foi incluído o autor uruguaio Mario Benedetti, visto a importância que ele adquiriu no cenário mundial.

pessoas portadoras de uma autoimagem que responde ao estereótipo do uruguaio criado pelos mitos fundantes, (diferenciado do resto dos latino-americanos, ou seja, melhor). Estes últimos não são capazes de realizar uma autocrítica construtiva, chegando a extremos inusitados de negação do evidente.[86]. Pode ser detectado ainda um terceiro grupo de pessoas que não admite críticas, nem às suas ações nem às das instituições, numa atitude também acrítica que pareceria responder à necessidade de manter a "mediania necessária" da qual falou-se anteriormente.[87]

[86] Escolhemos, dentre outros, como ilustração, um causo engraçado acontecido com uma pessoa que não pertence ao universo de pesquisa. Ela esqueceu num taxi, em Montevidéu, uma bolsa com dólares, uma câmara fotográfica, documentos, livros e outros utensílios. No hotel, todos afirmavam que o taxista retornaria logo com a bolsa porque os uruguaios são muito honestos. Poucas horas depois a bolsa apareceu, sem os dólares nem a máquina fotográfica, porém os recepcionistas do hotel continuaram a evidenciar a honestidade dos uruguaios, como se nada tivesse desaparecido. (Informação fornecida pela Dra. Mónica Lacarrieu, sobre um fato acontecido a um colega, no dia 14 de novembro de 1997)

[87] Este conceito de mediania seria algo equivalente ao "low profile" (perfil baixo).

Capítulo IV
Um país de cultura emigratória

A propensão à emigração tem sido uma constante na história uruguaia; a quantidade de pessoas emigrando foi alarmante desde o início do século; porém só foi estudada a partir de 1960, embora desde a década de 1920 e 1930 o deputado socialista Emilio Frugoni e o jornalista Luis Caviglia denunciassem o fato. A nível governamental, nem sequer eram realizados censos demográficos[88] e não havia nenhuma preocupação em verificar os deslocamentos da população.

Somente nos anos 60 começou-se a dar atenção ao problema da emigração, que chegou a seu ápice entre 1965 e 1975 em que *"el país había perdido más población que toda la inmigración que atrajo en el siglo XX"* ***(Aguiar,: 44)***..

Os poucos dados disponíveis acusam, para os quinquênios de 1940-1944, 1945-1949 e 1950-1954, um saldo negativo da balança migratória só com Argentina e Brasil, de 2803, 2803 e 1948 pessoas respectivamente. (conf. Aguiar, 1982:23)

A justificativa sempre foi a de que o Uruguai era um país pequeno e pobre, porém entre 1945 e 1955, período que em que a economia mundial cresceu em média 5% e a do Uruguai 8%, também havia pessoas emigrando.

Neste sentido, é surpreendente o fato de que, nos estudos da migração "nova", a partir de 1963, 51,9% das pessoas que emigraram tinham ocupação, o que reforça a hipótese da existência de uma "cultura migratória" que teria mais relevância do que a situação econômica objetiva dos sujeitos, e deixaria em segundo plano uma eventual não correspondência entre o sucesso esperado e o obtido no exterior.

Sabe-se, é claro, que muitas pessoas foram obrigadas a sair por questões políticas ou pelos reflexos destas.[89] Sabe-se que os salários dessas pessoas ocupadas estavam extremadamente aviltados naquela época, mas o presente estudo demonstra que houve, também, pessoas que saíram sem ter esses problemas.

A partir de 1968 e até 1984, época da guerrilha urbana e da repressão militar, o medo no Uruguai estava muito generalizado e qualquer pessoa que reclamasse de condições salariais ou de trabalho era acusado de "comunista" e podia ser enquadrado dentro das leis de segurança nacional. Por outro lado, o "clima" de repressão era muito acentuado.

---

[88] Não houve um censo sequer entre 1908 e 1963.

[89] Como diz Hector Maletta (carta privada de 24/07/97) referindo-se ao caso argentino, é difícil, às vezes estabelecer a distinção entre exilados políticos y emigrantes não políticos.

"El terrorismo de Estado impuesto ...va a asumir entre sus prácticas la eliminación de toda oposición al régimen por considerarla "subversiva" de acuerdo a la teoría de "seguridad nacional" sustentada.. La prisión, la eliminación física, el secuestro clandestino o el exilio fueron las formas que adoptó esta exclusión de decenas de miles de personas de la vida política y social del país. Todo ello acompañado de una intensa acción psicológica donde las actividades represivas se presentaban como una "guerra contra la subversión" **(Mármora, 1988:469).**

Quem sabe por tratar-se de um país pequeno, a presença dos soldados ostentando poder era muito notória e as arbitrariedades cometidas por eles muito mais visíveis do que no Brasil da mesma época.

Por outra parte os processos políticos interferem na questão econômica, gerando um círculo vicioso sufocante que chega a estimular a saída do país, como pode ser visto nos estudos sobre o processo de emigração a partir de El Salvador, onde a deterioração econômica se segue com um processo de repressão política e, por sua vez, o processo político agrava a situação econômica.

*"Economic difficulties or crises may be politically generated or aggravated"***(Hamilton & Stoltz, 1991:75).**

No caso em estudo, pode-se supor que, apesar de que todos os sujeitos declararam ter saído por motivos econômicos, e fazem questão de esclarecer que não saíram por motivos políticos, os reflexos do clima de tensão política que caracterizou a década de 1965-1975 tenham contribuído com a decisão de emigrar.

"había un exagero muy grande, violencia por todos lados, gente inocente siendo llevada presa, otros que desaparecieron y no se sabía por qué, ... porque el fato de tu simpatizar con este o con aquel partido no te podía colocar como ... un activista o un revolucionario. Entonces todo eso a mí me hizo mal" (E03)

"fue el primero show feito en la playa, con Mercedes Sosa, Pablo Milanés, para sair los militares y haber eleições,...os militares entraron a caballo. Fue mi primera experiencia...y tuve bombas y tiros y pedradas para cá, pedradas para allá, corría para un lado y corría para otro. Fue la primera experiencia, *así, de manifestações violentas... con catorce, quince años" (E08)*

Praticamente todos os entrevistados contam alguma experiência de violência política, como ter seus apartamentos revistados, ver-se no meio de um confronto entre grevistas ou manifestantes e polícia, ou o desaparecimento de amigos ou conhecidos.[90]

Esta questão justifica a maior quantidade de emigrados que houve durante as décadas de 1970 e 1980, ao ponto de gerar uma preocupação oficial que resultou no começo das pesquisas a respeito.

Referindo-se à década de 1970, um entrevistado dirá:

---

[90] Até o entrevistado que veio na década de 1940 sofreu com a repressão da década de 1970. O médico da sua família foi preso acusado de subversão e ele foi visitá-lo na cadeia, sendo maltratado.

"Toda la juventud estaba... iban mais para afuera, para Australia, para Canadá, para Estados Unidos" (E04)[91]

Porém, a propensão emigratória transcende o mencionado período.

Uma análise feita por Aguiar de várias pesquisas realizadas por diversos autores e em diversos segmentos da sociedade, revelou, no inicio da década de 1980 uma predisposição migratória generalizada na sociedade. Numa parcela significativa da população a idéia de emigrar é uma entre tantas possibilidades de futuro, e isto não pode ser atribuido apenas à conjuntura político-econômica.

"Una tendencia secular há hecho carne en el nivel medio de expectativas de numerosos contingentes de uruguayos - siempre, los potencialmente más dinámicos - y la alternativa migratoria se encuentra entre las posibilidades a efectivar en la medida en que existan circunstancias que la estimulen" ***(Aguiar, 1982:91).***

Em 1994 foi realizada uma pesquisa entre pessoas de 15 a 29 anos, que revelou que 25% cogitavam emigrar e em pesquisas anteriores a porcentagem foi maior.

Esta tendência a emigrar percebe-se em quase todos os entrevistados para o presente trabalho, que, ou já tinham morado em outro país (Argentina, Venezuela) ou pensam (ainda) na possibilidade de morar em qualquer outro, mesmo que tenha os mesmos problemas que o Uruguai.

"si no viviera aquí me gustaría vivir en Méjico...Estuve tres veces. Tuve la felicidad de andar de punta a punta, por las máquinas también. ... el pueblo es muy parecido con el Brasil... Y me gustaría más porque es un país que tiene todo para hacer también"(E13)

E03 antes de se formar chegou a ganhar U$ 500,oo, com menos de 20 anos. Dificilmente no próprio Brasil alguém ganhe mais, como ajudante de mecânico, nas mesmas condições. Logo que se formou, já decidiu vir para o Brasil ou ir para outro lugar, (grifos meus) *"para poder crescer rapidamente".*

Mais surpreendente ainda é que essa tendência a emigrar pareceria estar acompanhada de uma propensão ao não retorno. O período mais significativo da emigração uruguaia é, como já foi visto, o da ditadura militar, durante a qual uma grande quantidade de pessoas saiu por ser ou por sentir-se perseguida pelo aparelho repressivo do Estado. Finda a ditadura, houve um movimento de alguns setores da sociedade para contribuir ao retorno dos expatriados. No ano de 1983 foi criada a "Comisión por el Reencuentro de los Uruguayos" (CRU), em 1984 o "Servicio Ecuménico de Reintegración" (SER), e, em 1985, a "Comisión Nacional de Repatriación del Uruguay". A primeira estava formada por representantes de vários partidos políticos, o segundo, por várias igrejas, e a terceira foi iniciativa do Governo. Esta última ajudou com medidas tendentes a facilitar os trâmites alfandegários, a obtenção de documentos para os filhos nascidos no exterior, o reconhecimento de diplomas escolares[92], e com outras como garantia de assistência médica e psicológica, crédito para aquisição da casa própria, e ajuda financeira básica, que ia de

[91] Esse "toda a juventude" é uma visão do entrevistado. Naquele período, a população emigrada chegou a 10%.

[92] É verdade que, na prática, a desburocratizarão ligada aos documentos não foi tão automática.

comida e roupas até bolsas de ajuda para a inserção no mercado de trabalho cujos valores oscilavam entre 100 e 250 dólares (conf. Mármora:479-491).

Uma entrevista nos escritórios da OIM (Organização Internacional das Migrações) revelou que o programa da Comissão Nacional de Repatriação extinguiu-se por falta de interessados em retornar.[93] Embora não haja dados oficiais, a informação que circula é que só retornaram ao Uruguai aquelas pessoas que saíram como refugiados e foram obrigadas a voltar porque seus passaportes venciam. A maior parte dos que emigraram em outra condição, não retornaram.[94]

Um país contraditório

O Uruguai sempre foi um pais de contrastes, que fazem parte, inclusive, do seu atrativo como país turístico. Quem sabe o emblema deste contraste seja a típica carroça puxada por cavalos dividindo o espaço na estrada com os últimos carros do ano, importados do Japão.

Na área da saúde observam-se os mesmos contrastes. A mãe de E13 foi submetida, com sucesso, a uma cirurgia cardíaca de grande complexidade com tecnologia de ponta, porém não conseguiram evitar uma simples infeção hospitalar.

O país tem excelentes escolas técnicas públicas e gratuitas, chamadas escolas industriais, que preparam as pessoas para trabalhar na indústria mecânica, eletrônica, etc., porém não tem indústrias.

O Uruguai ocupa o terceiro lugar da América Latina e Caribe em termos de desenvolvimento humano, (só superado pela Argentina e pela Costa Rica)(conf. INFORME, 1996) porém diz-se que é um dos países do mundo que tem mais pessoas residindo fora das suas fronteiras. De acordo com as últimas estimativas, há mais de um milhão e meio do Uruguaios residindo no exterior, contra três milhões dentro do país.[95]

---

[93] Entrevista concedida pela Lic. Susana Leonardi, nos escritórios da OIM, Juncal 1305, cj. 501 em Montevidéu, Uruguai, no dia 02/04/1997, às 17 hs.

[94] Os números apresentados por Pellegrino no Primeiro Encontro do Projeto Diáspora (15/08/1997) ESTIMAM que para o período 1963-1975 retornaram 6.181 pessoas e emigraram entre 86 e 93 mil, e para o período de 1975-1985, retornaram 8.326 e emigraram entre 62 e 70 mil, o que colocaria o índice de retorno numa média do 10% das pessoas emigradas. Estes dados parecem estar confirmados nas pesquisas de Mármora (1988:483) que diz que até 1986 foram beneficiados pela Comissão Nacional de Repatriação, umas 8000 pessoas (2000 titulares e suas famílias). Mármora porém estima que no período 1970-1985 emigraram entre 300 e 400 mil pessoas.(p.475)

[95] Estes dados que circulam a nível informal não podem ser confirmados através das estatísticas disponíveis. Os dados apresentados pelo Programa de Población no I Encontro do Projeto Diáspora trazem a população uruguaia recenseada em 21 países, que soma apenas 203.971 pessoas. O recenseamento não inclui os uruguaios naturalizados nos países de residência e emana dos arquivos do Population Center, de Austin, Texas. Os dados do CELADE, por sua parte, informam as profissões dos uruguaios recenseados em vários países e informam, por exemplo, que não haveria nenhum professor uruguaio no Brasil, ou nenhum religioso na Argentina, o que é desmentido pela evidência empírica, portanto também são dados muito pouco confiáveis.

Fora da justificativa já vista, do país pequeno e pobre, outra das motivações alegadas por leigos é a da falta de ancestrais nativos do Uruguai[96]. O povo uruguaio é um povo transplantado, de acordo com a classificação de Darcy Ribeiro (1995:452 e 1975:43-44)[97]. Os entrevistados são netos de imigrantes espanhóis ou italianos, e, como a maior parte da população uruguaia, não têm uma nacionalidade etno-cultural, mas sim uma legal determinada pela divisão geopolítica do território que, como diz Ruben(1984:33), é uma imposição "a golpes de baioneta" que congregou povos e etnias diversas sem raízes comuns. Isto justificaria, para muitas pessoas, uma certa falta de enraizamento que seria responsável por este "espírito migratório". Porém, não se pode esquecer que os Estados Unidos são um país formado de imigrantes, assim como o Brasil, e seus habitantes não estão predispostos a emigrar da mesma forma.[98]

Fora das conjunturas políticas e da conformação étnica, pareceria haver outras características da sociedade uruguaia que a transformam em expulsora.

Através do sistema escolar e da família, cada Uruguaio aprende que seu país teve um passado glorioso, que ganhou a copa do mundo do seu gigante vizinho, Brasil, que é, dos seus vizinhos, o que tem menores diferenças sociais. Porém a realidade bate à porta. Aqueles que quiserem enxergar, poderão ver favelas e crianças de rua, e, no norte, "cañeros" (cortadores de cana) tão pobres quanto os bóia-fria brasileiros ou os "mensu" (trabalhadores da selva missioneira) argentinos.

"El país ...aceptó...un proyecto/modelo de país pequeño, eficiente, agropecuario y culto...el aparente éxito...de dicho modelo durante un par de décadas contribuyó a consolidar tanto la mentalidad como la suposición de que la solución ofrecida por el modelo era la adecuada al país. El Estado de bienestar social, "progresistas y adelantadas"leyes sociales, cultos filósofos e intensas ...poetas de América, casa en el balneario y pueblos de ratas en los arrabales del latifunidio de la campaña lugraron coexistir sin mayor conflicto ético y sin despertar la conciencia de estar viviendo en una sociedad hipócrita" ***(Achugar, 1992:155).***

Todos os sujeitos desta pesquisa viveram, de alguma forma, essa hipocrisia, mas sem entendê-la como tal. Atribuíram as contradições entre o discurso aprendido e a realidade que viviam a uma espécie de destino manifesto. O país tinha sido bom, tinha tido os melhores indicadores sociais da América Latina. O que eles viam ao seu redor, porém, era outra realidade, mas para mudá-la precisariam reconhecer que foram enganados, que na verdade, o país perfeito nunca existiu. Não querendo ou não podendo reconhecer o engano, resta então ignorar que o país precisa mudanças, e sair. Contraposto

---

[96] Vale lembrar que a população indígena foi exterminada.

[97] "Os povos transplantados [Uruguai e Argentina] contrastam com as demais configurações histórico-culturais das Américas por seu perfil caracteristicamente europeu...no tipo social predominantemente caucasóide, no perfil ideológico...Suas características básicas são a homogeneidade cultural...o caráter mais igualitário de suas sociedades". (Ribeiro, 1975:43)

[98] No Brasil a emigração da classe média é um fenômeno muito recente e pontual, tendo como destino Estados Unidos e Japão.

ao "Uruguai Feliz' dos mitos fundantes e das ficções orientadoras, está um Uruguai real que os emigrados vivem como sociedade expulsora. *"estamos viviendo de recuerdos, de Maracaná...para los jóvenes hay dos conductas: se sienten ajenos al país, no quieren participar de la vida política.... y se praparan para ir a trabajar a otro lugar"* ***(Jorge Battle citado por Cosse & Markarian,:118)***. (grifos meus)

Um estudo realizado pelo Instituto Nacional da Juventude (Pellegrino, 1993/94) demonstra que os jovens mais participativos migram, após tentar algum tipo de militância estudantil ou sindical. Os sujeitos desta pesquisa invalidam o anterior, pois apenas um teve militância sindical, os outros nunca se interessaram em participar em nada de cunho social, o que demonstra que os uruguaios emigram ou por ter sido militantes ou por não querer sê-lo, obrigando a aprofundar a questão.

Uma sociedade "pesada"

O Uruguai é para os entrevistados, como para muitos uruguaios, o país cinza, o país triste, país da repressão sexual, do controle social, uma sociedade conservadora, de todo ponto de vista, denominada, popularmente, "pesada".[99]

"es todo medio padronizado, o sea... yo hice economia yo viá tener que entrar de auxiliar contable... después voy a pasar de ayudante de escribano, o de contador o de ingeniero... y vas a quedarte un tiempo ahí até vos comenzar a ganar razonablemente, cuando vos razonablemente ganás , vos te casás, alquilás una casita y vas, o sea, no salís de eso, vos no tenés la oportunidad de salir de eso y crear" (E06)

"[No Uruguai] *As pessoas me incomoda ... para mi eu via qualquer um com carro, com roupa nova o com namorada nova, ah, bem para ele. O cara, "ah, no, trocar de novo, outra namorada mas?" tal "o problema é dele, oh, deixa ele em paz" desse jeito. Então e isso que eu acho errado e que me molesta mesmo. Que não deveria ser assim"(E15)*

"en aquella época... yo era joven entonces vivir en Florida me molestaba porque todo el mundo sabía de la vida de todo el mundo"(E05)

Até hoje os alunos das escolas secundárias públicas precisam usar uniformes semelhantes aos dos colégios religiosos: mesmo com 25ºC de temperatura, usam sapatos sociais, meias, calça social, blusa de manga comprida e gravata; as meninas, de até 15 e 16 anos precisam usar jumpers ou saias com pregas cinzas ou azul marinho, camisa de manga comprida e gravata.

"en Uruguay yo ... llegaba aqui de Brasil e iba de bermuda para 18 de julio, aquela coisa que antigamente no se usaba eso. Mi hermano, mi hermano comenzó a usar bermuda no hace mucho tiempo, usaba solo en la playa"(E04)

---

[99] A palavra pesado em espanhol não têm a mesma conotação que em português, que se relaciona com violência ou marginalidade, como no caso de "a turma da pesada". Pesado quer dizer que anda devagar, que é "chato". Uma tradução possível seria "sociedade paquidérmica".

"gente...muy conservadora, y los jóvenes también seguían aquel sistema patriarcal, de obedecer al padre, a la madre... Los que viven allá, mis amigos, son iguales al padre y la madre de la época. Poca cosa mudaron"(E07)

Embora ele não critique isso, a necessidade de libertar-se de um sistema patriarcal pode ser uma motivação muito mais forte para emigrar do que suas supostas necessidades de progredir economicamente[100].

Até a década de 1970, uma moça que tinha vários namorados imediatamente era passada à categoria de leviana, assim como aquelas que ousaram aderir à minissaia ou aos "hot-pants", que eram sistematicamente insultadas na rua pelos homens. Ter um membro da família que bebia ou que jogava era igualmente vergonhoso, e podia às vezes até ser um motivo para provocar insultos durante uma discussão na rua ou na escola.

A geração que cursou a escola primária por volta de 1930, entre a qual estão os pais de quase todos os entrevistados e alguns dos próprios, continuou sendo educada dentro do modelo "vareliano".

Nos textos escolares produzidos por Varela no século passado, entre outras coisas, é *condenado "el más vituperable de los vicios: la ebriedad"(**Barrán,/2:138**)*, enquanto que o "Tratado de Urbanidade" aconselhava como vestir recatadamente dentro de casa, e até na cama, (sobretudo as mulheres), e advertia contra os jogos eróticos solitários ou em companhia. As proibições de contato entre os sexos chegavam, naquela época, a limites impensáveis, como por exemplo que os estudantes de medicina e obstetrícia obtivessem seu diploma sem ter podido nunca presenciar um parto, e que no hospital houvesse grades de ferro dividindo as seções masculina e feminina. Ainda na década de 1950-1960 Barrán encontra um depoimento das alunas do Colégio Sagrado Coração, que eram *"aleccionadas por las monjas... contra el baile y sus peligros; se aconsejaba...que entre uno y otro miembro de la pareja hubiera espacio suficiente para el ángel de la guarda" **(Barrán,/2:129)**.*

Nessa década podia ser observada esta atitude, sobre tudo por parte das "moças de família" que realizavam verdadeiras contorções ao dançar para evitar o contato com a genitália masculina, assim como podia ouvir-se às mães dizendo às filhas "o homem é fogo, a mulher estopim, vem o diabo, e assopra".

Ainda na década de 1980, um jornalista descreveu uma campanha contra o AIDS realizada em Montevidéu, que demonstra o horror que a sociedade uruguaia ainda tem de falar sobre questões ligadas ao sexo.

*"El único aviso sobre el Sida que circuló ...estaba dentro del culto al eufemismo: un mar embravecido anunciaba al parecer lo que significa una relación sexual (peligro, violencia). Ante esa realidad convenía precaverse: la sugerencia del preservativo venía dada por la pierna de un hombre rana que era cubierta de pronto por una prenda de goma negra. El resultado era deprimente, por una parte su mensaje metafórico no tenía la menor claridad; por outra el intento de esquive de lo directo volvía más grosero de lo pensado el asunto: la pienra aparecía como una especie de super-miembro sexual que el color negro cubría de una nueva connotación siniestra" **(Gandolfo, 1990:85)**.*

---

[100] Ele declara que vivia bem; era gerente de um hotel.

Transcrevi este longo e hilariante trecho, porque é emblemático da mentalidade predominante no Uruguai em relação ao sexo: algo que precisa ser criptografado, omitido como nos bonecos assexuados utilizados para as aulas de biologia nas escolas.

O acima citado estudo feito pelo InJu revela que metade dos jovens uruguaios, ainda em 1990, não falava com os pais sobre sexo (conf. Pellegrino, 1993:Quadro 32).

Não só em relação ao sexo a sociedade uruguaia é conservadora, mas também em relação à procriação. Num diário católico, em 1885, observava-se que as mulheres não queriam ter filhos para não comprometer sua figura, coisa que Barrán (/2:115) encontra nos depoimentos de um médico por volta de 1930, e a evidência empírica da pesquisadora, em 1960, confirma.

Este conservadorismo da sociedade uruguaia como fator de expulsão não é citado diretamente pelos entrevistados mas aparece nas entrelinhas das falas. Uns atribuem a repressão aos militares:

"soy del tiempo que en la escuela, dos dedos del cuello de la camisa no podía tocar el pelo"(E08)[101]

Outros falam da falta de perspectivas na área econômica, mas percebe-se que a questão é mais existencial:

"para la persona que es conformista, de repente vos te adaptás, bárbaro, mas si vos querés realmente salir de aquel, que para mi era un marasmo aquella cosa, siempre lo mismo, vas, estudiás, volvés; no, no, no, había perspectivas. Entonces para mi era horrible"(E06)

O relato de E14 mostra o conservadorismo e a falta de consideração pelo estudo, na sociedade uruguaia, com as filhas mulheres na década de 1950. Os pais mudaram de cidade no meio do ano e fizeram com que ela perdesse o ano de escola. Os irmãos homens, porém, embora mais jovens, ficaram com os avós e não perderam o ano. Quando ela quis continuar estudando, a colocaram como interna dentro de um colégio religioso.

Uma sociedade desapontada

Pero eso si le digo
no me interesan las elecciones
los que no tienen plata
van de alpargatas
todo sigue igual
Alfredo Zitarroza
Cantor popular uruguaio

Deixando de lado os períodos de ditadura, o conservadorismo político das maiorias parece também ser responsável pelo imobilismo do Uruguai.

"se mantienen Blancos y Colorados, se mantienen las tradiciones, ... el padre fue Blanco, el abuelo fue Blanco, el tatarabuelo fue Blanco. Entonces sigue aquello, no hay a veces hasta un pensamiento propio, de decir porque es Blanco

[101] A frase foi transcrita literalmente. Ele quer dizer que o comprimento do cabelo devia ser dois dedos acima do colarinho da camisa.

o es Colorado, no me interesa si mi abuelo fue caudillo, si esto aquí no funciona...La culpa es, de, es, es acomodación, yo creo. El uruguayo es muy acomodado ... teniendo para la comida ... no tiene muchas aspiraciones, porque no tiene conocimiento de otras cosas que se pueden conseguir, entonces para él está bien, con el matecito, lo ves en 18 lo ves en todos lados tomando mate, teniendo para el asadito, para tomar un litro de vino, está bárbaro."[102]

A possibilidade de opinar permanentemente não serviu aos uruguaios para solucionar os problemas estruturais da sociedade uruguaia, como o desemprego, *"uma constante de longa duração na economia uruguaia"*, (Aguiar: 91) que cresceu de forma visível a partir de 1933 e apesar de melhoras econômicas na década de 1940, continuou a marcar as décadas seguintes.

A democracia, no Uruguai, serviu para sustentar um regime onde nunca foi cogitada a distribuição das riquezas. Houve, desde o final do século XIX, acordos para distribuição do poder e dos empregos no setor público entre os dois partidos, porém, dentro da velha ordem econômica, que mistura capitalismo na capital com traços ainda feudais no interior.

Nas primeiras décadas do século, o governo Uruguaio tentou implementar uma série de reformas econômicas, que foram outorgadas às classes menos favorecidas por um presidente carismático que tinha estudado na Europa, definido como admirador da revolução russa de 1917, defensor do divórcio e da liberação da mulher. Este caudilho deu origem a um partido político ambivalente, que , ao mesmo tempo *"en tanto reformismo, aspiraba a desatar y conducir transformaciones sociales,* [mas] *pugnaba por preservar el esquema político e insitucional que le había faciliado el acceso al poder y le podría asegurar su reproducción....incorporó las tensiones y demandas de la sociedad, neutralizaando las primeras mediante la parcial satisfacción de las segundas"* ***(Caetano & Rilla,:108)***, razão pela qual acabou sendo uma experiência reformista frágil e não uma reforma revolucionária. Através de um conjunto de medidas intervencionistas, tanto na economia quanto na área trabalhista, conseguiu contentar a população urbana de baixa renda. Estas medidas econômicas foram conhecidas como "reformismo batllista" e são ainda a base da organização social uruguaia, razão pela qual acredito que vale a pena transcrevê-las.

1).- Plano econômico e social: Mudança nas relações entre Estado e Economia com a estatização e nacionalização de áreas consideradas serviços públicos estratégicos ("Banco Hipotecario" [da habitação], seguros, serviços de eletricidade, transporte ferroviário e emissão de moeda)

2.- Plano industrial: protecionismo e importação de bens de capital.

3.- Reforma rural: A idéia era adotar no país o sistema europeu de pequenas unidades de produção auto-suficientes. O programa previa estimular a agricultura e a florestação, outorgar crédito rural e favorecer a inovação tecnológica. Isto aliado ao transporte ferroviário barato permitiria melhorar as

[102] Note-se que faz as mesmas observações sobre a falta de aspirações dos uruguaios feitas por E07 e ambos não se conhecem.

condições de vida no campo, para aquelas pessoas que tinham morado em terras que ora estavam sendo cercadas pelos latifundiários.

Esta última reforma foi a que o governo não conseguiu levar adiante, contentando-se em trocar a reforma agrária pelo imposto ao latifúndio.

Desta forma, os beneficiários das reformas foram os trabalhadores assalariados, a partir da aprovação da lei de oito horas, o descanso semanal remunerado, as indenizações por dispensa de serviços, o pagamento de pensões, a proibição do trabalho infantil e a limitação do trabalho feminino.

No campo, continuou havendo muita pobreza, o que também não foi solucionado na segunda tentativa de grandes reformas no período chamado "neobatllismo"[103]. *"La creación en 1948 de un Instituto Nacional de Colonización debió enfrentar una durísima oposición de los ganaderos y de la derecha política, al tiempo que, asfixiado por un desfinanciamiento creciente, terminó por fracasar como vehículo de una auténtica reforma de las estructuras agrarias. En forma paralela, la prosperidad económica permitió una nueva consolidación del welfare state uruguayo, incrementándose el rol del Estado como Gran empleador (clientelismo mediante) y prosiguiendo el desarrollo de políticas sociales más o menos audaces"* ***(Caetano & Rilla:179).***

Numa perspectiva diacrónica pode-se dizer que o problema do desencantamento com a democracia no Uruguai dos últimos cinqüenta anos, surge com o latifúndio, quando as terras começam a ser cercadas e as pessoas que moravam nelas sem título de posse começam a ser expulsas, ainda no final do século XIX. Um presidente com consciência social promove uma reforma, porém só consegue efetivar a parte assistencialista, contribuindo, desta forma a aumentar a hipertrofia da capital do país, onde as pessoas se concentram para tentar usufruir do Estado de bem estar. A cômoda situação dos latifundiários não os obriga a procurar novas formas de inserção na economia capitalista, portanto não passam a fazer investimentos na indústria, como se observa no Brasil da virada do século, por exemplo, e o Estado acaba sendo o principal empregador, transformando o Uruguai num *"país de estancieros y de empleados públicos"* ***(Quijano, citado por Caetano & Rilla: 186)***, no qual, já a partir de 1954, começa um grande descontentamento social que vai fazer com que nas seguintes eleições os uruguaios tentem a outra alternativa, o partido Blanco. Este, por sua vez, começa a implantar, em 1960, as políticas do FMI, com o estabelecimento de uma taxa de câmbio única, livre exportação e importação de bens, combate à inflação, fim do intervencionismo estatal, adoção de uma economia de mercado, medidas todas que beneficiaram muito os pecuaristas, mas levaram a mais desemprego, ao declínio da indústria e das classes médias. Em 1962 ainda houve uma tentativa de realizar reformas estruturais sob a influência da corrente cepalina, que previa planejamento econômico e incorporação de técnicos na função pública, mas não houve vontade política para concretizar as reformas (conf. Caetano & Rilla,:217). Assim, o Uruguai chegou aos anos '70 com a *"expansión de un sentimiento cada*

[103] Pois era presidente Luis Batlle, sobrinho do Batlle y Ordóñez que governara no início do século.

vez más generalizado de escepticismo y desencanto en torno a la eficacia de las reglas del juego democráticas" ***(Caetano & Rila,:222)***, um breve período de guerrilha urbana a partir de 1968 (Movimento Tupamaro) e, finalmente, o golpe de Estado de 1973 que não teve, de início, muita oposição da sociedade. *"Las fuerzas políticas y sociales, aun las más netamente opositoras, no llegaron a plantear una respuesta firme y concertada a la grave situación tras este primer tramo golpista"* ***(Caetano & Rilla,:237)***. Naquele momento o Uruguai deixou de ser *"una sociedad amortiguadora, hiperintegrada, partidocrática, fragilmente próspera .... para ingresar numa fase de radicalizaciones y violencias sin precedentes en el siglo XX"* ***(Caetano& Rilla,:199)***[104]. Será, sem dúvida, durante este período que haverá mais emigração, mesmo daqueles que não foram perseguidos politicamente, pois foi nesse momento que todo o desencantamento acumulado pareceu fazer eclosão.

"Yo soy de la generación de los defraudados, porque en los partidos tradicionales jamás acredité...el Frente Amplio se pintó...como una opción, pero hasta donde yo...participé, estábamos lejos de un proyecto político...y los militares que entraron por la fuerza...fue la peor desgracia ...que ocurrió en el Uruguay"(E03)

Ao mesmo tempo, o peso dos partidos políticos na organização da sociedade fez com que não se desenvolvessem outras instâncias de luta social a partir de agentes da sociedade civil, e que se desenvolvesse uma *"cultura política que privilegiaba el rol ciudadano (partidario, electoral) sobre el rol de sujetos del proceso económico"* ***(Caetano & Rilla:153)***. É como se os uruguaios tivessem sido "distraídos" durante a maior parte do século com o mito da politização e com a cerimônia da participação eleitoral enquanto que não se fizeram reformas para melhorar realmente a situação econômica, a não ser dentro de uma perspectiva assistencialista ou populista, através da implantação de refeitórios coletivos *(comedores populares)*, da construção de casas populares (*viviendas económicas)*, e do aumento de funcionarios públicos (conf. Caetano & Rilla:158), medidas estas que não ofereceram condições de ascensão social às classes médias.

Até 1989, em que, pela primeira vez na história um terceiro partido, de esquerda, ganha pelo voto a prefeitura da capital, revezaram-se no poder dois partidos tradicionais, o Blanco e o Colorado, que sempre pactuaram para dividir o país em territórios de dominação, sem, no entanto, oferecer alternativas para mudar substancialmente a estrutura econômica da sociedade.

"los partidos políticos tradicionales...no eran partidos políticos, sino una especie de complejos historico-políticos, en cuyo interior se enfrentaban tendencias socio-económicas, aunque unidas por el común denominador del odio o resistencia al adversario político" ***(Maiztegui,1994/II:238)***.

A possibilidade de manter a hegemonia dos partidos tradicionais tem-se conseguido, ao longo do século, inclusive graças a uma lei eleitoral injusta, a

---

[104] "o Uruguai inovou em matéria punitiva: ficaram inabilitados para a vida pública quase todos os políticos...o número exato nunca pode ser estabelecido...no âmbito sindical...dissolução da Convenção Nacional de Trabalhadores, intervenção em massa dos sindicatos (Rossi, 1990:42)...a relação de presos políticos/população total do Uruguai é a mais elevada do mundo (Rossi:52).

"lei de lemas" que impede que um votante escolha para presidente alguém de um partido e para deputado, prefeito ou vereador, alguém de outro. Vota-se num único formulário, e não é possivel riscar um candidato indesejado. No máximo, pode-se votar para os cargos nacionais (presidentes e legisladores) dentro de uma facção do mesmo partido e para prefeito e vereador dentro de outra (conf, Mieres,1994:136). Dois exemplos citados por Rankin ilustram a injustiça derivada desta lei. Em 1950 e em 1971 os candidatos do partido Blanco levaram mais votos do que o candidatos do partido Colorado individualmente, porém o total de votos para este último partido (somadas prefeituras, deputados, e diferentes candidatos à presidência dentro do mesmo partido) foi maior, portanto em ambas ocasiões, foi empossado um presidente que, individualmente, não foi escolhido pela maioria dos votantes. Em 1989, o candidato mais votado e que acabou sendo presidente, obteve apenas 22,6% dos votos (Mieres,:80). Este tipo de lei praticamente constitui uma afronta aos eleitores, não chega a ser uma fraude, mas presta-se a muitas manobras para que, na verdade, o voto da maioria não tenha muita importância.[105]

A única opção deixada aos eleitores para manifestar seu descontentamento com o anterior, é optar entre o voto para cargos nacionais ou departamentais, o que aconteceu com um grande percentual dos votos nas eleições de 1989 (conf. Mieres,:136).

Isto só pode gerar mais desencantamento com o ato de participação política por excelência (o voto) que permeia os discursos de todos os entrevistados, e que tem sua origem nas primeiras críticas ao modelo feitas pelo socialista Emilio Frugoni, que chegou a dizer que *"las elecciones son solo un simulacro para consagrar a los que se designan desde la altura"* (citado por Caetano & Rilla,:188).

O modelo uruguaio parece responder à "política pós ideológica" (conf., Reis, 1974:19), atividade de barganha, de máximo confronto de interesses e ao mesmo tempo máxima solidariedade entre os grupos com iguais interesses.

A tão falada "democracia política" do Uruguai tem consistido, todos estes anos, em distribuir empregos públicos de acordo com a proporção de votos de cada partido, o que leva a alguns cientistas a afirmar que não existem funcionários públicos no Uruguai, apenas protegidos políticos.

"In Uruguay we have no administrative class, no civil service. We have only political appointees"(citado por Rankin:137).

Esta questão do clientelismo para aceder aos empregos públicos é mencionada por muitos entrevistados:

"si el Uruguay no termina con el empleísmo, ... nunca sale del agujero...comprende... debe ser en el mundo el que más funcionarios... públicos tiene, por servicio prestado y per cápita también...el gobierno en vez de gastar dinero en donde debe....lo gasta ...dando empleo... viene un político y pone la gente de él. Y es derrotado ese político, ganó el otro partido, no los puede echar a los que puso el otro, entonces...cada cuatro años ... entra una nueva safra de empleados colocados por el

[105] Ao mesmo tempo, paradoxalmente, foi graças a esta injusta lei que o partido de esquerda conseguiu amealhar 1/3 dos votos nas últimas eleições de 1994, demonstrando que até os partidos novos, no Uruguai, precisam pactuar com o conservadorismo.

partido vencedor, a no ser que el partido ganador sea el mismo, entonces, no...Lacalle metió ... cinco mil Blancos, o diez mil Blancos... que no eran necesarios... Ahora gana Sanguineti y pone más otro tanto [de Colorados](E11)

"Uruguay, basicamente, es, empleo público, las intendencias, que cada vez que entra un nuevo intendente entran cincuenta más, con salarios bajísimos, pero..."(E05)

Isto fica dramaticamente demonstrado no episódio contado por um entrevistado, cujo pai trabalhava na companhia estatal de fornecimento de energia elétrica e morreu durante um acidente. O emprego, por lei, devia ir para um dos seus dependentes, porém, não tendo um padrinho político, o sujeito não conseguiu aceder ao cargo, mesmo tendo estudado para tal.

"por los medios normales, los medios legales que serían que el empleo me correspondía por mi padre haber fallecido en acto de trabajo...vi que no iba...el negocio era político...no entiendo, uno estudia, se prepara para asumir una cosa que le corresponde y entran por [politicagem]...M. trabajaba com mi papá...me gestionó de nuevo com los directores, pero como M. era Colorado, rebotó de nuevo...eran..tres directores Blancos...Entonces nunca conseguí el empleo"(E13)

Dentro da cultura uruguaia é tão comum aceder a um emprego por politicagem que a maior parte dos entrevistados, quando inquiridos sobre a possibilidade de adquirir a nacionalidade brasileira, responderam que só justificavam a naturalização em função de um emprego público. Isto demonstra um viés conceitual importante quanto à função de uma cidadania legal em termos de direitos e deveres cívicos e quanto ao modo em que se obtém trabalho. Para os uruguaios a cidadania parece ser apenas uma ponte para obter um emprego que o Estado paternalista outorga, como será visto mais adiante.[106]

"tem gente que eu conheço que se naturalizou, mas isso é mais porque se você quiser prestar um concurso ... para fiscal federal ou qualquer coisa assim"(E04)

"Yo estuve a punto de hacer eso cuando estaba haciendo aviación, porque había decidido por hacer la carrera, este, de piloto comercial, para volar aviones grandes, ahí me exigían que fuera, este, tenía que nacionalizarme" (E03)

"no tengo necesidad ninguna, por que me voy a nacionalizar. Alguna ventajita, puede tener, algún empleo público alguna cosa (E11)

"naturalizarme, solo si fuese ... por una situación que me forzaran... te tenés que naturalizar por causa del trabajo"(E12)

"Mi hija está nacionalizada"... porque quiere ella hacer concurso para entrar a la Receita Federal, porque ella trabaja ..., muy bien ... por cuenta propia,...[mas], *no tiene todas esas regalías que tiene un empleado entonces quiere estar un poco mejor, mismo que gane menos, pero que tenga más segurança vamos a decir"(E14)*

---

[106] Lehrhaupt(1991:95) após constatar que os uruguaios residentes no norte e nordeste se naturalizam mais do que os residentes no sul e sudeste, sugere que o menor índice de naturalização acompanha uma propensão ao retorno. Isto não seria confirmado por este grupo em estudo.

O relacionamento entre a população e os partidos políticos tradicionais no Uruguai tem muito de clânico ou, para utilizar a terminologia de Maffesoli, de neo-tribal.. Os partidos dão uma espécie de proteção aos seus filiados, garantindo-lhes emprego e estes, por sua vez, têm pelo partido um sentimento similar ao que se observa nos micro-grupos sociais que se nucleiam em torno de um desporto ou de uma figura carismática. É um sentimento de pertença, de fazer parte de um todo maior que ampara e dá segurança.

*"On peut ...observer...le ...mécanisme de participation à un quartier, a um grupe, à um animal emblématique, à um gourou, à un équipe de football, ou à um petit chef local. "On est" d 'un lieu, ou d'un personnage local que devient ainsi héros éponyme..."Je suis son homme" ne se dit trop en français...para contre en Italie on entend encotre fréquemment..."**(Maffesoli. 1988:148)***

A evidência empírica demonstra que, até a década de 1970, era muito comum no Uruguai ouvir pessoas idosas dizendo com orgulho: *"eu sou homem de tal político".*

Ao contrário desta postura, todos os entrevistados coincidem, na sua descrença e até sua desconfiança nos políticos, na sua decepção com o sistema democrático, e na sua convicção de que não há nada que possa ser feito para mudar o destino do Uruguai.

"Ruim. É um mal necesario, só. Não tem muita coisa para falar de políticos. Eu nào gosto de políticos... Político é jogo de cintura, é falar"(E04)

"votás un día en el partido Blanco y esperás que cambie algo; no cambia nada. Vienen las otras elecciones, votás en el partido Colorado, no cambia nada, vas a otras elecciones, vos intentás votar en el Frente Amplio, el Frente Amplio no gana, estás atado" (E06)

Além de desapontamento, em todos os depoimentos há manifestações de desprezo pelos políticos e/ou pelo ato de votar. Os políticos uruguaios são definidos como pessoas que dizem uma coisa e cinco minutos depois dizem outra, que solucionam os problemas apenas por amizade, que só procuram a prosperidade própria, que usam o povo para serem votados e com isso adquirir seu bem estar econômico. Considerando que a maior parte destas pessoas saíram do Uruguai aproximadamente com 20 anos, pode-se inferir que muita da sua decepção é adquirida através da família e do imaginário social. Há casos, sim, em que o entrevistado traz evidência empírica. Falando sobre seus próprios parentes, vereadores, diz que só um deles é idealista, *"los otros ves que están por conveniencia... ese que trabaja con camiones ... está la zona franca ... usa el cargo de edil para conseguir mejores negocios, el otro hizo todo para entrar ... en la intendencia*[107]*, en un cargo... de administración ...continúo achando que la política es muy sucia. Son poquísimos los idealistas"(E05)*

No mencionado estudo sobre a propensão migratória dos jovens no Uruguai, (Pellegrino, 1993/94), a autora infere que os jovens estão desencantados com a política porque souberam que a geração dos seus pais lutou e nada conseguiu, pelo contrário, foi esmagada por um golpe de Estado. Entre os sujeitos pesquisados, porém, observa-se o mesmo desencanto com a política mesmo em pessoas que nem sequer viveram a ditadura, o que confirma

[107] Prefeitura.

a importância da transmissão da história por parte da sociedade mais ampla, como demonstrado no estudo de Cosse & Markarian.

O papel do imaginário

A dimensão do imaginário está presente em várias formas como determinante das motivações para emigrar, tanto a nível individual quanto a nível coletivo.

O imaginário é algo que condensa o universo da representação com o do simbólico, é uma região do nosso pensamento onde se fundem as nossas idéias sobre as coisas, advindas do conhecimento prévio das mesmas e daquilo que nós acrescentamos com a nossa fantasia criativa.

"L'imaginaire...n'occupe qu'une fraction du territoire de la représentation. La fantasie, ou sens fort du mot, entraine l'imaginaire ao-delà de l'intellectuelle représentation"(**Le Goff, 1985:ii**)

Para Patarra (in Seminário 1995) existe uma ilusão migratória que contém a fantasia da mobilidade, que é comum a todos os imigrantes em todos os países. Esta ilusão de mobilidade pode tornar-se realidade ou não, dependendo das circunstâncias da migração, dos países a que se emigra e das qualificações do emigrante.

Estas pessoas saíram do país por causa de parentes ou amigos, o chamado grupo de referência informal (Alberts:1974:10) que, em alguns casos, contribuíram com a ilusão da melhora em termos econômicos e, em outros, apenas com a ilusão de uma vida mais agitada e prazerosa.

A primeira vista, não há muita lógica em que um rapaz que, no dia de amanhã será herdeiro de uma extensão de terra, saia do seu país para passar fome no exterior, no processo inverso que se observa nas migrações contemporâneas que se tomam como parâmetro de comparação nesta tese.

Pode-se legitimamente supor que, aos vinte anos, a necessidade de independizar-se dos pais, de sair da rotina de cidades pequenas deve ter jogado, também, um papel importante.

Esta cultura emigratória, por sua vez, se nutre também do imaginário do sucesso pela emigração, que acaba tornando-se uma certa pressão social para tentar sucesso no exterior, pois isto acaba dando prestígio aos protagonistas.

E13 declara que, quando questiona seus amigos sobre um possível progresso, eles respondem que estão muito velhos para SAIR do país.

"Yo lo veo eso cuando voy, son muy tranquilos, está, son macanudos, pero no tienen, "no, y a esta edad, que voy a salir, que voy a hacer"(E13) (grifos meus)

Esta pressão social poderia ser exemplificada com o famoso "orgulho de sermos bem representados lá fora", que Panizza e Muñoz chegam a qualificar de "obsessivo"[108]. Na imprensa e nos discursos políticos é comum a menção aos uruguaios que moram no exterior acompanhada de essa frase, com a qual prestigia-se aos que se foram.[109]

---

[108] El también obsesivo tema de los "uruguayos que triunfan en el exterior" (Panizza & Muñoz, 119).

[109] Nisto também a atitude dos uruguaios é atípica; em outros países o emigrante é considerado um covarde por não enfrentar as dificuldades; comete um "acto de deslealtad, egoísmo, casi de traición al país"(Maletta, 1988:500).

Sabe-se que há países com políticas emigratórias que procuram estimular a saída das pessoas, e considerá-las "nossa gente lá fora". São países que obtém, pelas remessas de dinheiro dos emigrados, uma renda superior inclusive à que recebem como ajuda internacional. No caso uruguaio, não foi possível estabelecer o montante das remessas dos emigrados, visto que, oficialmente, estão incluídas dentro de "outros itens" no Banco Central e não há possibilidade nenhuma de saber o montante que entra de forma não oficial, dos emigrados aos vizinhos Argentina e Brasil. Não há nem sequer estimativas a respeito como para pensar que o Estado uruguaio conta com as remessas de emigrados como parte de sua renda nacional.[110]

A maior parte dos entrevistados parece responder ao modelo do emigrante latino-americano para Estados Unidos ou para Europa, produto de um paradoxo no sistema educativo dos países, que dão um bom nível educativo, em escolas públicas gratuitas, com um grandes investimento social, enquanto que, no sistema produtivo não há fontes de trabalho onde aplicar esses conhecimentos.

"El subempleo o desempleo de mano de obra o de capacidades laborales altamente calificadas es un fenómeno habitual en los países subdesarrollados, que se traduce en la existencia de profesionales realizando tareas menos calificadas, o ganando muy poco con su profesión...la mayor parte de los países latinoamericanos producen profesionales excedentarios respecto a las posibilidades de absorción de sus respectivos mercados de trabajo nacionales" ***(Maletta, 1988:501).***

De fato, vários dos entrevistados manifestaram seu desencantamento com o diploma adquirido ao final dos estudos.

O marido de E05 obteve um diploma em avicultura e depois não havia campo de trabalho para ele.

E08 formou-se na Universidade do Trabalho e ficou desapontado na primeira tentativa de conseguir trabalho. Com certeza, como todo garoto pobre, sua fantasia era que um diploma abriria todas as portas *"me gradué como tornero y ... una vez fui a buscar trabajo y entré en uno de los lugares, toqué campaninha, me atendieron... recién soy formado, estou aqui con el papel de la UTU y quería trabajar de tornero, y dice "olha, eu trabajo há trinta anos de tornero y estoy barriendo el suelo porque no hay trabajo". Então bati varias veces esa es la única lembrança si se pode chamar de violencia...de no conseguir trabajo y achar que el diploma iba a ser la solución de todos os problemas ... Y vi que no era así, no tinha nada a ver"*

No caso de E10 vê-se como fator de expulsão uma série de frustrações sucessivas. Primeiramente o pai perde seus bens, depois ela vai para Montevidéu estudar, deixando sua família, seus amigos, seu entorno. Esse primeiro sacrifício também resulta infrutífero, não pode sustentar-se sem trabalhar e se trabalha não pode estudar porque os cursos são exigentes.

---

110 Depoimento do Lic. César Aguiar, em entrevista concedida no dia 01/04/1997, às 12 hs, nos seus escritórios Equipos Consultores, localizado à avenida Boulevard Artigas 1098, Montevidéu.

E13 estudou para pegar um cargo e não conseguiu porque o diploma não era suficiente, precisava de padrinhos políticos.

Outras pessoas ficaram desapontadas com a subutilização das suas habilidades. Um dos motivos alegados por E14 para sair do Uruguai é o relacionamento do seu marido, que fabricava móveis, com os lojistas que os vendiam, que lhe obrigavam a vender pelo preço que eles queriam. *"él hacía .. dormitorios.... cuando lo iba a llevar para quien se lo iba a comprar, el tipo no le pagaba lo que él quería, ... Y lo ahorcaba, porque sabía que "si no me vendés no tenés plata, entonces me tenés que vender", entonces eso lo dejó medio, medio desmoralizado ...ellos le colocan ... las manijitas ... y el lustre....Mi marido, ... los vendía por cien ... poniendo material y mano de obra, y después ellos lo vendían por trecientos solo con los lustres. Entonces él quedaba revoltado con eso. .. "*

No caso do Uruguai, estaríamos frente a um exemplo que confirma as reflexões de Maletta (1988:506-511) sobre a relação custo-benefício da emigração e justificaria o aparente paradoxo de que, sendo que o país faz um investimento considerável em educação pública,[111] não haja uma preocupação por evitar que os usuários do sistema educativo emigrem, levando todo o capital neles investido.

Para o autor, isto é um falso problema, porque em não havendo fontes de trabalho, o investimento educativo se perderia de todas formas, enquanto que, se as pessoas emigram, há a chance de que retornem com ou enviem algum dinheiro, comprem alguma(s) propriedade(s). Por outro lado, essas pessoas, se estivessem desempregadas estariam onerando o já pequeno welfare state.[112]

Por outra parte, sendo que a emigração sempre funcionou como regulador do mercado de empregos, (conf. Aguiar,:73) também é lícito supor que a população em geral participa de uma espécie de pacto de apoio à emigração e de barreiras à reentrada das pessoas.

Fatores desencadeantes

Isto posto, uma segunda pergunta surge: se todos os uruguaios são produto da mesma história e da mesma memória coletiva, se todos têm esta fragmentação identitária, se todos foram educados numa sociedade conservadora, nutridos pelo imaginário do sucesso pela emigração, por que uns emigram e outros não?

Por um lado, em muitos entrevistados observa-se uma atitude de saturação respeito a certas particularidades estruturais do Uruguai, como por exemplo a necessidade de ter um padrinho político para conseguir trabalho, mesmo que lhe correspondesse por direito, a sobrecarga de funcionários públicos, as fraudes ao sistema de previdência para aposentadoria.

Outras pessoas, como 03, mostram ressentimento com o país, com as elites, com o sistema econômico, com o sistema social. Declara que se devia

---

[111] Entre 2,5 e 2,8% do PIB

[112] Não há dados para comprovar isto, pois não se mantém registros com os cruzamentos necessários.

alguma coisa ao país, em termos da educação que recebeu do Estado, a dívida foi paga. Seu ressentimento é tanto que não consegue enxergar a diferença entre pagar impostos e pagar aposentadoria. Diz que apesar de seu pai ter pago sempre os impostos, durante 34 anos, mesmo que estivessem passando necessidades, não evitou que sua mãe tivesse que esperar dois anos para receber uma pensão miserável do governo.[113]

"yo guardo mucha rabia de todo eso. Y principalmente de eses señores que después vos los veías hablando..."Y los gobiernos, para comenzar por los battlistas, toda aquella raza, que fue esa familia que, le dieron la espalda al campo. Ayudaron los grandes latifundios, las grandes arroceras"

E13 tem vários motivos para estar magoado com o Uruguai. Primeiramente, aos cinco anos apareceram com o cadáver de seu pai na porta de sua casa quando ele o esperava para o almoço. Depois, estudou eletrotécnica para preparar-se para exercer a profissão e quando reclamou seu direito ao emprego, descobriu que a lei não era respeitada. Finalmente, seus filhos nasceram estrábicos e o plano de saúde não lhe reconheceu direito à cirurgia corretiva.

Outras pessoas mostram ressentimento contra essa sociedade arcaica em muitos aspectos, ou contra a família, mas, além deste como fator desencadeante, tentarei um cruzamento com três variáveis que chamaram a minha atenção: partido político, religião e situação familiar.

Filiação partidária

A maior incidência do imaginário social na assimilação de uma determinada versão da história vê-se confirmada pelo estudo de Cosse & Markarian, que revela que para as pessoas o mais marcante no aprendizado da história foram os professores e a família. Há também outros canais muito importantes: a imprensa, que teve sempre papel preponderante dada a alta taxa de alfabetização do país, e o discurso dos partidos políticos que exerceram sempre papel fundamental como formadores de opinião[114] e que podem ter tido influência na decisão de emigrar do grupo em estudo.

*"los partidos políticos han sido, junto com el sistema educativo, los mediadores entre la multiplicidad de lecturas académicas y la sociedad, jugando así un papel determinante en la conformación de la conciencia histórica nacional"(**Cosse & Markarian,:62**).*

Doze dos quinze entrevistados pertenceram ao partido Colorado ou provêm de famílias deste. Tratando-se de uma amostra aleatória quanto a essa variável, o esperado era encontrar o eleitorado dividido na mesma proporção do que no Uruguai, que seria de aproximadamente 50% para cada partido tradicional até 1989 e, depois 1/3 para cada um dos três.

---

[113] As pensões surgem dos aportes feitos à Caja de Jubilaciones e não dos impostos.

[114] Não foram encontrados até o fim da presente pesquisa estudos sobre o papel da imprensa e dos partidos políticos na formação do imaginário social uruguaio, fora a afirmação das historiadoras. Elas informaram que Caetano & Rilla estão começando a sistematizar um estudo a respeito. (Entrevista com Cosse & Markarian, Montevideo, 19/09/96)

A explicação pode estar no fato de que o partido Colorado sempre teve uma visão menos nacionalista do que o partido Blanco, no sentido de tentar inserir o Uruguai dentro do contexto mundial, tanto na esfera econômica quanto na cultural. O partido Colorado sempre inspirou uma abertura para uma cidadania do mundo, que pode tornar natural, no imaginário das pessoas por ele doutrinadas, a fixação de residência fora das fronteiras geopolíticas do país.

"la tradición Colorada, que es posible reastrear hasta la Guerra Grande, concibió al afuera de la sociedad uruguaya como parte de un espacio común .....la sociedad uruguaya...era vista como perteneciendo naturalmente a una dimensión más amplia que la de la Nación...para la tradición batllista el Uruguay es parte de un espacio en que lo interno y lo externo no tienen fronteras fuertes" ***(Panizza y Muñoz, 1989:118)*** .[115]

No caso em estudo, aparece a família dando apoio à emigração, e, até, seguindo aqueles que vieram, o que demonstraria que essa idéia migratória era cultivada na própria tradição familiar.

Mas não é só por isso que a questão da filiação partidária pode ter tido influência na decisão de emigrar, neste caso.

Os uruguaios dificilmente conseguem militar num partido diferente ou votar em contra da visão política da sua família. Isto provém de uma educação centrada na autoridade paterna e familiar, onde a desobediência era considerada um pecado. *"En la familia civilizada el poder del padre se ejercía através del respeto...y la desobediencia se vivía como un culpable acto de desamor filial. Al hijo...le resultaba psicologicamente árduo...rechazar las normas paternas"****(Barrán,/2:83)***. É compreensível que dentro destas normas de conduta, seja muito difícil para um filho opor-se à vontade paterna e aderir à ideologia de um partido diferente daquele de seu pai.

De acordo com um observador irlandês em 1912, *"a child is born a little Blanco or a little Colorado, and rarely deserts his colour" (citado por Rankin, 1995:132);* no Uruguai uma criança nasce de família Blanca ou Colorada, católica ou protestante e, até poucas décadas atrás, não cogitava mudar de partido como não cogitaria mudar de religião. Dentro do grupo pesquisado, foram poucas as pessoas que ousaram discordar abertamente da filiação política da família. Uma pessoa chegou a participar de manifestações estudantis e seu irmão é, atualmente, vereador pelo Frente Amplio(E05). Outro ousou, ainda nos anos 1940, enfrentar sua família Blanca e fazer campanha pelo partido Colorado, numa cidade do interior (E11), mas a atitude mais comum é a do temor à censura da família, dos amigos e da comunidade em geral quando se trata de cidades pequenas. Uma entrevistada que declara ter sido simpatizante do partido comunista, diz que nunca votou nele, e duvida que o fizesse perante a oposição de sua família, não apenas da geração anterior, dos seus pais, mas da própria, na pessoa dos seus irmãos.

---

[115] Esta visão começa a perder vigência na década de 1970, porém entende-se que é uma mudança que não atinge os sujeitos aqui estudados, porque a maior parte deles, assim como os lares dos mais jovens, já estavam formados no pensamento das décadas anteriores.

"Yo no era miedo, no...No se si mi familia sería contra o no. Sé, mis hermanos si que son contra, porque mi hermano... hasta ahora lleva mi madre la lleva a votar y ya le lleva la cédula pronta." (E10)

É provável que para pessoas que não concordam com a filiação partidária da família seja mais fácil deixar a política de lado ao emigrar, do que enfrentar-se ao grupo.

Os uruguaios vêem seus partidos políticos como camisas de força; não seguir a tradição da família equivale a uma deserção. As pessoas preferem não votar a votar num candidato de outro partido; é mais forte do que as próprias convicções e filosofia de vida. O entrevistado E09, por exemplo, pensa que o mundo é de todos, que a terra é de Deus; ele teria dado um bom socialista se tivesse tido a coragem de enfrentar o seu entorno. Para um homem com essa visão de mundo, num departamento como Rivera, terrivelmente anticomunista que chegava a agressões físicas contra os simpatizantes da esquerda, a emigração se coloca como uma possibilidade de ruptura.

Por outro lado, os Colorados sempre aglutinaram os anticlericais e os brancos, os católicos. Este grupo é de Colorados católicos, o que coloca suas próprias famílias como exceções dentro do cenário político-religioso local o que pode ter tornado, em seu momento, a identificação destes jovens mais difícil ainda.

A religião

Outro dado significativo nesta pesquisa é que todos os entrevistados, menos um, eram católicos. Numa amostra aleatória do ponto de vista da religião, era de esperar que houvesse uma compatibilidade com as estatísticas do Uruguai, conforme as quais, de acordo com fontes oficiais do Instituto de Estatística, 38,3% da população declara-se atéia.[116] As pessoas entrevistadas foram membros ativos da Igreja Católica, tendo passado, em algum momento, por colégios religiosos ou exercido tarefas de culto (um entrevistado foi coroinha).

A igreja tem, reconhecidamente, influência sobre o comportamento da sociedade como um todo na América Latina, mesmo entre aqueles que não são praticantes.

"Although there are some indications that the Church's manifold educational activities do not produce ritually committed Catholics, there is no doubt about their potential for influencing the intellectual and social development of the continent" (Vallier, 1970:37 .

Num estudo realizado em Montevidéu, verifica-se que a religião influi na definição de projetos pessoais em 38% das pessoas em geral e em 52% dos que se declaram católicos (conf. Da Costa, 1996:70 e 73)

---

[116] Informação obtida eletronicamente em http://www.diarioelpais.com/infog_s.htm. Outra informação, proveniente de um estudo sociológico realizado na cidade de Montevidéu aponta as seguintes porcentagens:47,9% católicos, 12,6% cristãos não católicos, 2,6% agnósticos, 14,4% ateus e 8,4% que acreditam em Deus mas não têm religião (Da Costa, 1996:54).

A influência da religião católica na decisão de emigrar poder-se ia explicar a partir da premissa de que uma pessoa educada desde a infância para aceitar o destino, e os dogmas como "verdades absolutas",[117] não consegue, enquanto adulto, questioná-los, sejam estes religiosos ou histórico-políticos. Não concordando com eles, ou tendo dúvidas quanto à sua veracidade, resta-lhe como saída a emigração, expediente individualista aceito pela religião católica (conf. Vallier:29).

O estímulo à emigração por parte da igreja encontra-se claramente expressado no pensamento de Monsenhor Giovanni Batista Scalabrini, canonizado em novembro de 1997 como Patrono dos Imigrantes. As reflexões dele sobre a emigração começaram durante a grande emigração das regiões paupérrimas da Itália, onde ele ouvia dos camponeses e artesãos que tinham duas opções: roubar ou emigrar.

"O rubare o emigrare, è il terrible dilemma che udii più di una volta dalla bocca dei poveri artisti e contadini" ***(Francesconi, 1985:932)***.

Scalabrini passou a enxergar a emigração, então, como uma solução para os que emigram e para os que ficam, pois evitar-se-iam dessa forma os eventuais problemas sociais que poderiam advir da pressão dos setores pobres. Diz que é uma válvula de segurança para aligeirar a terra dos excedentes de população e acrescenta às vantagens anteriores a abertura para o comércio e a indústria que pode trazer o fato de que as pessoas vejam o mundo como pátria.

"E indubitatamente un bene, fonte di benessere per chi va e per chi resta, vera valvola di sicurezza sociale, sgravando essa il suolo del soverchio della popolazione,(grifos meus) *aprendo nuove vie ai commerci ed alle industrie, ...facendo patria dell'uomo il mondo..."****(Francesconi:940)***.

Scalabrini tenta dar ao fenômeno migratório uma conotação de desígnio divino, que faz parte das leis da natureza. O homem migra, assim como as sementes ao vento, as aves e os animais.

"Ermigrano i semi sulle ali dei venti, emigrano le piante da continente a continente, portate dalle correnti delle acque, emigerano gli uccelli e gli animali, e, più di tutti, emigra l'uomo, ora in forma collettriva, ora in forma isolata, ma sempre strumento di quella Provvidenza che preside agli umani destini re li guida, anche attraverso a catastrofi, verso la meta, che è il perfezionamento dell'uomo sulla terra e la gloria di Dio ne'cieli" ***(Francesconi:942)***.

Pode-se ver que, dentro dos dogmas cristãos, aparece a procura de soluções em outro lugar, seja na terra ou fora dela, tanto através da mística do paraíso depois da morte, quanto através da migração durante a vida.

---

[117] "The religious vision of the world...stimulates a posture of accepting things as they are (grifos meus) and reinforces tendencies to submit to fate...and to adjusto to circumstances" (Vallier, 1970:28).

A "incompletude" familiar[118]

Significativo também é que dez dos quinze entrevistados sejam filhos de pais separados e três tenham tido conflitos familiares[119]. Embora tendo sido o Uruguai o primeiro país da América Latina a legalizar o divórcio, durante as décadas em que os sujeitos da pesquisa lá moraram, havia um grande preconceito contra as mulheres divorciadas, sobre tudo no interior do país, e por conseguinte contra os filhos de pais divorciados; morar com alguém sem estar legalmente casado era considerado um ato vergonhoso, próprio de pessoas ignorantes dos preceitos morais e sociais.

*"Apesar de que la sociedad tiene una legislación de divorcio sumamente amplia, la disolución del vínculo matrimonial no alcanza tasas elevadas y, lo que es más importante, va acompañada de una fuerte resistencia social"(**Solari, 1967:171**).*

Isto é reafirmado em estudos atuais, que verificam o surgimento de uma cultura do divórcio que antes não se verificava.

*"de manera gradual se há venido afirmando en el país una cultura del divorcio que, probablemente, no se conocía todavía antes de los años setenta"(**Cepal, 1996:32**).*

Também o estudo revela que as "uniões de fato" tem deixado de ser estigmatizadas só recentemente, a partir do momento em que os jovens da classe média passaram a adotar esta prática, a partir da década de 1980.[120]

Pode-se supor, portanto, que pertencer a famílias que fugiam do modelo padrão, como é o caso da maior parte dos entrevistados, possa ter sido um fator para "tomar distância", sendo a emigração uma espécie de mecanismo de evasão. [121]

A maior parte destas pessoas trazem no seu histórico **carências afetivas** e problemas familiares diversos, que podem ser qualificados com o conceito de incompletude que se refere à falta de um membro da família tradicional.

E01 não é apenas filho de pais separados; é filho único, conheceu só os avós maternos e nunca teve tios ou primos porque seus pais também foram filhos únicos, sua vivência de família é muito particular. Apesar de atribuir sua emigração para o Brasil a problemas econômicos, quando se refere à sua primeira saída do país, aos 17 anos, dá um enfoque bem diferente:

---

[118] Tomamos este conceito de Filgueira (Cepal,:43) , no original "incompletitud" que se refere à condição da família onde falta um dos progenitores biológicos, por qualquer causa. Inclui também na categoria as famílias compostas de adultos e enteados.

[119] Uma das pessoas tinha um pai jogador e outra morava com a mãe na cidade enquanto o pai morava na fazenda. No terceiro caso os pais separaram-se recentemente o que permite supor que já houvesse algum desentendimento anterior prévio à emigração do entrevistado.

[120] Embora ainda continue havendo predomínio das uniões livres entre os estratos de nível sociocultural mais baixos. Um estudo realizado em 1990 entre a população escolar revela que, nos lares onde a mãe não tem instrução primária completa, o casamento legal com o pai de criança atinge 48% sobre outras formas de união, enquanto que esta porcentagem chega a 74% quando a mãe tem educação secundária ou superior (Cepal:41).

[121] Um pequeno estudo exploratório conduzido na cidade de La Plata (Argentina) revelou problemas familiares nos três entrevistados.

"De repente salí por problemas de identidad...Siempre fui una persona extremadamente sola; la separación de mis padres me dejó.... No tengo tías ni tengo hermanos, yo soy hijo único ... al no tener tíos tampoco tengo primos, ... la familia se reduce a mi madre... mayor que yo solo existe mi madre. No hay más familia".

Sabe-se por outras fontes que seu relacionamento com sua mãe fora péssimo até aproximadamente 1990 e aparentemente seu relacionamento com o padrasto é bastante frio, o que pode ser comprovado vendo que na entrevista ele nem sequer é mencionado.[122]

E02 tem uma história complicada com sua família. O pai morava na fazenda e vinha às vezes para a cidade. Ele morava com a mãe, as tias e um avô na cidade para estudar. É o clássico esquema da mulher do fazendeiro que, quando os filhos atingem idade escolar, precisa mudar-se para a cidade para que eles freqüentem a escola. Isso sem dúvida deve criar um conflito para um garoto, pois, na prática, os pais estão separados.

E03 tem uma história muito trágica, seu pai suicidou-se, conforme seu depoimento, por problemas econômicos.

O pai de E04 tinha falecido na década de 1960.

Os pais de E06 separaram-se quando ele era pequeno e o pai esteve morando um tempo na Argentina, depois voltou, finalmente radicou-se naquele país.[123]

E08 morava com a mãe e o padrasto. Diz que seu pai desapareceu, que foi considerado desaparecido político. Fora desta situação familiar, havia na família discrepâncias políticas. Conforme estivesse conversando com um avô ou com um tio, declarava sua intenção de ser militar ou revolucionário. Este tipo de conflito pode ser um grande motivador da saída de um rapaz que precisa definir uma carreira e uma posição política e não consegue entrar num confronto ideológico.

"Tengo... la familia dividida en dos... bandos, bien claros. Colorados,...y frenteamplistas ... então tinha duas conceitos e eu agradava todo mundo e decía "tá bom vou ser militar", mas cuando iba a visitar mi otro pariente decia "no, eu vou ser revolucionário". No estaba nunca de acuerdo, mas se eu sou una cosa lo ofendo al otro; por no ofender a nadie, no soy de nada."

No depoimento de E10 percebe-se mágoa e uma ponta de ressentimento contra seu pai, por ter provocado a perda dos bens da família. Ela introduz nesse relato a sua vinda para o Brasil, de forma que demostra que, no seu inconsciente, ambas coisas poderiam ter uma relação causal.

"Mi padre tenía una casa, tenía un auto, mas mi padre jugaba mucho y acabó con todo. Así que cuando yo me fui,(a Montevideo) no teníamos nada... había acabado con todo. ... Ahí después yo comencé a trabajar en esa firma ... cuando ellos me dijeron de venir para aquí yo dije que si, que venía."

E12 era filho de pais separados, ele morava com sua mãe na casa dos avós. Declara que de repente teria voltado para o Uruguai após os primeiros

---

[122] A pesquisadora sabia da sua existência por outras fontes.

[123] Além disso tinha quatro irmãs, portanto era o único homem entre cinco mulheres mais velhas.

quatro ou cinco meses, se não fosse que encontrou seus tios. Ou seja, ele encontrou aqui a única coisa que não tinha lá, uma família constituída.

"solo, solo, solo, a lo mejor me hubiese quedado cuatro o cinco meses y me hubiese ido. ... capaz que si hubiese venido solo, ah, quer saber una cosa, me voy de vuelta pa'l Uruguay, mas yo aquí encontré mis tíos"

O pai de E13 falecera de forma trágica deixando um trauma nele, quando tinha cinco anos. A mãe casou de novo e ele mostra pelo padrasto agradecimento e respeito, mas não carinho. O qualifica como *"una buena persona, pero rudo"* . A perda do pai em circunstâncias trágicas parecer ter deixado uma marca significativa, porque menciona o fato muitas vezes durante a entrevista.

"Sentí mucho la falta del mi papá. Sentí mucho porque yo tenía cinco años, entonces fue una cosa que me, lo estábamos esperando para comer, aparecieron con el cuerpo de mi papá... Entonces me quedó aquello tan, tan. Y cuando yo era chico, me acuerdo que de noche, yo nunca dije nada, pero de noche yo lloraba mucho. De noche cuando me iba a acostar; solo, y mi mamá tampoco nunca supo de eso, que yo lloraba..."

Os pais de E14 separaram-se e ela foi internada num colégio de freiras onde fazia parte do grupo de meninas pobres, as artesãs. Antes disso, como mencionado na página 134, tinham mudado de cidade no meio do ano, fazendo-a perder o ano letivo, num claro descaso com a sua educação.

E15 não conheceu o pai, tinha um irmão que também não conhecia seu pai e morava com um padrasto de ambos. Este padrasto morreu esmagado por uma árvore que estava cortando (era sua profissão). Diz que nunca foi muito apegado a sua mãe; no momento da entrevista fazia quatro anos que não viajava para vê-la e ela também não tinha vindo visitá-lo.

A família é considerada, pela sociologia, uma instituição que propicia relações personalizadas e insubstituíveis. De acordo com Berger e Luckman, a socialização primária dos indivíduos é dada pela família. É um processo tão marcante, de acordo com os autores, que *"se necesitan fuertes impactos biográficos para poder desintegrar la realidad masiva internalizada en la primera infancia"* ***(Berger & Luckman, 1972:179)*** . Os autores também afirmam que, havendo agentes socializadores muito heterogêneos, o indivíduo pode ter uma "socialização deficiente".

*"... la socialización deficiente puede ser resultado de la heterogeneidad en los elencos socializadores"****(Berguer & Luckman:209)***.

Poder-se ia pensar que quando a unidade de socialização primária, a família, desintegra-se ou perde-se o respeito por um membro do grupo familiar (caso da entrevistada cujo pai jogava), estar-se-ia frente a um desses impactos biográficos que pode levar à modificação da realidade subjetiva que o indivíduo internalizou através dessas pessoas, ou frente a um processo de socialização deficiente pelas contradições vividas no seio familiar e entre este e os outros agentes socializadores (avós, parentes próximos, vizinhos). Em ambos casos, será exigido um processo de re-socialização por parte do indivíduo[124].

[124] Para os autores, o mecanismo de re-socialização consiste em internalizar significados diferentes dados por outros grupos de referência àquelas realidades subjetivas que foram apreendidas nos processos de socialização primária e secundária.

Este pode representar um esforço maior para uns do que para outros, e já que o processo precisa ser feito, por que não fazê-lo em outro lugar? Neste sentido também pode ser significativo que nove dos quinze entrevistados tivessem emigrado para outros destinos, dentro ou fora do país, antes de virem para o Brasil.

Apesar de que para o Uruguai há poucos estudos relacionando família e comportamento, parece haver um consenso em que a instabilidade da família traz problemas de adaptação.

"Parece ser una verdad consensualmente aceptada que la incompletitud e inestabilidad de la familia tiene diversas consecuencias negativas sobre los hijos....problemas de adaptación al medio y a sus pares y presentan en mayor proporción comportamientos desviados de diferente naturaleza" **(Cepal:49)**.

Vista desta perspectiva, a emigração tem muitas semelhanças com o desaparecimento de pessoas estudado por Hepworth e Featherstone. De acordo com suas pesquisas, aquelas pessoas que "somem", ("go missing"), que saem de casa por vontade própria e sem nada dizer, são pessoas que querem, de alguma forma romper com o seu quotidiano. Estas pessoas estariam tendo uma conduta vista pela sociedade como "desviante" (deviant act), com conseqüências para sua reputação e a de sua família. A pessoa que "some" estaria, ou fugindo das suas responsabilidades, ou demonstrando que sua família e seu entorno social não lhe são satisfatórios.

"those left behind frequently seem to feel they have been engineered by a particular act of social disengagement [that] *can be interpreted as a rule-breaking activity which not only incorporates the rejection of the specific significant others but also includes the rejection of conformity in general"* **(Hepworth and Featherstone, 1974:176)**.

A saída via emigração pareceria ser una saída digna, que permite colocar distância com os problemas familiares, com uma sociedade que gera desconforto, com a qual não há uma identificação positiva, por todas as razões que foram expostas neste capítulo.

Um exemplo disto pode ser o depoimento de E05 respeito ao sobrinho que acaba de trazer (que não foi entrevistado). O rapaz era filho de adolescentes que depois constituíram, separadamente, suas famílias. Como ele não se adaptara a nenhuma, eles encontraram como "solução", trazê-lo aqui.

"él no se siente en ninguna de las dos familias...empezó quiñentas cosas, todas dejó...medio que un rebelde...fue una solución traerlo para acá a ver si él se adapta"

No Uruguai,especialmente, a família parece ter sido considerada, até há muito pouco tempo, uma instituição importante do ponto de vista do capital humano.

"Uruguay es un buen ejemplo de una sociedad que tiene una densa red de interacciones en muy diferentes esferas sociales y un tipo de familia que constituyó en el pasado un capital social importante" **(Cepal,: 21)**.

É legítimo pensar que se a família completa é vista como capital social importante não só para os indivíduos mas também para a sociedade, tenha havido historicamente uma estigmatização da família incompleta, visto que a sociedade sente-se prejudicada. Ao mesmo tempo, um filho de uma família incompleta perde, fora o aspecto afetivo, o acesso às redes de interação. A

incompletude familiar, então, passa a ser uma perda não apenas no plano pessoal mas também no plano social, o que pode ser uma boa motivação para emigrar.

Os benefícios da emigração

Sendo que *"las razones que generaron la emigración vieja (anterior aos anos 60) - el orden tradicional de la sociedad ganadera - permanecen a la fecha plenamente vigentes"* ***(Aguiar: 90)***, que a Federação Rural foi a primeira a apoiar a restrição à entrada de imigrantes em 1932 (conf. Aguiar,:28); e que, comprovadamente, as regiões expulsoras de população apresentam um comportamento político mais conservador porque emigram os mais jovens e os grupos que poderiam canalizar sua tensões em termos políticos (conf. Aguiar,:75) poder-se-ia pensar numa relação entre estas duas variáveis.

De acordo com Barjau (1985:66), se os camponeses mexicanos ficassem no país, a luta de classes acirrar-se-ia. Os camponeses emigram para Estados Unidos, tendo lá os mesmos problemas só que neste último eles não têm amparo jurídico para suas reivindicações. Assim, tanto para o México quanto para USA, a migração é uma boa solução para evitar conflitos sociais.

Observação similar é realizada para o caso da emigração proveniente dos países limítrofes à Argentina, explicitando-se as vantagens do êxodo populacional para as classes dominantes.

"En el país de origen, la emigración de sectores que sufren desempleo y subempleo, y en general pobreza y marginalidad, atenúa la presión social y política.... el descontentamento disminuye y es más fácil para los sectores hegemónicos mantener el status-quo, la estructura de distribución y de poder existentes" [grifos meus] ***(Oteiza et alli, 1997:32)***.

Além disso, a emigração não somente impede que as pessoas reivindiquem mudanças políticas, mas também que a memória social se perpetue. O espaço é importante na constituição da memória coletiva; é o suporte para lembrar do tempo.

"Being, suffused with immemorial spatial memory, transcends Becoming. It founds all those nostalgic memories of a lost childhood world. Is this the foundation for collective memory, for all those manifestations of place-bound nostalgias ...time is always memorialized not as a flow, but as memories of experienced places and spaces" (Harvey,1990:218)

Na medida em que as pessoas deixam o espaço comum, também não constroem sua memória coletiva, apenas guardam as lembranças do passado com saudade.

Desta forma, a emigração, para os países emissores, constitui também um meio de diluição dos conflitos sociais futuros, pelo esvaziamento do espaço comum de discussão.

Para o Estado receptor também ter imigrantes é uma situação cômoda, desde que tem ainda algumas prerrogativas sobre eles, que vão de silenciá-los na área política até a deportação no caso de tornarem-se incômodos em algum momento.

*"The state retains marginally greater freedom of action vis-à-vis noncitizen immigrants than vis-à-vis citizens"(**Brubaker,:182**).*

Isto posto, para o caso particular do nosso estudo, na conjuntura de globalização que vem se perfilando, não haveria pressões externas para que um país deixasse de ser expulsor de população, ainda mais em se tratando de uma população bem educada e com boa saúde como é o caso.

Capítulo V
O Fascínio pelo "Brasil"

Moro, num país tropical
abençoado por Deus
e bonito por natureza
Jorge Ben

No capítulo anterior, tentei demonstrar que a sociedade uruguaia como um todo é uma sociedade de expulsão, e, neste capítulo, tentarei mostrar como e por quê o "Brasil" se apresenta para os sujeitos em estudo como o lugar onde poderão realizar seus sonhos, não apenas de consumo, mas também, e fundamentalmente, de ascensão social.[125]

Sendo que praticamente todos os residentes uruguaios pesquisados provêm de famílias de classe média, e, mesmo os provenientes da classe baixa conseguiram realizar um curso técnico, é possível que essas pessoas tivessem permanecido na classe média também no Uruguai. Já que isto não pode ser provado cientificamente, será tomado como um pressuposto que nos permitirá afirmar que o sucesso econômico destas pessoas (menos em um dos casos) não deve ser considerado "o" grande motivo da sua decisão de fixar-se nesta terra, mas apenas um entre outra série de fatores que permitiram sua realização do ponto de vista social e pessoal.

Como foi visto no primeiro capítulo, de todos os entrevistados, apenas um possui atualmente um vultoso patrimônio, que lhe permitiria viver de renda se assim o quisesse e que, como ele explicou, não foi feito apenas com trabalho mas graças à ajuda de uma herança deixada à esposa por sua família paulista de quatrocentos anos.[126]

"El casamiento mío fue en la Avenida Paulista, en una casa con un terreno de 10 mil metros cuadrados...Cuando murió la abuela, naturalmente dejó aquella casa, y otras propiedades.... ella recibió, en aquella epoca, me acuerdo... una cantidad bastante... Yo soy muy franco y las cosas como son... Yo no me voy a engrandecer diciendo que yo lo hice todo solo, no, eso me ayudó mucho"(E11)

Os outros catorze entrevistados têm situações econômicas variadas, e suas atividades vão da microempresa até a economia informal. Pode-se afirmar que apenas dois estão tranqüilos, E05 e E13, (desde que continuem trabalhando).

---

[125] Colocarei "Brasil" entre aspas porque o que os entrevistados chamam Brasil é o que eles conhecem: na maior parte dos casos, só Campinas. Dois conhecem São Paulo e um, o estado de Rio Grande do Sul.

[126] Vale lembrar que esta pessoa, aos 22 anos, era comerciante estabelecido no Uruguai e tinha carro próprio na década de 1940 naquele país.

Os doze restantes têm rendimentos altos dentro da pirâmide social brasileira, que os colocam dentro da classe média e alta, porém instáveis: comissões, aulas particulares, trabalhos artesanais.

O patrimônio amealhado pela maioria foi uma casa; apenas duas pessoas tem mais do que uma propriedade (E11 e E13) , três alugam casa e, um deles, nem sequer isso pode fazer (E06), sendo obrigado a morar numa dependência da academia onde dá aulas, enquanto sua esposa mora com os pais num município vizinho. Somente três deles têm dois carros (E02, E11 e E12) e dois não tem nenhum veículo (E08 e E15). Apenas um tem dois carros de modelos 1990 em diante (E02), os outros, são carros da década de 1980.

Sem necessidade de apelar às estatísticas de renda no Uruguai, pode-se afirmar que há no Uruguai pessoas com formação similar à dos entrevistados, que atingiram o mesmo pecúlio, donde a minha inquietação por averiguar quais podem ter sido os outros fatores que coadjuvaram para fazer com que estas pessoas viessem e ficassem por aqui.

Praticamente todos os entrevistados fizeram uma mesma caminhada, vieram numa visita exploratória, gostaram do que viram, e decidiram ficar, mesmo fazendo sacrifícios e/ou retornando ao Uruguai para buscar dinheiro para realizar seu desejo de morar aqui.

Os (aparentes) paradoxos da escolha

De acordo com o esquema de Alberts(1974:12) há três níveis, em termos econômicos, sociais e ecológicos que podem levar à migração, o de privação absoluta, o de frustração e o de desconforto. Em qualquer um deles as pessoas procuram, pela emigração, conseguir melhores condições, no que se refere a nível de ingressos, tipo de trabalho, assistência médica, social e educativa e local de moradia.

Os emigrados aqui estudados, como foi visto, não sofreram grandes privações, portanto estariam nos dois últimos níveis, de frustração, principalmente, e de um certo desconforto.

Quanto ao nível de ingressos, como mostra o quadro n° 16, todos conseguiram uma inserção boa na economia, porém, na maior parte dos casos, em permanente situação de risco, pois vivem de comissões e não de salários fixos e seguros.

Quanto ao tipo de trabalho, também não se pode dizer que com a migração eles conseguiram a realização profissional, no sentido de continuar com sua carreira. Isto foi privilégio apenas de três deles (E03, o marido de E05 e E13). A entrevistada E05 declara, inclusive, que a casa não foi comprada com o salário do marido e sim graças a que tiveram um restaurante durante um breve período de tempo.

Em compensação, a maior parte trabalha naquilo que gosta, o que será analisado ainda neste capítulo.

Do ponto de vista da assistência médica, social e educativa, a rigor, os uruguaios não trocaram um país subdesenvolvido por um país desenvolvido, como normalmente acontece com os imigrantes. Justamente nesses aspectos, como já foi visto no capítulo anterior, o Brasil é considerado pelos organismos internacionais como menos desenvolvido.

A entrevistada E05 diz que tem medo de ficar doente no Brasil, E08 precisou viajar ao Uruguai para que curassem seu pé machucado, E14 entende que poderia ter dado uma educação melhor à sua filha no Uruguai.

O que eles sem dúvida conseguiram, como mostram os dados, foi uma importante ascensão social, o que estaria mais de acordo com as constatações de Alberts,(1974:15), que quanto menores são as diferenças interregionais, mais predominam os motivos não econômicos para migrar.

Quanto à escolha de trabalhos autônomos em lugar de assalariados, estaria demonstrando a busca da possibilidade do exercício pleno do livre arbítrio por parte destas pessoas. Isto nos remete aos conceitos desenvolvidos por Giddens, de segurança ontológica e sociedade de risco.

De acordo com o filósofo pós-moderno, os indivíduos sempre tiveram a possibilidade de uma segurança ontológica, continente fornecido, nas sociedades pré-modernas pelos pares, vizinhos, colegas, família e, nas sociedades modernas pelos "sistemas peritos" (dinheiro, crédito, psicanálise, etc.). Na alta modernidade (nome que Giddens prefere à pós-modernidade) , vive-se numa sociedade de risco, na qual nem os sistemas peritos são totalmente confiáveis, e na qual as pessoas passam a utilizar mais a reflexividade, a auto-ajuda, a capacidade de escolha.

"These abstract systems [expert systems] *...create islands of certainty...in a world peopled by chaos, risks and hazards...In high modernity the self becomes for Giddens a "reflexive project"* ...[which] *consists in the sustaining of coherent, yet continuously revised, biographical narratives....in the context of multiple choice filtered through abstract systems"* ***(Lash, 1994:41).***

O Uruguai ainda continua oferecendo segurança ontológica aos seus cidadãos através da sobrevivência do welfare state (apesar do declínio sofrido) e através do manto protecionista do clientelismo político e da possibilidade de permanecer dentro de uma rotina estabelecida sem maiores altos e baixos. Esta segurança ontológica impede que o indivíduo sofra de ansiedade, mas, ao mesmo tempo, impede que tenha muitas possibilidades de escolha e de sair da rotina se isto lhe praz.

O Brasil, confrontado com o Uruguai, é uma sociedade de risco em vários aspectos, e por isso responde aos anseios do homem pós-moderno, que, conforme Giddens, é um homem reflexivo, um homem que escolhe.

Analisadas as condições objetivas de ganhos materiais e de amparo às necessidades básicas, aparentemente, a escolha de morar no "Brasil" não teria muito sentido, mas as possibilidades que se abrem ao sujeito em termos de desafios leva a pensar na questão do Fascínio, que não passa pelo racional e sim pelo emocional.[127]

Os uruguaios, sejam eles provenientes de Montevidéu ou do interior, ficaram fascinados, a primeira vista, com São Paulo e/ou com Campinas e este fenômeno pode, a meu ver, obedecer a muitas razões, além da obvia

[127] Fascínio entendido no seu sentido positivo de feitiço, sedução, atração irresistível (Kapeluz, 1993:707).

grandiosidade da megalópole.[128] A ordem em que analisarei cada uma delas não quer dizer que esteja adjudicando a cada uma um grau diferente de importância. Acredito que para cada sujeito os fatores analisados podem ter tido um peso diferente.[129]

Proximidade cultural

Os residentes uruguaios encontraram em Campinas (e, mesmo em São Paulo ou no sul) uma cultura próxima à sua, o que parece ser importante visto o medo de culturas diferentes expressado nas entrevistas.

Um dos entrevistados tinha a opção de ir para Inglaterra, outro para Austrália, outro para Espanha; outro recorda que uma prima foi para Venezuela *"un absurdo de lejos, ... terminó viniéndose para aqui"(E05).*

Em termos de idiossincrasia, a observação de campo mostra que há muita semelhança no comportamento do Uruguaios e campineiros. Observam-se atitudes similares inclusive em comportamentos que a maior parte dos uruguaios nega. Por exemplo, alguns entrevistados manifestam sua revolta contra o que eles chamam de "passividade dos Brasileiros", comportamento que também verifica-se no Uruguai. Uma das pessoas entrevistadas, inclusive, reconhece que o fato de não aceitar a passividade é mais pessoal.

"ahora ya me acostumbré. Al principio si, no entendía por que aceptaban las cosas tan pasivamente. Tal vez no es también porque sea uruguaya, sino mi temperamento medio explosivo"(E05)

São sociedades regidas pelo mesmo sistema econômico e financeiro, pelas mesmas relações de produção e comerciais; têm problemas semelhantes, como evasão de impostos, impunidade, empreguismo no setor público.

La impunidad, claro! Este es un problema muy serio! ... En el Uruguay pasa igual"(E11)

O Brasil e o Uruguai pertencem ao que Darcy Ribeiro chama de uma mesma configuração histórico-cultural.; são sociedades, que, embora diferentes, têm algumas características em comum entre elas, que as iguala entre si e as diferencia de outras do mundo: foram colonizadas por povos provenientes da Península Ibérica, obtiveram sua independência inspiradas no positivismo; atualmente são países subdesenvolvidos, de economia dependente, têm desigual distribuição da terra e da riqueza, assim como da população dentro do território, com o conseqüente êxodo rural.

Embora com resultados diversos, em ambos lugares houve um projeto de branqueamento da sociedade através da imigração e misturaram-se, em maior ou menor grau, e desigualmente dentro do território, brancos, negros e índios.

São sociedades semelhantes inclusive numa questão polêmica: a existência da escravidão em determinado período da história. A maior parte dos uruguaios ufana-se de que no Uruguai não houve escravidão, o que seria um

---

[128] Neste ponto é preciso esclarecer que Maffesoli (1988:44) diz que o Brasil exerce fascínio, mas trata-se apenas de uma coincidência; a minha análise não segue o raciocínio deste autor.

[129] Como será visto no apêndice metodológico, esse fascínio está refletido nos depoimentos dos sujeitos, na paixão com que falam a respeito do país.

marco de diferenciação com a cultura brasileira, porém naquele país houve, sim, escravidão e muita discriminação.[130]

"Aqui hubo esclavitud porque precisaban, por la caña de azúcar, en el Uruguay no precisaba, para las estancias"(E11).

Esta versão que circula no imaginário social, é, porém, vista de outra forma por pesquisadores como José Pedro Barrán, cujos estudos da documentação do século passado não somente evidenciam a existência da escravidão e do preconceito racial mas o levam a afirmar (apesar de reconhecer que não há pesquisas suficientes), que havia um certo grau de crueldade no trato aos escravos e que a abolição da escravatura não modificou substancialmente a situação dos negros, fundamentalmente das mulheres encarregadas de serviços domésticos. Ele chegou a encontrar registros de escravas mortas por castigos corporais.

*"Durante casi todo el Uruguay bárbaro, los sirvientes fueron esclavos. Y cuando dejaron de serlo (diciembre de 1842), los hábitos de los amos, la condición social y económica miserable del negro... y el prejuicio racial del patrón, se coligaron para prolongar sobre la "sirvienta"...el trato dado... a los esclavos negros. El castigo del cuerpo del sirviente era normal para amos y amas"(**Barrán,:87**)* .

Não somente houve escravidão mas pode ser detectada a influência da cultura negra até hoje na presença dos conjuntos de "negros lubolos" no carnaval de Montevidéu.[131]

Outra das semelhanças que parece relevante é o "deporte nacional". O futebol inunda os meios de comunicação tanto no Uruguai quanto no Brasil, e, não há de ser coincidência que, entre os quinze entrevistados haja um (ex) jogador profissional (E13), dois aspirantes a profissional (E08, E15), dois jogadores amadores, mas constantes (E04, E12), um que joga futebol por lazer (E07) e uma torcedora fanática (E14). Os cinco primeiros inseriram-se na sociedade campineira ou paulista via futebol.

Por outro lado, há, no Uruguai, até hoje, uma grande admiração pelo Brasil, por um estereótipo do país vizinho, grande, rico, tropical. Ouve-se muita música brasileira no rádio e elogiam-se as novelas brasileiras que passam na TV, proliferam os cultos umbandistas e populariza-se a Festa de Iemanjá.[132]

Esta admiração parece ter-se gestado, no caso dos residentes, por canais muito mais confiáveis do que os meios de comunicação: a experiência contada por amigos/familiares, e a sua própria. Apenas um dos entrevistados manifesta ter conhecido o Brasil pela TV (carnaval e futebol). Os outros até desmentiram, com sua vivência, as informações que traziam via mídia.

"....Y allá de Brasil no se sabía casi que nada en aquel tiempo, no. Solo se sabía de aquellas conversas de frontera, así. Era tiempo de Getúlio Vargas, de la dictadura ...

---

[130] Em 1847 um jornalista afirmava que, em Montevidéu, bastava ter pele branca para considerar-se com direitos (conf. Barrán,1/:103).

[131] Paradoxalmente, sendo que o Uruguai negou a existência dos negros durante o século XX, está sendo através da negritude do carnaval, do "candombe" (ritmo afro tocado no Carnaval) e das "murgas" (blocos carnavalescos) que o país vêm afirmando sua identidade no contexto internacional nestes últimos cinco anos.

[132] Foi construída, recentemente, numa praia do centro de Montevidéu, uma estátua da deusa.

en Uruguay ... en aquel tiempo se hablaba así, con un poco de feriencia (sic)... por los regimes ditatoriales... Pero, en el Brasil, a medida que yo entré aqui, no, no noté nada... Y noté que algunas personas, tal vez una minoría no era getulista, pero la gran parte de la población, en fin, le gustaba de Getúlio Vargas...? Tanto es ... en las próximas elecciones volvió. El pueblo lo quería"(E09)

"Yo vivencié eso, yo vi las fábricas, yo vi la industria..., nosotros en Uruguay teníamos... una visión de Brasil completamente distorcida de la realidad. Nosotros... no sé si porque el contacto que teníamos con el Brasilero era el residente fronterizo o era en el fútbol, o cosa así; pero teníamos como que Brasil era un país atrasado, un país de ignorantes y o sea, yo por lo menos yo no conocía el potencial industrial que el Brasil tenía acá en San Pablo. Yo vine a ver eso con mis propios ojos en el 75, que yo veía máquinas haciendo carreteras, yo veía gente haciendo predios, pero digo esto es una explosión, una cosa que yo jamás había visto.. pasé a mirar las cosas de otra manera y me di cuenta realmente que muchos errores, que censuras que uno hacía respecto a la política brasilera.... la influencia de la radio y de los diarios de allá que tal vez uno tenía un poco más distorcido la imagen de Brasil"(E03)

De acordo com estes depoimentos a imprensa teria, ao longo de praticamente trinta anos, deturpado a imagem do Brasil, fazendo, inclusive, críticas injustas às ditaduras, que, na verdade, estavam propiciando a construção do Brasil potência que eles viam com seus próprios olhos.

A vontade de fazer parte do "milagre" é tanta que há um entrevistado, inclusive, que reforça a sua pertença atávica ao Brasil, chegando a declarar que sua vinda para aqui, é um retorno.

"sería un retorno de mis orígenes porque nosotros somos de origen brasilera...nosotros somos de origen brasileña....Bueno, los orígenes. Mis bisabuelos son brasileros ..., mis bisabuelos todos, y mis abuelos, praticamente algunos de ellos nacidos en Brasil, en la frontera,... O sea, yo soy uno de los pocos que, Uruguayos que está volviendo a los antepasados...."(E02)

A escolha do Brasil como local de fixação, assim como a vontade de estar, de alguma forma, integrado nele, podem ter, também, sua explicação à luz da identidade política, que sempre teve, no Uruguai, enorme peso. Como já foi visto no segundo capítulo, considera-se que os partidos políticos têm um papel determinante na formação da consciência histórica nacional.

Como já foi exposto no capítulo anterior, desde o início das lutas pela independência, houve dois bandos, os "aportenhados" e os "abrasileirados", apoiando, respectivamente, os caudilho Blanco (Lavalleja) e Colorado (Rivera) que aspiravam a constituir-se presidentes do país quando este passasse a ser independente.

O partido Colorado que se formou depois continuou a ser mais simpatizante do Brasil e, como foi visto no capítulo anterior, 80% dos entrevistados tem raízes nesse partido.

É provável, portanto, que essa admiração pelo Brasil, parte integrante do fascínio, já tenha sido transmitida pela tradição familiar que incorporara, do discurso político Colorado, a simpatia pelo país do norte.

Portunhol sem feijão, por favor

A cultura não é exatamente a mesma, há algumas coisas diferentes, em termos de alimentação cotidiana, do controle social em termos de vestuário, de normas de comportamento, fora o idioma, que é outro, porém parecido.

A maior parte dos entrevistados não teve nenhum problema de adaptação, teve uma passagem muito tranqüila de uma cultura para a outra, inclusive sem preocupar-se com aprender o português, falando uma mistura conhecida popularmente como "portunhol".

""yo aquí vivo, la misma cosa....que si viviese en Uruguay, con la única diferencia que ...uno tiene el portuñol, el idioma" (E12)

"é um país com a língua diferente, mas o método de vida muda também um pouco, alimentação, essas coisas, mas que lo resto das coisas funcionam do mesmo jeito, mai as pessoas mudam um pouco também" (E15)

A diferença na alimentação parece ter sido praticamente a única dificuldade que todos encontraram. Um dos entrevistados, inclusive, demonstra seu grande esforço por adquirir os hábitos alimentares locais como se fosse uma obrigação fazê-lo para sentir-se totalmente integrado.

"...allá somos de la papa y el puchero y el churrasco y acá es el arroz y feijão, y es otra temperatura, otro idioma, otra cultura, entonces todo ese proceso de adaptación fue un poco dificil... Lo que más me costó,.. yo creo que la comida. .. recién ahora estoy comiendo feijão, un poquito"(E03)

Outros apenas tem "causos" pitorescos.

"tuve un problema incrível de hemorroides, porque de comer carne con batatas, venirse aqui a comerse una feijoada con 45 grados de calor, tenía que estourar por algun lugar. Ahi fique una semana ruin, mas ruin, ruin, esas extravagancias" (E04)

A situação dos homens que vieram sozinhos foi bem diferente da situação dos que vieram com as esposas ou dos que já tinham família, pois no âmbito familiar é possível manter os hábitos alimentares do país de origem.

"con la comida, de principio me aburrí un poco con el negocio del arroz y feijão... pero después, a mi me gusta comer ensalada, carne, no tuve dificultad con la comida. Después a los ocho meses de estar aquí, ya vino mi señora"(E13)

"En el comienzo, cuando llegué aquí me costó... Claro, el que está acostumbrado a comer la comida que nós tenemos en Uruguay, llegamos aquí, siempre encuentra alguna diferencia, pero no, como yo comía en la casa de F., ya F. hacía unos diez años que se había casado, ele mantenía más o menos las mismas costumbres de allá, no entanto la señora ... sea una brasilera"(E12)

"La comida no muda mucho... porque mi tío ya es uruguayo... entonces eso ahí facilitaba"(E07)

Esta possibilidade de continuar com os hábitos alimentares dá-se porque há, tanto em São Paulo quanto em Campinas, todos os ingredientes necessários para a culinária uruguaia e por que, por alguma razão que não será procurada por escapar à delimitação deste trabalho, as esposas brasileiras (menos a de E03) aderiram à cultura uruguaia.

Esta adesão das esposas é também um fator que facilitou, desde o início, a sensação de bem-estar e familiaridade com o meio que faz parte do fascínio

pelo "Brasil". Via de regra falam espanhol corretamente, gostam de literatura uruguaia, cozinham comida uruguaia, querem passar as férias no Uruguai.

"yo tuve mucha suerte también de mi mujer ser gaúcha, ... ella se integró perfectamente al Uruguay... ella es más uruguaya que yo... llega las ferias... nunca dice ... vou visitar meus parentes no Rio de Janeiro". Ya ahora ...comenzó, "vamos para Uruguay, vamos para Uruguay, vamos para Uruguay",... entonces son cosas, que me ayudó a vivir bien acá".(E07)

"Benedetti me gusta mucho....tengo las obras completas ... porque a mi señora le encanta también... mi señora habla español muy bien. Dicen que ella habla mejor el español que yo el portugués"(E11)

"entré tan suave, aqui, tan bien... eu encontrei um apoio, uma educación, uma coisa muito forte com esses argentinos... Y mia ex-mulher teve mucha influencia de ellos, era muito amiga deles, iba mucho a la casa de ellos, entonces en termos básicos de cultura fue muito interesante por isso. E por isso que deu certo por um tempo"(E04)

Analisando os depoimentos e o diário de campo, pode-se afirmar que os residentes uruguaios conseguem, no Brasil, conservar os usos e costumes que lhes são caros (a comida e o idioma) e, ao mesmo tempo, desfrutar dos aspectos mais positivos que a cultura brasileira tem.

Sociedade dinâmica, povo gentil

Todos os entrevistados declaram que o que mais gostam do "Brasil' é o "povo" e suas manifestações; a alegria dos brasileiros, sua amabilidade, a hospitalidade.

Enquanto que no Uruguai o atendimento ao público, tanto na administração pública quanto no comércio é, via de regra, áspero e seco, no Brasil as pessoas são amáveis, há sempre um "jeitinho" para tudo, que se contrapõe a rigidez dos uruguaios.

A maior parte dos uruguaios são queixosos, preocupados, enquanto que os brasileiros são mais propensos a "não esquentar a cabeça".

O dinamismo com que tudo acontece em Campinas contrasta com a lentidão com que tudo acontece no Uruguai. Isto nota-se, fundamentalmente, no interior, onde, inclusive o comércio, até o de gêneros alimentícios, está fechado durante o primeiro período da tarde, tolhendo a possibilidade de uma organização pessoal do consumidor.

"debido a la velocidad que vivimos aquí, y a la velocidad que viven allá, yo lo encuentro calmo demás.... parece que no tienen apuro por nada... si no daba para ser hoy,... mañana."(E02)

"cuando yo vine al Brasil lo que me cativó fue eso, participar de eso aqui, participar de esa correría... voy al Uruguay...si yo paso más de veinte días ya estoy con saudades de Campinas... me gusta mucho el pique de de la ciudad ... la agilidad de las personas" (E07)

Os uruguaios ficaram fascinados pela alegria dos brasileiros, que não está somente na música, mas também nas cores, na roupa, na descontração. Eles provêm de uma sociedade que, como vimos, foi reprimida por decreto .

Os preceitos da escola "vareliana", dos quais falou-se no capítulo anterior, predicavam a seriedade da vida, o pudor, a contenção sexual, o respeito ao poder das autoridades, a ordem, a pontualidade. As cores no vestir foram ditadas pelo tratado de urbanidade; deviam ser "sóbrias", cinza, marrom, preto, bege.

"Lo que antes era natural desenfado en las expresiones y el porte, fue percibido como descaro, incurable vulgaridad, falta de educación, mal gusto...irrespetuosidad" ***(Barrán/2:208)*** .

O "disciplinamento" da sociedade uruguaia impôs o sentimento de culpa e o puritanismo ,abolindo a sensualidade, a afetividade, a alegria. No Brasil, como em outros países da América Latina, o controle social foi menor, e não foi possível impor as normas da chamada "moral ocidental e cristã".

"Quando falamos em frouxidão dos controles sociais, aludimos também a uma peculiaridade específica dos problemas éticos. A moral cristã ocidental existe, mas não age na maioria das vezes...Casamento indissolúvel, monogamia...virgindade da jovem" ***(Queiroz,1978:15).***

É lícito supor que os uruguaios tenham sentido o fascínio de recuperar uma alegria e uma descontração ancestrais que lhes foram roubadas pela chamada "sensibilidade civilizada".

"lindas muchachas, estaba comenzando la Unicamp, la Pucc, entonces aquí era un ramalhete para un joven de veinte años... a los tres meses aprendí una música brasilera, que se se llama "aqui eu gostei e ninguém me tira"(E07)

"había playas maravillosas y gente muy bonita en las playas"(E03)

"Uruguay,.. lo encontré triste, apagado...el pueblo ... lo veo triste... Lógico, el brasilero es muy alegre... el espíritu libre que ellos tienen, como para ellos les resulta fácil ser feliz ... yo vengo de una sociedade mucho más cerrada, mucho más egoísta, es diferente... Y yo me siento muy bien, así, me siento muy libre, muy suelto"(E06)

A sociedade "brasileira" (paulista e campineira) aparece aos residentes muito mais leve, dando uma sensação de liberdade que lá eles não chegaram a conhecer.

"comencé en la escuela de los salesianos... aquella educación rígida... aquele negócio de el padre director en la puerta de la escuela con la mano así para vos besar la mano del padre"(E04)

Esta pessoa, uma semana depois de estar em São Paulo, descobre a liberdade, e a adota.

"todo el mundo de camisa, short, y allá por ejemplo en Uruguay yo iba, llegaba aqui de Brasil e iba de bermuda para 18 de julio... Y yo llegaba vinha de camiseta, bien de brasilero, ya"

A rigidez da sociedade uruguaia afetou as gerações emigradas antes de 1970, e as que emigraram depois também, pois aos decretos civilizatórios do final do século passado, acrescentaram-se as medidas de repressão do governo militar instalado no golpe de 1973.

E08 foi à escola no período militar, tendo que cumprir exigências quanto ao comprimento do cabelo. Em contrapartida, sua vida hoje transcorre sem controle social, e essa sensação de liberdade torna secundários o fato de ele estar no país como ilegal, não ter emprego nem salário.

"aqui tudo pode acontecer, nada está establecido, por ejemplo, me parece que não tem tantas normas y doctrinas específicas, você tem que ser tal coisa ou tal outra. Parece que en el Brasil es más Diet, se no é e quase é, no importa, é quase. Parece que pode ser, a imitação é válida até" (E08)

A questão da brandura no controle social parece ter raízes na própria cultura política do Brasil. Até o século XIX era comum o fazendeiro local controlar o que acontecia nos seus domínios, mas, aos poucos, *"este cada vez menos se interessa pela organização municipal ou regional, alegando que a independência de cada um deve ser resguardada e que, por isso, não se imiscui em negócios alheios"* ***(Queiroz,:14)*** (grifos meus)

Isto vai deixar um legado de respeito ao agir dos outros, criando uma cultura da não interferência, que será muito valorizado pelos residentes estudados.

Ao mesmo tempo, todas as pessoas sentiram-se bem recebidas, integradas, confirmando a permanência de uma característica secular da cultura brasileira: a hospitalidade.

"A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade...representam um traço definido do caráter brasileiro...são...expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante" ***(Holanda,1978:106)***.

Esta característica está associada a outra, também marcante na cultura brasileira: a possibilidade de absorção do "outro", que precede a existência mesma do Brasil.. Os portugueses sempre foram menos rígidos do que os espanhóis na questão da mistura de raças e culturas, mesmo por uma questão de afirmar-se em contraposição ao ex-dominador vizinho. Fora disso, a necessidade de braços para trabalhar, fez com que importassem africanos bem antes de colonizar o Brasil, e trouxessem para suas colônias uma tolerância fora do comum, somente possível num povo de *"extraordinária plasticidade social* [com] *ausência completa...de qualquer orgulho de raça* [que] *já ao tempo do descobrimento do Brasil* [era] *um povo de mestiços"* ***(Holanda:22)***.

A diferença cultural que conta

Historicamente tem havido um apelo muito grande, no Uruguai, à uma certa homogeneização da sociedade. Como já foi visto, em comparação com os outros países da América do Sul, as diferenças sociais são poucas no Uruguai, atendendo ao projeto do início do século de criar uma classe média baseada num Estado assistencial que evitasse, sobre tudo, extremos de pobreza. Isso deu como resultado uma sociedade definida como "messocrática", na qual não há estímulo para aqueles que queiram sobressair-se. De acordo com os preceitos "messócratas" ou "messocráticos" , os uruguaios não deveriam aspirar a ter muito dinheiro, nem muito sucesso; apenas à "mediania necessária".

"La mesocracia es un estado mental, una actitud general ante la vida; es el aspirar a algo módico, a no querer sobresalir...la mesocracia marca el límite de los deseos socialmente legitimados" ***(citado por Caetano e Alfaro, 1985:190)***

As pessoas entrevistadas atribuem a si mesmas um certo grau de excepcionalidade dentro desse contexto, acreditam que sua decisão de emigrar deve-se ao fato de não serem iguais aos uruguaios padrão. Muitos deles se acreditam mais inquietos, ou mais aventureiros, outros criticam esse modelo de controle social.

"existe... muita inveja, muito ódio... se você tiver um tenis novo já estão falando "o cara que fez que tem um tenis novo ai?" tem uma casa nova "o cara que está fassendo,

está com ropa nova?", o carro. Aqui existe no Brasil mas não tanto assim. Alá no, alá é horrível, se você, se for vecino de um vecino, o cara fala "ô, para ai, esse cara ai está roubando uma coisa" e existe muito ódio entre as pessoas, porque eu acho que esse ódio ai é porque eles não consiguem ter o que você consigue então fica aquilo lá, ele não tem e você tem, então fica aquela raiva, aquele ódio contra você, e o povo é assim, ele fica assim, muito mordido, então... para mi eu via qualquer um com carro, com roupa nova o com namorada nova, ah, bem para ele. O cara, "ah, no, trocar de novo, outra namorada mas?" tal "o problema é dele, oh, deixa ele em paz" desse jeito. Então e isso que eu acho errado e que me molesta mesmo. Que não deveria ser assim"(E15)

"es todo medio padronizado...cuando vos razonablemente ganás , vos te casás, alquilás una casita y vas, o sea, no salís de eso, vos no tenés la oportunidad de salir de eso y crear... yo salí porque quería otras perspectivas, otros horizontes, o sea, yo era inquieto"(E06).

"yo era inquieto... creo que lo tengo eso de mi mamá, una inquietud por conocer, por ver, por andar, por ver eso aquí que allá no hay. Yo creo que fue mi inquietud de conocer algo mayor, un país grande, con posibilidades"(E02)

"Yo siempre fui muy, muy audaz"(E11)

Um entrevistado chega até a dar à sua inquietude um caráter clínico.

"te voy a decir muy confidencialmente, yo tuve un problema de angustia y lloraba mucho, entonces el médico del pueblo, allá, que me vio nacer y que me trató le dijo "mire, el problema... es que él precisa tener una ocupación, cierto, él se siente inseguro no teniendo". Y mi madre me distraía con una serie de cosas, pero nunca me preenchia. Yo siempre lo que soñaba para mi, siempre lo que soñaba es vivir ocupado el día entero, tenía que vivir ocupado el día entero, y yo vivo ocupado, desde que me vine para acá siempre estoy ocupado... Entonces, yo, eso ahí me solucionó un problema que yo tenía: inquietación"(E07)

A observação de campo revela que essa "mediania" do Uruguai tem seus lados positivos, ainda herança do projeto "vareliano" na escola e do projeto battlista na assistência social.

Nas favelas há creche e ambulatório médico e os fiscais cuidam de que as crianças freqüentem a escola; o pagamento do salário família sempre esteve condicionado ao estudo dos filhos.

Um curso de computação custa U$ 12,oo por mês e um plano familiar de saúde, como máximo, U$ 50, sem contar com que todo trabalhador pode optar por seu hospital de preferência com um desconto em folha de apenas 3% do salário.

Tanto na capital quanto nas cidades do interior as distâncias são pequenas, não há poluição atmosférica, o ritmo de vida é tranqüilo.

Mesmo no interior, de noite há vida ativa até altas horas da madrugada; as ruas são iluminadas; não há muito policiamento nem seguranças particulares.

Com o ritmo de vida tranqüilo e a saúde acessível, é comum, sobre tudo no interior do país, que as pessoas ultrapassem os cem anos com uma vida de boa qualidade.

A possibilidade de acesso à chamada "cultura erudita" por parte do povo, das classes operárias, é grande. Pode-se assistir a espetáculos gratuitos de música, teatro, inclusive de conjuntos mundialmente conhecidos, e encontrar essas pessoas de pele curtida, bem vestidas, comportadas, sentindo-se à vontade.

Não parece haver, para os uruguaios, muitas situações para sentir-se diferentes, exclusivos e acredito que parte do fascínio que "o Brasil" exerceu nos entrevistados seja a possibilidade de terem essa exclusividade no acesso aos bens e serviços, que lhes permite projetar-se socialmente com as classes altas da sociedade, como será visto mais adiante.

De acordo com a psicologia social, as pessoas têm necessidades definidas pela sua cultura e pelo lugar que o sujeito ocupa no tecido social. Na sociedade ocidental, para uma pessoa que já tem satisfeitas suas necessidades básicas, (comida e abrigo) colocam-se outras, como a necessidade de consumo, prestigio, poder, altruísmo.

"some of the major social wants that influence the social behavioor of Western Man: affiliation, acquisitiveness, prestige, power, altruism, curiosity" ***(Krech et alli, 1962:89).***

O prestígio obtêm-se de forma diferente nas sociedades; normalmente é através do poder aquisitivo, mas pode ser também através de uma imagem de superioridade educativo-cultural.

Através das entrevistas percebe-se que o prestígio social obtido é muito importante para a auto-estima destas pessoas, auto-estima que aparentemente fora abalada na sua situação anterior de vida, devido à frustração de não conseguir ou sentir que não conseguiriam o que queriam, seja do ponto de vista afetivo, do profissional ou do material[133]. *"A great deal of the action...of the individual is driven by the want to enhance self-esteem"* ***(Krech et alli,:83).***

Dentro da pirâmide social brasileira, quase todos os entrevistados são, no momento da pesquisa, privilegiados, ganhando acima de 10 salários mínimos. Dizem com orgulho que têm seus filhos em escola privada, que pagam planos de saúde, que são chamados pelas classes subalternas de "doutor"[134], que moram em bairros protegidos com segurança particular, que se sentem mais espertos do que seus colegas de trabalho, mais eficientes profissionais.

"eso tal vez seja personal, mas o grado de entendimiento universal às coisas, com uma pequena educação, ... me encuentro bem mais lúcido que pessoas até universitárias brasileras... questionando o universo, o sistema social mundial... Por ejemplo, hoje pessoas já formadas, no estão com grado de esclarecimientos sociais, eso es para mi, es claro. Até me asusta esa diferencia."(E08)

---

[133] Independentemente das considerações feitas sobre a condição econômica objetiva destas pessoas, a realidade percebida por elas era que não tinham condições de progredir economicamente e será esta realidade percebida que motivará sua ação.

[134] A condição de "doutor" na sociedade uruguaia passou a ser muito valorizada no início do século, o que é retratado em várias peças literárias da época que retratam o imaginário do sucesso através da educação universitária. A mais significativa delas foi "Mi hijo el doctor" de Florencio Sanchez.

"lamentablemente acá vos con tercer año de facultad como yo tengo sos rey. Si sos rey aquí en Campinas sos rey en cualquier estado de aquí del Brasil. Entonces el campo, el área me gustó mucho"(E06)

"yo no reclamo de nada...tengo mucho más que la mayoría....sin duda...tenemos una segurança eficiente.... Aquí de noche, entrá con tu auto y dá unas vueltas... sin rumbo..., pa' ver lo que sucede. ah!, van a llegar "Qué está haciendo, está perdida, donde vá usted? no encontró lo que está buscando, quien está buscando... Y te hacen salir. ..el barrio nuestro no tiene muchas entradas"(E02)

"Aquí para toda la clase media baja o baja yo soy doctor. Ya por hablar con acento, por estar vestido socialmente.... Bueno, de corbata, es imposible. Todas esas personas constantemente me llaman de doctor. Eso no ocurre para nada en Uruguay... Un atendiente de una firma de repuestos está de corbata"(E01).

O sucesso no trabalho também é atribuido à melhor educação recebida.

"como tengo ...una cultura general mayor, me permite a mí hablar de temas que la mayoría de los brasileños no habla"(E02)

"aqui eu já vi pessoas muito burras demais... muito grossas demais,... não são muito expertas, não, tem pessoas com estudo ai que você vê e 'cê pensa assim "puxa vida, mas se eu houvesse estudado aqui no Brasil seria melhor, né? e eu não tenho estudo e faço as coisas, penso melhor, desarrollo melhor as coisas"... parece que tivessem a cabeça muito pequena para pensar... Até para conversar com você... não tem conversação boa, assim, conversação inteligente, que você chama conversação séria, é só brincadeira, e só, só coisa de criança, coisa de que, não tem aquela seriedade, aquela responsabilidade de você conversar coisas, coisas inteligentes"(E15)

"la verdad que una de las cosas que nosotros tenemos ventaja sobre la gente aquí en el Brasil, principalmente, es la especialización, la profesión, que en cualquier, mismo, que sea un idioma que uno no lo habla, si te dejan trabajar, podés demostrar las condiciones que podés tener" (E13)

Interessante que essa visão do uruguaio mais esperto foi, em algum momento, compartilhada e estimulada pelos brasileiros, tanto a nível particular quanto a nível institucional.

"... la copa del mundo en el año 50, acá en el Brasil. Yo lo ví por televisión en la casa de mi suegra, que ... había estudiado en Suiza .... Cuando Brasil hizo el primer gol mi suegra dijo "Claro que Brasil va a ganar. Porque la inteligencia de los uruguayos está en la cabeza y la de los brasileros en los pies"(E11)

"[a década de 1970]*era un momento que Brasil abrazaba a los extranjeros, hallaban que era lo máximo, despreciando un poco al propio pueblo de ellos mismos... Siendo extranjero no precisabas saber mucho pero sabías más que ellos"(E05)*

"podría hasta sacar provecho de ser extranjero con ellos, no, porque hay un respeto que ellos se lo impusieron, que nadie se lo impone a ellos"(E06)

"acho que aquí es un país maravilloso porque no nos tratan como extranjeros ... como en otros países que te hacen ver que sos, que no sos del país, que sos gringo"(E13)

E aqui nos defrontamos com o segundo grande paradoxo deste estudo. O país pequeno e pobre, ao qual alguns dos residentes voltaram para procurar dinheiro para ficar, no "Brasil", consegue dar aos seus habitantes uma educação tal que lhes permite não somente ser aceitos, mas também, sentir-se e serem considerados superiores no vizinho grande e rico.

Os comentários que são feitos sobre o tratamento recebido das pessoas são muito significativos. Alguns apontam as virtudes das classes menos

favorecidas, aquelas que ocupam um degrau inferior na escala social, outros mostram simplesmente desprezo pela classe mais pobre, e outras mostram a felicidade de poder prestar algum serviço filantrópico. Desta forma, afirmam seu sucesso sócio-econômico.

O caso extremo de desprezo está num comentário a respeito do transporte coletivo de Campinas, que não é em absoluto confirmado pela evidência empírica.

"no es muy limpia la gente que anda an ómnibus, olores muy fuertes"(E01)

O caso da entrevistada E14, ao contrário, é muito ilustrativo a respeito da filantropia. No Uruguai, quando criança, precisou ficar interna num colégio de freiras onde devia trabalhar para ganhar bolsa. Era una aluna-trabalhadora, figura comum nos colégios católicos; meninas pobres cujos pais não podiam pagar a mensalidade integral, estudavam meio período, e, no restante, ajudavam nas tarefas domésticas do colégio. A evidência empírica demonstra que eram obrigadas a usar um uniforme de cor diferenciada das outras meninas que realizavam pagamento integral durante as festas e desfiles e, não raro, sofriam castigos corporais[135]

Para uma pessoa que passou por esse tipo de humilhação, ter, atualmente, como tem, uma criada em casa e ajudar a família dela, deve significar uma enorme satisfação, não só pelo prazer de fazer o bem, mas de sentir-se que já ela não está mais no último degrau da escala social.

"yo la crío a ella... la mando a la escuela... estoy sustentándola,...Y ayudo, al hermano, también le compro algo"(E14)

Todos os entrevistados declararam que o que mais gostam do "Brasil" é seu povo, e, a maior parte, falou do povo humilde.

"la gente. La humildad de la gente...El brasilero es maravilloso..."(E13)

"Porque la clase baixa, aqui, por ejemplo, yo convivi con ella en Piracicaba, os caras pelo amor de Dios, bonzinhos demais, son personas lindas, super humildes, super sencillas"(E06)

"consideraba que, que la gente era muy pobre, muy humilde, a mi me encantaba la gente porque era, consideraba ... considero todavía que son mucho más amables, mas gentiles, más abiertos que nosotros... La gente, en general. No toda, claro, pero... hay cosas que te conmueven.... pienso, el uruguayo no es desprendido así..."(E05)

"Yo tuve emociones muy lindas con los obreros de la construcción. Yo traté de ser como mi padre que les daba una botella de vino a los trabajadores en el almuerzo. Mi padre quería que sus peones comieran como él. Ahora tengo 20 empleados. Yo siempre les di una cesta de Navidad, dos pollos, dos sidras, pan dulce de 1 kg. Ya oí de mis operarios que trabajaron 15 años en la firma tal y nunca les dieron nada. Yo hago cuestión de ir a saludarlos. Si yo estoy haciendo un edificio de 500.000 reales y no

---

[135] Esta pesquisadora viu, acidentalmente, uma freira batendo com uma colher de pau na mão de uma dessas meninas, no período em que freqüentou o "Colegio de las Hermanas de la Misericordia" da cidade de Colonia.(1957-1960)

puedo gastar dos o tres mil en darles cestas, para que construir? Es una satisfacción que tengo"

"Me pasaron cosas que en Uruguay no pasan. Estábamos haciendo una planchada, yo mandaba parar porque se estaban mojando. Mojados y todo seguían hasta terminar. Después decían "ah, O Sr. da uma caixinha para a gente!"

"Otra cosa del peón. A mi nunca me faltó un clavo, un martillo. Yo tengo una doméstica hace 30 años. Nunca me faltó nada.... ubiendo de categoría las cosas mudan"(E11)

Um povo generoso, hospitaleiro e honesto, já "per se", cativa, mas neste caso, também há um algo mais que tentarei explicar recorrendo à psicologia social analítica.

De acordo com as análises feitas por Dahmer (citado por Kenski, 1992:60) as condições de vida da elite dominante exercem um fascínio nas outras classes, que precisam ver-se de alguma forma, ilusoriamente, identificadas com ela. Para ele *"a identificação ilusória vai ocorrer por intermédio da manutenção de um ideal comum"*, entre outras coisas.

No caso em estudo, os protagonistas identificam-se ilusoriamente com a classe dominante de duas formas, primeiro, por serem tratados com respeito por pessoas pobres e submissas e, segundo, porque essas pessoas lhes permitem agir conforme os princípios da filantropia, historicamente tão caros à burguesia. A pobreza e a humildade do povo acabam sendo os veículos que possibilitam que eles tenham condutas similares às das elites.

Assim, as poucas diferenças culturais que há entre o Uruguai e o Brasil são a favor de uma inserção, pelo alto, dos residentes, o que torna ainda o "Brasil" mais fascinante para eles.

Particularidades de Campinas

Campinas fascinou os emigrados também porque tem uma particularidade. Foi uma das poucas cidades do Brasil que fez questão de ter uma cultura burguesa.

No Brasil, as cidades demoraram muito a se constituir como espaços relevantes da vida social, mesmo durante o império.

"A vida urbana atingiu, na América espanhola, um refinamento que não existiu nas cidades brasileiras mesmo durante o período imperial" ***(Queiroz, 1978:04)***

Não foi assim com Campinas, que teve uma grande influência direta da corte, e, apesar de que sua economia gravitava em torno do rural, teve uma vida urbana muito agitada, e foi marcada pela cultura francesa, no vestir, no falar, na educação dos jovens e, por conseguinte, no comportamento geral da burguesia até os nossos dias.

"Do lado da matriz nova passou a viver o vigário com sua família a partir de 1775. Muito ricos (os irmãos foram os primeiros a iniciar a indústria açucareira), aparentados com pessoas da Corte, diz-se que foram os primeiros a trazer os padrões de refinamento europeu para o povoado" ***(Barretto, 1995:22).***

Além de ser uma cidade com um padrão de comportamento mais acorde com a tradição uruguaia do que poderia ser esperado de outras cidades brasileiras, (tomado em conta o perfil traçado por Queiroz antes mencionado), atualmente é uma cidade bastante cosmopolita em se tratando de uma cidade interiorana, na qual podem ser adquiridos produtos importados, ou presenciar espetáculos artísticos de certo nível. O idioma aprende-se muito fácil e mesmo que não se aprenda, as pessoas entendem o que o hispano falante diz. A situação econômica em que essas pessoas vieram e a de suas famílias permitiu que pudessem viajar sempre pelo menos uma vez por ano. Se eles não tinham dinheiro aqui, os pais pagavam a viagem.

Para os entrevistados, viver no "Brasil" tem todas as vantagens da imigração e nenhum inconveniente. Apesar da proximidade, há uma série de contrastes marcantes que fazem a vida do uruguaio mais feliz; é a substituição do cinza pelas cores, da triste "milonga" pelo samba, de uma moral sexual opressiva pela liberdade total, da pontualidade pela informalidade, das saias longas pelas mini-saias, da gravata pela bermuda.

É a mudança de uma sociedade na qual eram apenas "mais um", para outra onde passaram automaticamente a "doutor".

Estrangeiros privilegiados

Ao contrário do que se observa entre os outros grupos de migração contemporânea, notadamente os provenientes do norte da África e da Ásia para Europa, dos latinos para Estados Unidos, ou, até, mais proximamente, dos bolivianos e paraguaios para a Argentina, os uruguaios residentes estudados são portadores de uma educação formal e informal, qualitativamente melhor do que aquela dos seus pares no país de destino, o que os coloca, automaticamente, num estrato superior da pirâmide social. Também não parecem sofrer nenhum dos efeitos psicológicos negativos que parecem ser comuns aos imigrantes.

Os argelinos na França, na sua maioria, fogem da miséria absoluta e ocupam a hierarquia mais baixa da sociedade, como faxineiros, empregados da construção e similares; têm problemas seríssimos, não só eles, mas também suas famílias, para conseguir uma inserção social. São comuns, inclusive, entre eles, os distúrbios mentais em decorrência do seu sofrimento.

"C'est la misère qui nous a poussés dans les bras de cette femme de rien! Ce n'est pas réellement de nous-mêmes que nous avons choisi de venir en France..quando on a 18 ans, on a toute la vie devant soi. On ne voit qu'une chose, l' état de misère dans lequel on était; ce qui va venir para la suite importe peu...je crois qu'au fond de moi-même...je savais que ce n'était pas le paradis...il n'y a pas de paradis pour nous, mais on se l'imagine, on s'en convainc seulement" ***(Sayad, 1994: 127)***.

Eles se sentem como exilados, embora tenham saído do seu país de origem por opção. *"C'est cela la vérité. Si j'avais voulu comprendre, dès le premier soir de mon arrivée, on m'avait expliquée ce que c'est la solitude, ce que c'est que la tristesse, l'obscurité de la chambre malgré l'électricité allumée,*

l'obscurité de la rue dans laquelle on était, l'obscurité de toute la France, car dans notre France à nous, il n'y a que des ténèbres. J'ai découvert ce qu'est l'exil" ***(Sayad, 1993:38)*** .

Na França, o tipo de trabalho que existe para o imigrante argelino é só o trabalho duro, perigoso, ou mortal (venenoso), e a ignorância deles os leva a ter mais acidentes de trabalho.

A alienação com o trabalho, mais a desesperança, levam à perda do sentido da vida e à culpa por ter emigrado.

*"que reste-t-il alors? Sinon...l'auto-destruction...quand ils frôlent cette situation-limite Qui leur fait découvrir leur ïn-esixtence"et leur incapacité (sociale) à se situer dans une "perspective" Qui donne sens à leur existence, la situation parradoxale...du ",mort vivant" ou du "vivant (dejà) mort"****(Sayad,121)***. [136]

Os problemas psíquicos de maior ou menor intensidade são comuns nos imigrantes. León e Rebecca Grinberg, após clinicar em três países, afirmam que a migração é uma situação traumática que pode levar a distúrbios psicológicos, a uma "psicopatologia da migração" que precisa ser tratada clinicamente. Relatam problemas de dissociação da personalidade, ansiedade, depressão, sintomas de fobia, angústias persecutórias e confusionais, que obrigam, inclusive à hospitalização do imigrante.

"La emigración es una de las contingencias de la vida que exponen al individuo que la experimenta a pasar por estados de desorganización, que exigen una reorganización ulterior, ... es una experiencia potencialmente traumática caracterizada por una serie de acontecimientos traumáticos parciales y configura, a la vez, una situación de crisis" ***(Grinberg, 1984:26-27)***.

Musillo estudou durante três anos os efeitos psicológicos das sucessivas frustrações que os imigrantes provenientes do terceiro mundo sofrem na Suiça, tanto no acesso ao mercado de trabalho, quanto no acesso aos direitos políticos, ou na esfera das representações e da cultura, apesar de serem mantidos pelo Estado, isto último, sendo, inclusive, mais um motivo de perda da auto-estima.

"un phénomène inquiétant de rupture des liens sociaux, un profond déchirement de l'identité des personnes ...accompagné de la perte de confiance et de l'estime de soi. ***(Musillo, 1995:280)***.[137]

Hoje em dia na Europa os imigrantes constituem as "novas" minorias, caracterizadas pela precariedade social e pela enorme visibilidade (conf. Rosoli,.1993:339), por vir de regiões pobres para as quais as remessas de dinheiro que eles enviam são componente importante da renda nacional. Naquele continente, a condição dos imigrantes está adquirindo características de problema social, havendo, até, no caso da Alemanha, atentados contra alojamentos de etnias afro-asiáticas, amplamente noticiados pela imprensa oral

---

[136] O caso dos emigrados de América do Sul é menos dramático, pois trata-se, via de regra, de pessoas com melhor nível educacional. Mesmo assim, o caso dos Chilenos no Canada e um caso de argentinos nos Estados Unidos, mostra que os trabalhos obtidos estão por debaixo das suas expectativas e potencial.

[137] A pesquisa refere-se a pessoas que procuram asilo, e a princípio, não seriam grandezas comparáveis, porém, estou querendo mostrar a situação do estrangeiro e as dificuldades de endoculturação.

e escrita. Os alemães tem um grande contingente de imigrantes turcos, que não estão dispostos a assimilar.

Na verdade, a política, tanto na França quanto na Alemanha é trazer imigrantes para trabalhar e devolvê-los a seu lugar de origem quando não puderem mais fazê-lo. "Aluga-se" temporariamente trabalhadores, como se fossem carros; uma vez usados, devolvem-se.

"The European immigration context, [is one] *where labourers are imported, exploited, and presumable repatriated when their labour is no longer needed"* ***(Simon, 1986:211).***

O governo espanhol também tem adotado medidas drásticas contra imigrantes, como um polêmico episódio em que foram narcotizados 106 imigrantes ilegais africanos para deportá-los ***(Algañaraz, J.C. in Clarin Digital, 24/07/1996).***[138]

Os problemas mentais decorrentes da migração também aparecem na literatura médica dos Estados Unidos, sobretudo referidos a mulheres que chegam a apresentar sintomas clínicos tais como depressão, que correspondem a uma classe média que teve um descenso na escala social, passaram de proprietários a assalariados, de escriturários à operários de fábrica, entre outras mudanças de status social. (conf. Freidenberg, 1989:124-126).

No continente americano, os mexicanos que emigram aos Estados Unidos são, na sua grande maioria, camponeses ou pessoas da classe baixa das cidades que vão trabalhar por um tempo nos serviços mais pesados e indesejados, para conseguir retornar e comprar um pedaço de terra ou um pequeno comércio (conf. Durand et alli, 1992:14-18, Barjau, 1985:59-67).

Os estudos sobre centro-americanos também revelam dados parecidos em termos de inserção no mercado de trabalho: sem documentos, subcontratados, fazendo, mormente, serviços domésticos (conf. Hamilton e Stoltz, 1991:91).

Nos Estados Unidos também os imigrantes tem um papel dual, por um lado são necessários como mão de obra mais barata, mas por outro existe um grande temor do impacto da sua presença no tecido social, tanto pelo seu aporte cultural quanto pela sobrecarga que significam para os serviços sociais (Muller, 1993, apud).

O estudo realizado com exilados chilenos de nível universitário no Canadá, revela também que sobram para eles apenas os trabalhos menos gratificantes, obrigando a um subaproveitamento de suas qualificações (apud Llambias Wolf, 1988).

Os imigrantes argelinos que estão na França, sofrem da mesma forma que os exilados políticos chilenos que estão no Canadá. Embora os imigrantes argelinos são trabalhadores temporários que, no máximo depois de aposentar-se retornarão a sua terra, e escolheram morar na França, sentem-se tão exilados como os Chilenos que foram obrigados a emigrar ao Canadá porque, psicologicamente, todos se sentem sós, sabem-se discriminados, substituíveis, relegados aos piores trabalhos e às remunerações inferiores.

---

[138] www.clarin.com

Os estudos sobre outras correntes dentro de América Latina (de chilenos, bolivianos, paraguaios, brasileiros e uruguaios para a Argentina, de colombianos para a Venezuela e de nicaragüenses para a Costa Rica) revelam que a inserção dos trabalhadores na estrutura ocupacional no país receptor, ou é semelhante à das pessoas com a mesma formação, ou é inferior, e que, os migrantes, de modo geral, são portadores de um nível de instrução abaixo da média, tanto do país de origem quanto do país de destino (conf. Arévalo, 1985:145-151).

Outros estudos revelam que a maior parte da migração entre os países latino-americanos é de mão de obra pouco qualificada. (conf. Maletta, 1988:488).

Mesmo em casos em que os imigrantes trazem dinheiro e passam a ocupar um lugar importante na economia local, há grande discriminação, como no caso dos chineses e coreanos residentes em Nova Iorque ou Buenos Aires. Nesta última cidade os orientais são donos de 200 restaurantes num bairro elegante, e ocupam 10% das vagas do melhor colégio secundário. É sobretudo neste onde são alvo de manifestações de racismo, como pichações ou mudança pejorativa de nomes.

*"uma professora ... com dificuldade de pronunciar os nomes, batizou seus cinco alunos orientais de ``Chang, Cheng, Ching, Chong e Chung".* ***(Folha de São Paulo, 02/02/1997, edição eletrônica, FT020201.htm)***. Este tratamento recebido parece ser brando se comparado com o racismo de outros países, visto que o próprio cônsul da Coréia, na mesma reportagem afirma que ``*Em geral, o argentino não é racista*".

Tanto na questão psicossocial quanto na questão da inserção no trabalho, os emigrados uruguaios pesquisados (menos um, que começou como segurança) distanciam-se totalmente do modelo, pois praticamente todos inseriram-se imediatamente em cargos de chefia. Um passou a administrador de fazenda (E02), e dois a cargos de gerente (E04 e E13), outro a encarregado de um comércio (E12).

"era difícil de asimilar para quien venía de Uruguay que llegaras y te pusieran ya de encargado, de jefe. Y era así"(E05)

O marido da entrevistada não somente ocupou logo cargos de chefia mas também passou a dar cursos, mudando seu status de simples técnico para o de professor.

Quanto a ela, enquanto os imigrantes padrão são os que ficam na fila do serviço social, a situação foi inversa, foi ela a que ajudou os necessitados, trabalhando como voluntária na LBA.

Apenas um seguiu, a princípio, o padrão que se observa na literatura sobre imigração, inserindo-se na sociedade abaixo da sua formação, porém por pouco tempo. No caso, um rapaz que já estava cursando faculdade:

"Pasé a ayudante de albañil. Y me puse a trabajar, él me dejó una semana en eso, más o menos yo me estaba comunicando, me pasó a la parte de herrería y de la parte de herrería él me colocó de ayudante de jefe de obra y a las tres semanas ya estaba mandando en todo el mundo" (E06)

Vários já vieram contratados com cargos de chefia:

"Yo era... encargada ... de producción. Cuando yo vine aquí (E10)

"yo ya era jefe de producción en aquella época, o sea, yo tenía sobre mi comando, digamos, una cien chicas" (E11).

Neste sentido, a inserção destas pessoas guarda semelhança com a observada por Grün (1995:16) para o caso dos judeus que vieram ao Brasil por causa da Segunda Guerra Mundial. Sempre foram bem vistos pela sociedade ao ponto de reforçar sua identidade muito mais do que em países onde há anti-semitismo.

"Un punto fundamental en el análisis de la trama de la constitución de la identidad judía brasilera reside en la constatación de que en Brasil vale la pena ser judío. Vale decir, la construcción de indentidades judías ofrece a los individuos que las realizan, no tan solo gratificacinoes emocionales...sino también buenas expectativas de inserción en el mercado de trabajo calificado, en las redes empresariales...y del mercado matrimonial en sentido más estricto"

Neste último mercado, também no caso dos uruguaios, dá-se outro dado objetivo da inserção social: seis dos nove homens que vieram solteiros, e um que divorciou-se e tornou a se casar, o fizeram com mulheres com graduação e pós-graduação universitária[139] e têm seu círculo de amigos composto de pessoas com esse nível de formação.

Os entrevistados não têm problema de raça, cor ou religião. Pertencem à religião católica, que é a da maioria do povo brasileiro, são de raça branca, cabelo escuro, em nada diferenciáveis de um brasileiro padrão.[140]

"Ahi me misturo nas calles y paso como un brasilero a mais, no hay essa exaltação, me parece que eso es lo que más me gusta"(E08)

Nenhum deles foi alvo jamais de uma demonstração de chauvinismo por parte da população local, nunca nada lhes foi negado em termos de crédito ou atenção de qualquer necessidade, por grave que a situação fosse, como no caso do entrevistado que dedica-se à construção e que teve um prédio expropriado quando P.S. Maluf era Governador do Estado de São Paulo.

"El valor era 4 millones 800, dado por la Caja Económica Federal. Él dió un millón y trecientos...Llevamos tres años ... peleando.... La caja se portó muy bien conmigo, dijo "no, D., esté usted tranquilo, fue desapropiado, tuvo mala suerte, mas usted va a recibir, usted va a ganar"... yo era extranjero!, en la dictadura, yo tenía miedo"(E11)

Eles são também privilegiados, porque, quando eles visitam seu país nas férias, nessa ambígua situação que os coloca como "uma espécie de turistas", são recebidos pela população como "uma espécie de heróis", aqueles que triunfaram lá fora, aqueles que vêm com carro, com dinheiro e com histórias

---

[139] Não foi possível saber o grau de instrução da esposa do entrevistado E09, mas a filha é médica.

[140] Pode ou não ser coincidência, mas os três entrevistados que estão em pior situação econômica (E06, E08 e E15) são de pele escura.

para contar, e podem desfrutar do melhor que o "seu" país tem, ao contrário de alguns que emigraram para Europa, Austrália ou América do Norte.

"Mucha gente fue y volvió, estuvo un año, dos años y volvió, es decir volvió con el mismo dinero que fue, no fue uma coisa del otro mundo" (E04)

Um dos entrevistados, com estudo primário apenas, que trabalhava como mecânico, uma vez emigrado, na sua viagem anual para visitar a família era convidado ao Rotary Clube da cidade, tendo como carta de apresentação apenas o fato de estar "triunfando lá fora".

"Bueno, ahora va a hablar J. que vive en Brasil"

A deterioração do Uruguai

Ao mesmo tempo que os emigrados foram tendo sucesso sócio-econômico em Campinas, as condições gerais de vida no Uruguai foram- se deteriorando.

Cada vez mais há acidentes de trânsito e mais operários mortos na construção civil por falta de segurança. Cada dia o Uruguai tem mais contrastes, entre pobreza e riqueza, entre pessoas vestidas humildemente e com sua saúde bucal descuidada e atendentes uniformizadas e maquiadas nos comércios. Apesar da tranqüilidade relativa, as pessoas começam a colocar grades nas suas casas. Estendem-se as favelas, deteriora-se o ensino público em todos os níveis, as bibliotecas têm poucos e velhos livros, os professores preocupam-se menos por ensinar. Vêem-se crianças na 6ª. série que não sabem dividir, enquanto que na universidade, no momento da redação da tese, começavam, timidamente, os mestrados, com livros provenientes do Brasil.

"vino el declinio en la enseñanza, vino el declinio ahora en la salud... está una tragedia la salud pública en Uruguay ... La enseñanza primaria es lo que parece que más o menos está funcionando, pero la enseñanza secundaria y tercer grado, facultad, es pésimo"(E03)

"lo que escucho allá, que la enseñanza está peor... no es tan buena que ni antes. Los profesores etán desmotivados que ni aquí, tienen el mismo problema y los niños van a las escuelas principalmente. (Yo no me acuerdo cuando era chico de eso). ... por la comida, frecuentan los colegios hoy durante las vacaciones, que allá la cocina en las escuelas funciona durante las vacaciones. Yo sé porque tengo un primo ... es un inspector regional... y él me comenta que las cosas son muy mudadas con relación a eso. Ahora continúa los liceos particulares están llenos de gente, las escuelas particulares están llenas de gente; me parece que la enseñanza del estado debe haber decaído. Que ni aquí"(E02)

"Mi familia siempre fue de clase media, en la época que existía clase media en Uruguay"(E04)

Os profissionais que estudam a sociedade uruguaia manifestam sua tristeza com o declínio dos valores tradicionais trazidos pelos imigrantes italianos e espanhóis. Estas novas gerações não mais acreditam na educação para atingir o sucesso econômico, e preferem apostar no jogo (loterias e similares), no clientelismo, nos processos trabalhistas contra os patrões, em levar vantagem em tudo, de uma forma individualista. Seu discurso é "somos todos sobreviventes". Os pobres, por sua parte, apresentam o síndrome da

"desesperança aprendida", que advém de uma vida de fracassos sucessivos para conseguir a almejada ascensão para a classe média.[141]

A corrupção também está presente nas instituições. Uma informante, secretária de um hospital do interior, declarou que o serviço de limpeza foi terceirizado e concedido a um parente do administrador, e comentou que não há interesse em que aparelhos como raios X, tomógrafos, e ecógrafos, funcionem bem, para, com essa justificativa, promover a privatização.[142]

A falta de higiene em estabelecimentos como açougues ou padarias de bairro é impressionante; o açougueiro manipula a carne e o dinheiro, assim como o padeiro. Nas vitrines de pães doces não há proteção contra as moscas, enquanto que na rodoviária da capital do país encontram-se copeiras lavando xícaras nos banheiros, demonstrando que não há vigilância sanitária.

A progressiva deterioração do Uruguai vê-se no fato da perda de prestígio do país no contexto internacional. Os emigrados que chegaram na década de 1950 ouviram falar do Uruguai com admiração.

"yo sentía mucho orgullo ... cuando tenía que identificarme en una dependencia oficial, o en una fiesta: "usted de que nacionalidad es?" - "Uruguayo" - "Ah, la Suiza de América". Yo me cansé de oirlo"(E11)

Totalmente diferente será a experiência de uma pessoa emigrada na década de 1970, que viverá uma época em que o Uruguai é sistematicamente confundido com o Paraguai, o que é citado, inclusive como uma marca da ignorância dos 'brasileiros" mas que, na verdade reflete uma postura oficial de país rico em relação aos outros considerados pobres. Assim como o Presidente Reagan, dos Estados Unidos, cumprimentou o povo da Bolívia quando visitou o Brasil em 1982, e como muitos de nós não tem muito claro onde fica exatamente Ruanda, uma vez que o Brasil passou a ter a hegemonia econômica no continente, tanto o ensino formal, quanto os meios de comunicação passaram a ignorar aqueles vizinhos considerados menos desenvolvidos.

"siempre me dijeron "la paraguaya, la gringa"(E05)

" hay cosas que son inconcebibles que no sepan, ... Por ejemplo, no nos confunden siempre con Paraguay?(E10)

A qualidade de vida percebida

A conjunção dos fatores antes apontados potencializa todos os benefícios do Brasil como local de realização dos sonhos dos emigrados. Em primeiro lugar, estas pessoas não vieram iludidas pelos meios de comunicação, nem enganadas por grupos organizados de tráfico de imigrantes, como costuma acontecer aos nordestinos que vêm ao estado de São Paulo, ou aos africanos do norte que vão para a Europa. Todos eles vieram, viram com seus próprios olhos, fizeram a experiência de viver no "Brasil" de Campinas ou São Paulo e decidiram ficar.

---

[141] Comentários da Dra. Maria Araceli Elzatti, Psicóloga, Teóloga e Educadora, em entrevista concedida à pesquisadora no dia 01/10/97 às 11:30 hs, em Montevidéu.

[142] Conversação mantida durante observação de campo com a Sra. Liliana Rivero, na cidade de Colonia, Uruguai, em 10/10/96.

A grandiosidade destas metrópoles deslumbrou sobretudo aqueles que vinham do interior.

"nosotros, viviendo en el interior, y yendo una vez o dos veces a Montevideo... éramos expectadores del mundo... . Vos ibas al estadio de futebol... y era tanta la distancia que tú tenías de Montevideo en aquella época a Minas de Corrales que ni torcías de tan emocionado... Y evidentemente que cuando yo vine al Brasil lo que me cativó fue eso, participar de eso aqu...Vivís allí en aquel pueblo tranqüilo, com pocas emociones... Yo vine para acá, mi tío me compró un automóvil para trabajar, entonces ya aquello fue una mudanza enorme, solo andar en el tránsito acá en San Pablo ya era una aventura. Cierto. Porque allá ni auto había, eran pocos los autos que había en el pueblo"(E07).

A possibilidade quase imediata de dispor de um carro, para homens com idades oscilantes nos 20 anos, deve ter sido também um fator de grande deslumbramento.

"iba para la ciudad, era super bien visto y bien tratado, porque yo a la edad que tenía, administr una estancia!... tenía 23 años.... Tenía camionetas!"(E02)

Além do deslumbramento, percebe-se também que a visão que os brasileiros têm do seu país como o maior e melhor do mundo, tão contrastante com o complexo de país pequeno com que eles foram educados, deve ter sido um fator decisivo para que eles se sentissem estimulados a lutar para ser parte desta grandeza.

"yo acreditaba mucho en el potencial de este país y quería realmente adaptarme lo más rápido posible para poder..., crecer... tentar encontrar una posición más tranquila"(E03)

"me parecía, por el desenvolvimiento que estaba teniendo Brasil, en aquella época, pós revolución, todo; lo veía como un gran futuro"(E02)

Todos eles lutaram para obter seu bem estar econômico demonstrando uma grande tolerância para com a adversidade que, em certos casos, não tiveram no seu país.

O conceito de boa qualidade de vida, para eles, está relacionado ao consumo de bens duráveis, como vimos no primeiro capítulo, e ao status social obtido com a mudança de país, como visto aqui. O acesso ao consumo e a um melhor status parecem deixar em segundo plano quaisquer outros inconvenientes que eles possam ter tido no passado ou ainda tenham, no presente.

E01 tolerou várias coisas a nível pessoal e comercial. A primeira esposa o deixou em 1984 retornando ao Uruguai com as três filhas, que ele passou a ver uma vez por ano.[143] A nível comercial, em primeiro lugar, o trabalho para o qual veio em 1981 não deu certo, e tentou várias outras coisas; anos depois teve uma sociedade com chilenos, que terminou na justiça.

E02 teve uma primeira experiência de trabalho onde foi prejudicado *"hicieron una cosa que no me gustó"* e voltou para o Uruguai, mas logo decidiu voltar para São Paulo.

E03 precisou trabalhar durante um tempo (pelo depoimento mais de cinco anos) sem documentação (como clandestino) ganhando menos de que

deveria. Trabalhou numa empresa cujo faturamento aumentou em 500% (quinhentos por cento) e como seu contrato era por comissão, quando a comissão atingiu U$12.000 recusarem-se a pagar-lhe, terminando, o caso, na justiça. Gostaria de ter uma casa mas precisa abdicar desse sonho e viver em apartamento por causa da violência.

E04 omite um episódio que depois é contado acidentalmente por um outro entrevistado. Ele diz que não teve grandes problemas de roubos, porém o amigo conta que sua casa foi totalmente esvaziada por ladrões que levaram até os móveis.

E05 teve um restaurante durante um tempo mas não conseguiu lidar, nem com os empregados, nem com a violência.

E06 saiu do Uruguai imediatamente após não conseguir uma licitação que estava esperando. Decepcionou-se porque o dono da firma não cumpriu sua palavra e fez as malas. Em Campinas era professor de tênis de um clube. Quando voltou de suas férias de verão encontrou a vaga preenchida por outro. O clube também não teve palavra, porém ele não fez as malas e ainda tolerou o fracasso de mais dois negócios que começou.

E08 mora no Brasil ilegalmente (sem visto de permanência), o que implica estar em permanente risco de ser detido e deportado. Não obstante tolera tranqüilamente essa condição de marginalidade.[144]

E09 veio convidado por uma firma alemã para vender artigos importados, mas o negócio não foi como ele esperava porque o material que ele vendia depois não era entregue como programado.

O laboratório que trouxe E11 não era o que ele esperava pois sua ascensão profissional foi sempre impedida por outros espanhóis que vinham e só por serem espanhóis obtinham os cargos. Durante um tempo eles precisaram até ter uma pensionista em casa para ajudar na renda.

E10 passou a maior parte da vida sozinha enquanto o marido trabalhava.

"el más chico mío tenía crisis de bronquitis cuando era chico. Y yo, siempre... gereralmente estaba sola... Aqui tenía vecinos que salían una dos de la mañana a llevarme al hospital con él tomar nebulizaciones porque él estaba ruin"

E12 não da importância ao fato de ter tido seu carro roubado a mão armada. *"La única experiencia que tuve una vez, me asaltaron ... yo moraba...no Cambui, mas é cosa corriqueira, a cualquier un le puede pasar. Ahí paré... vieram os assaltantes, me robaron el carro, mas, eso ahí, todo el mundo está".* Não só dá pouca importância ao fato de não ter segurança nem sequer num bairro nobre da cidade, mas ainda ri do fato. Informações obtidas por terceiros também dão conta de que em determinado momento sua esposa, universitária, foi obrigada a fazer comida para fora (marmita) para sobreviverem.

E13 esteve oito meses sem documentos e para consegui-los teve de enfrentar uma situação com um suposto despachante argentino, chegou a ter atitudes marginais que lembram o caso dos mexicanos que estão dispostos a

---

[144] o que tem razão de ser visto que parece ter havido sempre uma certa tolerância com os imigrantes regionais *"la acción contra los inmigrantes regionales, mayormente con residencia irregular por las autoridades, fue escasa....parece subsistir un clima de facilidades e informalidad en la circulación ...de personas"***(Kratochwil:1996:159).**

tudo para ficar nos Estados Unidos. *"un argentino... que trabaja con documentos, ... le dimos dinero, un día llegamos ... y se había mudado, el apartamento vacío...Ahí él me había dado un teléfono de un amigo... dice "él se mudó para tal lado" ... De noche ahí agarramos fuimos con mi hermano. Ahí llegamos estaba cerrado porque era un condomínio, saltamos un muro, así, entramos, golpeamos el apartamento, ahí abrió la puerta, era él. Pááá. Entramos con puerta y todo "* (grifos meus).

Ainda durante o tempo em que esteve sem documentos, submeteu-se a trabalhar como porteiro numa boate para gays de São Paulo.

E14 tentou vários negócios sem sucesso, tais como mercearia, boutique, restaurante. O marido dela trabalhou, nos últimos onze anos, como marceneiro, porém "por baixo do pano" (sic.), dentro da garagem da casa, o que o coloca, a rigor, dentro da economia informal. Está atualmente vivendo os reflexos da crise da classe média brasileira porque sua clientela está preferindo comprar roupas feitas do que pagar o preço que ela cobra para costurar, mesmo em se tratando de pessoas com certa amizade às quais ela faz preço especial.

E15 não tem saído de Campinas há 5 anos, nem sequer pôde conhecer São Paulo. Está sendo logrado pela auto-escola que já lhe fez pagar mais de U$ 500 de aulas e não quer que faça o exame final, tem uma cunhada à qual tem que pagar para que cuide do filho, (o próprio sobrinho) uma ou duas horas por dia, um cabeleireiro da vizinhança o obrigou a fechar o salão que tinha aberto porque não era registrado. No Paraná viveu fazendo bicos porque não lhe queriam dar a documentação alegando que seu casamento era forjado para obter a residência legal.

Os entrevistados tem uma percepção de sua vida atual como sendo de boa qualidade e minimizam inconvenientes que surgiram no seu caminho para o sucesso. Ao mesmo tempo têm uma percepção de seu passado no Uruguai como ruim, e a convicção de que seu futuro no Uruguai teria sido muito limitado, a julgar pela situação dos seus parentes mais próximos e amigos. Esta percepção dicotômica é, porém, contraditória, pois ao mesmo tempo que dizem que sua vida é boa do ponto de vista do consumo de bens duráveis, vivem apavorados com a violência, enquanto que quando lembram sua rotina quotidiana no Uruguai, dizem que sua vida era boa, justamente pela inexistência da violência urbana[145]

"Para mi la vida era lindísima, hacíamos playa, eh, salíamos a cine, íbamos al cine, al teatro, cosa que aquí nunca fui a un teatro. Fui cuando los nenes eran chicos a llevarlos a ellos al teatro infantil, teatro adulto nunca fui a un teatro. Allá iba al teatro, iba a cine, salía, salíamos, íamos a la playa, a pasear por dieciocho, o a tomar cualquier cosa en un bar, para mi era linda la vida allá.... Sin auto, sin nada, de ómnibus. Cosa que aquí. Más ahora, como están las cosas aquí ahora, te da hasta miedo. Mi hijo va a la facultade y yo me quedo despierta hasta que llega pensando que si no pasó alguna cosa... Nosotros nos mudamos cerca de la Rodoviária antigua, que era, que es, que era una zona bien de meretrício... En San Pablo...En la Luz. Nosotros vivíamos en un apartamento en el tercer andar.... a veces la puerta de abajo quedaba abierta, a veces me lavantaba a buscar leche para ellos y tenía que pasar por encima ..., de personas embriagadas que estaban tiradas en la escalera"(E10)

[145] Embora muitos deles tenham presenciado atos de violência política.

Esta percepção de bem estar e a necessidade de reforça-la os leva a outras contradições em seus próprios discursos. Todos eles, sem exceção, orgulham-se da escolaridade que tiveram, e criticam, por sua vez, o sistema educativo brasileiro, mas o fato de eles estarem dando aos seus filhos essa escola que eles mesmos qualificam como "ruim", não parece contar, assim com o fato deles não terem podido terminar estudos começados aqui. Há um entrevistado que declara em determinado momento que deve muito ao Brasil mas depois conta um episódio em que decidiu ser piloto de aviação. Conseguiu ser um dos 480 a entrar, num total de 1200 aspirantes, mas apesar das suas aptidões não conseguiu concluir a carreira porque o estágio final consistia em realizar um treinamento pago de 1500 horas ao preço de U$100,oo a hora. Portanto o país ao qual ele deve tanto não lhe deu a oportunidade de ter uma profissão para a qual tinha aptidões, porque era uma carreira cara. A sua percepção do Brasil como país que lhe "deu" tudo é tão forte que modifica seu próprio discurso quando vê que pode comprometer a imagem do país. Primeiramente diz que teve dificuldades em adaptar-se

"es otra temperatura, otro idioma, otra cultura, entonces todo ese proceso de adaptación fue un poco dificil, inicialmente, yo sentí un poco todo eso... ahí me vino hepatitis ... dos veces... la primera vez estuve 45 días y la segunda estuve noventa días."

Para continuar dizendo:

"yo conseguí, este, hacer amistad con cierta facilidad, yo nunca tuve; es propio de mi personalidad, yo me adapto fácil a las nuevas situaciones" (E03)

A sua percepção de que o Uruguai não lhes daria o que eles querem acaba resultando contraditória com os relatos de sua própria vida no Uruguai até no aspecto do consumo.

"yo muy joven aprendí a vivir bien... Porque vivía en un hotel, entonces veía gente que venían allí, que tomaban whisky, importado... Conocí, temprano conocí Punta del Este, Piriápolis, esos lugares ahí, entonces es una cosa que a mi me gusta vivir bien... comer y vivir bien, entonces y eso cuesta dinero... Entonces yo acho que acá es un lugar que se vive bien, apesar de todos los problemas que hay...trabajando se vive bien...São Paulo te contagia...te da vontade de trabajar y ganar dinero y disfrutrar de lo que la ciudad ofrece." (E07)

Outro entrevistado (E06) alega que o Uruguai não dá (grifos meus) condições para ter saúde, moradia e educação. Porém quando machucou o pé, em Piracicaba e não sarou, precisou voltar ao Uruguai para ser atendido e curado. Quanto à moradia, também aqui não teve melhores condições, pois mora num quarto emprestado. Ao mesmo tempo se orgulha da escolaridade que teve

"si yo hay algo que me orgullo es de la instrucción del Uruguay, por lo menos la que yo recibí...ahora...han mudado algunas cosas a nível de programación de estudios. Pero siempre lo vi muy bueno el nivel de estudio nuestro y principalmente porque es público, que es una cosa dificil de ...encontrar".

A maior parte dos entrevistados critica o atendimento médico "do Brasil", porém isso também não parece diminuir sua qualidade de vida. Um

depoimento muito significativo a este respeito foi dado por uma entrevistada que declarou ter muito mais do que precisava,(um exemplo disso era que tinha três fornos, um a gás, outro elétrico e um microondas, só na área de serviço). Declarou que felizmente não precisava da área da saúde, mas elencou problemas vários de saúde do marido e dos filhos e finalmente contou que estava com "algumas coisa" na cabeça oriundo da carne de porco e que deveria tomar remédios para o resto da vida.[146] Além disso, esteve um ano sofrendo até conseguir autorização para fazer uma tomografia pelo convênio médico privado e descobrir a doença.

"hace un año, yo siempre tuve dolores de cabeza, mas dolores de cabeza....que me dolía todo este lado, mas no podía ver luz, no podía escuchar hablar, no podía nada, solo lloraba, no tenía estabilidad ni una para estar de pie...la neurologista mandó tirar una tomografia, me la querían cobrar, yo le dije que no, que yo no le iba a pagar, si yo estaba en el convenio... ahí, me hicieron la tomografia y una cosa que yo nunca había sentido hablar... es ese bichito... que tiene la carne de puerco o las verduras mal lavadas... tienen un ovo y sube al cerebro y hace una herida, y era eso lo que me pasaba... estoy tomando un remedio que no puedo parar de tomarlo...en Uruguay yo... yo no usé mucho médico... porque ... no tenía enfermedades niuna... Como no tengo ahora, porque eso de la cabeza no sé".....(grifos meus) (E10)

A percepção de bem estar não se vê nem sequer ofuscada por fatos violentos, dos quais quase todos em alguma medida foram vítimas, seja por problemas de trânsito ou de latrocínio. O caso extremo foi o entrevistado que teve sua filha roubada na rua e cujo depoimento transcrevo, na íntegra, a seguir por ser altamente relevante para entender a negação das experiências ruins vividas.

"yo lo que aspiro es vivir bien, cierto?, y que mi familia viva bien...Yo tengo una casa modesta ahí con un conforto razoáble, de clase media, mis hijos estudian en una escuela particular, y, en fin, pretendo que se formen, y, eh, y vivan bien, conseguir un patrimonio..., quiero conseguir una renda que me de una vida buena, cierto?

P: Cuánto más o menos estás ganando ahora?

E: Es relativo. Unos dois mil reales por mes.

P: Tuviste alguna experiencia aquí de violencia urbana o política?

E: Aquí en el Brasil yo no. Yo tuve un problema cuando, un problema cuando tenía, cuando mi hija tenía tres años que la robaron, no?

P: Como "la robaron"? A ella la secuestraron?

E: No, no la llegaron, no fue secuestro, la robaron. Nosotros estábamos en un shopping aquí en la ... Tomás Alves y... teníamos bastantes conocidos, allí, no, cierto, entonces mi mujer estaba en una loja, yo estaba en la otra conversando, y las criaturas pasando una para acá y otra para allá, y ahí ela desapareció. Un sábado de mañana... y no la encontrábamos ahí salieron todos a procurar, no? Allí en aquella plaza en frente..., a la escuela Carlos Gomes.... ahí sube para acá, para allá, no se que, ella entró en pánico, y venía una señora por la avenida, allí mi esposa le preguntó "a senhora não

[146] Os tratados de medicina consultados revelam que esta doença só pode ser *cisticercosis cerebral*, doença gravíssima provocada pela larva da Tenia solium, que, quando adulta provoca o *quiste hidático* e quando larva evolui no porco, sendo transmitida pela ingestão da carne mal passada.

viu uma criança assim de uns tres anos mais ou menos que estava com vestidinho verde?" e ela falou "é verdade, eu vi, ia no colo de uma mulata lá para cima"...Ahí, yo salí corriendo, que allí sería, es la General Osório, no, la que pasa en frente al cine...Jequitibá... Y cuando levanté la cabeza así vi el pelito de ella bien amarillo allá arriba; estaba esperando una condución para mandarse. Ahí yo hice aquellos cien metros que tiré la medalla de oro, no? Llegué allá, la agarré, y venían los amigos corriendo "pega, pega, vamos linchar" no se qué, yo digo "deixa prá lá já, que eu tenho o que eu quero aqui, acabou" .... Después han acontecido cosas, así de, de, robar vídeo de la casa, una televisión, me entiendes, esas cosas han hecho, o el, un tape del auto, pero así, violencia, así, yo creo que la más agresiva así, que tocó mismo, eso fue violento mesmo porque quedó marcado, no?

O entrevistado chega ao ponto de negar que a menina tenha ficado traumatizada; reconhece que é mais agarrada com ele do que os filhos, mas atribui o fato a sua condição de menina.

"Ella... es muy agarrada... por ejemplo tu vas al shopping, a algún lugar y ella no larga de mi, siempre anda agarrada, ...ya los otros ya quedan más libres.... Puede ser también una característica por ser una chica, una niña, no?"(E07)

O discurso de duas das mulheres entrevistadas (E05 e E10) demonstra também a força desta autopercepção de bem estar. Ambas alegam como causa da emigração, que não conseguiram estudar o que queriam lá. Aqui também não conseguiram, porém isso não é mencionado por elas. A primeira veio por causa da profissão do marido e a segunda ficou, após a firma que a trouxe ter falido, também por causa do trabalho do marido.

Esta última é a única pessoa do universo de pesquisa que evidencia a dor da separação, o sofrimento de estar longe como um preço a pagar pelo bem estar material.

"apesar de todo el tiempo que yo estoy aquí, yo no sé si es porque toda mi familia está allá, y yo estoy sola aquí, a mi no me convence mucho el Brasil... Apesar de que aquí, sé que aquí las condiciones de vida son mucho mejor para nosotros y que si aquí no hay trabajo allá tienen mucho menos, que acá hay más oportunidad de crescer, ... Yo tengo amigas ótimas aqui, pero ... yo siento, siempre estoy recordándome de allá, yo tengo mi madre....esas cosas ... de la familia, todo eso, de no tener nadie para nada... tengo hermanos allá, tengo una hermana ... siento saudade como dicen aquí... Este año yo dije "voy de cualquier forma"...y estoy con eso, voy para allá y dejo ellos solos aquí. Me quedo aquí y paso todos los días llorando porque quiero estar allá"

Parece-me muito significativo e provatório do exposto neste capítulo, que a única pessoa do universo de pesquisa que não se mostra fascinada com "o Brasil" é a pessoa que teve, não só menos realizações, mas também mais frustrações do ponto de vista pessoal, apesar de ser a única pessoa a ter casa com piscina, fora de E11, que é o entrevistado com maior patrimônio.

CONCLUSÃO

Analisando o perfil dos entrevistados, uma conclusão e uma constatação se perfilam, ambas referidas à questão econômica.

A primeira delas é que estas pessoas, por serem provenientes, em sua maioria, de famílias de classe média e terem, na maior parte dos casos, trabalho, no Uruguai, no momento de emigrar; pela forma como chegaram ao país, alguns retornando ao Uruguai para buscar dinheiro a fim de conseguir ficar morando no Brasil, outros com dinheiro suficiente para ficar seis meses sem trabalhar; por terem, quase todos a possibilidade de viajar uma vez por ano ou com maior freqüência ao Uruguai, e pelos relatos da sua vida naquele país, não se enquadrariam dentro do padrão do emigrante pobre que busca, na saída do país, uma alternativa para a fome ou para suprir suas necessidades básicas.

Estas pessoas não podem ser classificadas de exilados ou emigrados econômicos, embora tenham feito uma opção de migração alegando "motivos econômicos".

Acredito que estamos frente a um tipo de emigrante diferenciado, que teria suas necessidades básicas já satisfeitas no país de origem mas que, porém, aspira a outros níveis de consumo.

Neste sentido, pode ser que este grupo constitua um exemplo de um novo tipo de migração de fim de século XX, diferente, entre outros aspectos, em suas necessidades, da que caracterizou o final do século anterior.

A constatação seria a de que há uma relação entre migrações e desenvolvimento do capitalismo internacional.

As condições de vida que os emigrados conseguiram no Brasil variam, desde uma pessoa cujo patrimônio pode ser estimado em meio milhão de dólares e outro cuja renda mensal é de setecentos dólares (em média, pois é trabalhador da economia informal) e não tem patrimônio imóvel, e nem sequer um veículo. Fazendo um cruzamento entre os dados, verifica-se que a variação da renda está vinculada à década da migração e a profissões específicas.

Pessoas de áreas técnicas especializadas, emigradas na década de 1970, conseguiram uma renda mensal próxima aos cinco mil dólares, como empregados ou micro empresários, além de bens imóveis.

No entanto, o técnico emigrado na década de oitenta, conseguiu inserção apenas na economia informal. Outro dos emigrados na década de 1980, embora tendo começado a cursar faculdade, também só conseguiu inserção na economia informal.

Dentro das pessoas emigradas antes de 1970 não se observa grande diferença entre o sucesso obtido pelos portadores de diploma técnico e percebe-

se que as pessoas emigradas no final da década de 80 e início de 1990 são as que estão em pior situação sócio-econômica.

Ao mesmo tempo, percebe-se uma continuidade na situação de duas das pessoas provenientes dos extratos mais baixos da sociedade de origem. Um dos entrevistados, filho de faxineira (classe baixa) e o outro, filho de enfermeira (classe média baixa), continuam sendo os mais pobres dentro da sociedade receptora, comprovando, de uma certa forma, o pressuposto deste trabalho, que as pessoas que eram de classe média poderiam ter continuado na classe média se tivessem permanecido no Uruguai.[147]

Esta pesquisa confirmaria que as questões da imigração devem ser vistas à luz das estruturas econômicas e dos movimentos do capitalismo internacional. A estrutura econômica está presente no fato de que, quem é pobre, tende a continuar pobre. A questão do capitalismo internacional está muito clara neste caso. Até 1970 havia enormes facilidades para os Uruguaios; era o período do "milagre" econômico e o Brasil procurava gente com boa preparação nas áreas técnicas, ao mesmo tempo que começava a melhorar seu sistema educativo de terceiro grau. De 70 em diante, quando sucessivas crises a nível mundial são acompanhas de um declínio da economia brasileira, as facilidades passam a ser menores e, a partir de 1980 em que a crise se acentua, e já há quadros técnicos formados nas escolas brasileiras, começam as restrições legais à concessão de visto de permanência para estrangeiros.

Perfila-se como resultado que o sucesso econômico obedece à conjunção de duas coisas: escolaridade e conjuntura histórica. As pessoas que vieram com escolaridade primária no momento da expansão econômica do Brasil, atingiram níveis de vida razoáveis mas nada excepcional; os que vieram com escolaridade técnica no momento da expansão, atingiram níveis econômicos muito bons, colocando-se na faixa do 1% da população brasileira de renda mais elevada. Os que vieram com escolaridade técnica depois do período do "milagre", são os que estão pior economicamente. E03 e E08 tem o mesmo diploma, porém o sucesso econômico de um e outro é bem diferente. Colocadas de lado as questões de personalidade, a diferença nos resultados deve estar relacionada com a questão econômica conjuntural.

Enquanto que os uruguaios que vieram no início dos anos 70 eram considerados mão-de-obra necessária, os que vieram depois fazem parte da humanidade dispensável para o capitalismo, o que poderia explicar a disparidade de resultados sócio-econômicos obtidos pelos sujeitos em estudo.

Uma cultura emigratória

A análise das entrevistas permitiu inferir outras motivações que poderiam estar fora do contexto das necessidades materiais dos emigrados e outros

[147] Como já foi visto, há uma exceção no universo, que é o entrevistado E13 que cumpre realmente o sonho do imigrante: de filho de faxineira passa a microempresário bem sucedido.

fatores condicionantes pessoais que poderiam facilitar a decisão de morar fora do país de origem.

No caso particular do Uruguai, sem desconhecer a conjuntura política que elevou grandemente o número de emigrantes na década de 1970, o estudo da sua história, da colônia aos nossos dias, nos leva a perceber que as migrações, tanto internas (do campo para os centros urbanos) quanto a internacional, tem sido uma constante.

Já antes do seu surgimento como país independente, verificava-se o translado de pessoas para Buenos Aires, a capital do Vice-Reinado. A partir da independência, verificou-se uma transferência do interior para a capital, Montevidéu, que começou com a demarcação das terras das fazendas, se intensificou com a implantação do Estado de bem estar para os trabalhadores assalariados urbanos e finalmente pela valorização dos estudos de terceiro grau.

Ainda hoje, pelo fato de que, no Uruguai, a universidade concentra-se na capital, passou a ser algo normal que a história dos jovens fosse nascer e crescer no interior, freqüentar o secundário e depois migrar para Montevidéu para fazer faculdade. Uma porcentagem muito pequena retorna às cidades de origem (atualmente maior do que antes) e muitos emigram para o exterior.

Por outro lado, a história o Uruguai têm uma carga atípica de ficções orientadoras e mitos fundantes, sobre seu passado, seus heróis, suas virtudes, que, em não sendo confirmadas pelas pessoas na sua idade adulta, poderiam estar na origem de um desencantamento com o país, que favoreceria o desejo de sair dele.

Embora tendo sido um país excepcional dentro do contexto latino-americano, tanto pelos seus indicadores sócio-econômicos quanto pela continuidade de governos constitucionais durante o século XX, apesar da constante consulta popular e apesar de haver sido instituído um sistema de benefícios sociais único na América Latina, pode-se dizer que o Uruguai não foi em absoluto o país ideal e sem problemas que paira na memória coletiva quando se refere ao passado, e, embora nunca tenha atingido os índices de miséria dos seus vizinhos, também não conseguiu dar aos seus cidadãos de classe média um padrão de vida adequado para atender às necessidades criadas pela sociedade de consumo,

Este desencantamento atingiria também a postura política dos uruguaios, anulando as esperanças de melhorar seu futuro via participação efetiva, favorecendo, tanto a emigração quanto o desinteresse por naturalizar-se no país de residência, a fim de adquirirem direitos políticos como cidadãos plenos.

Observa-se, não somente nos emigrados, mas também nos uruguaios que residem no seu país, que há um desapontamento próprio e outro aprendido através sistema educativo, sobre tudo no informal e no âmbito da família, que transmite um sentimento de impotência, de desesperança, de esgotamento da paciência das pessoas para com a atuação da maior parte dos políticos profissionais, para com a corrupção endêmica e para com a lentidão com que se processam as negociações para conseguir colocar os interesses do povo em geral à frente dos interesses dos grupos historicamente dominantes;

desencantamento que não é um fato conjuntural, mas tem sido gestado, praticamente, ao longo de todo o século XX, durante o qual os uruguaios parecem ter passado a escolher entre alternativas políticas pouco diferenciadas, a ter, portanto, uma falsa possibilidade de escolha.[148]

Ruptura

No caso específico do Uruguai, além do desencantamento com a história e com a política, certas características da sociedade, como o conservadorismo, o controle social e a seriedade, conformam um todo que faz com que o país seja sentido por eles como "pesado" (paquidêrmico), e "gris" (cinza).

Isto atingiria de alguma forma todos os habitantes do país, visto que todos recebem o mesmo tipo de educação e convivem com o mesmo sistema sócio-político. Entretanto, nem todos emigram.

No grupo estudado – e este foi o dado inesperado da pesquisa- foram encontrados outros fatores que poderiam ser os desencadeantes da emigração. Houve um comum denominador entre os entrevistados que pode ser resumido em: filiação (do entrevistado ou da família) ao partido Colorado, prática (do entrevistado ou da família) da religião católica, e proveniência de famílias com algum grau de incompletude.

A questão político partidária

De acordo com a bibliografia consultada, verifica-se que o corte político partidário tem, no estudo da sociedade uruguaia, uma importância relevante. A questão do pertencimento a um partido político parece estar revestida de um caráter sagrado, quase clânico. O Clã faz o possível por garantir que seus membros votem no seu partido. Temem a influência de amigos de outros partidos como se houvesse um perigo de que um membro do grupo fosse convencido a traí-lo.

Dessa forma, os partidos políticos pareceriam ser totêmicos; não seguir a tradição da família seria equivalente a uma deserção. A evidência empírica demonstra que, não raro as pessoas preferem não votar, a votar num candidato de outro partido que não seja o da sua tradição familiar. Esta última é, via de regra, mais forte do que as próprias convicções e filosofia de vida.

Isto poderia ter originado um conflito entre os emigrados e suas famílias, se lá tivessem permanecido pois, na maior parte dos casos, eles simpatizavam com correntes políticas diferentes dos partidos das suas famílias, divergência que, para um uruguaio, parece ser muito difícil de superar.

Por outro lado, dada a importância da política partidária na formação de opiniões e estilos de vida, é razoável pensar numa grande influência do discurso do partido Colorado na visão de mundo nos emigrados e

[148] Neste sentido, não haveria muita diferença com o que acontece em várias partes do mundo, onde o desencantamento atinge a política, os políticos e até a democracia e poder-se-ia pensar em fazer estudos vinculando este fenômeno à enorme quantidade de migrações que estão acontecendo no presente.

nas suas famílias, partido que, historicamente, posicionou-se a favor de que os uruguaios vissem o mundo como sua pátria.[149].

O pensamento religioso

Os Colorados sempre aglutinaram os anticlericais e os brancos, os católicos. O grupo estudado é de Colorados católicos, o que já lhes daria um caráter de excepcionalidade dentro da sociedade uruguaia, que pode ter sido mais um elemento de desconforto e portanto de estímulo à emigração.

Sendo que os entrevistados emigraram alegando que no Uruguai não havia possibilidades para desenvolver seu potencial, já que eles consideram a si mesmos como sendo mais ambiciosos, críticos ou inquietos do que a maioria, tentar caminhos alternativos para viver naquele país implicaria, para eles, ter de mudar alguma coisa ao nível do social, o que poderia chocar-se com a doutrina católica na qual foram educados, que estimula as soluções individuais. Isso explicaria por que a maior parte deles declara que não há nada que mudar no Uruguai, que está tudo bem.

Por outro lado, a doutrina católica conservadora ensina que não há que se opor à vontade de Deus, que criou o mundo da forma que ele é; há que esperar apenas a recompensa no paraíso. Tendo em vista a importância dos mecanismos psicológicos de projeção e de ilusão presentes nas migrações, pode-se pensar numa identificação simbólica do paraíso com um país vizinho que deslumbra com sua tecnologia. O ato de emigrar respeita, desta forma, os ensinamentos recebidos: busca-se a solução para os problemas fora, sem questionar a ordem estabelecida.[150]

A família

Finalmente, a incumpletude das famílias aparece como um dado decisivo, visto que, no Uruguai anterior aos anos 70, a falta do pai em casa por qualquer circunstância ou um pai cujo comportamento podia ser moralmente questionado, era um importante fator de estigmatização social.

A incompletude nos casos estudados provém, em alguns casos, de mortes trágicas, o que pode ser levado em conta como mais um fator de estímulo à emigração, já que é razoável pensar que as pessoas queiram deixar para trás um lugar que lhes traz lembranças amargas.

Dá a impressão de que, para praticamente todos os entrevistados, a emigração apresentou uma possibilidade de "colocar distância" com situações de conflito, tanto no seio da família quanto na sociedade. Pode ser que não houvesse nos sujeitos uma vontade de deixar "o país", mas apenas de se afastar

---

[149] Esta visão mantém-se até os nossos dias inclusive em pessoas de ideologia política diversa. O mencionado Projeto Diáspora, por exemplo, não objetiva trazer os uruguaios de volta ao seu país, mas aproveitá-los como embaixadores para expandir as redes comerciais e acadêmicas, como produtores de conhecimento que podem enviar para o país, mas sempre morando fora dele.

[150] Para reafirmar esta hipótese explicativa, existe o dado concreto de que há um importante setor da igreja católica engajado no problema das migrações internacionais (os Scalabrinianos) que defende a migração como "válvula de segurança para evitar problemas sociais, favorecendo a saída dos pobres e desempregados dos seus lugares de origem".

um pouco, predisposição que estaria demonstrada pelas migrações anteriores de muitos deles, sejam elas internas ou externas.

Parece haver uma predominância da vontade de sair, inclusive porque o país de destino, de início, era, para muitos, pouco relevante.

Isto pode justificar por que os sentimentos de perda não aparecem no grupo estudado. Não há nestes entrevistados nenhuma dor por ter deixado seus amigos, seu bairro, sua família. Todos os entrevistados declaram estar bem encontrando os parentes uma vez por ano, e às vezes até com menor freqüência.

Analisadas em conjunto as questões apresentadas, pode-se dizer que, aparentemente, estes emigrados saíram como uma forma de ruptura, ou porque não acreditavam em outro meio para solucionar ou melhorar seu futuro ou para deixar para trás lembranças amargas. Estar fora é seu ato de rebeldia, é sua forma de mostrar a revolta contra uma ordem secular, conservadora, "gris", ou de afastar-se da dor de ser discriminado, pela própria família ou pela sociedade mais ampla. A emigração pode, assim, ser vista como um protesto, como um ato contestatário individual semelhante ao desaparecimento.

Emigrar seria forma de "sumir", mas sem as conseqüências negativas do "sumiço". A pessoa sai do seu quotidiano, de um ambiente ou de uma família que não lhe satisfaz, porém com uma justificativa socialmente válida: vai para outro país tentar melhorar a sua situação. A justificativa da emigração por motivos econômicos é socialmente aceita e, no Uruguai, até valorizada como já foi visto em capítulos anteriores.

Por outro lado, o migrante de classe média de hoje tem a sua disposição os meios para voltar, seja definitivamente ou de férias ao seu país. Tem meios de transporte rápidos e acessíveis, que pode pagar inclusive a prestações durante o resto do ano; tem comunicações fáceis com a sua família, telefone, fax, correio eletrônico; tem a possibilidade de assistir televisão do seu país via cabo ou por satélite, pode ouvir rádio de onda curta, pode ler os jornais pela Internet ou comprá-los em algumas bancas das grandes cidades. Emigrar hoje não é perder contato como foi no século passado, ou esperar a vida inteira para retornar. Para a classe média, a migração tem muitas características de turismo[151], o que pode mudar o conceito de imigrante predominante até agora no imaginário coletivo.

Moradores virtuais (denizens)

Outro dado que chama a atenção desta pesquisa é o desinteresse e até a recusa dos entrevistados em naturalizar-se brasileiros.

[151] Não é coincidência que quase todos os sujeitos estudados tenham entrado no Brasil como turistas e que, legalmente, a questão da permanência entre um turista e um residente seja apenas uma questão de vistos concedidos pelos mesmos órgãos de governo.

A primeira vista pareceria tratar-se de uma continuidade do processo de desencantamento político no seu próprio país. Uma vez emigrados, defrontados com um país com problemas similares, na ordem social e política, aos daquele que deixaram, mais uma vez teriam se decepcionado com o processo e optado por continuar *denizens*, à margem de uma cidadania política na qual não mais acreditam.

Embora a explicação anterior poderia ser suficiente, a entoação das falas, a forma como foi respondida a questão da naturalização, me fazem acreditar em motivações mais profundas.

Aparentemente, essa versão da história forjada e fragmentada que povoa tanto o ensino formal quanto a memória coletiva, não teria conseguido criar uma identidade nacional enquanto pertencimento à natio, a uma cultura nacional no sentido de comunidade imaginada, constituída de memórias do passado, desejo de vida em comum e perpetuação da herança cultural. Esta comunidade com seus problemas pode ser desertada, quando se está descontente, sob alegação de que nada pode ser mudado.

Essa versão da história teria conseguido, porém, criar, nos sujeitos em estudo, uma identidade com um Estado/nação que precisa ser amado em seus símbolos: hasteia-se a bandeira nos jogos de futebol, fica-se arrepiado ou chora-se quando se ouve o hino, enfeita-se a casa com bustos de Artigas e souvenirs com dizeres relativos ao Uruguai, conserva-se um passaporte.

Isto pode ser, também, analisado sob a ótica da formação católica dos entrevistados. No Uruguai, pode observar-se um paralelismo entre a educação religiosa e a chamada "educação cívica" orientada a inculcar o sentimento patriótico nos cidadãos a partir da primeira infância. Assim como a devoção religiosa manifesta-se através de rituais e objetos de culto (missas, hinos, santos, medalhas), a devoção à Pátria é simbolizada por outros rituais e objetos de culto (festas cívicas, hinos, bustos, adesivos) e o patriotismo é avaliado em função da participação nestes rituais. Exemplo disto é que, ainda hoje, na escola uruguaia, carregar o símbolo da pátria, ser "abanderado"[152] é o maior prêmio a que um bom estudante pode aspirar.

Poderia ser uma explicação plausível para a recusa destas pessoas em naturalizar-se brasileiras, que parece traduzir um temor inconsciente (desconhecido dos próprios sujeitos) em cometer um ato de traição, mesmo estando totalmente assimilados na cultura brasileira, até o ponto, de alguns deles, não mais falarem o espanhol.

É provável que no seu inconsciente eles sintam que podem perder todas as suas marcas de identidade, menos a do Estado/nação; deixar de "amar à pátria e seus símbolos" seria vivido como um sacrilégio.

Emigrados de sucesso

As pessoas entrevistadas procuram, em última instância, a participação no mercado e a ascensão social. Procurando uma saída imediata para seus anseios, sem esperar transformações estruturais, estas pessoas vieram para a

[152] Levar a bandeira nos desfiles durante as cerimônias oficiais, na frente do pelotão de estudantes.

"terra prometida" que todo emigrante busca, onde o capitalismo, por um mecanismo que não será analisado neste trabalho, permite a realização dos sonhos de consumo da classe média em um prazo mais curto do que no Uruguai e onde eles não têm o ônus de serem uma minoria discriminada como seriam num país do primeiro mundo.

Os casos em estudo, ao contrário dos casos comuns na literatura sobre o tema, mostram imigrantes bem sucedidos econômica e socialmente, que ocupam lugares reservados aos estratos mais altos da sociedade receptora.

Este sucesso, aparentemente, deve-se ao melhor nível educacional que eles trouxeram do país de origem e a um preconceito positivo que haveria, a favor deles, no imaginário da sociedade brasileira, remanescente da época em que o Uruguai era considerado a Suíça da América.

Por outro lado, os uruguaios vieram para um país que, no seu imaginário, é a "metrópole" rica, poderosa, que um dia, inclusive, ocupou suas terras.

Esta admiração recíproca acaba beneficiando a relação entre a população receptora e os imigrantes.

O sucesso econômico da maior parte dos entrevistados não foi muito diferente do que tiveram seus parentes e amigos que ficaram no Uruguai. O maior patrimônio de quase todos é uma casa.

Os ganhos maiores que eles tiveram estão ao nível do simbólico, na questão do status. Eles chegaram portadores de uma educação, uma cultura geral e um habitus[153] de classe que lhes permitiu uma inserção dentro de camadas superiores da sociedade. Este habitus pode exemplificar-se na leitura de jornais, no fato de possuírem biblioteca em casa, no domínio das regras de etiqueta em todas as circunstâncias, no domínio de conhecimentos gerais sobre assuntos variados, no gosto por algumas manifestações artísticas, etc.

Essa possibilidade de ver a si mesmos e serem vistos como mais educados, a possibilidade de circular em ambientes reservados para as classes sociais superiores, é, me parece, a maior causa do fascínio que a sociedade receptora exerce sobre eles.

Isto leva a refletir que a classe dominante uruguaia tem agido inteligentemente em favor dos próprios interesses, porque tem mantido o sistema educativo básico bom, e com isso alimentado, com mão de obra qualificada, outros países, vizinhos ou não. Os uruguaios "triunfam lá fora", com isso promovendo mais emigração. Ao mesmo tempo, são bem-vindos fora porque fazem sempre um bom papel. Fecha-se desta forma um círculo vicioso em que aquele que está descontente dentro do país vai embora, tem sucesso no exterior e, com seu exemplo, provoca mais emigração. Ao mesmo tempo, estando fora, não se organiza para detonar processos de transformação político-estruturais que possam evitar o descontentamento.

---

[153] Habitus de acordo com Bourdieu (1974:191) é o "sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes"

Coincidentemente ou não, como resultado, o Uruguai continua praticamente com a mesma estrutura fundiária do início do século e uma densidade populacional baixíssima, o que levou oportunamente ao escritor Eduardo Galeano a definí-lo como um país-fazenda com vista para o mar.

A emigração, aparentemente, estaria favorecendo não apenas aos emigrados e às classes dominantes, mas também à população em geral, porque há menos concorrentes no mercado de trabalho. O "orgulho pelos uruguaios que triunfam no exterior" poderia estar expressando, de forma velada, a satisfação de que essas pessoas não estejam dentro do país concorrendo aos disputados postos de trabalho, dando a razão a Monsenhor Scalabrini quando, no início do século, colocava a emigração como alternativa para os distúrbios sociais.

Poder-se-ia pensar na existência de uma intencionalidade em preparar adequadamente as pessoas, para que elas desempenhem bem suas tarefas profissionais, dando-lhes uma boa escolaridade. Desta forma, uma vez fora do país estas pessoas deixariam uma boa imagem do mesmo, propiciando que os imigrantes uruguaios gozem de um bom conceito como pessoas trabalhadoras e bem preparadas. Isto faria com que sempre as portas se mantivessem abertas para que o Uruguai continue injetando emigrados nos mercados internacionais.

Por quê o país investiria tanto em educar e cuidar da saúde de uma pessoa e deixa-la ir? Porque a pessoa que emigra, deixa de exigir mudanças dentro do país, e, por outro lado, não pode reclamar fora dele porque a educação que teve no seu país é a chave do seu sucesso no exterior.

O emigrado uruguaio está na curiosa situação de não poder reclamar que foi "expulso" do país, porque este o instrumentalizou para "triunfar lá fora".

Os outros países os recebem, por um lado, porque são bons trabalhadores e, por outro, porque, sendo estrangeiros não naturalizados, se mantém fora da política e das lutas sociais, constituindo o tipo de trabalhador ideal dentro das regras do capitalismo contemporâneo globalizado.[154]

Necessidades diferenciadas

A análise das entrevistas, o estudo da história do Uruguai e da literatura sobre cidadania, por sua vez, me leva a constatar as premissas sobre a relação entre cidadania e consumo e a refletir sobre o modelo de sociedade uruguaia nesse aspecto particular.

Um ponto que me parecia inquestionável até 1996, é que as pessoas almejam, em primeiro lugar, ter educação e saúde. Esta pesquisa demonstra o contrário. A maior parte dos sujeitos declara que no Uruguai a educação e a atenção médica são melhores e que a qualidade de vida, no sentido da ausência de violência, também é melhor.

Todos os sujeitos manifestaram que o que mais lhes incomoda neste momento no Brasil é a falta de segurança, o que pode refletir o discurso da

[154] Está claro que esta é uma afirmação com base teórica e não empírica desta pesquisa. Obviamente para o Brasil um contingente (recenseado) de 21 mil pessoas não faz diferença.

mídia no momento ou pode demonstrar que a relevância maior sempre está dada pelo aspecto material. Estar preocupado com a segurança implica ter medo de ser assaltado, de ser despojado de bens materiais. Embora todos declarem que a atenção médica e a escola são melhores no Uruguai, nenhum deles tem medo de ter que educar os netos ou os filhos em escolas ruins[155]; só uma entrevistada declara que o único que lamenta de ter vindo ao "Brasil" é que lá poderia ter dado melhor educação à filha, enquanto que apenas um entrevistado disse ter medo de ficar doente aqui.

As necessidades destes entrevistados parecem estar mais centradas nos objetos de consumo socialmente valorizados, o que não seria uma peculiaridade do grupo estudado, mas parece ser uma tendência da pós-modernidade. Os bens de consumo estão à disposição do consumidor na vitrine, na televisão, na casa do vizinho. Ficar doente é apenas uma possibilidade. A educação que se dá aos filhos é intangível. Entre a intangibilidade das noções de educação e saúde e a concretude do microondas, que está na loja pronto para ser comprado, e a prestações, parece ser que o que interessa ter é o segundo.

A dialética da emigração

No primeiro capítulo foi visto que o desencantamento com a participação política podia levar as pessoas a se transformarem em revolucionárias ou a emigrar. Poder-se-ia pensar que muitas destas pessoas saíram como um ato politicamente contestatário, numa tentativa de encontrar um atalho para conseguir resultados em tempo mais curto, após ver que as mudanças na sua sociedade não aconteciam, porque a vontade popular não era respeitada, ora por fraude eleitoral, ora por golpes de Estado.

Paradoxalmente, o fato de saírem em lugar de ficar e lutar para tentar mudar o que lhes incomoda, acaba reduzindo o contingente de pessoas que podem se opor aos setores mais conservadores da sociedade, passando assim, este ato de rebeldia, de contestatário a conservador.

Neste caso particular, os primeiros beneficiados com a emigração foram os próprios emigrados, que, como já foi visto, conseguiram realizar seus sonhos de crescer a nível econômico e social.

Entre uma sociedade controlada, como a uruguaia, que de certa forma garante aos seus cidadãos condições mínimas de vida, mas que também tolhe as possibilidades de inovação, e uma sociedade de livre mercado, o Brasil, onde é cada um por si, a opção dos mais inquietos é por uma sociedade na qual prevalece a lei do mais hábil. O Brasil, confrontado com o Uruguai, é uma sociedade de risco, que responde aos anseios do homem pós-moderno.

Isto coloca em xeque o próprio modelo uruguaio. Essa sociedade "messocrática", sem sobressaltos, onde não há grandes extremos poderia ser o ideal para algumas pessoas que acreditam na igualdade, o que não parece ser o caso dos entrevistados. Eles tentaram romper um círculo de baixos salários e benefícios sociais, um quadro de relativa segurança, e de uma certa

[155] O que é um grande paradoxo visto que eles sabem que a riqueza maior que trouxeram foi a sua educação.

homogeneidade sócio-econômica, trocando-o por um quadro de risco, prescindindo dos serviços outorgados pelo Estado, mas com a possibilidade de ganhar, nem que seja temporariamente, maiores quantidades de dinheiro. Não seria por acaso que a maior parte dos entrevistados são autônomos, tendo optado por isso antes da imposição do modelo neo-liberal .

Eles preferem ficar no país que lhes dá a possibilidade de ter, ou maior salário para adquirir maior quantidade de bens, ou, pelo menos lhe oferece mais possibilidades de escolha e, sobre tudo, uma ascensão social vertiginosa que provavelmente nunca teriam lá pelas características da sociedade uruguaia.

Do ponto de vista da sua condição de residentes permanentes, a situação não poderia ser melhor: têm todos os direitos civis, podem ser proprietários, gozar de aposentadoria, e de todos os benefícios sociais e não têm que assumir nenhuma responsabilidade na condução dos destinos da sociedade. E se porventura quiserem participar na política do país, têm a opção de naturalizar-se brasileiros.

Já o país emissor, enquanto sociedade, perde, a meu modo de ver, com a emigração. No caso particular dos entrevistados, quase todos são pessoas cuja presença poderia ter algum significado político-social no país de origem. São muito trabalhadores, educados, simpáticos, amáveis, inteligentes, críticos. Têm ética para os negócios e para a vida, se preocupam com o próximo.

Quem sabe o exemplo mais notável seja E05, que trabalha pela Associação de Pais e Mestres da escola, luta, briga, se informa sobre as leis, exige seus direitos, mesmo sendo, como é, uma estrangeira estatutariamente "inaudível". É o tipo de pessoa que faz a diferença numa sociedade. É o tipo de Uruguaia que não interessa às elites do seu país, porque exigiria delas muito mais.

Se aqui, que é uma estrangeira inaudível, faz o que faz, provavelmente faria muito mais no seu país, onde goza de direitos políticos plenos.

Pode ser que por isso haja setores da sociedade interessados em que pessoas como ela emigrem.

Se estamos de acordo em que a escola uruguaia cumpriu muito bem sua missão civilizadora e doutrinadora da sociedade e sabemos que esta esteve, desde os seus primórdios, dirigida pelo ideário da Associação Rural, pode-se conjecturar que há uma espécie de estímulo ao imaginário do país pequeno e pobre[156] e consequentemente da emigração, por parte das oligarquias tradicionais, através do sistema educativo, dos partidos políticos, dos meios de comunicação e de outras instâncias de difusão de idéias, para continuarem tendo ao seu dispor as grandes extensões de terra e se desfazerem de uma população que poderia pressionar para acelerar o processo de industrialização e o povoamento do país.[157]

---

[156] que, como foi visto, também é justificativa para a existência de miséria.

[157] Pretendo, numa próxima etapa dos meus estudos, aprofundar nesta questão, sobre a qual não há produção ainda. Um antecedente importante é a detecção por parte de DOS SANTOS (1995:187) de artigos estimulando a migração na imprensa conservadora do século passado na Itália e na Áustria, combatidos pelos jornais socialistas que tentavam

À procura da felicidade perdida

Teríamos então que estes emigrados representam um setor das classes médias que procuram uma legítima inserção dentro do mercado de consumo. Um duplo processo faria com que estas pessoas procurem essa inserção fora do seu país. Em primeiro lugar uma identidade fragmentada devido, entre outras coisas, a uma tentativa de forjar uma nacionalidade tendo como base uma grande carga de ficções orientadoras na sua história; em segundo lugar, um desencantamento, vivenciado ou aprendido, que faz com que cada Uruguaio acredite que seu país é pequeno e pobre e que o sucesso somente pode ser obtido fora de suas fronteiras. Isto dentro de um marco de relações sociais conservadoras e políticas clientelísticas que imprimem um ritmo que não acompanha o dinamismo da sociedade globalizada que se está consolidando.

Acredito que este quadro geral pode explicar a quantidade enorme do Uruguaios que há espalhados pelo mundo, em proporção aos habitantes do país, e parece um indício claro de que haveria um projeto político de educar as pessoas para emigrar, nos dois sentidos da palavra educar: guiar e formar. As pessoas seriam conduzidas a emigrar e preparadas profissionalmente para tal finalidade.

No caso particular dos sujeitos desta pesquisa, que decidiram residir no Brasil, eles teriam conseguido realizar seus sonhos, não apenas de consumo, mas, o que parece mais importante de ascensão social, inserindo-se nas classes mais altas, conseguindo cumprir até com os ideais burgueses da filantropia. Por outra parte, a idiossincrasia brasileira, a hospitalidade, a alegria das pessoas no agir e no vestir, a descontração, a natureza e o clima acabariam criando um quadro de verdadeiro fascínio que colocaria de lado os inconvenientes tidos em alguns momentos do percurso, levando-os, inclusive, a negá-los.

O que se percebe nestas pessoas é uma busca bem diferente da que marcou a imigração dos seus ancestrais do velho continente para o novo.

O que parece estar presente em todos eles é a necessidade de viver o hoje, o concreto, num momento em que o tempo e o espaço se comprimem, no tempo da instantaneidade, quando as pessoas sentem que seu ciclo de vida é muito curto para esperar as grandes mudanças, e que a vida é muito preciosa para arriscá-la "pelos outros". É a vontade hedonística de viver num país onde o controle social não seja tão rígido, onde o clima seja benigno, onde haja cores e alegria.

---

mostrar que o estímulo à emigração era uma forma encontrada pelo Estado burgués para no resolver suas contradições.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ABRANCHES, Sergio H.- *Nem cidadãos, nem seres livres, o dilema político do indivíduo na ordem liberal democrática,* DADOS: Revista de Ciências Sociais, v.18, n° 1, 5-23, R.J., 1985.

ACHUGAR, Hugo & CAETANO, Gerardo.- *Identidad uruguaya: mito, crisis o afirmación?* Montevideo, Tilce, 1992.

AGUIAR, Cesar .A .- *Uruguay, país de emigración,* Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 1982.

ALBERTS, Joops.- Hacia un mejor entendimiento de los motivos para migrar, *Notas de Población,* Santiago, Año II, n° 4, Abril, 1974

ANDERSON, Benedict.- *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism,* London, Verso, 1991

ANUARIO ESTADISTICO DE AMERICA LATINA Y EL CARIBE, Santiago, Cepal, 1995

ARENDT, Hannah.- *A condição humana,* R.J., Forense, 1987.

ARÉVALO, Jorge.- Migración entre países latinoamericanos, *Notas de Población,* Año IX, n° 26, San José de Costa Rica, Agosto de 1981,145-168.

ATRATOR ESTRANHO, "Política e Políticos", S.P., ECA/USP, Ano II, n° 12, Maio 1995, 34 p., convidado especial Maurício Tratenberg.

BARRÁN, José P.- *Historia de la Sensibilidad en el Uruguay,* Montevideo, Ed. de la Banda Oriental/Fac. de Humanidades y Ciencias, 13ª ed., 1994, Tomo I: La cultura bárbara (1800-1860).

_____.- *Historia de la Sensibilidad en el Uruguay,* Montevideo, Ed. de la Banda Oriental/Fac. de Humanidades y Ciencias, 13ª ed., 1994, Tomo II:El disciplinamiento (1860-1920)

BARRETTO, Margarita.- *Vivendo a Histôria de Campinas,* Campinas, Autores Associados/Mercado de Letras, 1995.

BARJAU, Louis.- La migración comp problema metodológico y como problema político, *Nueva Antropologia,* vol VII, n° 26, México, 1985, 59-67.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas.- *La construcción social de la realidad,* Buenos Aires, Amorrortu, 1972.

BOURDIEU, Pierre.- *A economia das trocas simbólicas,* S.P., Perspectiva, 1974.

BRUBAKER, Rogers.- *Citizenship and Nationhood in France and Germany,* Cambridge, Harvard University Press, 1994

BUFFA, Ester., ARROYO, M. & NOSELLA, P.- *Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?* 2a. ed, S.P., Cortez/ Ed. Assoc., 1988. Col. Polêmicas do nosso tempo, 23.

CAETANO, Gerardo & ALFARO, M.- *Historia del Uruguay Contemporáneo,* Cuadernos de Ciencia Política, Montevideo, Fundación de Cultura Universitaria, Instituto de Ciencia Política, 1985

_____ & RILLA, J.- Historia contemporanea del Uruguay, de la colonia al mercosur, Montevideo, Col. Claeh/Ed. Fin de Siglo, 1996

_____ y PÉREZ ANTÓN, R.- Cambios recientes en el sistema político uruguayo concebido como una partidocracia, in *Los Partidos Políticos de Cara al 90*, Montevideo, Fundación de Cultura Universitaria/Friedrich Ebert Stiftung, 1989.

CASTORIADIS, Cornelius.- *L'institution imaginaire de la société*, Paris, Ed. Du Seuil, 1975

CEPAL.- *Sobre revoluciones ocultas: La familia en el Uruguay.* Documento elaborado por Carlos Filgueira, Montevideo, CEPAL/Naciones Unidas, Octubre de 1996.

COSSE, Isabella & MARKARIAN, V.- *Memorias de la Historia: Una aproximación al estudio de la conciencia histórica nacional*, Montevideo, Trilce, 1994.

DA COSTA, Nestor, KERBER, G. & MIERES, P.- *Creencias y Religiones:la religiosidad de los montevideanos al fin del milenio*, Montevideo, Trilce, 1996.

DE LA BOÉTIE, Etiènne.- *Discurso da servidão voluntária*, S.P., Brasiliense, 4a. ed., 1987.

DOS SANTOS, Roselys i.C.- *A terra prometida*, Tese e antítese. Os jornais do norte da Itália e a emigração para o Brasil (1875-1899), Tese de Doutoramento, USP/FFLCH, Maio, 1995.

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, B.- *The world of goods*, N.Y., Basic Books, 1979

DURAND, John e MASSEY, D.- Mexican Migration to the United States: A critical Review, *Latin American Research Review*, vol 27, n° 2, New Mexico, 1992, 3-42.

DURKHEIM, Emile.- *Las formas elementales de la vida religiosa*, Bs.As., Schapire, 1968.

EWEN, Stuart.- *All consuming images: the politics of style in contemporery culture*, US, Basic Books, 1988.

FEATHERSTONE, Mike.- *Global Culture: nationalism, globalization and modernity*, London, Sage, 1995.

FLORES OLEA, Víctor.- Los sistemas políticos y su crisis. parte I: La desiluxión de los sistemas, *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, Año XXXVIII, Nueva Época, Abril-Junio de 1993, n° 152, 129-142.

FRAGA, Mirtó.- O novo Estatuto do Estrangeiro Comentado, R.J., Forense, 1985

FREIDENBERG, Judith.- La migración argentina a Estados Unidos: el caso de Ana, *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, CEMLA, Bs. As., 4(11) Abril, 1989, 111-134.

FRANCESCONI, Mario.- *Giovanni Batista Scalabrini: Vescovo di Piacenza e degli emigrati*, Roma, Cxittà Nova Ed., 1985

FROMM, Erich.- *Psicoanálisis de la sociedade contemporânea*, México, FCE, 1964.

GANDOLFO, Elvio E.- Montevideo sexual, una reflexión a pie, *Nueva Sociedad*, n° 109, Sept/Oct.,Caracas, 1990, 81-89.

GARCÍA CANCLINI, Nestor.- *Consumidores y ciudadanos: Conflictos multiculturales de la globalización*, mimeo, 1994.

GIDDENS, Anthony.- *As conseqëências da modernidade*, S.P., Unesp, 1991.

GRINBERG, León & Rebecca.- *Psicoanálisis de la migración y del exilio*, Madrid, Alianza, 1984.

GRÜN, Roberto.- La imagen y la vida de los judios en Brasil: cuestiones e inferencias, *Estudios Migratorios Lationamericanos*, Año 10, n°29, 1995.

GUYONNET, Pierre.- Le vote comme produit historique de la pensée magique, *Revue Française de Science Politique*, vol. 44, n° 6, Décembre 1994, 1054-1078.

GYARMATI, Gabriel.- Reflexiones teóricas y metodológicas en torno a la participación, *CPU Estudios Sociales*, n°73, trimestre 3, 1992, 09-30.

HALL, Stuart.- *A Questão da identidade cultural*, IFCH/Unicamp, Textos Didáticos, Nº 18, Dezembro 1995.

HAMILTON, N e STOLTZ CHINCHILLA, N.- Central American Migration: a framework for Analysis, *Latin American Resaerch Review*, vol. 26, n° 1, 1991, 75-110.

HARVEY, David.- *The condition of postmodernity*, Oxford, Basil Blackwel, 1990.

HEWISON, Robert.- *The heritage industry*, London, Methuen Paperbacks, 1987.

HEWPORT, Mike, and FEATHERSTONE, M.- Going Missing, in Bailey R. & Young, *Contemporary Society Problems in Britain*, U.K., Saxon House, 1973.

HIRSCHMAN, Albert.- *De Consumidor à Cidadão*, S.P., Brasiliense, 1983.

_____.- *A Economia como ciência moral e política*, S.P., Brasiliense, 1986.

_____.- *As paixões e os interesses*, R.J., Paz e Terra, 1979.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, T.- *A invenção das Tradições*, R. J., Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio B. de.- *Raízes do Brasil*, 12ª, ed R.J., José Olympo, 1978

IANNI, Otávio.- *O labirinto Latino Americano*, Petrópolis, Vozes, 1993.

INFORME SOBRE DESARROLLO HUMANO, PNUD, (UN), 1996.

INTERNATIONAL ENCYCLOPEDIA OF THE SOCIAL SCIENCES, USA, David L. Sills Editor, The Macmillan Co and the Free Press, 1968, vol 7.

KENSKI, Vani M.- O fascínio do opinião, *Cadernos Cedes*, Nº. 26, Campinas, Papirus, 1992.

KRATOCHWIL, Hermann.- Migraciones, circulación de personas y politica migratoria en el Mercosur, in PATARRA, N,L.- *Migrações Internacionais, Herança XX, Agenda XXI*, Campinas, FNUAP; S.P., Oficina Editorial, 1996

KRECH, David. , CRUTCHFIELD, R. & BALLACHEY. E.L.- *Individual in Society*, N.Y., McGrraw-Hill, 1962.

LASH, Scott. & URRY, J.- .*Economies of Sings & Space* , London, Sage, 1994.

LE GOFF, Jacques.- *L'imaginaire médiéval*, Paris, Gallimard, 1985.

LECHNER, Norbert.- La política ya no es lo que fue, *Nueva Sociedad*, n° 144, Julio-Agosto 1996, 104-113.

LLAMBÍAS-WOLFF, Jaime.- *Notre exil pour parler: les chiliens ao Québec*, Quebec, Fides, Col. Rencontre des Cultures, 1988.

MAAR, Wolfgang L.- *O que é política*, S.P., Brasiliense, 1994 (16a. ed)

MAFFESOLI, Michel.- *Le temps des tribus: Le déclin de l'individualisme dans les cociétiés de masse*, Paris, Meridiens/Klinksieck, Sociologies ao quotidien, 1988.

MAGALHÃES, Roberto B. de.- *Direito Internacional Privado*, R.J., Lumen Juris, Coleção Provas e Concursos 8, 1995

MAIZTEGUI, Humberto.- *Uruguay en el proceso de institucionalización rioplatense/1*, Buenos Aires, CEAL, Biblioteca Política Argentina, n° 465, 1994.

_____.- *Uruguay en el proceso de institucionalización rioplatense/2*, Buenos Aires, CEAL, Biblioteca Política Argentina, n° 466, 1994.

MALETTA, Hector.- Del pasivo al activo, una política para los emigrados de América Latina, *Estudios Migratorios Latino Americanos*, v.3, n°10, Buenos Aires, CEMLA, 1988, 497-521

MÁRMORA, Lelio.- El retorno en el Río de la Plata (Las respuestas sociales frente al retorno en Argentina y Uruguay), *Estudios Migratorioa Latinoamericanos*, Año 3, vol 10, Dic. 1988, 467-495.

MARSHALL, T.H.- *Cidadania, classe social e status*, R.J., Zahar, 1967.

MERCOSUL, Sinopse Estatística, vol 1, Rio de Janeiro, IBGE/INDEC/DGEEC/INE, 1993

MIERES, Pablo.- *Desobediencia y lealtad: el voto en el Uruguay de fin de siglo*, Montevideo, Ed. Fin de Siglo, 1994.

MOORE Jr., Barrington.- *Injustiça: as bases sociais da obediência e da revolta*, S.P., Brasiliense, 1987

MULLER, Thomas.- *Inmigrants and the American City*, N.Y,. New York University Press, 1993.

MUSILLO. Italo.- Des réfugiés et des mythes: une lecture systhémique du discours sur la société multiculturelle, *Studi Emigrazione*, Anno XXXII, Giugno 1995, n° 118, 277-287.

OLIVEIRA, Juarez de.- *Estrangeiro*, S.P. Saraiva, Série Legislação Brasileira, 1986, 6a. ed.

ORTIZ, Renato.- Cultura, Modernidade e Identidades, *Vigilatura Cultural-Vozes*, ano 87, vol 87, São Paulo, 1993, 24-30.

OTEIZA, Enrique., NOVICK, S. & ARUJ, R.- *Inmigración y discriminación: políticas y discursos*, Buenos Aires, Grupo Editor Universitario, Biblioteca de Temas Argentinos, 1997.

PANIZZA, Francisco. & MUÑOZ, C.- Partidos Políticos y Modernización del Estado, in *Los Partidos Políticos de Cara al 90*, Montevideo, Instituto de Ciencia Política, Facultad de Derecho y Ciencias Soclales, Universidad de la República Oriental del Uruguay, Fundación de Cultura Universitaria/ Friedrich Ebert Stiftung.

PELLEGRINO, Adela .- *La Propensión Migratoria de los Jóvenes Uruguayos: Estudio en base a datos de la Encuesta Nacional de la Juventud* 1989/90. Ministerio de Educación y Cultura (Instituto Nacional de la Juventud), OIM, CEPAL, Montevideo, 1993/1994.

PIZZORNO, Alessandro.- Introducción al Estudio de la Participación Política, in *Participación y cambio social en la problemática contemporánea*, Bs. As., SIAP/ Nueva Visión, 1975.

PRZEWORSKI, Adam.-*Capitalism and Social Democracy*, N.Y., Cambridge University Press, 1991.

QUEIROZ, Ma. Isaura .P.- *Cultura, Sociedade Rural, Sociedade urbana no Brasil*, R.J.,LTC/Edusp, 1978.

RANKIN, Aidan.- Reflections on the Non-Revolution in Uruguay, *New Left Review*, n° 211, June 1995

REIS, Fábio W.- *Solidariedade, Interesses e Desenvolvimento Político*, Belo Horizonte, Cadernos de Ciência Política, n° 1, 1974.

_____ e O'DONNEL, G.- *A democracia no Brasil: Dilemas e Perspectivas*, S.P., Vértice, 1988

RIBEIRO, Darcy.- *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

_____.- *Configurações histórico-culturais dos povos americanos*, R.J.,Civilização Brasileira, 1975.

ROBERTS, Bryan.- A dimensão social da cidadania, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n° 33, ano 12, 1997, 5-22.

ROSOLI, Gianfausto.- Migraciones internacionales, nuevas identidades étnicas y sociedades multiculturales, *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n° 25, año 8, 1993, 337-350.

ROSSI, Clovis.- *Militarismo na América Latina*, S.P., Brasiliense, 4ª. ed., 1990.

RUBEN, Guillermo R.- *O que é nacionalidade, S.P., Brasiliense, 1984*

SANDEL, Michael.- *Democracy's Discontent: America in search of a public philosophy*, Cambridge, The Belknap Press of harvard University Press, 1996.

SANTISO, Javier.- La démocratie incertaine, *Revue Française de Science Polotique*, vol 43, n°6 Décembre 1993, 970-993.

SAYAD, Abdelmalek.- *L'immigration ou les paradoxes de l'alterité*, Bruxelles, De Boeck Université, 1992.

SCHUMWAY. Nicholas.- *La invención de la Argentina*, Bs. As., Emece, 1993.

SCHURMAN PACHECO, M. & COOLIGAN SANGUINETTI M.L.- *Mi libro de historia escolar"*Montevideo, Editorial A. Monteverde & cia, s/d

SIMON, John.- Models versus reality; or, let's call racism by its name, in *Educationand the integration of Ethnic Minorities*, Rothermund, D. and Simon, J. Ed., London, International Centre for Ethnic Studies, 1986.

SOLARI, Aldo.- *El desarrollo social del Uruguay en la Post guerra*, Montevideo, Alfa, col. Carabela, 1967

STEWART, Angus.- Two conceptions of citizenship, The British Journal of Sociology, vol 46, n° 1, Routledge, March 1995.

VALLIER, Ivan.- *Catholicism, Social Control and Modernization in Latin America*, USA, Prentice-Hall Inc, 1970.

VEBLEN, Thorstein- *A teoria da classe ociosa*, 2a. ed, S.P., Nova Cultural, 1987. (Os economistas).

VIRILIO, Paul.- *O Espaço Crítico*, R.J., Ed. 34, 1993.

ZUKIN, Sharon.- *Landscapes of Power,* Berkeley, Univ. of Calif. Press, 1993.

Otras fontes:
http://work.ucsd.edu:5141/cgi-bin/http_webster
http://www.uol.com.br/fsp/mundo/ft20607.htm

Outras;
SEMINÁRIO: Contexto Geral das Migrações Internacionais, 8-10 de março de 1995, Unicamp/Nepo

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA SOBRE METODOLOGIA

AUNGER, Robert.- *On ethnography: Storytelling or Science?* Current Anthropology, vol. 36, No, 1, February 1995.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *La construcción social de la realidad,* Buenos Aires, Amorrortu, 1972.

BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: sa validité méthodologique, se potentialités, *Cahiers Internationaux de Sociologie,* Vol. LXIX, Nouvelle Série, Vingt Septième Année, Paris, PUF, Juillet Décembre 1980, 197 225.

BOURDIEU, Pierre.- Preface: Um analyseur de l'inconscient, in SAYAD, Abdelmalek, *L'immigration ou les paradoxes de l'alteriré,* Bruxelles, De Boeck Université, 1992.

BRIOSCHI, L.R e TRIGO, M.H.- *Família, representação e cotidiano: reflexão sobre um trabalho de campo,* São Paulo, CERU/CODAC/USP, 1989. (Textos Nova Série, 1)

CAMARGO, Aspásia.- História Oral e Política, *História Oral,* org. Marieta de Moraes, Rio de Janeiro, Diadorim/Finep, 1994.

CAPLAN, Pat.- Distanciation or Identification: What Difference Does it Make? *Critique of Anthropology,* Vol 14, No. 2,London, Sage, 1994.

CARDOSO, Ruth.- As aventuras de Antropólogos em Campo ou como escapar das armadilhas do método, Cardoso, R. *A aventura antropológica,* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, 95 105

DURHAM, Eunice.- A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas, CARDOSO, Ruth. *A aventura antropológica,* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, 17 37.

FORTIER, Anne Marie.- Troubles in the Field: The use of personal experiences as sources of knowledge, *Critique of Anthropology,* V. 16, n° 3, 1996, 303 323.

FUNDAÇÃO IBGE.- IX Recenseamento geral do Brasil, 1980, vol 1, tomo 4, n° 19, item 2. Migração, 2.11. Populaçao residente por nacionalidade e sexo, Secretaria de Planejamento da Presidência da Repûblica. p. 368

GIDDENS, Anthony.- *The constitution of Society,* Los Angeles, University of California Press, 1984.

GUERRERO O. BEVILAQUA. Ma. Edith.- *Estrangeiros, peregrinos da América. Os latino americanos do Cone Sul (Argentinos, Chilenos e Uruguaios) no Brasil de São Paulo, (São Paulo e Campinas) 1970 1990.* Dissertação de Mestrado, IFCH, 1992.

JELIN, Elizabeth.- *Podría ser yo. Los sectores populares urbanos en imagen y palabra,* Buenos Aires, Ediciones de la Flor/Cedes, 1987

KENSKI, Vani M.- O fascínio do Opinião, Cadernos Cedes, A Construção Social da Inconsciência: Teoria psicanalítica, Comunicação e Sociedade, Papirus, Cedes, n° 26, 1992.

LASLETT, Bárbara.- Biography as Historical Sociology: The case of Willam Fieldint Ogburn, *Theory and Society,* vol 20/4, August 1991, 501-538.

LEHRHAUPT, Karen.- Los uruguayos en Brasil, *Uruguayos en Argentina y Brasil: Movimientos de población entre los países del Plata*, Montevideo, OIM (Organização Internacional para las Migraciones/ CEPAL (Comisión Económica para América Latina y el Caribe, Abril de 1991, 91 128.

LITTLE, Daniel..- Evidence and Objectivity, *Social Research*, vol. 60, no. 2, Summer 1993, 363 396

LLAMBÍAS-WOLFF, Jaime.- *Notre exil pour parler: les chiliens ao Québec*, Quebec, Fides, Col. Rencontre des Cultures, 1988.

MALINOWSKI, Bronislaw.- *Argonautas do Pacífico Ocidental...*, São Paulo, Victor Civita, Abril Cultural, 1976.

MANNHEIM, Karl.- *Ideologia e Utopia*, Rio de Janeiro, Zahar, 1972, 2a. ed.

MARCUS, George E.- *Past, Present and Emergent Identities: Requeriments for Ethnographies of Late Twentieth Century Modernity Worldwide*, 1987 (mimeo)

MINTZ, Sidney.- Encontrando Taso, me Descobrindo, *Dados, Revista de Ciências Sociais*, vol 27, No. 1, Instituto Universitário de Pesquisas, Rio de Janeiro, 1984

MURPHY, Peter.- Dialectics of deeds and words, *Cultural Anthropology*, Vol. 5, No. 3, August 1990, 331 337.

MUSILLO, Ítalo. Des réfugiés et des mythes: une lecture systémique du discours sur la société multiculturelle, Studi Emigrazione, Anno XXXII, N° 118, Giugno 1995, 277 288.

NANCY, Michel. *De las historias y relatos de vida a las prácticas antropológicas; individuos, minorías y migrantes*, Estudios Migratorios Latinoamericanos, Año 8, No. 24, 1993, 205 232.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. A categoria da (des)ordem e a pós modernidade da Antropologia, Oliveira, R.C. de.- *Pós Modernidade*, Campinas, Ed. Unicamp, 1990.

O'MEARA, J. Tim. Anthropology as Empirical Science, *American Anthropologist*, vol 91, No. 2, June 1989.

PATTON, Michael Quinn.- *Qualitative Evaluation and Research Methods*, California, Sage, 1990 (2ª. ed.)

PELLEGRINO, Adela.- As migrações no Cone Sul, com Ênfase no Caso do Uruguai, *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*, Programa Institucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Interncionais no Brasil, V.1. coord. Neide L. Patarra, Campinas, 1991

QUEIROZ, Ma. Isaura P. de.- História, história oral e arquivos na visão de uma socióloga, *História Oral*, org. Marieta de Moraes, Rio de Janeiro, Diadorim/Finep, 1994.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred R.- The comparative method in social anthropology, Huxley Memorial Lecture for 1951, *Journal of the Royal Anthropological Institute*, London, 1952, v.81, 15-22, in Melatti, J.C, *Radcliffe-Brown*, S.P. Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais, 1978, 43-58.

SIMSON, Olga R. de M. von- *Depoimento oral e fotografia na Reconstrução da Memória Histórico Sociológica: reflexões de pesquisa*, Boletim do Centro de Memória da Unicamp, vol. 3 No. 5, Jun. 1991, 14 24.

THOMPSON, Paul.- *The voice of the past. Oral history*, Oxford University Press, Oxford, 1978.

VANSINA, Jan.- *Oral Tradicion.A study in Historical Methodology*, Aldine Publishing Co. Chicago, 1965.

VILANOVA, Mercedes.- Pensar a Subjetividade Estatísticas e Fontes Orais, *História Oral*, org. Marieta de Moraes, Rio de Janeiro, Diadorim/Finep, 1994.

WALKER, Janice R.- MLA- Style Citations of Electronic Sources (Endorsed by the Alliance for Computers & Writing), http:www.cas.usf.edu/english/walker/janice.html, January, 1995 (Ver. 8/96).